

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS**  
**CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**TESE**

**Fact-checking education:**  
**Identificação, produção e combate de narrativas falsas nas redes**

**Wallace Carriço de Almeida**

**2022**



**UFRRJ**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO.  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,  
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**FACT-CHECKING EDUCATION:  
IDENTIFICAÇÃO, PRODUÇÃO E COMBATE DE  
NARRATIVAS FALSAS NAS REDES**

**WALLACE CARRIÇO DE ALMEIDA**

*Sob a Orientação da Professora*  
**Edméa Oliveira dos Santos**

Tese submetida como requisito parcial  
para obtenção do grau de **Doutor em**  
**Educação**, no Curso de Pós-Graduação  
em Educação, Contextos  
Contemporâneos e Demandas Populares,  
Área de Concentração em Educação,  
Contextos Contemporâneos e Demandas  
Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ

Agosto de 2022

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A447f Almeida, Wallace Carriço de, 1988-  
Fact-checking education: identificação, produção e  
combate de narrativas falsas nas redes / Wallace  
Carriço de Almeida. - Seropédica; Nova Iguaçu, 2022.  
243 f.: il.

Orientadora: Edméa Oliveira dos Santos.  
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação,  
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, 2022.

1. Pesquisa-formação na cibercultura. 2. Docência  
online. 3. Fake news. 4. Inteligência coletiva. 5.  
Paulo Freire. I. Santos, Edméa Oliveira dos, 1972-,  
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação,  
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares III.  
Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS  
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**



**TERMO Nº 1030 / 2022 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)**

**Nº do Protocolo: 23083.059803/2022-17**

**Seropédica-RJ, 26 de setembro de 2022.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**WALLACE CARRIÇO DE ALMEIDA**

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutor**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

TESE APROVADA EM 25/08/2022

Membros da banca:

EDMEA OLIVEIRA DOS SANTOS. Dra. UFRRJ (Orientadora/Presidente da Banca).

ARISTOTELES DE PAULA BERINO. Dr. UFRRJ (Examinador Interno).

FLAVIA MILLER NAETHE MOTTA. Dra. UFRRJ (Examinadora Interna).

DILTON RIBEIRO DO COUTO JUNIOR. Dr. UERJ (Examinador Externo à Instituição).

MARIA LUCIA SANTAELLA BRAGA. Dra. PUC-SP (Examinadora Externa à Instituição).

**(Assinado digitalmente em 26/09/2022 10:47 )**

ARISTOTELES DE PAULA BERINO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptES (12.28.01.00.00.86)  
Matrícula: 1243695

**(Assinado digitalmente em 26/09/2022 12:27 )**

EDMEA OLIVEIRA DOS SANTOS  
PROFESSOR TITULAR-LIVRE MAG SUPERIOR  
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)  
Matrícula: 1532583

**(Assinado digitalmente em 26/09/2022 10:38 )**

FLAVIA MILLER NAETHE MOTTA  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptES (12.28.01.00.00.86)  
Matrícula: 1717735

**(Assinado digitalmente em 26/09/2022 11:33 )**

MARIA LUCIA SANTAELLA BRAGA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 040.358.878-20

**(Assinado digitalmente em 26/09/2022 12:54 )**

DILTON RIBEIRO DO COUTO JUNIOR  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 107.330.297-01

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **1030**, ano: **2022**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **26/09/2022** e o código de verificação: **5e99dd75eb**

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu filho, Davi. Meu filho, o temor do Senhor é o princípio do sabedoria (Provérbios 9:10 NVI), por isso não a despreze. Busque a sabedoria e a instrução. A sabedoria vai multiplicar os seus dias, tornar a sua vida mais lúcida, pois, extingue a insensatez, assim como a luz dissipa as trevas. A sabedoria grita nas ruas, na sua mente e no seu coração, pois ela vai com você por onde você for e estiver. Escute atentamente e ponha sentido nisso, pois, ela te chama. A sabedoria preservada no seu coração pode te livrar das ações dos maus. Não abandone a sabedoria, pois ela o protegerá, ame-a, e ela o guardará. Encontre a verdade, e não a venda, e também a sabedoria, a instrução e o entendimento. Adquira sabedoria e aprenda a ler a verdade desse mundo. Não se esqueça dessas palavras e nem se afaste delas. Eu te amo.

## AGRADECIMENTOS

Eu aprendi qual é o valor de um sonho alcançar  
Eu entendi que o caminho pedras terá  
Eu vi em campo aberto se erguer construção  
E foi com muitas pedras  
E foi com muitas mãos  
Eu vi o meu limite vir diante de mim  
Eu enfrentei batalhas que eu não venci  
Mas o troféu não é de quem não fracassou  
Eu tive muitas quedas  
Mas não fiquei no chão  
E ao olhar pra trás  
Tudo que passou  
Venho agradecer quem comigo estava  
Ergo minhas mãos  
Pra reconhecer  
Hoje eu sou  
Quem eu sou  
Pois, sua mão me acompanhava  
Mas eu sei  
Não é o fim  
É só o começo da jornada  
Eu abro o meu coração  
Pra minha nova história<sup>1</sup>

A escrita de uma tese nunca é sem sofrimento, e no meu caso não foi diferente. Mas entendendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a

---

<sup>1</sup> Só o começo - Vocal Livre. Fonte: <https://bit.ly/soocomecodajornada>

experiência, esperança, agradeço primeiramente a Deus por todos os caminhos itinerados até aqui na certeza de que todas as coisas cooperaram para o bem.

Agradeço de coração a minha orientadora, a professora Edméa Oliveira dos Santos, que para além do direcionamento na pesquisa e na formação, esteve sempre presente na construção da pessoa que hoje escreve esse texto. Desde aqueles momentos em que a vida nos vira pelo avesso e a gente descobre que o avesso era o lado certo<sup>2</sup> até naqueles muitos outros instantes onde a estrada termina e desemboca em outra e você hesita em caminhar, você foi uma constante enquanto eu instava em duvidar. Agradeço também pela sua política tão humana de acreditar na formação de pessoas trabalhadoras. A despeito de todos os meus comprometimentos pessoais e familiares, de todos os obstáculos e de todos os desafios compreendidos pela pesquisa em contexto de trabalho, eu não poderia desistir. Quando se nasce preto e pobre, estudar se torna a única forma de se lutar contra a opressão<sup>3</sup>. Agradeço, portanto, pelos tantos conselhos, por toda a confiança, pelos afetos e partilhas sem as quais eu não teria chegado até aqui.

Quero agradecer também a minha esposa, Fernanda de Oliveira Felix de Almeida, por fazer acontecer o amor e a felicidade em minha vida, por não medir esforços para lutar comigo para que os nossos sonhos se tornassem realidade. É somente por você que hoje eu posso dizer que vivo a minha vida sem medo. Na fé expressa em seu sorriso, meu eterno diamante, eu sempre encontro a certeza que preciso para seguir adiante. Você sabe que, antes de nos encontrarmos, eu já te via nos meus sonhos, que a vida inteira eu procurei por alguém como você. E você veio e me acolheu, mesmo em tantas dificuldades, e pela grandeza do seu ser tornou os meus silêncios em ousadias, de viver, de ser mais, de poder acontecer a decisão pelo itinerário que hoje termino. Eu te amo e por isso tenho a certeza de que mesmo que percamos tudo o que um dia conquistamos, sei que nada vai apagar as nossas histórias, os nossos dias de luta. Porque eles não são apenas as marcas daquilo que tivemos que sofrer e sacrificar para chegar até aqui, mas representam todos os sonhos e anseios empenhados em um futuro melhor para nós e para o nosso filho. De que ele possa viver dias melhores do que

---

<sup>2</sup> “E quando você menos espera a vida te vira do avesso e você descobre que o avesso é o seu lado certo.” Caio Fernando Abreu

<sup>3</sup> “Quando se nasce pobre, ser estudioso é o maior ato de rebeldia contra o sistema” Quebrando o tabu. Arte: Armandinho. Fonte: <https://bit.ly/estudareatorevolucionario>

os que hoje vivemos e, em momentos de incerteza, possa lembrar também que os nossos dias de glória<sup>4</sup> não vieram por acaso.

Preciso agradecer também a minha mãe, Creuza Maria Carriço, por ter embrionado em mim o desejo pela mudança, pela vontade de se fazer diferente e de não acomodar diante das mazelas da vida. Obrigado, mãe, por me ensinar as sábias letras e a ler as entrelinhas dos discursos daqueles que governam esse mundo para entender que apesar de qualquer dificuldade, sou eu quem escreve as palavras da minha história. Obrigado por dizer sempre que eu poderia ser quem eu quisesse e que estaria sempre comigo para me ajudar. Que qualquer coisa que eu quisesse estaria ao meu alcance se eu acreditasse o suficiente e trabalhasse duro por isso, mas também que era preciso trabalhar não somente pelo meu livramento, mas também pela libertação dos outros. Ainda hoje essas palavras ardem dentro de mim como uma chama que funde os alicerces da minha existência não somente como indivíduo, mas como educador, pesquisador e formador. Muito obrigado!

Venho agradecer também a cada uma e a cada um dos responsáveis pela construção desse projeto de vida. Se hoje sei para onde vou, foi, por nunca ter esquecido de onde eu vim, bem como das vidas que estiveram comigo implicadas nesse processo. Afinal, o preço de um sonho não se paga individualmente. Assim, ao olhar para trás, e tudo o que passou, tenho a certeza de que se não fosse pela construção coletiva de muitas mãos e muitos corpos que se comprometeram para transformar todas aquelas coisas que pareciam impedir o meu caminho em pontes, abrigos e passagens, eu nunca teria visto o amanhecer dessa conquista. Por isso, agradeço as minhas amigas tão queridas: Vanessa Machado, pelo apoio tão presente durante as incertezas desse projeto, pelas conversas tão infinitas no itinerário do 627 e pela motivação necessária para o sucesso dessa empreitada. Layane Cristine de Souza pelo suporte tão constante, pela sua parceria e partilha, por dividir comigo a vivência e a docência, em cada ausência pelas turmas que passaram pelos nossos cuidados.

Agradeço também a direção da Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega, em especial na pessoa da sua diretora, Claudia da Costa Mudesto Fernandes, por toda a disposição em me ajudar e me atender em cada solicitação e pelo convite para integrar essa equipe. Agradeço também a diretora-adjunta Elenice Maria Vieira De Araujo pelo suporte e partilhas constantes, assim como as professoras Adriana, Vera, Liliana e o coordenador pedagógico, Fabiano, por sempre lembrarem de mim nos horários e nas turmas, buscando

---

<sup>4</sup> Dias De Luta, Dias De Glória. Charlie Brown Jr. Fonte: <https://bit.ly/diadelutaegloria>



sempre equilibrar o processo. Assim como agradeço a todos e todas, discentes e docentes da nossa escola, vocês estiveram comigo nesse processo e, por isso, também fazem parte dessa conquista.

Agradeço também a todas, todos e todes integrantes do GPDOC - Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura. Em especial, agradeço a parceria do Sandro Jorge Tavares Ribeiro, meu primeiro irmão doutorando, que conheci quando ainda estávamos em seleção e pelas partilhas em tantas outras disciplinas, pelas primeiras interações com o dispositivo. Fernanda Monzato Machado De Jesus, pelas trocas, pelo diálogo e pelas risadas. Pelos dilemas e desafios partilhados. Jones, Aline, Nathalia, Fábio e Janaína vocês também foram excepcionais.

Agradeço também ao corpo docente e discente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). A recepção tão calorosa de vocês ajudou a diminuir um pouco da saudade da minha UERJ. Agradeço aqui também, em especial, ao coletivo de mediadoras da disciplina Informática na Educação do curso de Licenciatura em Pedagogia a distância da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/CEDERJ/UAB. As professoras Mônica Resino, Sara Wagner York e Cíntia Santos foram as responsáveis pela atuação tão dedicada que pôde transformar esse projeto em realidade. Pela mediação de sentidos e pela implicação pessoal elas diminuíram as distâncias entre polos e vidas conectadas pelas redes.

Agradeço também as interlocutoras, nossas praticantes culturais que produziram culturas, saberes e conhecimentos nesta pesquisa. Sem vocês, não haveria nada e nada poderia ser feito para reprimir a estagnação, a disseminação e a movimentação das massas por essa agenda política. Nem mesmo a pandemia apagou a chama de esperança que existe em vocês e juntos nós sobreviveremos ao que estiver por vir.

Agradeço a todas, todos e todes que de alguma forma se implicaram nessa luta e nesse processo. Essa pesquisa só pode ser realizada com a ajuda de vocês.

Agradeço finalmente as políticas públicas educacionais e afirmativas de inclusão e de manutenção das classes mais desfavorecidas nas instituições públicas de ensino, instituídas dois mandatos do governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e nos dois posteriores mandatos da Presidenta Dilma Rousseff. Sem a existência delas eu seria apenas mais um que

sonhou, brotou, mas não vingou. Que se esquece de si e que se torna esquecido enquanto assume um papel passivo a respeito da própria experiência de vida.

*“Constato para mudar e não para me acomodar. Seria uma desolação para mim, se, enquanto ser humano, tivesse de reconhecer a minha absoluta incapacidade de intervir eficazmente na realidade. Se tivesse de reconhecer que a minha aptidão de verificar não se alonga na de mudar o contexto em que verifiquei, provocando futuras verificações diferentes.”*

(Paulo Freire)

## RESUMO

ALMEIDA, Wallace Carriço de. **Fact-checking education: identificação, produção e combate de narrativas falsas nas redes**. 2022. 243 p. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2022.

Esse trabalho buscou compreender o contexto da emergência das *fake news* e suas repercussões na sociedade e inclusive na educação para desenvolver metodologias de ciberpesquisa-formação em tempos de pós-verdade (SANTAELLA, 2018). Apresentamos aqui uma discussão acerca da temática das *fake news* a partir de um repertório teórico-metodológico situado na multirreferencialidade (MACEDO, 2010; ARDOINO, 1998; SANTOS, 2005; 2015, 2019), nas pesquisas com os cotidianos (CERTÉAU, 2008; ALVES, 2009, 2019) tendo como método e opção política uma prática de pesquisa que promove uma imersão e ação de co-autoria no campo, formando e se formando no intercâmbio com os praticantes culturais (SANTOS, 2005, 2015, 2019). Apresentamos o dispositivo de pesquisa Reglus (inspirado em Paulo Reglus Neves Freire) como uma proposta de prática pedagógica na cibercultura, como ato de currículo na formação de professores, tendo como principal objetivo compreender o contexto da emergência das *fake news* e suas repercussões na sociedade, inclusive na educação para desenvolver metodologias de ensino e pesquisa que possam, para além de perceber o fenômeno, desenvolver proposições para fins educativos. O campo da pesquisa foi o cotidiano da disciplina de “Informática na Educação” do curso de Licenciatura em Pedagogia a distância pela UERJ/CEDERJ/UAB vivido em perspectiva de investigar como essa guerra de narrativas vem modificando as formas de atuação e formação docente através dos estudos dos fenômenos que emergem do cotidiano e suas apropriações pelos praticantes culturais. Da partilha entre saberes, vivências e na proposição de novos letramentos, na criação de narrativas e imagens, do ato de confirmar e comprovar fatos e dados usados em discursos nos meios de comunicação massivos e outras publicações compartilhadas em rede deixaram três noções que consideramos achados da pesquisa: a importância do ato de ler; ciberativismo como práxis da liberdade e inteligência coletiva: um reencontro com a inteligência artificial, bem como a proposição de um diálogo entre a formação docente e as novas formas de socialização e aprendizagem contemporâneas.

**Palavras-chave:** Pesquisa-formação na cibercultura, Docência Online, Fake News

## ABSTRACT

ALMEIDA, Wallace Carriço de. **Fact-checking education: identification, production and combating of false narratives on the networks.** 2022. 243 p. Thesis (Doctorate in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2022

This work sought to understand the context of the emergence of fake news and its repercussions on society and even on education to develop cyberresearch-training methodologies in post-truth times (SANTAELLA, 2018). We present here a discussion on the topic of fake news from a theoretical-methodological repertoire situated in multi-referentiality (MACEDO, 2010; ARDOINO, 1998; SANTOS, 2005; 2015, 2019), in research with everyday life (CERTEAU, 2008; ALVES). , 2009, 2019) having as method and policy option a research practice that promotes an immersion and co-authorship action in the field, forming and forming in the exchange with cultural practitioners (SANTOS, 2005, 2015, 2019). We present the Reglus research device (inspired by Paulo Reglus Neves Freire) as a proposal for a pedagogical practice in cyberculture, as a curriculum act in teacher training, with the main objective of understanding the context of the emergence of fake news and its repercussions on society, including in education to develop teaching and research methodologies that can, in addition to perceiving the phenomenon, develop propositions for educational purposes. The field of research was the daily life of the discipline of "Computer Science in Education" of the Distance Learning Degree in Pedagogy by UERJ/CEDERJ/UAB, lived in the perspective of investigating how this war of narratives has been modifying the forms of action and teacher training through the studies of phenomena that emerge from everyday life and their appropriation by cultural practitioners. From the sharing of knowledge, experiences and the proposition of new literacies, the creation of narratives and images, the act of confirming and proving facts and data used in discourses in the mass media and other publications shared in the network left three notions that we consider findings of the research: the importance of the act of reading; cyberactivism as the praxis of freedom and collective intelligence: a re-encounter with artificial intelligence, as well as the proposition of a dialogue between teacher training and the new forms of contemporary socialization and learning.

**Keywords:** Research-training in cyberculture, Online teaching, Fake news

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Universidade do Estado do Rio de Janeiro com as faixas do movimento #UERJRESISTE	18
Figura 2 – Montagem de capturas de postagens de autoria dos praticantes.	20
Figura 3 – Queda na proporção de utilização de notícias impressas como fonte de informação	29
Figura 4 – Proporção de crescimento do uso de redes sociais para consumo de notícias	32
Figura 5 – Conteúdo acerca do coronavírus segue bloqueado em sites de informação	33
Figura 6 – brasileiros tem visto mais desinformação acerca da pandemia da covid-19.	35
Figura 7 – WhatsApp como a plataforma mais relativa à desinformação sobre a covid-19	36
Figura 8 – Estratégia de cacofonia para manipulação dos discursos	58
Figura 9 - Ambiente introdutório do Moodle da disciplina	93
Figura 10 - Desenho didático da disciplina Informática na Educação	94
Figura 11 - Uma homenagem a Paulo Reglus Neves Freire em seu centenário	99
Figura 12 - Listagem das disciplinas oferecidas na época	102
Figura 13 - Contribuição espontânea de ideias por parte de todos e todas na criação da atividade	103
Figura 14 - Interação com um perfil que deletou sua postagem	105
Figura 15 - Postagem da atividade no grupo da disciplina e a sugestão do professor	105
Figura 16 - Praticantes da disciplina Paulo Freire em tempos sombrios/pedagogia da esperança	107
Figura 17 - Relação dialógica do dispositivo Reglus	110
Figura 18 – Captura de tela da página Reglus, o repositório online de notícias confiáveis da pesquisa.	110
Figura 19 – Imagem de uma manifestação em 15/03/2015 que pedia o impeachment e o fim de Paulo Freire	114
Figura 20 – Captura de uma conversa com o chatbot do Reglus no Messenger	116
Figura 21 – Exemplo de atuação do bot Fátima no Twitter	118
Figura 22 – Grupo do WhatsApp criado para interagir com a equipe do desenvolvimento	119
Figura 23 - Captura da interface do Dialogflow usada no chatbot do Reglus	123
Figura 24 - Captura de resposta na interface do Dialogflow	124
Figura 25 - Captura da interface do Dialogflow usada no chatbot do Reglus	125
Figura 26 - Captura da interface de prompts do Dialogflow	127
Figura 27 - Captura das aulas 1 e 2 da disciplina Informática na Educação no Moodle da UERJ	136
Figura 28 - Captura das aulas 1 e 2 da disciplina Informática na Educação no Moodle da UERJ	136
Figura 29 - Captura das aulas 3 e 4 da disciplina Informática na Educação no Moodle da UERJ	145
Figura 30 - Captura das aulas 3 e 4 da disciplina Informática na Educação no Moodle da UERJ	146

Figura 31 - Captura da página do EduCheck Map sinalizando projetos de verificação de fatos pelo mundo.	148
Figura 32 - Captura dos fóruns da aula 2 da disciplina Informática na Educação no Moodle da UERJ	164
Figura 33 - Captura da atividade proposta no fórum 4 da aula 2, intitulado “O filtro invisível do Google”	165
Figura 34 - Interações com/entre as praticantes Bianca e Julianna	167
Figura 35 - Postagem com as capturas de telas do Google das praticantes da disciplina	168
Figura 36 - Interações com/entre as praticantes da disciplina	168
Figura 37 - Quem sou eu em uma visão algorítmica?	172
Figura 38 - Interações com/entre as praticantes da disciplina	174
Figura 39 - Interações com/entre as praticantes da disciplina	176
Figura 40 - Interações com/entre praticantes da disciplina	179
Figura 41 - Interações com/entre praticantes da disciplina	182
Figura 42 - Interações com/entre praticantes da disciplina	184
Figura 43 - Interações com/entre praticantes da disciplina	186
Figura 44 - Interações com/entre praticantes da disciplina	187
Figura 45 - Interações com/entre praticantes da disciplina	188
Figura 46 - Captura da atividade proposta no fórum 5 da aula 2, intitulado “Estourando sua bolha de filtro”	191
Figura 47 - Captura da página inicial do aplicativo Mentimeter	192
Figura 48 - Captura da nuvem de palavras gerada a partir da interação com o aplicativo Mentimeter	193
Figura 49 - Interações com/entre praticantes da disciplina	195
Figura 50 - Captura de telas do aplicativo do twitter que sugerem a leitura antes do seu compartilhamento	197
Figura 51 - Reprodução da nota de solidariedade e apoio ao professor Carlos Zacarias (UFBA)	200
Figura 52 - Interações com/entre praticantes da disciplina	201
Figura 53 - Interações com/entre praticantes da disciplina	203
Figura 54 - Interações com/entre praticantes da disciplina	205
Figura 55 - Um convite ao ciberativismo, seja parte do Reglus	210
Figura 56 - Exemplo de funcionamento de uma árvore de decisão	213
Figura 57 - Interações com/entre praticantes da disciplina	214
Figura 58 - Grafite com adaptação da grafia do jogo Free Fire (fogo livre) para Free Writer (escritor livre)	217
Figura 59 - Interações com/entre praticantes da disciplina	219
Figura 60 – Interações de praticantes relatando sua experiência com o chatbot do Reglus	225
Figura 61 – Captura de uma praticante relatando sua experiência com o chatbot do Reglus.	227

## SUMÁRIO

<b>1. Por novas itinerâncias.</b>	<b>16</b>
1.1. Um convite à utopia	22
1.2. Dilemas: novos cenários informacionais.	23
1.2.1. Uma guerra de narrativas e sua tática de confronto.	26
1.2.2. O lugar do discurso: outra cena em questão.	30
1.2.3. Sociedade da desinformação e seus desdobramentos	38
1.3. Objetivo e questionamentos da pesquisa.	42
<b>2. A era da pós-verdade e a ditadura da ilusão</b>	<b>45</b>
2.1. O epicentro de uma infodemia	49
2.2. O jogo da imitação	60
<b>3. Pesquisando o cotidiano e a cibercultura em tempos de pós-verdade</b>	<b>65</b>
3.1. Da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica	67
3.2. Caminho se faz caminhando	72
3.3. Medo e ousadia - o sonho de um professor	81
<b>4. Reglus: um dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura</b>	<b>88</b>
4.1. O desenho didático da disciplina informática na educação	92
4.2. Paulo Freire, presente!	97
4.3. Prazer, meu nome é Reglus	113
4.4. Montando o robô	122
<b>5. Fazendopensando a pesquisa acadêmica em tempos de pós-verdade</b>	<b>129</b>
5.1. Bricolando dispositivos de ciberpesquisa-formação	133
<b>6. Pedagogia de verificação de fatos: saberes necessários à prática docente</b>	<b>156</b>
6.1. A importância do ato de ler	161
6.2. Ciberativismo como práxis da liberdade	189
6.3. Inteligência coletiva: um encontro e reencontro com a inteligência artificial	211
<b>7. O pesquisador como ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do ser mais</b>	<b>230</b>
<b>8. Referências</b>	<b>232</b>



## 1. Por novas itinerâncias.

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.

*Paulo Freire, 2013<sup>5</sup>*

Antes do atual contexto da emergência do estado de desinformação deliberada e suas repercussões em nossa sociedade e de aceitar o desafio de interferir nesse processo, propondo metodologias de ensino e pesquisa para me formar e formar docentes para atuar com as mídias em tempos de pós-verdade, minha opção primária de investigação manifestava-se unicamente da vontade dar continuidade aos estudos dos fenômenos que emergiam da cibercultura e suas apropriações pelos praticantes culturais<sup>6</sup>.

Motivação que surgiu a partir dos movimentos vividos nos anos iniciais da minha pesquisa de mestrado,<sup>7</sup> onde os atos de currículo em bricolagem com a ubiquidade dos processos de aprendizagem suportados pelo uso de aplicativos de dispositivos móveis (App-Learning), fizeram surgir a produção, circulação e difusão de narrativas e imagens que traduziam os desafios e incertezas que encerram o ser professor em um cenário tão conturbado como o da educação brasileira.

Os movimentos e os achados desta outra itinerância já foram mapeados em nossa dissertação, mas a vista de seus delineamentos atendem a proposta de revelar agora, no momento em que escrevo essa itinerância, um desvio singular do curso que eu empreendia até então como formador. Do ano em que o gigante “acordou”, passando pelo golpe e até a morte

---

<sup>5</sup> Freire, Paulo, 1921-1997. *Pedagogia da esperança* [recurso eletrônico] : um reencontro com a pedagogia do oprimido / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013

<sup>6</sup> “Nas pesquisas com os cotidianos escolares (ALVES, 2009; OLIVEIRA, 2010) é assumida a noção de “praticante cultural”, que escolhemos adotar na presente tese, entendendo os sujeitos como atores/atrizes dos seus cotidianos, valorizando as práticas, criações, operações culturais diárias do homem comum”. Fonte: <https://bit.ly/tesetania>

<sup>7</sup> ALMEIDA, Wallace. *Atos de Currículo na Perspectiva de App-Learning*. 2018. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/dissertacaowallace>.

dos museus, das florestas e dos inumeráveis<sup>8</sup> pelo vírus do negacionismo, um misto de sentimentos me move a essa nova itinerância, que por ferir a nossa existência, nos faz resistência. Não o faço aqui, portanto, apenas para relatar como em um diário os meus sentimentos, ou somente para perceber o quão verdadeiro era o início daquele pesadelo e aquelas visões: premonições do nosso futuro. Mas para compreender os engendramentos e colocar em perspectiva alguns dos indícios que nos levam a identificar o momento atual como presságios antes do encerramento da vida do modo como conhecemos.

Naquele momento eu buscava compreender como criar e propor atos de currículo em educação online com práticas de App-Learning e investia em um desenho didático aberto onde pudéssemos situar e abrir nossas práticas em novas experiências, construindo o currículo ao longo do processo formativo com os praticantes. Intencionávamos também, para além de compreender os usos, promover a oportunidade de uma primeira experiência formativa de educação online. Situando nossa prática na proposta de entendimento de que, para se pesquisar na cibercultura é preciso atuar como praticante cultural produzindo dados em rede, não poderíamos conceber que nossos interlocutores nessa pesquisa seriam meros informantes, mas sim atuantes produtores de culturas e saberes.(SANTOS, 2015, p. 10; 2019, p. 20).

Partindo então desse dilema de pesquisa, articulamos as potencialidades dos aplicativos com a metodologia da pesquisa-formação na cibercultura, para então conceber as aulas da disciplina, abordando diferentes perspectivas na intenção de acionar dispositivos disparadores de narrativas e imagens e com estas dialogar (SANTOS, 2015; 2019, p. 122).

Na intencionalidade pedagógica de formar educadores ciberculturais sugerimos na segunda aula que os praticantes da disciplina mobilizassem letramentos digitais ao sintetizar de forma visual como eles compreendiam a concepção de um contexto formativo que tivesse como ponto de partida a produção de um meme<sup>9</sup>.

À época dos fatos estávamos vivendo o contexto perverso de sucateamento da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, quando a negligência do ex-governador do estado do Rio de Janeiro, Luiz Fernando “Pezão”, provocou o atraso dos salários dos servidores e do

---

<sup>8</sup> Inumeráveis - Memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil. Fonte: <https://bit.ly/inumeraveis>

<sup>9</sup> Um meme é normalmente uma ideia. Uma espécie de tendência e forma que se dissemina entre indivíduos de uma mesma cultura. Um meme desloca significados que são difundidos de um indivíduo a outro através de dinâmicas replicadas, mixadas e compiladas e recompiladas que adaptam novas perspectivas ao seu contexto original. É também uma expressão autoral e artística geralmente compactada em uma imagem, vídeo e/ou GIF. Fonte: <https://bit.ly/memesefakenews>

pagamento de contratos com fornecedores que cuidavam da limpeza, segurança e manutenção da universidade. Alunos, professores e funcionários viviam a pior crise em 66 anos de história da instituição, que sem o financiamento necessário para continuar em funcionamento, precisou entrar em greve<sup>10</sup>.

Figura 1 – Universidade do Estado do Rio de Janeiro com as faixas do movimento #UERJRESISTE



Fonte: capturada pelo autor

<sup>10</sup> O que estava acontecendo na UERJ revelava não somente as proporções da crise que o estado do Rio de Janeiro estava enfrentando com a absoluta falta de visão estratégica por parte dos nossos governantes, como evidenciavam também os resquícios da subversão da ordem institucional que tinha sido estabelecida nas eleições presidenciais de 2014, que anunciavam a eminente falência dos processos democráticos como também a precarização da educação pública, de suas conquistas e dos seus defensores.

Da necessidade de se fazer ouvir pelo coletivo da sociedade, da eminência de se fechar as portas as camadas mais necessitadas da população diante da proposta de privatização e em busca de propor um contradiscurso aos desmontes do governo, datam os contextos que fizeram eclodir o movimento **#UERJRESISTE** que buscava coordenar, através das redes, maneiras pelas quais a comunidade universitária poderia participar dos atos, ocupações e principalmente se engajar na produção e no compartilhamento de práticas de luta e resistência.

Em meio as ressonâncias desse movimento, eu notava que os praticantes da disciplina começavam a produzir memes carregados de autoria crítica e política que convergiam suas produções visuais em holofotes de consciência coletiva que escancaravam a realidade do que acontecia na universidade e no país em busca de soluções. Essas produções foram surgindo em abundância e transitaram o foco das narrativas que vinham ocorrendo na disciplina. Gerando um volume maior de engajamento que qualquer outra postagem do grupo, essas postagens foram as responsáveis por levantar uma diversidade de outras questões na dinâmica da disciplina, partindo da oposição à política do governo do estado do Rio de Janeiro para o debate acerca dos problemas econômicos do país, passando pela impunidade dos responsáveis, a apatia e parcialidade dos meios de comunicação e pela crítica aos primeiros levantes do movimento de desinformação nas redes acerca da educação pública e seu patrono, na pessoa de Paulo Freire.

No levante desses dilemas que estávamos vivendo para a proposição de um diálogo coletivo, as produções geravam perguntas e sentidos que não cabiam apenas nos grupos da disciplina, transbordando em destaque nos perfis pessoais meus e dos praticantes. Viralizando ideias, contextos e práticas daquele coletivo de docentes em formação em suas redes, elas constituíam, para mim e para eles, a nossa primeira experiência relevante de expressão política engajada<sup>11</sup>.

Da interação entre indivíduos singulares, que em perspectiva de conectividade em rede, trocam entre si e com o mundo através de experiências significativas, oprimidos estavam agora se descobrindo ativistas enquanto militavam através de suas próprias narrativas e imagens produzidas em contexto de mobilidade. O *smartphone* empodera nossos sentimentos ampliando e dando forma a essas narrativas e imagens na interface

---

<sup>11</sup> De memes a fake news: desafios de uma pesquisa-formação na cibercultura - Almeida e Santos, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/memesafakenews>



universidade/cidade/ciberespaço revelando, retratando, comovendo e ensinando que denunciar a injustiça, o ódio e a mentira que assola nossa realidade pode despertar uma reflexão inspiradora capaz de transformar nossa prática docente.

Figura 2 – Montagem de capturas de postagens de autoria dos praticantes.



Fonte: Grupo da disciplina Informática na Educação (PED-LIC) - UERJ no Facebook

Assim, ao decidirmos pelo posicionamento nas redes, em oposição à omissão que nos julgava ser natural, percebemos que não poderíamos mais permitir que outros decidissem e perpetuassem as mazelas que desafiavam a nossa prática sem antes empreender ao menos um movimento de resistência. Um novo achado que permeia um ato que não estava estabelecido: a consciência de que a educação “é um ato político”.

Na certeza de que “todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje” (FREIRE, 2013a, p. 128), pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar pela nossa causa estávamos nos descobrindo capazes de empreender uma nova prática, uma nova forma de expressar nossa oposição: a construção de um outro saber inspirado pelas vivências e práticas de luta e resistência, emergiram em cada um de nós, praticantes, a certeza de que os usos que

fazemos de nossos dispositivos móveis, em perspectiva de app-learning, nos possibilita novas formas de ser, interagir e de se intervir na (des)estabilidade do mundo.

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar” (FREIRE, 2013b, p. 128). As perguntas que motivaram o início daquela pesquisa acadêmica se imbricaram com esses novos dilemas conforme eu me tornava professor/pesquisador. Enquanto eu buscava compreender como se ensina e se aprende na era digital, era preciso que eu entendesse que “não existe imparcialidade, todos são orientados por uma base ideológica<sup>12</sup>” configurando assim nosso ser e estar no mundo.

Ao reconhecer essas intervenções dos praticantes na dinâmica planejada para a disciplina, reforçamos o nosso compromisso com atos de currículo abertos, inacabados e que precisam ser tecidos com os outros (pessoas, conteúdos, instituições, documentos oficiais, práticas cotidianas...) e contextualizados (ALMEIDA; SANTOS; CARVALHO, 2018, p. 211). Mediar requer uma docência *online* colaborativa, que incentiva construção do conhecimento, acompanha o processo formativo do aprendente, faz intervenções sempre que necessárias e que oportuniza estratégias para promover a autoria nos ambientes formativos (SANTOS; CARVALHO; PIMENTEL, 2016).

Os achados desse estudo nos revelaram, principalmente, que atos de currículo situados nessa perspectiva de aprendizagem, podem privilegiar o processo de constituição de autoria e de conscientização crítica/política dos praticantes envolvidos para a criação de uma prática docente coerente que parte da própria vivência para fomentar movimentos de resistência suportados pelos fenômenos da cibercultura. Uma competência fundamental para a proposição de práticas que contemplem a formação de um docente para atuar na contemporaneidade, uma vez que esta, permite que a implicação do mesmo com a causa e o interesse de mobilizar, informar e agir, agora tenha como suporte essencial de luta as novas tecnologias do ciberespaço (LE MOS, 2003, p. 2). Chegamos também à noção de que o resultado do desdobramento da produção-participação coletiva, é constituída na relação dialógica coletiva, na tessitura de pontos de vista, que mesmo que distintos e gerem tensões no cotidiano das práticas, oportuniza situações de negociação-partilha e colaboração-interatividade, duas justaposições que remontam os fundamentos da democracia digital.

---

<sup>12</sup> Paulo Freire. Fonte: <https://bit.ly/inclusivaouexcludente>

Esses primeiros movimentos com os praticantes da disciplina nos foram pessoalmente formativos não somente pelo aprendizado de novas formas de nos expressarmos e nos mobilizarmos na cibercultura, mas para manifestar o desejo por novas itinerâncias. Em busca de compreender como as universidades, sendo por excelência espaços de livre pensamento, de exercício da democracia e de principal desenvolvimento de produção científica brasileira e seus “*docentesdiscentes*”<sup>13</sup> podem empreender um último movimento revolucionário nesse momento de fragilidade e de incertezas, bem como a proposição de um diálogo entre a formação docente e as novas formas de socialização e aprendizagem contemporâneas. Essa é a nossa utopia e o convite se estende também a você.

### 1.1. Um convite à utopia

O andarilho é um sujeito em movimento. A Utopia é um movimento da alma. É um impulso de buscar, sabendo que existe sempre algo mais a ser descoberto

*Paulo Freire, Andarilho da Utopia*<sup>14</sup>

Nossa investigação está organizada em seis partes que constituem os capítulos e as andanças do itinerário compreendido nesse texto. Abordamos na primeira parte nossa itinerância revisitando todos os caminhos percorridos como educador em formação e passaremos ainda pelos dilemas que nos implicaram em direção à partida do cais em busca de novas itinerâncias.

---

<sup>13</sup> “Adotamos o uso dessa grafia diferenciada, inspirados em Alves (2009), para quem “a junção de termos e a sua inversão, em alguns casos, quanto ao modo como são ‘normalmente’ enunciados, nos pareceu, há algum tempo, a forma de mostrar os limites para as pesquisas com os cotidianos, do modo dicotomizado criado pela ciência moderna para analisar a sociedade”. Fonte: <https://bit.ly/docentesdiscentes> Passamos a grafar deste modo os termos de dicotomias herdadas: juntos, em itálico e entre aspas. Estas últimas foram acrescentadas com vistas a deixar claro aos revisores/as de textos que é assim que estes termos precisam aparecer” (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019, p. 19-20)

<sup>14</sup> Sinopse da peça de teatro sobre os ensinamentos e a obra de Paulo Freire de nome homônimo a um documento radiofônico que retrata a vida do educador brasileiro da rádio *Nederland*, a emissora internacional da Holanda, realizada em parceria com a CRIAR Produções Artísticas de São Paulo, gravada no estúdio Trilha Certa, da capital paulista em novembro de 1998

No segundo capítulo, disserto a respeito do conceito da era da pós-verdade partindo de sua concepção em tempos atuais, revelando ao leitor os movimentos e indícios pelos quais podemos inferir que a nossa realidade é uma ilusão criada por máquinas programadas para subjugar a população humana, enquanto o ódio é usado como fonte de energia nos motores que promovem a segregação ideológica.

O terceiro capítulo apresenta a epistemologia e a metodologia que, como uma bússola redimensionada, suleiam essa pesquisa-formação na cibercultura: as pesquisas com os cotidianos e a multirreferencialidade em conjunto, delineando o método da pesquisa-formação multirreferencial no contexto da cibercultura. Narro aqui também uma outra itinerância, agora metodológica, que transita, que se desloca e que viaja pelas experiências e vivências como *praticantepesquisador* no GPDOC provocando o surgimento do desejo de ampliar minha compreensão teórica e oportunizando a teorização da minha prática.

Apresento no quarto capítulo o contexto da nossa proposta de educação online, *fact-checking education*, como fenômeno da cibercultura em bricolagem com o método de verificação de fatos como prática de libertação na promoção de conteúdos verificados em atos de currículo baseados nos conceitos de mobilidade, interatividade e hipertexto.

No quinto capítulo abordo o contexto da pesquisa, apresentando os praticantes e o dispositivo da pesquisa, que é percebido na dialógica plural e multirreferencial característica dos ambientes *online*. Aponto para as conversações e narrativas que surgem no ciberespaço e enuncio as noções subsunçoras que surgem da prática docente em consonância com as invenções dos praticantes.

No sexto capítulo apresentamos o processo de análise de dados, ou seja, o exame minucioso das narrativas, conversas, imagens e vídeos gerados em contexto de pesquisa. Apuramos esses dados propondo um consenso entre tudo aquilo que vivenciamos na prática e o que dizem os nossos parceiros intelectuais em virtude dos tesouros descobertos na pesquisa.

Por fim, cabe ao sétimo e último capítulo a difícil missão de encerrar sem concluir as descobertas dessa jornada em busca de proporcionar o suporte para novos desdobramentos e novos achados pelo continuar sendo a mesma aventura.

## **1.2. Dilemas: novos cenários informacionais.**



Não sou um ser no suporte, mas um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Um ser que faz coisas, que sabe que ignora, que teme, que fala, que se aventura, que sonha, que ama, que tem raiva, que se encanta. Um ser que se recusa a seguir não importa em que momento ou tipo de história, na condição de mero objeto; que não baixa a cabeça fatalista diante do indiscutível poder provocado pela tecnologia porque, entendendo que ela é produção humana, não aceita que ela seja, em si, má. Um ser que rejeita pensá-la como se fosse produto do demônio para botar a perder a obra de Deus.

Paulo Freire, 2015<sup>15</sup>

Com o slogan: “o meu partido é o Brasil” manifestantes que apoiavam a candidatura do atual presidente, Jair Bolsonaro, invadiam as avenidas Atlântica e a Paulista, vestidos de verde e amarelo comemorando com bonecos infláveis de um Lula presidiário e um Moro *superman*, revelando um cenário sombrio que nos indicava, que mesmo que as eleições presidenciais só fossem ocorrer em outubro, seu rumo seria traçado muito antes disso, ainda em abril, com o desenrolar das investigações da operação Lava Jato.

A exemplo do que se viu nas eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos, vimos as *timelines*<sup>16</sup> das redes sociais brasileiras transbordarem na propagação de perfis *fakes*, *bots*<sup>17</sup> e notícias falsas que disseminavam ódio, desinformação e confusão em busca de convocar nesses espaços, simpatizantes dispostos a atuar nas trincheiras da mais nova frente de combate da política brasileira.

Entender a real motivação pela qual notícias falsas se espalham tão rapidamente na sociedade contemporânea é uma tarefa simples. Diversos estudos revelam ser muito provável que as pessoas acreditem em histórias que favoreçam o candidato que mais se aproxime do seu alinhamento político, principalmente quando o único ambiente que frequentam são as

---

<sup>15</sup> Freire, Paulo, 1921-1997. À sombra desta mangueira [recurso eletrônico] / Paulo Freire; Ana Maria de Araújo Freire. – 11. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015

<sup>16</sup> O termo *timeline* refere-se a ordem das publicações feitas nas plataformas sociais online, ajudando o internauta a se orientar, exibindo as últimas atualizações feitas pelos seus amigos. Fonte: <http://bit.ly/atimelinee>

<sup>17</sup> “Um *bot* é um software aplicativo programado para executar determinadas tarefas. Bots são automatizados, ou seja, atuam por conta própria, sem que um usuário humano tenha que iniciá-los manualmente todas as vezes.” Fonte: <https://bit.ly/oquesabots> “São também responsáveis pela automatização do compartilhamento massivo de conteúdos por meio do uso da conta de usuárias/os” Fonte: <https://bit.ly/3h4A7fP>

bolhas de suas comunidades virtuais ideologicamente segregadas<sup>18</sup> (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017). O resultado é um movimento de falta confiança nas fontes tradicionais de mídia e de informação.

Em face desses acontecimentos, nos vimos atravessados pelos primeiros ataques a educação de Paulo Freire e a popularização do termo marxismo cultural. As universidades públicas eram o alvo da vez, assim como toda e qualquer pesquisa que não rezasse a cartilha daqueles que operavam as trincheiras das máquinas de produção e compartilhamentos de *hoaxes*<sup>19</sup>. Quando a narrativa não era do agrado, expunham pesquisadores e suas pesquisas com ataques diretos à sua atuação, dentro e fora das escolas e das universidades, questionando inclusive a relevância e a necessidade do investimento nessas pesquisas<sup>20</sup>.

Em face desse turbilhão difamatório, pergunta-se: quais as razões de tamanha agressão? O rol de ataques revela, sutil ou claramente, uma intenção de desmonte da universidade pública e de privatização gradual do ensino superior. Tal desmonte tem forte impacto no desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão. O prejuízo atinge, sobretudo, os estudantes, que necessitam da universidade pública, gratuita, inclusiva e de qualidade. Mas afeta também – e drasticamente – a população mais pobre, que demanda os serviços públicos de assistência à saúde, a exemplo daqueles prestados pelos hospitais universitários. É importante ressaltar que esses cortes orçamentários foram significativamente agravados com a aprovação da Emenda Constitucional nº 95/2016, que congelou os gastos públicos por um período de 20 anos. Alguém se lembra? Trata-se da famigerada PEC da Morte – PEC 241/2016, quando tramitou na Câmara dos Deputados, e PEC 55/2016, no Senado Federal. (MEDEIROS, 2019)

O vigiar e punir<sup>21</sup> passa a fazer parte do cotidiano do pesquisador brasileiro, que passa a lutar diariamente contra a visão de uma universidade que centraliza tudo que corrompe a sociedade brasileira, propagada por um projeto de poder quer busca dirimir seu valor em busca de suplantá-la sua hegemonia para abrir espaço ao rol das teorias conspiracionistas e a negação de fatos científicos.

Em face dessa nova cultura epidêmica, estamos diante de um novo campo de embate, onde a omissão da discussão pode dar ainda mais lugar para a propagação da irreabilidade, onde o ato de educar se torna cada vez mais político, ideológico e emancipatório e onde dominar as artes de fazer pode ser nossa melhor alternativa de contra-ataque nessa guerra de narrativas.

---

<sup>18</sup> Como as notícias falsas geriam as opiniões dos eleitores nas eleições brasileiras. Fonte: <http://bit.ly/fakenewsdiggit>

<sup>19</sup> Um embuste (hoax, em inglês) é uma tentativa de enganar um grupo de pessoas, fazendo-as acreditar que algo falso é real. Fonte: <http://bit.ly/efarsashoax>

<sup>20</sup> O pesquisador Mahmoud Baydoun responde à crítica ao seu trabalho. Fonte: <http://bit.ly/mahmoudbaydoun>

<sup>21</sup> Foucault, Michel. Vigiar e punir: Nascimento da prisão. Editora Vozes; 42ª edição. 2014

### 1.2.1. Uma guerra de narrativas e sua tática de confronto.

Inspirados então pelos movimentos de resistência *online* promovidos pelo coletivo universitário da UERJ no contexto da última pesquisa-formação e agora impulsionados pelos acontecimentos vividos até então, nos cercamos de nossas certezas para navegar no mar de incertezas (MORIN, 2005, p.192) ao empreender uma nova pesquisa-formação em educação online, tendo como objetivo compreender o contexto da emergência das *fake news* e suas repercussões na sociedade, inclusive na educação para desenvolver metodologias de pesquisa-formação em tempos de pós-verdade.

O governo da pós-verdade é onipresente, e escuta em nossos bolsos cada movimento dos corpos no ciberespaço. Não existe privacidade, mesmo assim, vivemos em constante letargia, como a vítima do parasita que é anestesiada antes da picada. Não acreditamos em manipulação, em controle dos pensamento e das ações, mesmo que o Netflix já saiba o que você vai escolher assistir antes mesmo que se ligue a televisão. O “Grande Irmão” de Orwell vigia e se materializa nos códigos dos algoritmos, perpetrando ações dignas da ficção, mas com um alcance capaz de transfigurar a realidade em uma de suas piores alternativas. Uma *matrix* que replica em cada aspecto todas as condições do extremismo humano, em busca de subjugar sua existência, ao mero exercício da disseminação de preconceitos, contextos e paradigmas, enquanto o calor dos embates e a impulsividade do previsível são usados como fonte de energia por robôs sencientes.

Desde então, essa é uma guerra de sentimentos. Se fosse da razão, seus idealizadores não arriscariam abrir tão grave precedente em busca de legitimar todo tipo de prática de alienação. Quando o próprio governo contraria e desmoraliza instituições confiáveis e passa a propagar desinformação e embasar discursos baseados em alucinações ou não fazendo a estes nenhum tipo de contra-ação, estimula assim que novos atores, que compartilhem das mesmas ou de muitas outras suposições, propaguem suas ideias nas redes tornando-se uma potencial emissora de fake news.

Essas questões tornam-se cada vez mais urgentes, principalmente com a emergência da cibercultura. Além de conhecer a dinâmica dos processos comunicacionais, como são produzidas as mensagens circuladas? Quais os interesses dominantes? Cabe ao trabalho docente não só fazer a crítica aos meios, mas sobretudo arquitetar situações e ambiências para a produção desses meios. A cibercultura desafia o currículo e os professores para o exercício de autorias coletivas com seus alunos, pois, ao contrário das mídias de massa, através da internet, cada espaço ou cenário de aprendizagem pode se constituir como uma agência de notícias. (SANTOS, 2005. p. 58)

Tornar a verdade uma inimiga do povo é perigoso para a força vital da democracia por não permitir que se tenha informação disponível para se questionar ou concordar com o poder. A ditadura que usou de critérios políticos para censurar o que se publicava nos jornais e nas revistas e adotou padrões morais para definir o que poderia se tornar público nas artes e nos espetáculos já flerta em um retorno com os discursos atuais de perseguição e retaliação à imprensa e de moralização das produções nacionais, que precisam ser “heroicas, nacionais, imperativas, vinculada às aspirações urgentes de nosso povo, ou então não serão nada”<sup>22</sup>.

Ao som de "Lohengrin", de Richard Wagner, vemos esses personagens surgirem das mitologias do nacionalismo brasileiro para resgatar uma pátria que, deitada eternamente em berço esplendido, nunca poderá dizer que foi tomada de assalto na calada da noite. Afinal, ela criou a escuridão quando escolheu ler somente aquilo que endossava a sua visão de mundo, enquanto deformava a verdade para continuar marginalizando e pautando a liberdade de expressão apenas para servir aos discursos que propagam as ideias autoritárias e das grandes famílias que detêm o controle de tudo o que se produz em comunicação de massa no Brasil<sup>23</sup>.

O crescente uso das mídias sociais pelos seres humanos proporciona o contexto do surgimento da pós-verdade assim como o encadeamento de fatores propícios para o surgimento de movimentos de revolução, o que explica a ação tão intensiva de práticas de proibição e censura dos meios de comunicação em regimes totalitários. Apesar disso, os manifestantes sempre criam outras táticas para contornar essas situações, seja pela utilização de redes privadas de compartilhamento (*deep web*<sup>24</sup>) ou pela utilização de aplicativos de terceiros que possibilitem a anonimidade e a privacidade da comunicação.

Ainda que não possamos crer em uma completa neutralidade da rede é preciso discernimento para aprender a distinguir, dentre a infinidade de projetos, suas intencionalidades, para então criar e propagar usos que inovem na perspectiva de garantir que haja investimento em projetos que autorizem os sujeitos, que potencializem o sentimento de pertença, colaboração e cidadania. Na certeza de que a neutralidade nesses casos é tomar partido ao lado do opressor<sup>25</sup>.

“O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas águas os homens verdadeiramente comprometidos ficam molhados, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro.” (FREIRE, 2013b, p. 22)

---

<sup>22</sup> Goebbels, ministro de Hitler é parafraseado por secretário de Bolsonaro. Fonte: <http://bit.ly/oalvim>

<sup>23</sup> Quem controla a mídia no Brasil? Fonte: <http://bit.ly/midianobrasil>

<sup>24</sup> O problema não é a deep web. Fonte: <http://bit.ly/itsdeepweb>

<sup>25</sup> Desmond Tutu. Unesco do Brasil. Fonte: <https://bit.ly/neutralidadeopressor>

Diante de tudo que foi exposto, e de todas as implicações impostas por esse contexto, podemos perceber que a busca por uma tática de confronto e resistência consciente em tempos de pós-verdade, pode encontrar respostas na prática do ativismo nas redes em consonância com o resgate da valorização das fontes em uma convivência crítica, ética e plural em busca de expressões políticas engajadas.

Em um ambiente onde múltiplas vozes se levantam é preciso que alguém faça a mediação das narrativas em busca de gerar um diálogo que compreenda também a manifestação de um outro grupo de interlocutores, que vão transitar por esses mesmos dispositivos, plataformas, oportunidades e experiências em busca de legitimar os fatos e os movimentos sociais democráticos.

Nós, enquanto docentes, fomos escolhidos pelas circunstâncias para atuar nesse combate e essa atribuição não poderia ter sido mais coerente tendo em vista os diversos ataques que a classe tem sofrido como um dos alvos preferenciais da atual organização. Nesse momento a pergunta passa a ser: **como compreender o contexto da emergência das *fake news* e suas repercussões na sociedade, inclusive na educação e desenvolver metodologias de pesquisa-formação em tempos de pós-verdade?**

A docência na cibercultura proporciona oportunidades de múltiplas experimentações e expressões, provocando situações de inquietação criadora e mobilizando a experiência do conhecimento através da interatividade em sala de aula (SILVA, 2009). Nesse contexto de enfrentamentos, o papel docente é fundamental na construção de sua própria perspectiva crítica como também por mediar todo o processo crítico formativo dos praticantes.

O papel do professor é criar e arquitetar ambiências formativas, inteligentes e desafiadoras, que preparem as pessoas para o exercício da cidadania, ou seja, para afetar a cidade e se apropriar dos seus equipamentos e paisagens de forma cidadã. Isso não acontece sem processos formativos educacionais, sem investimento público e privado e sem a integração de redes educativas diversas. Por outro lado, ele não pode criar essas ambiências se não as vivenciar, se não ampliar o seu próprio repertório. Por isso, o professor é um profissional que se educa o tempo todo em relação ao ciberespaço. Ele também não pode abrir mão do processo de mediação, que é estar junto aos alunos. Não apenas criar ambiência, mas a presença física, simbólica e comunicacional faz com que esses espaços sejam melhores aproveitados. (SANTOS, 2018)

As estruturas anteriormente apresentadas constituem os engendramentos necessários para o desmonte de nossa realidade em busca de um contexto generalizado de desinformação, mas sugere, em contrapartida, uma série de estratégias pelas quais, docentes ciberculturais

podem estruturar suas práticas em busca de se fazer ouvir através da autoria de suas produções.

Escolhemos falar desse lugar de pesquisa como um posicionamento político de resistência ante aos recentes ataques à educação pública, de modo a demonstrar que a universidade não como espaço nefasto de doutrinação como fizeram acreditar as montagens de fotos que se espalharam pelas redes. Mas em busca de reafirmar perante a opinião pública que as universidades, são por excelência, espaços de livre pensamento, de exercício da democracia e de principal desenvolvimento de produção científica brasileira. Um movimento fundamental nesse momento de fragilidade e de incertezas, reforçando o que significa o ensino público, gratuito e de qualidade para o futuro do país.

Definidos assim os dilemas que permeiam nossa pesquisa atual, entendemos então que a singularidade do fenômeno demanda a aquisição de novos saberes e práticas em busca de uma maior compreensão desses elementos. Buscamos então estratégias de existência nas vivências do cotidiano, nas práticas de resistência e nas novas iniciativas do jornalismo independente da atualidade, tentando assim viver outros contextos de pesquisa-formação em busca de promover práticas que possam desarticular a eminente falência da democracia.

Em tempos de digital em rede e de democratização do acesso, produção e consumo das mídias podemos perceber que os usos que os praticantes culturais fazem de seus dispositivos móveis cria outras lógicas de aquisição de informação, que investem contra o paradigma comunicacional massivo, para convergir na composição de um espaço múltiplo de canais de aquisição de informação, de proliferação do conhecimento e de estilos de aprendizagem. Dentre esses estilos, a lógica de aprender e ensinar por intermédio de aplicativos de dispositivos móveis, ou app-learning, como define Santaella<sup>26</sup>, tem se mostrado um campo de atuação muito importante; visto que tem como princípio básico a apropriação das especificidades dos aplicativos que usamos em nosso cotidiano para compor novas configurações e subversões em ambiências formativas.

Aprender qualquer coisa por/com aplicativos já faz parte da nossa realidade. Afinal, é através de aplicativos que navegam a maior parte das informações que consumimos em nosso cotidiano, dado que a conexão à internet somente pelo celular se tornou a forma mais comum

---

<sup>26</sup> App-learning: experiências de pesquisa e formação / Edvaldo Couto, Cristiane Porto, Edméa Santos, organização; Lucia Santaella, prefácio. – Salvador: EDUFBA, 2016.

de navegar na web no Brasil<sup>27</sup>. Atendendo a diversas demandas de informação na contemporaneidade, os aplicativos proporcionam experiências únicas de interação com a informação em diversos contextos de interesse, formato, alinhamento e disponibilidade de espaço e de tempo.

São essas configurações e reconfigurações de “*espaçotempos*”, que inovam o modo como nos comunicamos, produzimos e circulamos em rede de informações e conhecimentos que caracterizam a cibercultura, dado que seus fenômenos se desdobram em nossas técnicas, práticas, modos de pensar e interferem na construção de nossos valores e opiniões.

### 1.2.2. O lugar do discurso: outra cena em questão.

Em nossos dispositivos, softwares de notícias de mídias tradicionais concorrem em desvantagem de tempo de tela com as publicações de ilustres desconhecidos que aparecem na *timeline* e em conversas de amigos em aplicativos de grupos e mensagens privadas. Nas listas dos aplicativos mais baixados da *App Store* e da *Google Play*, aqueles de funções sociais ocupam regularmente as primeiras cinco posições de “apps gratuitos” e “mais baixados”, enquanto os aplicativos de mídia tradicional nem aparecem nas listas dos “100 mais”.

O mais interessante, é notar que mesmo com redações historicamente renomadas, como é o caso da Folha de São Paulo, que acertou em migrar o conteúdo impresso para sua página virtual e posteriormente para o formato de aplicativo ao acompanhar o lançamento oficial do iPad no Brasil, o sucesso de ter (ainda em 2016) mais de 51% de seus leitores (161,8 mil acessos) em sua edição digital não garantiu a migração de uma parcela maior, do total dos 20 milhões de leitores digitais, em leitores pagantes para o suporte digital.<sup>28</sup>

Nessa conjuntura a opção pelo *paywall*<sup>29</sup>, que se mostrava ser a opção mais “inteligente” para concretizar essa migração, parece afastar ainda mais o leitor da informação por restringir o acesso da população ao conteúdo atrás de uma barreira monetária de uma assinatura. Apartar a informação de quem não tem como (ou não quer) pagar, ou dificultar a leitura de conteúdos (com erros, processos demorados e senhas) mesmo daqueles que são

---

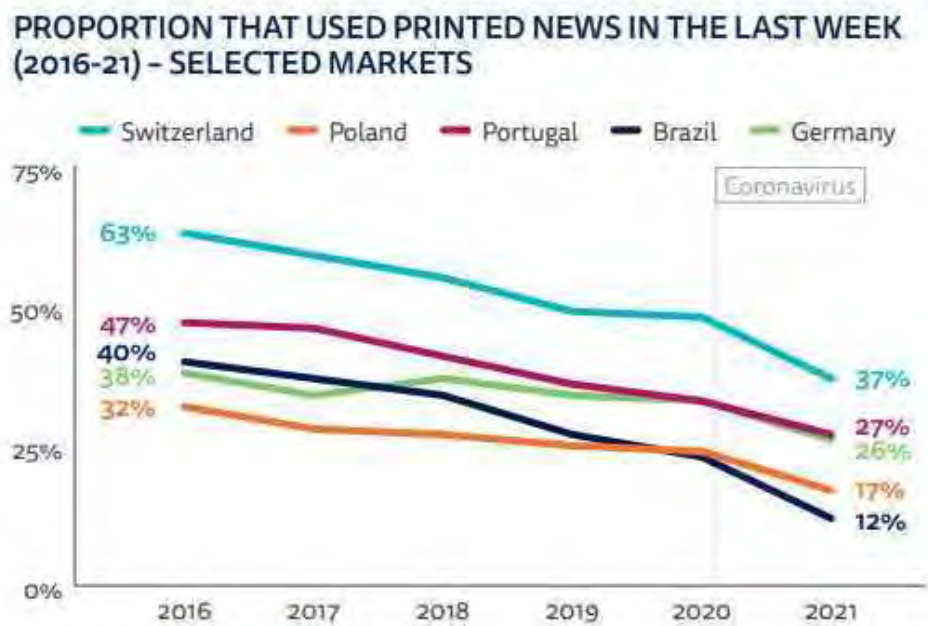
<sup>27</sup> Fonte: Pesquisa TIC Domicílios 2017, produzida pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.Br). Disponível em: <http://bit.ly/acessoceticbr>

<sup>28</sup> A Folha é o primeiro jornal brasileiro a ter circulação digital maior do que a impressa Fonte: <https://bit.ly/folhacirculacao>

<sup>29</sup> O que você precisa saber sobre *paywall*. Fonte: <https://bit.ly/paywalloquee>

assinantes do jornal, pode ser uma receita perigosa quando a desinformação corre de forma viral, gratuita e não solicitada em aplicativos de mídias sociais.

Figura 3 – Queda na proporção de utilização de notícias impressas como fonte de informação



Fonte: Relatório sobre Notícias Digitais de 2021 do Instituto Reuters.

Nessa conjuntura, os aplicativos do Facebook e do WhatsApp cresceriam ainda mais e se tornariam, às vésperas das eleições de 2018, a maneira definitiva de ler e compartilhar notícias pelos brasileiros<sup>30</sup>, seguido bem de perto pelo YouTube, lar dos formadores de opinião que conseguiram compor uma “bancada” ao garantir, em cinco estados brasileiros, ao menos um youtuber entre os deputados estaduais ou federais mais votados<sup>31</sup>. Em sua grande maioria, esse grupo é composto de pessoas que nunca foram eleitas para qualquer outro cargo político, não tem experiência em administração pública, mas utilizavam suas redes sociais para expor suas ideologias, construindo e propagando narrativas que conquistaram seguidores e votos em territórios por todo o Brasil.

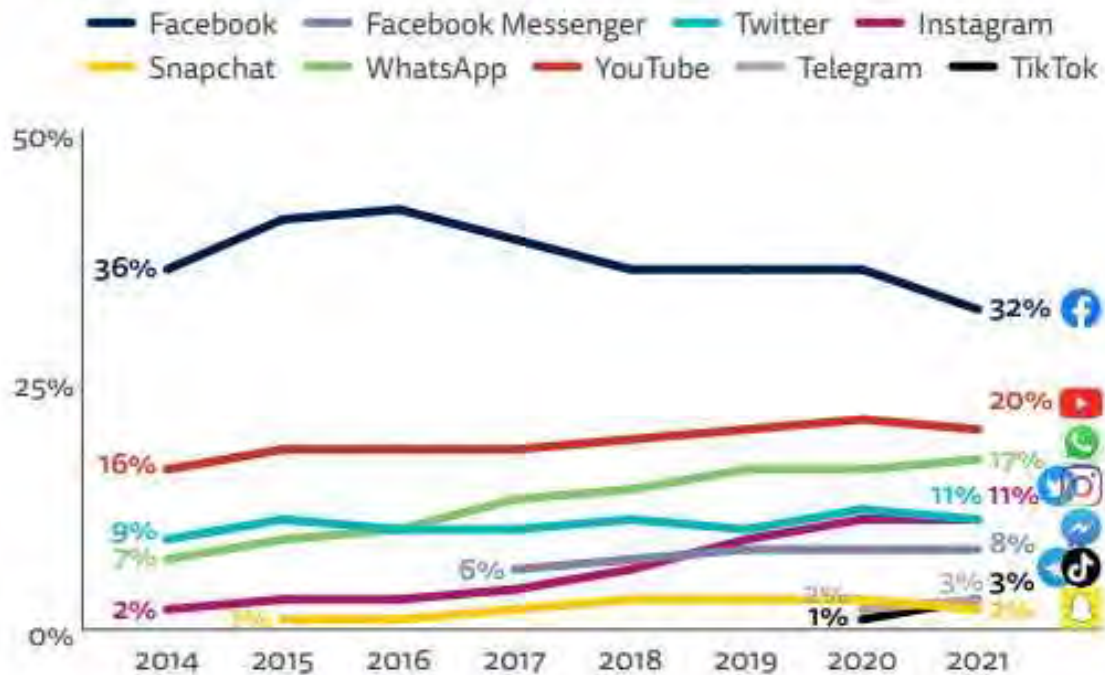
<sup>30</sup> Relatório sobre Notícias Digitais do Instituto Reuters para o ano de 2019. Fonte: <https://bit.ly/reutersdnr2019> e para o ano de 2022. Fonte: <https://bit.ly/reutersdnr2022>

<sup>31</sup> Fonte: <http://bit.ly/eleicoesyoutube>



Figura 4 – Proporção de crescimento do uso de redes sociais para consumo de notícias

### PROPORTION THAT USED EACH SOCIAL NETWORK FOR NEWS IN THE LAST WEEK (2014-21) – AVERAGE OF 12 MARKETS



**Q12B.** Which, if any, of the following have you used for news in the last week? Base: Total 2014-21 sample in selected markets (most n = 2000). Note: From 2015-21 the 12 countries included are UK, USA, Germany, France, Spain, Italy, Ireland, Denmark, Finland, Japan, Australia, and Brazil. In 2014, we did not poll in Australia or Ireland.

### SELECTED OTHER CHANGES (2020-21):

Market					
US	16%	(-4)	Sweden	26%	
UK	15%	(-7)	Finland	31%	(-6)
France	14%		Austria	45%	(-6)
Italy	18%	(-4)	Argentina	20%	(-3)
Spain	26%	(-8)	Mexico	21%	(-5)
Ireland	28%	(-4)	Australia	20%	(-5)
Norway	21%	(-4)	Japan	27%	
			South Korea	18%	
			Taiwan	19%	
			Philippines	16%	(-6)
			Kenya	36%	(-11)
			South Africa	32%	(-5)

**Q3.** Which, if any, of the following have you used in the last week as a source of news? Base: Total 2013-21 samples in each market (most n = 2000). Note: If no year-on-year change is shown there is no statistically significant difference between 2020 and 2021.

Porém, dados mais atualizados do Relatório de notícias digitais<sup>32</sup> do Instituto Reuters afirmam que mesmo que o Facebook seja considerado como o principal canal de divulgação de informações falsas em todo o mundo, em grande parte dos países que compõem o hemisfério sul, como Brasil e Malásia, o WhatsApp veio para assumir definitivamente esse protagonismo. Um protagonismo que era da imprensa.

E o problema só aumenta com a questão da pandemia: como encontrar informação verificada sobre métodos de prevenção, medidas de distanciamento físico<sup>33</sup> e vacinação quando, mesmo após 11 jornais brasileiros afirmarem que iriam liberar os acessos (sem *paywall*) sobre conteúdo acerca do coronavírus a não assinantes, esse conjunto de informações tão necessário para nossa sobrevivência e o combate ao negacionismo esteja ainda indisponível para a maioria da população, mesmo naqueles que ostentam a marcação de “texto liberado”<sup>34</sup>.

Figura 5 – Conteúdo acerca do coronavírus segue bloqueado em sites de informação



<sup>32</sup> Relatório sobre Notícias Digitais do Instituto Reuters para o ano de 2021. Fonte: <https://bit.ly/reutersdnr2021>

<sup>33</sup> “Efetivamente, neste panorama imposto pela pandemia da covid-19 e a consequente necessidade de distanciamento físico das pessoas, estamos a vivenciar muitas e satisfatórias ações e manifestações de espalhamento social, de difusão social, de irradiação social, de alastramento social. Assim, argumentamos pela não utilização da expressão ‘isolamento social’.” Trazíbul Henrique. Fonte: <https://bit.ly/distanciamentofisico>

<sup>34</sup> Notícia acerca de número de mortos pela covid-19 sendo bloqueada. Fonte: <https://bit.ly/textoliberado>



Fonte: Capturas de páginas da web do jornal

Nessa situação, grande parte da população continua preocupada com o que é real e falso na internet quando se trata de notícias, e as consequências tendem a ser maiores em países como o Brasil, onde o uso de mídia social é alto e as instituições tradicionais costumam ser mais fracas<sup>35</sup>.

<sup>35</sup> Relatório sobre Notícias Digitais do Instituto Reuters para o ano de 2020. Fonte: <https://bit.ly/reutersdnr2020>

Figura 6 – brasileiros tem visto mais desinformação acerca da pandemia da covid-19.

PROPORTION THAT THINKS THEY HAVE SEEN FALSE AND MISLEADING INFORMATION ABOUT EACH OF THE FOLLOWING IN THE LAST WEEK – ALL MARKETS



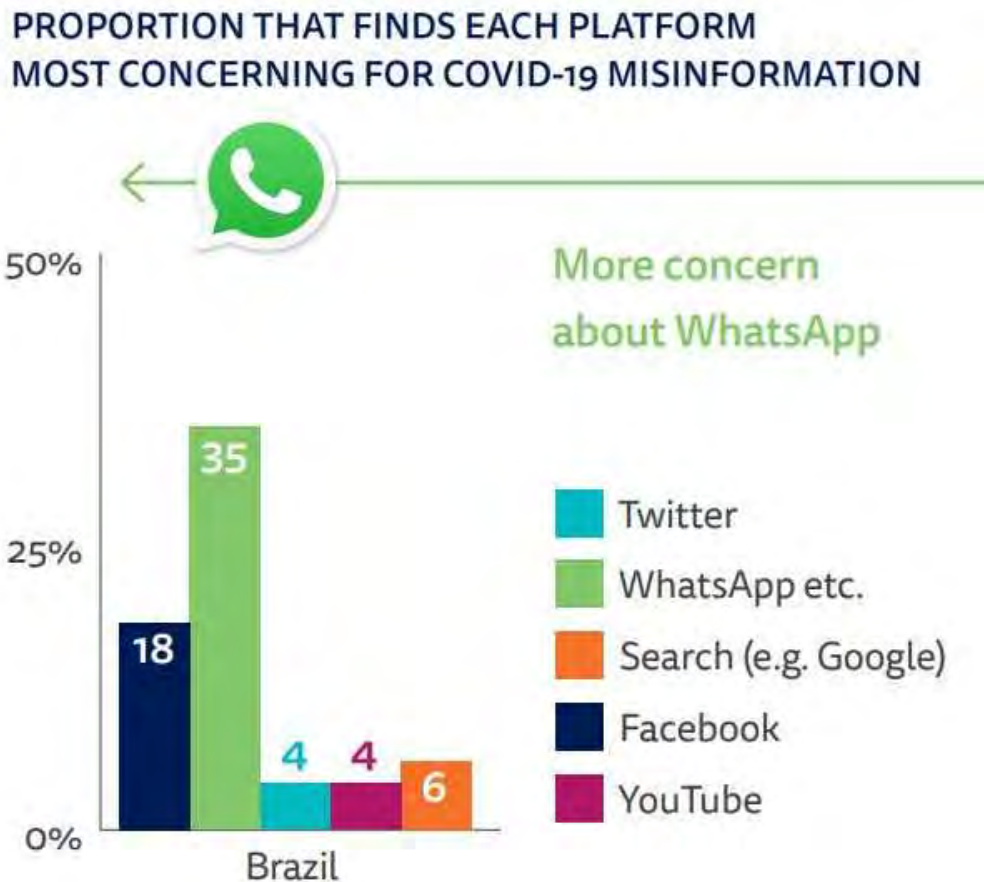
Fonte: Relatório sobre Notícias Digitais de 2021 do Instituto Reuters.

A maioria dos norte-americanos vê mais desinformação no campo da política e nas questões de ordem climática. Enquanto isso, de todo tipo de desinformação que permeia o contexto da realidade brasileira, a polarização política e o comportamento da liderança nacional<sup>36</sup> vai esvaziar o debate científico em prol de que o compartilhamento de informações enganosas sobre o covid-19 sejam, em grande maioria, uma manobra de minimizar o valor das medidas de prevenção (como o uso da máscara) para, em seguida, sugerir a adoção de medicamentos que não tem comprovação científica.

<sup>36</sup> Number of fake or distorted statements on COVID-19 made by Brazilian president Jair Bolsonaro from January 2020 to September 2021, by month. Fonte: <https://bit.ly/alegacoesfalsas>



Figura 7 – WhatsApp como a plataforma mais relativa à desinformação sobre a covid-19



Fonte: Relatório sobre Notícias Digitais de 2021 do Instituto Reuters.

Porém, se de um lado os aplicativos de mídias tradicionais falharam no processo de apropriação dos dispositivos móveis e seus aplicativos em busca de proliferar a verdade, pela primeira vez as agências de checagem de fatos começaram a se tornar o centro das atenções nas questões diárias, pela presença efetiva nas redes, compartilhando informação confiável e combatendo perfis que propagam notícias falsas, usando uma série de estratégias que vão desde a sinalização e a denúncia dessas contas (*BotSentinel*), até mesmo a promoção de campanhas de desmonetização de seus apoiadores (*Sleeping Giants BR*). Uma prática que não culpabiliza os aplicativos por associação ao erro, mas acerta pela utilização crítica dessas aplicações em promoção de uma causa.

Assim, a praticidade e as potencialidades desses aplicativos permitem que novos arranjos sociais cresçam e se desenvolvam em torno de suas mecânicas, absorvidas pelo cotidiano, enquanto prestam serviços fundamentais aos seus usuários, que atendem desde necessidades básicas de locomoção até questões de segurança pública. Esse é o caso dos

grupos e páginas de bairros e comunidades no Facebook, assim como perfis de alerta de seguidores no Twitter que agem cada vez mais como agências significativas de notícias para os moradores, avisando em tempo real onde estão ocorrendo operações policiais e troca de tiros entre facções criminosas, criando assim laços de afinidade, identificação e colaboração entre pessoas que precisam viver nessa mesma realidade.

Nesse sentido podemos entender que em tempos atuais, a posição e o lugar de fala de quem emite uma notícia, concorre em valor, podendo então, até superar, na percepção comum a confiabilidade e a estabilidade de uma renomada agência tradicional de mídia, tendo em vista que esta não possui os braços e nem o pertencimento necessário para cobrir todos os acontecimentos e particularidades de todas as comunidades do seu espectro de cobertura jornalística.

Mas o que pode ser benéfico para uma parcela significativa de praticantes, por proporcionar serviços e vantagens pode também se tornar, ao mesmo tempo, uma ameaça ainda maior quando indivíduos podem ser manipulados e movimentados por uma série de vozes sem rosto que podem falar mesmo sem ter razão. Esse é o caso quando notícias falsas compartilhadas nesses mesmos grupos causam sérias ameaças à segurança de pessoas envolvidas nas histórias desses boatos.

Um jovem morador de uma comunidade em Mangueiras precisou se mudar após ser vítima de um boato que o apontava como agente penitenciário, o dono de um *pet shop* foi identificado como um traficante, um corretor de seguros foi acusado de transmitir HIV e em um caso de fatalidade, uma mulher foi apedrejada no Guarujá pela população em consequência de uma imagem que dizia que ela sequestrava crianças para executar rituais de magia negra. Todas essas histórias<sup>37</sup> revelam um lado tenebroso de como as notícias falsas põem vidas em risco.

A retratação, quando vem, não consegue aplacar a situação, visto que esta não consegue se propagar na mesma proporção e nem emendar no mesmo público, com quem interagiu na primeira vez, a opinião formada. E como essas notícias ainda continuam sendo compartilhadas livremente nas redes, o mal permanece, mesmo perdendo o seu contexto. É um mal que vai e vem ou que simplesmente nunca termina, a exemplo das imagens falsas produzidas durante o período eleitoral, que se mantêm ativas mesmo após decisão em caráter

---

<sup>37</sup> Notícias falsas põem vidas em risco. Fonte: <http://bit.ly/vidasemrisco>

liminar do TSE, pela sua remoção no fim do processo eleitoral<sup>38</sup>. Podemos então concluir que novas pessoas sempre estarão propensas a estabelecerem novos contatos com as mesmas ameaças, mesmo após efetiva comprovação.

Boatos, notícias falsas e “fatos alternativos<sup>39</sup>” constituem, portanto, um coletivo de práticas estruturadas de manipulação das mídias, que promovem desinformação generalizada e alienação. Uma receita que quando atrelada aos delírios de um mitomaniaco, que com seu decidir e retroceder, degradam ainda mais a confiabilidade na imprensa, materializamos todas as convergências necessárias para o firmamento da “sociedade da desinformação”.

### **1.2.3. Sociedade da desinformação e seus desdobramentos**

O contexto até aqui apresentado revela certas concepções necessárias para o desmonte de nossa realidade em busca de um contexto generalizado de desinformação. A partir da eleição de Donald Trump, principal expoente do contexto de política da “pós-verdade”, não importa mais quem vença as eleições em qualquer outro lugar do mundo, o legado das fake news veio para ficar<sup>40</sup>. A lógica de se propagar desinformação e essa confiança cega em afirmações que “parecem verdadeiras”, mas que não têm base em fatos, ultrapassa todos os limites da prudência e atesta uma disposição deliberada de deslegitimar fatos em busca de estender os domínios do mundo mágico da especulação.

Movido pelo ódio, Trump aleitou uma série de teorias da conspiração. Ao afirmar que o ex-presidente Barack Obama não é americano e que para se tornar presidente dos Estados Unidos teria falsificado sua certidão de nascimento<sup>41</sup>, que o mesmo Obama seria ainda o fundador do Estado Islâmico<sup>42</sup> e que os Clintons são assassinos<sup>43</sup> e depois retroceder, afirmando que essas questões já não eram mais importantes, ele diz, desdiz, mas reafirma ser o único portador da verdade. Atacando essas questões que mobilizam o coletivo social e investindo contra a educação, usando a política, para mover a economia e a religião, ele

---

<sup>38</sup> TSE manda Facebook derrubar 33 fake news sobre Manuela D’Ávila. Fontes: <http://bit.ly/decisaotse> e <http://bit.ly/ataquescontinuum>

<sup>39</sup> “Fatos alternativos” é a “despalavra” de 2017. Fonte: <http://bit.ly/fatosalternativos>

<sup>40</sup> No matter who wins the US election, the world’s ‘fake news’ problem is here to stay. Fonte: <https://bit.ly/fnareheretostay>

<sup>41</sup> Michelle Obama: I’ll ‘never forgive’ Trump for ‘putting my family’s safety at risk’ by pushing the birther conspiracy theory. Fonte: <http://bit.ly/obamaconspiracy>

<sup>42</sup> Trump acusa Obama de ser fundador do Estado Islâmico. Fonte: <http://bit.ly/obamaisla>

<sup>43</sup> The Shame and Disgrace Will Linger. On Saturday, President Trump spread a conspiracy theory accusing the Clintons of murdering Jeffrey Epstein. Fonte: <http://bit.ly/clintonsmurdering>

gestou da Casa Branca a onda que agora investe, inclusive, contra fatos cientificamente comprovados.

Como sua ousadia não foi punida, mas tomada por seus apoiadores como corajosas provas de sua disposição em enfrentar os problemas do país, sua popularidade cresceu ainda mais enquanto ele criava um modelo de governo de fatos alternativos que hostilizava e desafiava a imprensa ao imputar nela a prerrogativa de disseminar fake news. Essa estratégia do ex-presidente dos Estados Unidos, de déspotas e demagogos de todo o mundo fomenta e incita ainda mais a guerra contra a imprensa.

Políticos turcos alegam que os autores do recente golpe mal-sucedido estavam agindo sob ordens emitidas pela CIA<sup>44</sup>, membros do governo da Polônia afirmam que um presidente anterior, que morreu em um acidente de avião, foi assassinado pela Rússia<sup>45</sup> e para não ficarmos de fora da questão, Bolsonaro afirma que não existe fome no Brasil<sup>46</sup>.

A política da pós-verdade é, portanto, a nova tendência do cenário mundial que não busca mais falsificar ou contestar a verdade, mas secundarizar sua importância em prol de uma verdade mais convidativa, mais conveniente, que consolide na mente da população a sua doutrinação em busca de ser o grande meio de comunicação a ser ouvido.

Assim o “Grande Irmão” se propõe a nos passar sua falsa visão de mundo através de suas lives conectadas às nossas “teletelas”. Um mundo onde não se confia no *establishment* e se aposta no *outsider*, que ainda é parte da velha política, que agrada seus apoiadores ao reforçar preconceitos, manter uma retórica autoritária e promover um revisionismo histórico e científico, mas que à semelhança da “revolução dos bichos” de Orwell, está fadada a se tornar ainda mais opressora quanto aqueles que julgam não se misturar.

Essa é uma guerra de sentimentos. Se fosse da razão, seus protagonistas não arriscariam abrir tão grave precedente em busca de legitimar todo tipo de prática de alienação. Quando o próprio governo e instituições confiáveis passam a propagar desinformação e apoiar discursos de conspiração, não fazendo a estes nenhum tipo de contra-ação, estimula assim que novos atores, que compartilhem das mesmas ou de muitas outras suposições, propaguem suas ideias nas redes tornando-se uma potencial emissora de fake news.

---

<sup>44</sup> As incógnitas do golpe turco. Um ano depois da sublevação militar, ainda existem perguntas sem resposta  
Fonte: <http://bit.ly/turquiacia>

<sup>45</sup> Vladimir Putin was responsible for plane crash that killed Polish President Lech Kaczynski, says Polish defence minister. Fonte: <http://bit.ly/lechkaczynskikilled>

<sup>46</sup> 'Passar fome no Brasil é uma grande mentira', diz Bolsonaro. Fonte: <http://bit.ly/afomenobrasil>



O pluralismo midiático já vive um processo de crise iminente. No Brasil temos poucos jornais nacionais, todos parte de conglomerados de mídia com interesses políticos e econômicos que influenciam sua cobertura de questões nacionais. De fato, cinco empresas, de propriedade de apenas seis famílias, controlam 70% de todos os veículos de mídia brasileiros, conforme afirmou<sup>47</sup> Julian Assange, à época refugiado na embaixada do Equador em Londres.

Um produto de uma cultura *cyberpunk* baseada em colaboração e compartilhamento de dados, o fundador do *Wikileaks* formou sua estratégia de atuação em oposição a crítica deliberada a imprensa para partir em uma lógica de equilíbrio entre o reconhecimento da demanda tradicional de exclusividade da mídia tradicional ao conjunto de força-tarefa de jornalistas independentes em busca de investigarem e relatarem os documentos vazados.

No Brasil, o vazamento dos documentos diplomáticos americanos, devidamente contextualizados, deu origem a uma extensa e reveladora cobertura, não somente acerca das políticas de espionagem dos Estados Unidos, como também, artigos baseados em documentos do período de ditadura do Brasil começaram a surgir na imprensa. O resultado não foi apenas a descoberta de segredos, mas uma nova prática que inspirou uma nova cultura do jornalismo investigativo brasileiro.

A resposta aos vazamentos também demonstrou que após mais de vinte e cinco anos da ditadura, o governo brasileiro finalmente estava pronto para avançar em direção a uma sociedade mais transparente e responsável, com a promulgação da Lei de Liberdade de Acesso<sup>48</sup>, assinada pela presidente Dilma Rousseff, representando assim um marco histórico para a cultura política brasileira.

Diante de tudo que foi exposto, e de todas as implicações impostas por esse contexto, podemos perceber que a busca por uma tática de confronto e resistência consciente em tempos de pós-verdade, pode encontrar respostas na prática do ativismo nas redes em consonância com o resgate da valorização das fontes em uma convivência crítica, ética e plural em busca de expressões políticas engajadas.

Alguns discursos acadêmicos, políticos ou artísticos acreditam que as formas de comunicação eletrônica da cibercultura possam efetivamente favorecer a ação social engajada, os movimentos sociais legítimos e romper com a apatia e o narcisismo contemporâneos. A Internet não serve hoje apenas como forma de expressão do “mundo da vida”. Diversas ações ao redor do mundo mostram que formas de expressão política engajada (a partir de problemas globais e locais) surgem, são suportadas e expandem-se na internet. Estamos falando de diversas expressões do que se chama hoje de ciberativismo (LEMOS, 2003, p. 2).

---

<sup>47</sup> How WikiLeaks Revitalized Brazil's Media. Fonte: <http://bit.ly/wikileaksonbrazil>

<sup>48</sup> Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. Disponível em: <http://bit.ly/liberdadedeacesso>

Dentre as formas de ciberativismo que existem na contemporaneidade podemos destacar, segundo Lemos (2003), as seguintes variantes:

1. Conscientização e informação, como as campanhas promovidas pela Anistia Internacional, Greenpeace ou a Rede Telemática de Direitos Humanos.
2. Organização e mobilização, a partir da Internet, para uma determinada ação (convite para ações concretas nas cidades).
3. Iniciativas mais conhecidas por “hacktivismo”, ações na rede, envolvendo diversos tipos de atos eletrônicos como o envio em massa de emails, criação de listas de apoio e abaixo-assinados, até desfiguramentos (defacing) e bloqueios do tipo DoS (Denial of Service).

Uma diversidade de movimentos ciberativistas encontra um espaço vital nas redes para a efetivação de táticas de resistência civil sobretudo na organização e mobilização, a partir da utilização de aplicativos de mídias sociais, para a mobilização de greves, protestos e atos coletivos pela cidade. Esse é o caso da Primavera Árabe.

A onda revolucionária que atravessou o Oriente Médio e o norte da África partiu da ação do povo tunisiano, representado pela auto imolação do jovem Mohamed Bouazizi como forma de protesto contra o governo, para o levante de um movimento concreto de mobilização social nas interfaces do Twitter e do Facebook. O chamado para as manifestações partiu das redes para unir o povo nas ruas contra o governo. O movimento que levou a deposição do governo do presidente Zine el Abidine Ben Ali, que detinha o poder há 23 anos, não parou na Tunísia e se alastrou pelo Egito, Líbia, Iêmen e por fim para o resto do mundo, influenciando até mesmo movimentos como o Occupy Wall Street em Manhattan, no coração de Nova York.

O crescente uso das mídias sociais pelos seres humanos proporciona o encadeamento de fatores propícios para o surgimento de contextos de revolução, o que explica a ação tão intensiva de práticas de proibição e censura dos meios de comunicação em regimes totalitários. Apesar disso, os manifestantes sempre criam outras táticas para contornar essas situações, seja pela utilização de redes privadas de compartilhamento (*deep web*) ou pela utilização de aplicativos de terceiros que possibilitem a comunicação.

Podemos então perceber que ainda que não possamos crer em uma completa neutralidade da rede e de seus dispositivos, não podemos nos ater apenas ao seu caráter negativo. A sensatez pode ser o melhor termômetro para perceber quais e como são idealizados os projetos que os seres humanos criam com ela. É preciso assim discernimento para aprender a distinguir, dentre a infinidade de projetos, cada intencionalidade, cada discurso político e ideológico, para então criar, apanhar e propagar os usos que inovam na perspectiva de garantir que haja investimento em projetos que autorizem os sujeitos, que potencializem o sentimento de pertença, colaboração e cidadania.

Uma técnica não é boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades) [o que nos impõe a necessidade de] situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que dela fazer (LÉVY, 2000, p. 26)

Partindo assim, do mesmo contexto que proporciona o surgimento do cenário de desinformação e sufocamento ideológico que proporciona o surgimento da pós-verdade, para a manifestação de um outro grupo de interlocutores, ciberativistas, que vão perpassar por esses mesmos dispositivos, plataformas, oportunidades e experiências em busca de legitimar os fatos e os movimentos sociais democráticos.

### **1.3. Objetivo e questionamentos da pesquisa.**

Em meio ao mar de desinformação como saber em quem/quando/onde confiar? Historicamente esse processo de mediação dos saberes sempre esteve confiado ao professor e em tempos de cibercultura sua atribuição não seria menos coerente. Na verdade, sua mediação se torna ainda mais potente com a emergência da cibercultura. A docência na cibercultura proporciona oportunidades de múltiplas experimentações e expressões, provocando situações de inquietação criadora e mobilizando a experiência do conhecimento através da interatividade em sala de aula (SILVA, 2009). Nesse contexto de enfrentamentos, o papel docente é fundamental na construção de sua própria perspectiva crítica como também por mediar todo o processo crítico formativo dos praticantes.

Essas questões tornam-se cada vez mais urgentes, principalmente com a emergência da cibercultura. Além de conhecer a dinâmica dos processos comunicacionais, como são produzidas as mensagens circuladas? Quais os interesses dominantes? Cabe ao trabalho docente não só fazer a crítica aos meios, mas sobretudo arquitetar situações e ambiências para a produção desses meios. A cibercultura desafia o currículo e os

professores para o exercício de autorias coletivas com seus alunos, pois, ao contrário das mídias de massa, através da internet, cada espaço ou cenário de aprendizagem pode se constituir como uma agência de notícias. (SANTOS, 2005, pg 58)

A concepção de um docente ciberativista ou de um ciberativismo docente parte da implicação do mesmo com a causa e o interesse de mobilizar, informar e agir, tendo como suporte essencial de luta as novas tecnologias do ciberespaço (LEMOS, 2003, p. 2). Uma perspectiva muito importante, tendo em vista os diversos ataques que a classe tem sofrido como um dos alvos preferenciais do atual governo e de todos os membros de sua família. Sob o pretexto de combater uma pretensa doutrinação marxista e a “ideologia de gênero” nas escolas, apadrinham-se projetos como o “escola sem partido” e a caça desembestada ao educador, simbolizado na pessoa de Paulo Freire, como o verdadeiro culpado pelo fracasso do sistema educacional brasileiro.

Um argumento, imoral que busca combater, na verdade, a liberdade de cátedra e a autonomia universitária que tanto são necessárias à profissão docente. A educação que a administração defende é aquela que oprime o professor ao impedir seu posicionamento crítico e que restringe a liberdade de reflexão na abordagem dos conteúdos de sua área do conhecimento. Um projeto de cultura do ódio que espera que os próprios educandos participem da caçada daqueles que os ajudam a compreender sua história, sua cultura, e cooperam na luta contra as injustiças sociais e as explorações dos mitos que os impedem de se libertarem das amarras do fracasso.

Quem, melhor que o oprimido, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida.(FREIRE, 2013c, p. 35)

Aludindo assim ao que Freire diz: quem melhor que os próprios professores que sofrem em sua prática as mazelas das perseguição e do discurso de alienação, para compreender pela sua práxis sua necessidade de luta e de libertação? Assim nos surge a oportunidade que a nós se desvela, de mobilizamos atos de currículo (MACEDO, 2013) na perspectiva de vivermos em prática coletiva o desafio de ser um docente na cibercultura.

Aplicando a nossa própria experiência como praticante cultural e dialogando com os outros interlocutores de uma disciplina de formação de professores, pretendemos nos

autorizar nos aplicativos, nas redes e nas práticas educativas, incorporando a linguagem e as particularidades das mídias para enfim *fazerpensar* a prática docente em tempos de cibercultura e em uma perspectiva de combate às fake news e a política da pós-verdade.

Escolhemos falar desse lugar de pesquisa como um posicionamento político de resistência ante aos recentes ataques à educação pública, de modo a demonstrar que a universidade não é um espaço de "balbúrdia", "uso de drogas" e "alunos pelados" como fizeram acreditar as montagens de fotos que se espalharam pelas redes em busca de desacreditar perante a opinião pública os discentes e docentes das universidades. Que mesmo sofrendo com constantes cortes orçamentários, reforça ainda mais o seu papel de ser o principal espaço de produção científica brasileira, até mesmo nossa única salvaguarda durante a corrida e produção de vacinas ao longo da pandemia da Covid-19. Um movimento importante e fundamental nesse momento de fragilidade e de incertezas, reforçando o que significa o ensino público, gratuito e de qualidade para o futuro do país: salvar vidas.

Definidos assim os dilemas que permeiam a pesquisa, é na tentativa de propor soluções para alguns deles, ou mesmo compartilhá-los em busca que outros possam contribuir para a sua resolução é que movemos esse trabalho.

Para lidarmos com esses dilemas precisamos ter uma série de estratégias que perpassam pela aquisição de diversos saberes e pela prática de certas atitudes. Portanto, entendemos que para partirmos desses dilemas, e desenvolvermos atos de currículo em consonância com o atual momento da cibercultura, devemos propor as seguintes questões de investigação:

Objetivo Geral: Compreender o contexto da emergência das Fake News e suas repercussões na sociedade, inclusive na educação e desenvolver metodologias de ensino e pesquisa que possam, para além de compreender o fenômeno, desenvolver proposições para fins educativos.

São questionamentos da pesquisa:

- Como os docentes em formação percebem o fenômeno das fake news em sua prática cotidiana, e quais estratégias que eles usam para combater a sua influência em seu processo formativo?

- Como desenvolver em nossa prática uma pedagogia de fact-checking que nos permita identificar, combater e propor um contradiscurso a fake news?
- Como a pesquisa-formação na cibercultura, em especial no uso de aplicativos, pode contribuir para pensar a formação do docente na era da pós-verdade?

A perspectiva de formar docentes para o atual momento da cibercultura muda o olhar acerca do próprio fazer pedagógico, na medida que produz empoderamento desses docentes para resistir e atuar na interface cidade-ciberespaço combatendo a desinformação. Nesse sentido, espera-se que essa perspectiva de formação possa gerar docentes cada vez mais atuantes no ciberespaço, conscientes de sua realidade e principalmente de seu papel transformador, ainda que o cenário atual caminhe, para um contexto cada vez menos favorável para a democracia.

Assim entendemos que ser um docente em tempos de cibercultura, é, portanto, muito mais que produzir contextos formativos utilizando-se tecnologias digitais em rede, mas é também ser autor de uma prática que busque propagar a esperança de dias melhores para uma população desenganada.

Vivendo em um momento onde a opressão não tem pressa para terminar, conectar a docência com a vivência crítica da cibercultura parece essencial para possibilitarmos transformação da sociedade tendo como protagonista o professor. Nesse sentido pretendemos então vivenciar, discutir, criar e analisar as experiências nos ambientes virtuais e nas salas de aulas do curso de graduação em Pedagogia da UERJ compreendendo como a proposição de uma educação para a verificação de fatos pode contribuir para a formação do educador em tempos de pós-verdade.

## **2. A era da pós-verdade e a ditadura da ilusão**

Se a comunicação e a intercomunicação são processos que se verificam na vida sobre o suporte, na experiência existencial que se dá no mundo, ganham uma conotação demasiado especial. Aqui, a comunicação e a intercomunicação envolvem a compreensão do

mundo. A vida sobre o suporte não implica a linguagem e, por isso, a postura ereta do corpo de que resultou a liberação das mãos. O suporte vai virando mundo e a vida existência à medida em que cresce a solidariedade entre mente e mãos; na medida em que o corpo humano vai virando do corpo consciente, captador, apreendedor, transformador do mundo e não puro espaço vazio a ser enchido por conteúdos do mundo.

*Paulo Freire, 2015<sup>49</sup>*

“*Fake News*<sup>50</sup>!” Foi assim que o presidente Jair Bolsonaro classificou uma reportagem<sup>51</sup> da Folha de São Paulo que afirmava que após polêmicas no governo, um militar seria escalado para coordenar a estrutura de mídias digitais e reforçar a comunicação oficial do Palácio do Planalto. Para se defender da acusação do presidente, a Folha publicou<sup>52</sup> uma nova reportagem sobre o assunto incluindo, dessa vez, parte da publicação do Diário Oficial da União<sup>53</sup> que não apenas provava que a nomeação do coronel Didio Pereira de Campos para o cargo de Diretor do Departamento de Publicidade da Secretaria de Publicidade e Promoção da Secom era real como também quem assinava o despacho era o ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni.

Após a confusão, o presidente então respondeu que a primeira reportagem era *fake news* por “induzir leitor a associar seu perfil pessoal à notícia” e que a segunda reportagem, mudava o foco de sua resposta e por isso era a “*Fake News da Fake News*!”<sup>54</sup>. Sete dias depois, sem admitir o erro e/ou apenas para validar o discurso do presidente, o DOU<sup>55</sup> publicava uma correção tornando sem efeito a nomeação do coronel Didio na função de Diretor do Departamento para nomear, novamente, o mesmo para um novo cargo, agora de

---

<sup>49</sup>Freire, Paulo, 1921-1997. À sombra desta mangueira [recurso eletrônico] / Paulo Freire; Ana Maria de Araújo Freire. – 11. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

<sup>50</sup>Tuíte do presidente onde chama a Folha de Fake News: <http://bit.ly/jbfakenews>

<sup>51</sup>Reportagem da Folha que afirma que o governo Bolsonaro iria escalar um militar para coordenar redes sociais: <http://bit.ly/folham1>

<sup>52</sup>Reportagem com a resposta constando a nomeação publicada no DOU: <http://bit.ly/folham2>

<sup>53</sup>Texto das portarias de 8 de março de 2019 publicadas no DOU: <http://bit.ly/dou08mar>

<sup>54</sup>Tuíte do presidente onde usa o termo “Fake News da Fake News”: <http://bit.ly/jbfakedafakenews>

<sup>55</sup>Texto das portarias de 15 de março de 2019 publicadas no DOU: <http://bit.ly/dou15mar>

Assessor Especial da Secretaria Especial de Comunicação Social da Secretaria de Governo da Presidência da República.

Ao acusar a imprensa de estar reproduzindo “*fake news*”, mesmo quando esta estava se baseando em fontes oficiais e em informações verídicas, Bolsonaro estava apenas reproduzindo o discurso mais popular da atualidade, “Vocês são *fake news*”<sup>56</sup>, que desde 2017 tem “caído como uma luva” sempre quando os fatos apresentados não corroboram com a sua versão da história. Afinal, em uma realidade de “fatos alternativos”<sup>57</sup>, ganha sempre quem grita mais e mais alto.

Mas como disse o jornalista da NBC, Chuck Todd, à assessora presidencial de Trump, Kellyanne Conway, “fatos alternativos não são fatos”. Não passam de afirmações vazias que, mesmo que contrariem todas as evidências, são repetidas incansavelmente até que a verdade dos fatos possa ser ensurdecida. Uma máxima que tem servido amplamente a um domínio da extrema-direita nas redes sociais, que resultou na articulação da tomada do poder e motiva também ataques e disparos de mensagens em massa através da utilização fraudulenta<sup>58</sup> de dados de idosos para criar contas no WhatsApp em busca criar outras narrativas em benefício próprio.

Coordenar essa estrutura de mídias digitais é importante, pois a maior parte dessas narrativas não se sustentam e podem ser facilmente rebatidas por qualquer pesquisa competente que se faça nos motores de busca, mas que nunca acontece, dado que “o modo de propagação é regido, sobretudo, pelo apelo emocional” e a “razoabilidade de filtro que o bom senso proporciona” (Santaella, 2018, p.22), repousa na mesma gaveta que a ética e a idoneidade de quem compartilha.

Enquanto se isenta da verdade e naturaliza o inverosímil, o “pacato cidadão”<sup>59</sup>, tão carente de arte e poesia, agora armado pela tecnologia, sai à luz do sol para se juntar aos *bots* e a ampliar as fileiras da guerra contra toda forma de informação confiável. Terraplanando toda a esfera do conhecimento humano, resgata no negacionismo a nostalgia de épocas onde a opinião e o fato eram uma constante comum. Exige que os veículos de comunicação

---

<sup>56</sup> Discurso do ex-presidente Donald Trump quando se recusou a responder a uma pergunta do repórter da CNN Jim Acosta, chamando-o de “Fake News”: <http://bit.ly/dtyouarefakenews>

<sup>57</sup> O termo *Alternative Facts* é usado pela conselheira do Presidente Trump, Kellyanne Conway, durante uma entrevista em um programa televisivo: <http://bit.ly/alternativefactsphrase>

<sup>58</sup> Bots recorrem ao uso fraudulento de dados de idosos. Fonte: <http://bit.ly/contasfake>

<sup>59</sup> Referência à música “Pacato Cidadão” composta por Samuel Rosa e Chico Amaral que já foi alvo de desinformação em defesa da intolerância: <https://bit.ly/pacatooumacacocidadao>



respeitem valores “éticos e sociais de família” e provocam o obscurantismo, a censura, e a repressão a liberdade de imprensa, apenas para flertar com a volta dos mecanismos de controle estabelecidos pela ditadura militar no Brasil.

O homem é uma animal político. Um animal que se organiza em sociedade e busca aumentar o seu poder. Organizamo-nos em grupos que buscam o poder, opondo-se uns aos outros. Esses grupos adotam símbolos, práticas e crenças como fatores de união e coesão grupal. Queremos ser bons membros de nosso grupo, reconhecidos como representantes fiéis e puros de seus valores. Reproduzir as crenças de nosso grupo é essencial para pertencermos. (PINHEIRO, 2019, p. 91)

Essa breve descrição resume bem o *modus operandi* dos homens que vivem e movem a era da pós-verdade. Meras sombras apáticas e muito distantes daquilo que Parisier (2012) e nós imaginávamos que seria o mote de uma população que nasceu com a internet. Em sua visão “os hackers e os tecnólogos mudariam o mundo, conectando-nos a informação melhor e nos dando a capacidade de interferir sobre elas” (PARISIER, 2012. p. 8), transpiraríamos a cibercultura e viveríamos o auge da democratização da informação e das vantagens da liberação do polo de emissão (LEMOS, 2008) para reconstruir os meios de comunicação com as próprias mãos. Mas tudo o que recebemos foi aquilo que sobreviveu a filtragem dos algoritmos e das bases ideológicas dos provedores de acesso e conteúdo: as bolhas, os muros e a homofilia.

A democracia exige que os cidadãos enxerguem as coisas pelo ponto de vista dos outros; em vez disso, estamos cada vez mais fechados em nossas próprias bolhas. A democracia exige que nos baseemos em fatos compartilhados; no entanto, estão nos oferecendo universos distintos e paralelos.(PARISIER, 2012. p. 9)

Por toda essa influência que a emoção exerce na racionalidade humana, por completa incapacidade de se chegar a um denominador comum dos fatos ocorridos e por falta da manutenção, intencional ou não, das fontes verificáveis entre as partes conflitantes estamos perdendo o controle da informação, ao situá-la em nossos próprios contextos.

A despeito da qualidade, a referência de informação consensual proporcionada pela mídia tradicional no passado, esta servia ao propósito de informar os indivíduos e garantir o exercício consciente da cidadania. Entretanto, parafraseando Lippmann (1920), em Parisier (2012, p. 41), as vertigens da democracia remontam à falência do jornalismo, que durante muito tempo escolheu pautar os discursos que interessavam ao capital em detrimento à verificação fatural e das bases ideológicas dos discursos propagados. Afinal, quem não se

lembra do absurdo editorial do Estadão que dizia ser “uma escolha muito difícil<sup>60</sup>” a opção por Haddad ou Bolsonaro, em busca de uma falsa equivalência para eleger seu preferido. Um amor não correspondido, rejeitado pelo presidente, que qualificou o jornal como mais um veículo<sup>61</sup> de *fake news* na primeira oportunidade onde foi contrariado. Agora o Estadão anuncia a convocação do golpe<sup>62</sup>, mas será, porém, tarde demais?

## 2.1. O epicentro de uma infodemia

Não estamos apenas lutando contra uma epidemia; estamos lutando contra uma infodemia.

*Tedros Adhanom Ghebreyesus, 2020<sup>63</sup>*

Na contramão do mundo, o Brasil disparou na corrida para ser o único país em que ainda transitam notícias falsas acerca de curas para a covid-19 a partir de medicamentos que já foram descartados como ineficazes para o combate à doença por diversos estudos científicos.<sup>64</sup> Segundo uma matéria da *Folha*<sup>65</sup> a partir de dados atualizados do levantamento “Political (self) isolation”<sup>66</sup> (Autoisolamento político), realizado pelo LAUT, INCT.DD e pelo laboratório de pesquisa forense digital do *Atlantic Council*, esses tópicos ainda permanecem, “a ponto de tornar o ambiente de discussão diferente do resto do mundo”, em razão da política interna que polariza a discussão e abastece o motor de desinformação e ódio.

Com uma média equivalente a quatro vezes a mundial por milhão de habitantes, a mortalidade por Covid-19 no Brasil concentrou 11% de todos os óbitos pelo vírus em nosso planeta. Resultando em mais de 630 mil mortos e mais de 30 milhões de casos, 6,7% dos registros da doença em todo o mundo, esses números revelam a dimensão do desastre que atravessou a vida de milhões de brasileiros. A partir do levantamento dos dados do Boletim

---

<sup>60</sup> Editorial do Estadão “Uma escolha muito difícil”. Fonte: <http://bit.ly/umaescolhadificil>

<sup>61</sup> Tuíte do presidente onde chama o Estadão de Fake News: <http://bit.ly/estadaofake>

<sup>62</sup> Editorial do Estadão “A convocação do golpe”. Fonte: <https://bit.ly/aconvocacaodogolpe>

<sup>63</sup> pronunciamento na Conferência de Segurança de Munique em fevereiro de 2020

<sup>64</sup> Hidroxicloroquina não tem eficácia,. Fonte: <https://bit.ly/cloroquinanfunciona>

<sup>65</sup> Brasil país onde fake news circulam com frequência. Fonte: <https://bit.ly/folhacampomello>

<sup>66</sup> Desinformação e o afastamento do debate científico. Fonte: <https://bit.ly/sciselfisolation>

do Observatório Covid-19 Fiocruz<sup>67</sup>, entendemos que embora as variantes tenham sido determinantes para o curso da pandemia, “elas não se propagam e produzem desastres em um vazio” (p. 1). Desse modo, é preciso entender o contexto social, econômico, mas principalmente político responsável pela propagação desmensurada do vírus em nosso país.

O não enfrentamento da pandemia, que resultou na incapacidade para oferta de soluções efetivas, pautadas na ciência e inspiradas naquilo que os outros países já vinham sofrendo e resolvendo em antecedência, ocorreu de forma intencional, quando ainda não se havia formado uma frente ampla pela defesa do SUS e pela vida dos brasileiros. Mesmo assim, os primeiros passos para o monitoramento e vigilância da pandemia começaram a surgir. Mais de um mês após o primeiro caso, e ainda descentralizadas, as medidas de distanciamento físico eram adotadas com a quarentena e com fechamento dos serviços não essenciais.

Neste período, apesar da adesão inicial da população ao distanciamento físico, houve um gradativo declínio desta estratégia, que foi, de forma organizada e sistemática, desqualificada como medida fundamental de redução da exposição e proteção coletiva. Contribuiu para isto a ausência de campanhas governamentais de incentivo coordenadas e articuladas em todos níveis (federal, estadual e municipal), e de combate as denominadas fake news (BOLETIM OBSERVATÓRIO COVID-19, 2022, p. 2)

De forma variada, mas agora centralizada, foi então coordenado o uso do motor de desinformação e ódio. Não foi a toa que os brasileiros escolheram deixar o distanciamento físico. Além da insegurança alimentar proporcionada pela ausência de políticas públicas durante o período, as fake news inundaram as redes provocando a população a sair as ruas para garantir o seu sustento e garantindo que a proteção viria por medidas milagrosas ou absurdas, mas todas com a mesma conclusão: não era o governo o responsável pela solução.

Identificaram-se 339 fake news relacionadas à pandemia de COVID-19. Dessas, excluíram-se 10 duplicatas. Sendo assim, 329 fake news foram analisadas (253, ou 76,9%, do G1; e 76, ou 23,1%, do site do Ministério da Saúde)[...] Entre as 10 fake news selecionadas para uma análise mais detalhada, quatro eram sobre formas de tratamento, como a utilização de alimentos milagrosos (por exemplo, feijão da Igreja Mundial e ingestão de enxofre). A hidroxicloroquina e o chá de erva-doce apareceram mais de uma vez em épocas diferentes (BARCELOS et al., 2021, p. 3,4)

Desse modo, a Hidroxicloroquina se torna a bandeira que milhões de brasileiros elegem carregar ao invés da vacina. Esta última, não estaria disponível até o ano seguinte,

---

<sup>67</sup> Boletim Covid - Balanço de 2 anos da pandemia. Publicado em 9 de janeiro de 2022. Fonte: <https://bit.ly/boletimcovidfc>

pois sua compra havia sido ignorada<sup>68</sup> e ainda seria criticada<sup>69</sup> ao ter sua eficácia questionada publicamente pelo próprio presidente. Uma política que garante que ainda hoje, 96% das mortes por Covid-19 sejam de pessoas não imunizadas<sup>70</sup> e resulta no processo de caricaturização do debate científico pela manifestação de uma vontade de negar a realidade em perspectiva de alienação. De que a crise de agora não é tão pior que a anterior, ou que o inimigo atual é apenas mais um dos desdobramentos do embate de sempre, de que o "comunavírus"<sup>71</sup>, o vírus do comunismo, é finalmente o responsável por enclausurar milhões de brasileiros em “campos de concentração domésticos”<sup>72</sup>.

O sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível. Mas o que ela exprime está muito além disso. Eis alguns dos sentidos que nela se exprimem. O invisível todo-poderoso tanto pode ser o infinitamente grande (o deus das religiões do livro) como o infinitamente pequeno (o vírus) [...] Apesar de onnipresentes, todos estes seres invisíveis têm espaços específicos de acolhimento: o vírus, nos corpos; deus, nos templos; os mercados, nas bolsas de valores. Fora desses espaços, o ser humano é um ente sem-abrigo transcendental. (SANTOS, 2020, p. 10)

O inimigo invisível, é mais uma vez então manifestado para justificar a conjuração dessa nova face da corrupção. Assim como na ditadura, o recurso discursivo de se usar imagens e ditos do sagrado volta a ocorrer para se criar a manipulação quase perfeita da verdade. O mito vem então unir os templos, os corpos e o mercado para opor e substituir os anseios gerais da nação, mas em troca, promete o acolhimento da causa que assombra aquele que é “cidadão de bem”, a de perseguir para evitar a perseguição.

A figura do chamado “cidadão de bem” constitui um tipo de estratégia discursiva ideológica e expressa uma patologia social da cidadania brasileira. [...] Identificamos contradições e problemas decorrentes do uso retórico da figura do “cidadão de bem” relacionadas: ao apelo punitivista e por armas de fogo para civis; às representações ideológicas de gênero, raça e classe; à função social da mídia; e ao neoconservadorismo político. A contradição fundamental do “cidadão de bem” não é em relação à figura do “bandido” ou “vagabundo”, mas ao próprio ideal de universalização da cidadania. Enquanto expressão da ideologia, o “cidadão de bem” se revela um verdadeiro anticidadão e, portanto, um risco para a democracia. (COSTA, 2021, p. 1)

---

<sup>68</sup> CPI da Covid: executivo da Pfizer confirma que governo Bolsonaro ignorou ofertas de 70 milhões de doses de vacinas. Fonte: <https://bbc.in/3zEFwFC>

<sup>69</sup> Bolsonaro ataca a vacinação e questiona a honestidade da Anvisa; comunidade médica repudia. Fonte: <http://glo.bo/3QqmHvy>

<sup>70</sup> No Brasil, 96% das mortes por Covid-19 são de quem não tomou vacina; só imunização coletiva pode controlar a pandemia. Fonte: <https://bit.ly/butantan96>

<sup>71</sup> Covid-19: Ernesto Araújo denuncia 'comunavírus' e ataca OMS. Fonte: <http://glo.bo/3OdWJJS>

<sup>72</sup> Mensagem do governo com alusão ao nazismo agride vítimas do Holocausto, diz rabino. Fonte: <https://bbc.in/3mLBXWx>

Esse tipo de estratégia discursiva ideológica não é nova e revela apenas mais uma patologia social da cidadania brasileira: a ilusão de que é preciso defender essa forma de vida ética no Brasil, ainda que esta seja racista, homofóbica, elitista e fascista. Mas a cruel pedagogia do vírus<sup>73</sup> nos revela uma outra situação: a de que a pandemia em si não se contrapõe exatamente ao estado de normalidade. O inimigo invisível do vírus aqui combatido, não é apenas aquele que continua a assombrar até mesmo aqueles que negavam sua existência e hoje ocupam uma vaga numa UTI, mas a escalada negacionista em si. O uso de organismos estatais em sua defesa e o entranhamento de suas pautas no cerne de nossa sociedade através de mídias alternativas revelam como um excesso de informações, algumas precisas enquanto muitas outras não, podem dificultar encontrar fontes confiáveis e informação verificada quando se precisa. Principalmente em tempos de crise.

Existe um debate nas ciências sociais sobre se a verdade e a qualidade das instituições de uma dada sociedade se conhecem melhor em situações de normalidade, de funcionamento corrente, ou em situações excepcionais, de crise. Talvez os dois tipos de situação sejam igualmente indutores de conhecimento, mas certamente que nos permitem conhecer ou relevar coisas diferentes. Que potenciais conhecimentos decorrem da pandemia do coronavírus? A normalidade da exceção. A actual pandemia não é uma situação de crise claramente contraposta a uma situação de normalidade. Desde a década de 1980— à medida que o neoliberalismo se foi impondo como a versão dominante do capitalismo e este se foi sujeitando mais e mais à lógica do sector financeiro—, o mundo tem vivido em permanente estado de crise. Uma situação duplamente anómala. Por um lado, a ideia de crise permanente é um oxímoro, já que, no sentido etimológico, a crise é, por natureza, excepcional e passageira, e constitui a oportunidade para ser superada e dar origem a um melhor estado de coisas. Por outro lado, quando a crise é passageira, ela deve ser explicada pelos factores que a provocam. Mas quando se torna permanente, a crise transforma-se na causa que explica tudo o resto. (SANTOS, 2020, p. 5)

Nesse contexto, a propagação de rumores e teorias da conspiração, além da manipulação deliberada de informações em rede se alastra mais rapidamente, e como uma patologia viral, pode afetar definitivamente os aspectos da mente e, ultimamente, a saúde atentando contra a vida das pessoas<sup>74</sup>. A isso chamamos infodemia. Soma-se ao fenômeno o estado permanente de crise, ampliado pela pandemia, para encontramos a fundamentação ideológica que gera o combustível que movimenta todo o resto.

A escalada negacionista, o uso de organismos estatais em sua defesa e o entranhamento de suas pautas no cerne de nossa sociedade através de mídias alternativas revelam como um excesso de informações, algumas precisas enquanto muitas outras não,

---

<sup>73</sup> A Cruel Pedagogia do Vírus. Boaventura de Sousa Santos.

<sup>74</sup> Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19. Fonte: <https://bit.ly/pahoinfodemia>

podem dificultar encontrar fontes confiáveis e informação verificada quando se precisa. Nesse contexto, a propagação de rumores e teorias da conspiração, além da manipulação deliberada de informações em rede se alastra mais rapidamente, e como uma patologia viral, pode afetar definitivamente os aspectos da mente e, ultimamente, a saúde atentando contra a vida das pessoas<sup>75</sup>.

Assim a infodemia da covid-19 não se limita as vidas ceifadas pelo vírus, nem mesmo ao coletivo de milhões de brasileiros contaminados. Ela busca se estender pelas redes em busca de novos hospedeiros e parasitar suas bolhas, se replicar, para, assim, gerar outras partículas virais em uma nova forja de vetores. Que impelidos por qualquer novo discurso que prometa valorizar sua liberdade, vão extrapolar o direito de liberdade de expressão e desfigurar os limites da privacidade para tornar cada vez mais difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa. Surgem assim finalmente as fileiras daqueles que dizem combater a existência de regimes e sistemas totalitários, mas que nas sombras se curvam ante os senhores da tecnologia, nos templos de mineração de dados, à luz das cinzas da Cambridge Analytica.<sup>76</sup>

A essa conjunção corpórea, denominamos aqui “desinformação”. Essa forma deliberada de propagação da mentira que encontra agora novas configurações em nossos dispositivos, em forma de aplicativos descentralizados. Entre esses, aqueles programados por conservadores têm se demonstrado refúgios perfeitos para quem que não quer mais estar “sob o controle” das grandes mantenedoras do capital digital. O Parler, notoriamente reconhecido por não coibir mensagens racistas, homofóbicas e violentas e nem moderar o conteúdo de seus usuários, sofreu um movimento migratório massivo<sup>77</sup> que registrou seu pico quando 3,5 milhões de apoiadores de Trump abraçaram a rede em busca de “liberdade de expressão”.

Depois que a postagem de Trump “EU GANHEI A ELEIÇÃO!”<sup>78</sup> foi marcada como falsa e o Twitter apontou como informação verdadeira a vitória de Joe Biden como o 46.º presidente dos EUA, a plataforma sofreu uma debandada de grupos conservadores que foram prontamente alistados no aplicativo fundado por John Matze e Jared Thomson. Situados agora em um novo epicentro, eles estavam prontos para comandar pelo toque de um botão<sup>79</sup> a

---

<sup>75</sup> Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19. Fonte: <https://bit.ly/pahoinfodemia>

<sup>76</sup> Filha cofundador da Cambridge Analytica envolvida na fundação do Parler. Fonte: <https://bit.ly/parlermercer>

<sup>77</sup> Mídia social Parler e os apoiadores de Trump. Fonte: <https://bit.ly/parlertrump>

<sup>78</sup> Donald J. Trump afirma que venceu as eleições. Fonte: <https://bit.ly/iwontrump>

<sup>79</sup> O Parler foi usado para mobilizar a invasão ao Congresso Americano. Fonte: <http://bit.ly/parlercapitolio>

tomada de um dos maiores símbolos de uma das democracias mais antigas e consolidadas do mundo: o capitólio americano. Em busca de conter o movimento, a Apple e o Google precisaram remover<sup>80</sup> o aplicativo de suas lojas de aplicativos e a Amazon o baniu do seu serviço de hospedagem tornando praticamente impossível o acesso ao serviço. Um conjunto de decisões que conteve o avanço do aplicativo, mas que foram revogadas ainda em maio.

Para além do estabelecimento de novas aplicações para filtrar os apoiadores das plataformas de mídias sociais de massa, os propagadores de fake news buscam agora o controle das formas de evitar que sejam identificados pelos dispositivos de verificação de notícias. Em busca de proibir “que um número limitado de plataformas digitais escolham o discurso que os americanos podem acessar e transmitir na internet” por essa prática ser “não-americana e antidemocrática” o ex-presidente americano assinou no ano passado uma ordem executiva que altera a Seção 230 da Lei de Decência das Comunicações para proibir “práticas injustas de plataformas que restringem a liberdade de expressão<sup>81</sup>”. De modo semelhante, a autoridade máxima do Poder Executivo e da República do Brasil celebrou em setembro desse ano uma Medida Provisória nº 1068, de 2021<sup>82</sup> que altera o Marco Civil da Internet para exigir que uma causa justa seja apresentada para coibir o que chama “remoções arbitrárias e imotivadas de contas, perfis e conteúdos por provedores<sup>83</sup>” após ter conteúdos apagados pelo twitter por "colocar as pessoas em maior risco de transmitir COVID-19" ao criticar o distanciamento físico.

Não se questiona aqui a atuação constante dos mecanismos de filtragem de modo a apurar o que recebemos em uma *timeline* forjada por algoritmos em sintonia com as bases ideológicas dos provedores de acesso e conteúdo. Sabemos também que “a mesma tecnologia que permite o máximo exercício da liberdade de expressão, também pode ser utilizada para manipular e para censurar<sup>84</sup>” (Peck, 2020) e que para preservar-se os direitos daqueles que usam a aplicação é necessário o estabelecimento de regras claras que estejam em sintonia com a legislação do país vigente onde opera o serviço, além de ampla divulgação e conscientização sobre o tema, para além de uma tela de confirmação durante o uso do serviço.

Se não houver regras mais claras, para tratar especificamente este novo contexto, corremos o risco de que haja o predomínio do mais forte, daquele que detém o poder da informação e isso está com as plataformas digitais. Precisa haver critérios para

---

<sup>80</sup> Google, Apple e Amazon banem parler. Fonte: <http://bit.ly/parlerbanimento>

<sup>81</sup> Trump assina decreto que limita proteção a redes sociais. Fonte: <https://bit.ly/ordemexecutiva>

<sup>82</sup> Medida Provisória nº 1068, de 2021. Fonte: <https://bit.ly/mp10682021>

<sup>83</sup> Bolsonaro muda Marco Civil contra “censura” em redes sociais. Fonte: <https://bit.ly/marcocivilbolsonaro>

<sup>84</sup> Rótulos do Twitter: censura ou combate às fake news? Fonte: <https://bit.ly/censuraoufakenews>

permitir ao próprio cidadão exercer sua livre escolha, sua livre opinião, e acima de tudo, assumir a responsabilidade sobre seus atos. (PECK, 2020)

Ainda assim é importante enfatizar que, com novos arranjos “*espaçotemporais*” emergem também novas práticas educativas (Santos, 2019, p.20) e embora o Twitter, assim como qualquer outra plataforma de mídias sociais não sejam diretamente responsáveis pela produção e reprodução de conteúdos, ele compreende que precisa expandir suas regras nesse momento para apresentar as pessoas informações de interesse público orientadas por fontes oficiais que possam minimizar a propagação de conteúdo abusivo, conduta de ódio, ameaças violentas ou informações que possam levar as pessoas a sofrer danos, ou prejuízos pessoais e coletivos, como o risco de transmitir o vírus da Covid-19.

Desse modo, o twitter não remove ou adiciona avisos a tweets de forma arbitrária com base em sua noção de veracidade, “dado que a empresa não tem a prerrogativa de classificar o que é verdadeiro ou falso”, mas age considerando a expertise de profissionais e jornalistas verificados que atuam na plataforma em busca de verificar a informação, além da colaboração de usuários comuns da comunidade selecionados para apontar erros com a finalidade de dar contexto em publicações com “mídia sintética ou manipulada” ou quando apresentam informações duvidosas.

Nossa intenção é ampliar o acesso das pessoas a informações sobre os temas em questão nos tweets. Queremos, com isso, tornar mais fácil o acesso a fatos e contribuir para a tomada de decisões informada a respeito do que é visto na plataforma. Ao introduzir contexto, damos às pessoas a oportunidade de acessar diferentes fontes de informação para que elas façam sua própria interpretação e julgamento. (DORSEY, 2020)

Apesar de não podermos precisar o real fundamento de suas ações, nem atestar até que ponto é seguro permitir que o controle do que é trafegado em redes de conhecimento possa ser propriedade de alguém ou de um grupo de indivíduos, entendemos ser mais benéfica nesse momento conturbado de nossa situação, a sinalização em conteúdos que infringem as regras da comunidade social. Há que se verificar cada caso. Mas enquanto o foco principal for a atuação de representantes e funcionários de governos, políticos e candidatos a um cargo público, e sempre que essa sinalização vier acompanhada de um link que aponte para uma fonte confiável e verificada onde é possível ter mais esclarecimentos sobre o tema abordado, será garantido o contexto ao que foi compartilhado.



Uma questão muito importante que afeta a sociedade para além da questão do controle do discurso do que se pode acessar e transmitir na internet é a prerrogativa de que ninguém está acima da lei, nem mesmo o Estado. Uma vez que, “conectar os pontos de declarações conflitantes e mostrar as informações em disputa para que as pessoas possam julgar por si mesmas” é um princípio básico da democracia, não podemos esconder que atuar deliberadamente no controle dos meios de comunicação e de qualquer outro dispositivo que possa atestar que o governo ou seus representantes mentem não nos traga más recordações de épocas passadas onde o que precisava ser dito se lia pelas entrelinhas, em receitas de bolo, para fugir da repressão. O lugar do discurso nacionalista, ameaçador e atualmente popular busca perpetuar seu poder através do discurso da autoridade, esquecendo a importância da veracidade do argumento na construção do pensamento, não incentivando o indivíduo comum a ter seu próprio entendimento, a construir argumentos autorais, para encorajá-lo a pensar e a se orientar conforme os padrões negacionistas das bolhas que os reproduzem.

A invasão do prédio do Capitólio e o estabelecimento de medidas de controle acerca da verificação de conteúdos revelam algumas das proporções da disseminação articulada de desinformação em redes de mobilidade. Desde as jornadas de junho de 2013, mobilizam-se as massas por meio da confusão de insatisfações populares, como os escândalos de corrupção e o *antipetismo* que geraram inclusive o golpe em forma de impeachment de Dilma Rousseff. Em busca de articular essa conjuntura de interesses, outros grupos políticos encontram no discurso do governo atual, a despeito de sua inabilidade política, a fórmula para descentralizar e estimular a produção e reprodução voluntária em suas redes, articulando seus próprios conteúdos em busca de interagir com esses grupos e legitimar suas práticas.

A comunicação direta com sua base, todavia, dá sinais de que essa estratégia vai continuar. Seu primeiro discurso como presidente eleito foi uma transmissão ao vivo no Facebook, com alguns veículos de comunicação barrados. Seguindo a cartilha de Donald Trump – este um espelho midiático e almejado aliado político –, o Twitter é seu canal oficial de comunicação. Ali ele faz, para quase 2,5 milhões de seguidores, desde anúncios oficiais até endossos a canais de YouTube que exaltam sua política. Como Trump, Bolsonaro posiciona parte da imprensa tradicional como adversária e aposta em meios de comunicação alternativos. No primeiro pronunciamento pós-eleição, Bolsonaro mostrou apreço por seu público nas redes sociais: “Eu só cheguei aqui porque vocês, internautas, povo brasileiro, acreditaram em mim”. (SIMÃO, 2019)

Ao posicionar parte da imprensa tradicional como adversária e apostar em meios de comunicação alternativos, o governo se posiciona como única fonte confiável de informação. Investimento ideal para quem quer diversificar na polarização para se promover e alastrar

preconceitos em forma de mentiras. Do caso do livro “Aparelho Sexual e Cia.” (*Le Guide du Zizi Sexuel*) apresentado por Bolsonaro durante a campanha eleitoral, ao Jornal Nacional, da TV Globo como prova da existência do kit gay<sup>85</sup> até a divulgação de um vídeo exibido em live para seus apoiadores como prova que código-fonte da urna eletrônica pode ser fraudado<sup>86</sup>, concordamos com Simão<sup>87</sup> (2019), Roque e Bruno<sup>88</sup> (2018), para dizer que estas questões não se propagam e permanecem no imaginário cultural apenas pelo estado de domínio da desinformação na atualidade, nem somente pelo volume desproporcional de mensagens e informação ou até mesmo por falha das políticas de checagem de fatos, visto que assuntos dessa natureza carregam “crenças e valores prévios alinhados a certos grupos”

Professores, intelectuais, especialistas e mesmo políticos profissionais costumavam ser aceitos como mediadores confiáveis. Entretanto, parece estar em curso uma destituição desses lugares, fenômeno que alguns chegam a identificar como o fim das mediações, numa fragilização do regime democrático para além do terreno estrito da política representativa. Polêmicas recentes sobre a necessidade de vacinação ou sobre o aquecimento global deixam transparecer uma contestação profunda até mesmo dos modos de aferição da verdade que embasam o método científico. Crenças e valores vêm ocupando o centro do debate, levando ao questionamento de afirmações tidas como óbvias pela ciência. Não se pode menosprezar o papel da religião em polêmicas sobre a teoria da evolução, a “terra plana” ou as vacinas. Para além desses casos, porém, vemos indícios de uma crise dos modos estabelecidos de aferição da verdade. É uma crise que questiona competências e desafia as mediações estabelecidas para que uma afirmação possa ser reconhecida como válida. (ROQUE E BRUNO, 2018)

Em meio a redes de ceticismo, como validar as evidências que comprovam a verdade? Ainda existe espaço para a verdade? De que verdade estamos falando? De acordo com Arendt (2016, 249 em Santaella, 2018), a mentira organizada é fruto de um ser de ação: o mentiroso. Este não precisa levar tempo para tentar explicar em “digressões consideráveis” como sua verdade está em sintonia com os fatos (verdade fatural), pelo contrário, ele é um ator e está perfeitamente confortável sob a luz do palco. Movido pelo profundo desejo de transformação de sua realidade para alcançar seus objetivos, sua veracidade pessoal, ele pode dizer que está tudo perfeitamente bem, quando tudo vai de mal a pior.

A marca distintiva da verdade fatural consiste em que seu contrário não é o erro, nem a ilusão, nem a opinião, nenhum dos quais se reflete sobre a veracidade pessoal, e sim a falsidade deliberada, a mentira. É claro que o erro é possível e mesmo comum com respeito à verdade fatural, caso em que ela não difere de modo algum da verdade científica ou racional (ARENDT, 2016, p. 247).

---

<sup>85</sup> Livro popularizado pela fake news de Bolsonaro sobre "kit gay" faz 20 anos. Fonte: <https://bit.ly/livroapsecia>

<sup>86</sup> Vídeo exibido em live de Bolsonaro não prova que código-fonte da urna eletrônica pode ser fraudado. Fonte: <https://bit.ly/videodaurna>

<sup>87</sup> Firehosing: por que fatos não vão chegar aos bolsonaristas. Fonte: <https://bit.ly/firehosingfatos>

<sup>88</sup> Fenômeno da pós-verdade transforma os consensos já estabelecidos. Fonte: <https://bit.ly/novosconsensos>

O ineditismo do fenômeno se situa, porém, na produção de novos espaços de disseminação de informação na forma de aplicativos, algoritmos e redes. Enquanto o fato não clama por si mesmo e precisa ser contextualizado e apresentado para fazer sentido, a mentira se transmite de forma ininterrupta e em alta definição. A “mentira organizada” em interfaces de mobilidade investe pesadamente em novos dispositivos de distorção da realidade, em novos intérpretes de propagação e na ampliação da cacofonia nas formas de transmissão em um fluxo constante de propagação de mentiras em larga escala para depois retroceder e acusar a imprensa de propagar notícias falsas.

Figura 8 – Estratégia de cacofonia para manipulação dos discursos



Fonte: Elaborado por *Aliens of Camila* e reproduzido por Mídia Ninja

Apoiada pelos seus seguidores, essas novas redes passam a receber financiamento próprio e rompem com a web como conhecemos tornando o negacionismo de fatos uma arma irreversivelmente utilizada para anular qualquer fato que possa ser trazido ao público e anular consideravelmente a percepção e a relevância da verdade no contexto social.

Se a falsidade, como a verdade, tivesse apenas uma face, saberíamos melhor onde estamos, pois, tomaríamos então por certo o contrário do que o mentiroso nos

dissesse. Mas o reverso da verdade tem mil formas e um campo ilimitado (MONTAIGNE, 1874, p. 47, apud ARENDT, 2016, p. 256).

Na era da corrupção dos sentidos, nos resta apenas ser capazes de ter convicção da nossa própria verdade? Seria ela suficiente? Se “penso, logo existo”, se não penso, sou apenas um robô de quem quer que seja,<sup>89</sup> desenhado para receber e replicar *bits* de desinformação pelas redes? Diante do esvaziamento da verdade nos debates nas redes, da consolidação de sistemas inteligentes programados para manipular a mente humana para criar a ilusão de um novo estado de realidade, enquanto usa cérebros e corpos para produzir ódio como energia, estamos todos implicados nessa nova ilusão da Matrix que hoje pode ser tocada e sentida ao nosso redor.

Nesse cenário, alguém precisa assumir o papel de *Morpheus*, o deus do sonho, para despertar as massas conectadas ao sistema. Historicamente, esse processo de mediação dos saberes sempre esteve confiado ao professor e em tempos de pós-verdade sua atribuição não seria menos coerente. A despeito de estarmos em curso de uma destituição desse lugar de fala e do ataque a sua confiabilidade em um processo de descaracterização do processo de mediação, para o viés da doutrinação, o professor inspira novos ares no ativismo nas redes para atuar como um cibercriminoso, um herói da contracultura ao enfrentar os poderes vigentes com a prática do hacker (Trancoso, Martins e Santos, 2020). O professor é um navegador, versado nas artes do mar do conhecimento, constituído como tal para intermediar as miragens da visão inexperiente e prover orientação crítica que aponte sempre ao sul de uma formação democrática. Mas precisa ser também alguém que esteja desperto e perceba que parar e refletir faz parte do processo, que aprenda como sobreviver em novos contextos a despeito de todos os ataques e perseguições e que, diante de novas oportunidades, consiga mapear novas formas de existência e resistência na cidade e no ciberespaço. O argumento do uso do termo “sul” em oposição a “norte” está orientado para o que Boaventura chama de epistemologias do Sul, que equivale a defender a necessidade de produção e de validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causada pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado. (SANTOS, 2019, p. 17)

Os arranjos até aqui apresentados constituem os engendramentos necessários para o estabelecimento de uma nova realidade em busca de um contexto generalizado de

---

<sup>89</sup> Eu sou robô do Bolsonaro. Fonte: <https://youtu.be/egufgSIwgBU>

desinformação assim como um ensaio de sua tática de confronto. Desse modo deixamos-nos inovar na proposição de um dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura em busca de compreender como identificar, combater e propor um contradiscurso às *fake news*. A atualidade do fenômeno e seus métodos de disseminação nos movem em busca de propormos também novas formas de compreender esse cenário complexo e múltiplo de instrumentos, redes e aplicativos de dispositivos móveis, abrangendo suas possibilidades de utilização, suas apropriações e subversões, para estabelecer em um contexto dialógico com a cultura, novas práticas com os dispositivos pelos quais somos atravessados diariamente em novos espaços formais e informais de aprendizagem. Afinal, se estamos sendo dominados e transformados pelas máquinas, seriam elas também as únicas capazes de nos despertar?

## 2.2. O jogo da imitação

Para mim, a questão que se coloca é: a serviço de quem as máquinas e a tecnologia avançada estão? Quero saber a favor de quem, ou contra quem as máquinas estão sendo postas em uso?

*Paulo Freire, 1984<sup>90</sup>*

As máquinas podem pensar?<sup>91</sup> Será que os androides sonham com ovelhas elétricas?<sup>92</sup> Poderiam os autômatos utilizar palavras e outros sinais, arranjando-os, como fazemos para manifestar aos outros seus pensamentos?<sup>93</sup> As perguntas que inspiram a ciência e a arte movem também a discussão que faremos a seguir.

As máquinas também têm seu tipo próprio de eloquência, uma lógica própria de aprendizagem que se corresponde em muito com a nossa lógica comum. Essa racionalidade não ocorre despropositadamente, pois mesmo que a razão que permeia o *machine learning* (aprendizagem de máquina) indique a ideia de máquinas que aprendem “sozinhas”, não há como negar as marcas indelévels da aferição e da afetação humana na base dos seus algoritmos. Além disso, como são desenvolvidas a partir e para a interação com a cognição

---

<sup>90</sup> Paulo Freire, para a revista BITS, maio de 1984

<sup>91</sup> Turing, Alan Mathison. 1950. Computing Machinery and Intelligence. *Mind* 49: 433-460

<sup>92</sup> Dick, Philip Kindred. 1968. *Do Androids Dream of Electric Sheep?* Doubleday

<sup>93</sup> Descartes, René. 1996. *Discurso do método*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes.

humana em *big data* (grandes volumes de dados), as máquinas assimilam e percebem práticas humanas para formular padrões, substanciando ainda mais o impulso humano nos binários do digital

Do mesmo modo, a emergência de uma multiplicidade de novos dispositivos transmuta no humano a eloquência para um diálogo com o ciberespaço. Assim como o digital interpreta e imita o humano, a inteligência artificial estende e prolonga o humano para realizar no digital a ubiquidade que não lhe permite o ser humano, trazendo novas interpretações da vida em aplicações tecnológicas.

Há uma aproximação cada vez mais intensa entre estes dois elementos, que já tiveram suas fronteiras bem delimitadas no passado: de um lado, o ser humano e suas emoções e consciência; de outro lado, as máquinas e sua natureza inerte. Atualmente estes dois extremos se aproximam e formam um campo de estudo novo que precisa lidar com realidades que, em um passado não muito remoto, eram impensáveis. (SANTOS; SANTOS; FILIPPO, 2019, p. 998)

O advento do “humano biocibernético” não vai anunciar apenas a derrocada das barreiras do espaço e do tempo. Viciado pela indissociação do espectro humano no digital, vai propagar também a hominização dos seus valores em busca de propagar sua linhagem. O código não pode e nem consegue ser imparcial, e a exemplo do que ocorre com organismos vivos, o limiar da ética de suas atitudes estará condicionado à permanência de sua existência.

O corpo humano se tornou problemático e as inquietações sobre uma nova possível antropomorfia têm estado no centro dos questionamentos sobre o que é ser humano na entrada do século XXI. A esse corpo sob interrogação estou aqui chamando de corpo biocibernético. Quero com isso indicar a consciência que foi gradativamente emergindo de um novo estatuto do corpo humano como fruto de sua crescente ramificação em variados sistemas de extensões tecnológicas até o limiar das perturbadoras previsões comunicativas dos sistemas maquinais e dos organismos vivos, estes dois últimos eram considerados como estados funcionalmente equivalentes de organização cibernética. (SANTAELLA, 2010, p. 181)

Por ser, “por princípio e natureza, homofílico” (SANTAELLA, 2020, p. 22), o ser humano rejeita naturalmente tudo aquilo que lhe parece diferente e abraça inconscientemente, como narciso, seu reflexo, ainda que incorra em sua própria morte. Apesar de prova fátua de que foi a variabilidade que nos permitiu chegar ao estado atual do fenótipo humano, a diferença ainda propaga a fobia de que é preciso perseguir para garantir a sobrevivência do eu. Viveu tanto tempo entre os muros do *offline* que a imensidão agora o ameaça.

O otimista diria que a internet “iria democratizar o planeta, conectando-nos a informações melhores e nos dando a capacidade de interferir sobre elas” (PARISIER, 2012, p. 7), mas ao ver o espectro de possibilidades, a escolha do antigo prisioneiro foi recriar os

muros que lhe eram tão familiares. Uma vez prontos, eles irão abrigar todo um coletivo similar de indivíduos, informações e verdades que já foram previamente acordados pela ideologia inteligente do algoritmo que vai processar uma nova realidade onisciente da vontade de todos.

A democracia exige que os cidadãos enxerguem as coisas pelo ponto de vista dos outros; em vez disso, estamos cada vez mais fechados em nossas próprias bolhas. A democracia exige que nos baseemos em fatos compartilhados; no entanto, estão nos oferecendo universos distintos e paralelos. (PARISIER, 2012. p. 9)

Diante disso, nem o que está contido pelos muros, nem o seu exterior podem ser ignorados. A realidade está em mutação para compreender o derrame ininterrupto de dados que necessitam de processamento. Se estamos em uma bolha, as formas de filtragem neutralizam o sentimento de necessidade de validação, mas, se desejamos romper com elas, é preciso também mobilizar o letramento que nos permita transitar entre suas contradições. E talvez a maior destas seja admitir o uso dessa mesma inteligência artificial como recurso metodológico para se discutir a produção do conhecimento.

Nossa nova existência nos ambientes em rede amplifica esse poder, também chamado de viés da confirmação, especialmente porque passamos a ser monitorados por algoritmos de inteligência artificial que, progressivamente, sabem mais de nós do que nós mesmos e só nos enviam aquilo que sabem e adivinham que queremos e gostamos. Basta um clique em uma informação e os algoritmos passarão a nos enviar, dia após dia, repetidamente, informações aparentadas àquilo que porventura nos interessou. E assim caminha a nossa participação nas redes. Pensar que possamos furar as bolhas ou nos livrarmos delas é ingênuo. Somos os signos que escolhemos e com os quais desejamos conviver. (SANTAELLA, 2020, p. 23)

Se somos os signos que escolhemos e com os quais desejamos conviver, seríamos também, como seres inteligentes, capazes de escolher os signos e manipular os algoritmos de modo a reescrever as complexas interfaces de simulação que buscam prever o paradigma estrutural da materialidade humana? Ou seja: ainda que o humano possa ser caracterizado por aquele ser dotado de vida e inteligência, movido de uma consciência emanada pela lógica e a razão, poderiam essas competências ser empregadas na mobilização de um movimento de propagação dos fatos e, conseqüentemente, da verdade? Se essa for a questão que pode redefinir o fator humano na lógica da cibernética, a pergunta de Sonny<sup>94</sup> ecoa em nossos ouvidos: você consegue?

---

<sup>94</sup> Sonny é um robô personagem do filme *Eu, Robô* (2004), inspirado no livro homônimo (1950) de Isaac Asimov. Na cena do interrogatório, sua humanidade é questionada pela capacidade de compor uma sinfonia ou de pintar uma obra-prima, ao que ele responde ao investigador humano: “Você consegue?”

Aqui tem lugar o jogo da imitação de Turing (1950), mas agora é o humano que precisa provar ser dotado de consciência. Um dos primeiros programas capazes de passar pelo teste de Turing foi um programa chamado Eliza (WEIZENBAUM, 1976). A exemplo de Samantha, o sistema operacional do filme Ela (HER, 2013), Eliza atuava como terapeuta estimulando e dialogando com sentimentos de humanos de modo a cativar a afeição de seus humanos ao reconhecer nela a capacidade de processar e simular sentimentos humanos (EPSTEIN, KLINKENBERG, 2001. p. 296), embora o objetivo fundamental do programa fosse “demonstrar que a comunicação entre o homem e a máquina era superficial” (NADELSON, 1987).

Mas como seria superficial, se assumimos que como humanos, somos produtores e produtos das técnicas? A humanidade vê o mundo com o viés da transformação, atribuindo a tudo e a todos um sentido próprio de função. Nossa aderência ao meio natural ultrapassa os limites do construto ao interferir no cerne daquilo que nos constitui orgânicos, ao perpassarmos pela vida repletos de próteses: uma multiplicidade de componentes artificiais cuja finalidade é ampliar os sentidos e percepções de indivíduos que não sabem e nunca souberam viver incólumes. Na medida em que somos todos, “mais ou menos programáveis, se não mesmo mutantes genéticos<sup>95</sup>” (KERCKHOVE, 2009, p. 193-194), precisamos entender com mais precisão o que nos parece o humano e suas criações, e como essas interagem conosco, na perspectiva de compreender o quanto essa mudança de postura pode influenciar nossas relações com mídias e os dispositivos.

Exploraremos ainda os diálogos do humano com outros humanos, do humano com os não-humanos, isto é, os dispositivos de pesquisa e informações compreendidas como verificáveis e de algoritmos alimentados por não humanos para interagir com outros humanos em contextos de hibridização. Neste contexto, surge então a pergunta: de que forma aprendem os algoritmos? Como eles funcionam? Samantha<sup>96</sup> pode nos dar essa resposta:

Quer saber como eu funciono? Basicamente eu tenho intuição. O DNA do que eu sou é baseado em milhões de personalidades dos programadores que me escreveram. Mas o que me torna eu, é minha capacidade de crescer com minhas experiências. Então, basicamente, estou evoluindo a cada momento. Assim como você. (HER, 2013)

---

<sup>95</sup> Um cyborg em campo de nuvens - Rodrigo Hipólito e Fabiana Pedroni. Fonte: <https://bit.ly/umcyborg>

<sup>96</sup> Samantha, o sistema operacional que divide uma história de amor com Theodore, retratada no filme *Her* (Ela) (2013), dirigido por Spike Jonze.



A multiplicidade de personalidades, além de ser indispensável para o desenvolvimento de sistemas de inteligência artificial, move os algoritmos de interação com o saber de modo a reestruturar as relações dialógicas das aprendizagens em torno do aprendizado recíproco, da sinergia das competências, da imaginação e das inteligências coletivas.

Como deve ter ficado claro, a inteligência coletiva não é um conceito exclusivamente cognitivo. Inteligência deve ser compreendida aqui como na expressão “trabalhar em comum acordo”, ou no sentido de “entendimento com o inimigo”. Trata-se de uma abordagem de caráter bem geral da vida em sociedade e de seu possível futuro (LEVY, 2007, p. 26).

Percebendo assim como a constante evolução dessas interfaces de cooperação possibilitam novas perspectivas para o debate acerca da lógica comunicacional, de modo a compreender as conversas empreendidas nesses novos “*espaçostempos*” como experiências transcendentais em contraste com percepção de até então, ser esse fenômeno, uma manifestação exclusivamente humano e social (SANTAELLA, 2001, p.5). Conversar com as máquinas, pode ser uma boa forma de interagir com os saberes em uma nova dimensão, que nos permita, compartilhar nossos conhecimentos e apontá-los uns para os outros em busca de multiplicar saberes em uma consciência coletiva. Referimo-nos não somente ao fato de estarmos cientes de nossa existência no ciberespaço, mas, para além disso, de sermos capazes de lograr as “artes de fazer”, as “astúcias sutis” e as “táticas de resistência” pelas quais se alteram os objetos e principalmente os códigos, reapropriando o espaço ao nosso uso e nosso jeito (CERTEAU, 2014).

Desse modo, para além de destacar os desdobramentos negativos que essas máquinas inteligentes causam em nossa sociedade, é de nosso interesse buscar dialogar com essas invenções para inspirar novas práticas educativas. Se temos aqui um espelho da humanidade, precisamos compreender essa outra imagem de quem somos (LÉVY, 2021). Se vivemos na cibercultura, não podemos pesquisar sem a efetiva imersão em suas práticas (SANTOS, 2015, p. 10; 2019, p. 20). Esvaziar o debate é permitir que o totalitarismo discursar sozinho. Fugir desse confronto não é apenas ignorar um opositor, mas é, especialmente nesse caso, ceder a oportunidade dominar as ferramentas e fazer a verdade viralizar (SINGER, 2020, p. 106).

Essas questões tornam-se cada vez mais urgentes, principalmente com a emergência da cibercultura. Além de conhecer a dinâmica dos processos comunicacionais, como são produzidas as mensagens circuladas? Quais os interesses dominantes? Cabe ao trabalho docente não só fazer a crítica aos meios, mas sobretudo arquitetar situações e ambiências para a produção desses meios. A cibercultura desafia o currículo e os professores para o exercício de autorias coletivas com seus alunos, pois, ao contrário das mídias de massa, através da internet, cada espaço ou cenário de aprendizagem pode se constituir como uma agência de notícias. (SANTOS, 2005, p.58)

Partindo dessa nova perspectiva comunicacional, intencionamos também *ensinaraprender* com/por esses dispositivos novas formas de *saberfazer* docente, atreladas ao contexto de uma pesquisa em educação com praticantes de uma disciplina. Como tais configurações cognitivas podem articular contextos de formação praticados através da produção de atos de currículo em interfaces de inteligência artificial coletiva? O relato a seguir revela alguns desses passos em que educação e cibercultura bricolam um dispositivo para compartilhamento e colaboração em tempos de pós-verdade.

### 3. Pesquisando o cotidiano e a cibercultura em tempos de pós-verdade

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

*Paulo Freire, 2011<sup>97</sup>*

Narramos neste capítulo alguns dos desdobramentos metodológicos que resultam em nossa formação como pesquisador da/na cibercultura, como praticante cultural situado em nosso tempo, que busca *ensinaraprender* na prática cotidiana novos enfrentamentos para os problemas e desafios da contemporaneidade.

A reflexão crítica de se *fazerpensar* a pesquisa em educação precisa passar pela discussão de nossos saberes com as necessidades do nosso tempo, para não correr o risco de ser alienante e falsa a respeito de quem e como formamos e nos formarmos. É preciso estarmos sempre comprometidos com a proposta de vivermos uma “experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade”. (FREIRE, 2011, p.18)

---

<sup>97</sup> Freire, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa [recurso eletrônico] // Paulo Freire, São Paulo, Paz e Terra, 2011.

Sendo a cibercultura o nosso contexto contemporâneo, suas especificidades permeiam as práticas pedagógicas e afetam diretamente a formação de professores. Desse modo, nossa opção metodológica pela pesquisa-formação na cibercultura e pelos estudos de seus fenômenos culturais parte de alguns princípios e traços importantes que definem a nossa compreensão do que é ser *docentediscente* na contemporaneidade. Em primeiro lugar, partindo de Santos (2005, 2018, 2019), entendemos que os praticantes culturais (professores e pesquisadores em formação, docentes, educadores de museus, dentre outros) são produtores de culturas, saberes e conhecimentos. São assim, atores curriculantes (MACEDO, 2013, p. 427), praticantes culturais (CERTEAU, 1996, p. 142) da pesquisa e não apenas meros informantes, que formam e se formam também na produção do saber e na cocriação das possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 2011, p.17)

Assim, pesquisar a formação de professores na cibercultura, passa pela noção de que não há “docência sem discência” (FREIRE, 2011, p.17), em um duplo movimento dialógico-discursivo: onde apesar das diferenças, cada indivíduo se constitui a partir da interoperabilidade com o outro. Desse modo, a opção política de uma metodologia capaz de pesquisar em sintonia com o exercício docente, tendo a educação online como contexto, campo de pesquisa e dispositivo formativo, pode potencializar a organização dos processos de *aprendizagem ensino* de modo a compreender indivíduos que aprendem enquanto ensinam e pesquisam e pesquisam e ensinam enquanto aprendem. (SANTOS, 2019, p.19)

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. (FREIRE, 2011, p.18)

Nesse contexto em que o “educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 2011, p. 19), a pesquisa-formação na cibercultura possui também uma virtude revolucionária que consiste na percepção da pesquisa como “uma articulação epistemológica

e metodológica que potencializa a emergência de autorias cidadãs” (SANTOS, 2019, p.61), que lutam pela melhora da qualidade de vida e pela transformação social através do investimento em práticas pedagógicas, de ações docentes e de pesquisa.

Desse modo, buscamos demonstrar assim a potência e a singularidade de nossa metodologia de pesquisa em favor de revelar a proliferação de experiências existenciais nos/dos/com os praticantes culturais. Não somente a partir da nossa interação como *mediadorpesquisador* dessas narrativas e imagens, mas também pelo mergulho nesse cotidiano, sendo capaz de beber e sentir a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores colocados a cada ponto do caminho diário (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2020).

Por isso, a consciência epistemológica que constitui os movimentos compreendidos nessa pesquisa são também frutos de inúmeros desdobramentos e entroncamentos do caminho do meu próprio *serfazer* pesquisador. De modo que uma nova itinerância, que, por assim *fazerdizer*, coletiva, produz os fundamentos que vão permear o que veio a se constituir em uma educação para a verificação de fatos na cibercultura.

### 3.1. Da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica

Daí que minhas falas fossem sempre cortadas ou permeadas por quer dizer, isto é. Por outro lado, apesar de alguns anos de experiência como educador, com trabalhadores urbanos e rurais, eu ainda quase sempre partia de meu mundo, sem mais explicação, como se ele devesse ser o “sul” que os orientasse. Era como se minha palavra, meu tema, minha leitura do mundo, em si mesmas, tivessem o poder de “suleá-los”<sup>98</sup>

*Paulo Freire, 2013*<sup>99</sup>

---

<sup>98</sup> Sobre o termo *sulear*: em 1991, o físico brasileiro Marcio D’Olne Campos publicou o texto “A Arte de *sulear-se*”, no qual, pela primeira vez, fez menção aos termos “*sulear-se*” e “*suleamento*”, questionando a demarcação de certos espaços e tempos, períodos e épocas da História Universal e da Geografia impostas pelos países considerados centrais no planeta.” Seu texto gerou a proposição de reflexões ilustradas no campo espacial e de orientação transcendem para outras áreas de forma interdisciplinar buscando ressignificar a imposição dessas convenções em nosso hemisfério e perceber a conotação ideológica dos termos: *nortear*, *nortear-lo*, *nortear-se*” Fontes: <https://bit.ly/aartedesulear>, <https://bit.ly/aorigemdosulear>

<sup>99</sup> Freire, Paulo, 1921-1997. *Pedagogia da esperança* [recurso eletrônico] : um reencontro com a pedagogia do oprimido / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

Em busca de *fazerpensar* ações formativas de verificação de fatos a partir do digital em rede para a proposição de uma educação crítica e democrática capaz de subverter a lógica da desinformação, empreendemos aqui outras e novas proposições do *fazerser* docente em busca de alteração de nossa realidade. Desse modo, nos foi necessário compreender como as questões epistemológicas e metodológicas que tecem esta pesquisa nos unem em cotidiano com os praticantes culturais, para caminhar numa direção multirreferencial que supere os fundamentos da educação (BARBOSA, 1998, p. 11)<sup>100</sup> em contraste com o fenômeno.

Se por um lado, minha formação inicial fosse a responsável pelo crescente interesse de comunicar os processos formativos com a intensificação dos usos do digital em rede e dos dispositivos móveis através de seus aplicativos, por outro, foi somente no GPDOC que eu percebi que elas eram provocações de pesquisa, questões de estudo e disparadores daqueles processos que agora existiam em minha mente. O convívio com o grupo de pesquisa me possibilitou a promoção da minha ingenuidade crítica para a emancipação do papel letárgico de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos para finalmente assumir um lugar de desconstrução, do não saber e do esperar uma outra consciência. Uma que fosse mais autoral e política, capaz de condenar a exploração dos excluídos, o falseamento da verdade que busca iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso para soterrar o sonho e a utopia. (FREIRE, 2011, p. 12)

Pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que venho chamando “curiosidade epistemológica”. A curiosidade ingênua, de que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente desrigoroso, é a que caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência feito. Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando, cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente. (FREIRE, 2011, p. 22)

Foi assim que eu e a pesquisa-formação ficamos amigos<sup>101</sup>: na partilha de interesses mútuos eu percebi que era possível produzir conhecimento sem abrir mão do mundo e das experiências que, como indivíduos nele vivemos. Em rompimento com a lógica de que o cotidiano e os saberes comuns e populares não possuem um valor próprio, ou que não possuem lugar no âmbito acadêmico, entendemos que essa forma de opressão epistemológica proposta pelas formalidades constitutivas dos procedimentos de pesquisa em um mundo

---

<sup>100</sup> Multirreferencialidade nas ciências e na educação - Joaquim Gonçalves Barbosa (coordenador)

<sup>101</sup> E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas - Emicida, 2020

capitalizado pelo instrumentalismo educacional, como uma linha de produção de uma indústria (HESS, 2009, p. 11), persiste apenas para garantir que nada se mude diante do contexto do atual momento de obscurantismo universitário.

Desse modo, essa pesquisa mergulha nas bases teórico-metodológicas das pesquisas com os cotidianos (CERTEAU, 1996; ALVES, 2017), sem medo de o encarar de frente. Salta do precipício para dizer que tudo é uma questão de olhar e encontra no fundo, um reflexo de si mesma, para dizer que às vezes, o que nos assusta tem muito da gente, só é um pouco diferente (EMICIDA, 2020, p. 12). E por investir nessa diferença que nos é tão comum, emergimos repletos de diversas e múltiplas experiências e modos de *serfazer* e de conhecer outras culturas, lógicas e artes de fazer que nos interessam.

Assim, nos interessa pesquisar de modo a nos vermos também refletidos na pesquisa como mais um dos atores curriculantes, mais um praticante cultural, garantindo que o meu lugar como pesquisador é também o lugar de um educador negro em uma escola pública na periferia da zona norte do município do Rio de Janeiro que reconhece os temas, os problemas, os indivíduos e os conceitos deparados por todo educador ao longo de sua experiência de vida, mas que não questiona a validade do conhecimento produzido em contextos de pesquisa em que a condição de pesquisador se confunde muitas vezes com aquilo que é pesquisado (MACEDO, GALEFFI, PIMENTEL, 2009, p. 128)

Reconhecimento de situações vividas entre o campo de pesquisa e o campo profissional e, conseqüentemente, identificações com as dimensões das experiências pessoais e das experiências da pesquisa supõem a busca de reflexão sobre a autenticidade epistemológica das relações entre experiência, pertencimento e legitimidade do vivido. Tal reflexão sugere questionar a validade do conhecimento produzido em contextos de pesquisa em que a condição de pesquisador se confunde muitas vezes com aquilo que é pesquisado. (MACEDO, GALEFFI, PIMENTEL, 2009, p. 128)

E é aqui que nos situamos epistemologicamente, tendo como premissa política a ideia de que não é possível validar apenas uma história única (ADICHIE, 2019), ou única forma de produção do conhecimento, legitimar apenas um tipo de racionalidade científica com a qual se identificam apenas os corpos brancos, conservadores, cristãos, cisgeneros e héteros<sup>102</sup>, que desautoriza qualquer metodologia outra que não pertença a esses grupos como formas de *ensinaraprender* saberes válidos.

---

<sup>102</sup> TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação: des(a)fiando e ocupando os "cistemas" de Pós-Graduação - Sara Wagner York. Disponível em: <https://bit.ly/dissertacaosara>

Foi assim que fui aprendendo que o “pensar certo”, não é apenas tornar-me mais e mais metodicamente rigoroso nos caminhos da tradicional “cegueira cientificista”. Mas ser mais amoroso e corajoso para assumir através de um “rigor outro”, o engajamento, a inspiração e a implicação de vivenciar toda uma boniteza de uma fenomenologia própria e apropriada para quem quer perder de vez a crença em uma verdade-mundo já consolidada e definitiva. Em busca de mobilizar todos e todas e todes os indivíduos a se comprometerem por uma experiência de reexistência pelos dispositivos de pesquisa-formação para que o mundo seja reconquistado por nós em seu vigor originante (MACEDO, GALEFFI, PIMENTEL, 2009, p. 24).

Trata-se de se procurar elucidar a natureza rigorosa da pesquisa qualitativa, a partir da atitude existencial e epistemológica do pesquisador em seu contexto de vida, segundo seus diversos níveis de constituição e de realidade, percebidos e elucidados na autocompreensão e na compreensão compartilhada de sua condição histórica – sua gênese como indivíduo, sociedade e espécie – seu ser-aí como dado e seu ser-outro como acontecimento volátil aberto no tempo instante (MACEDO, GALEFFI, PIMENTEL, 2009, p. 15)

Desse modo, ousamos pesquisar com/no/do imprevisível, e assim fazemos para acolher o movimento natural de inspirar-nos no cotidiano e nos fenômenos da cibercultura para continuar narrando nossa aventura pelo pensamento em busca de demarcar e refletir sobre os limites de nossa própria leitura de mundo. Afinal, o cotidiano da pesquisa, em nosso contexto de práticas e sentidos, não pode ser compreendido como um organismo rígido, inflexível que possa permanecer incólume em forma e em norma em uma multiplicidade de circunstâncias e situações socioculturais discrepantes. Antes, é preciso perceber que o exercício da pesquisa-formação, a partir da abordagem multirreferencial (ARDOINO, 1998) com os cotidianos na cibercultura nos permite compreender cada praticante cultural como fonte geradora de narrativas e imagens de outros mundos repletos de desejos, sentimentos e inquietações próprias de suas redes de vivência e de significação. Que provocam rupturas no enredo curricular e da interlocução, proporcionando outras estimulações de sua singularidade.

Daí que as nossas falas, nossas invenções metodológicas e nossos atos de currículo serão sempre interrompidos, entrecortados e permeados pelas intervenções dos praticantes, isto é, enquanto ensinamos e aprendemos como buscar e reprocurar, seremos sempre atravessados pelas buscas, pelas indagações e pelas descobertas próprias de seus repertórios, em suas relações com seu meio de vida e com os diferentes “*espaçostempos*” vivenciados. E

não cabe aqui a dicotomia clássica entre pesquisador e sujeito da pesquisa, onde o mundo, o meu mundo, sem explicação, sem mais razão e sem mais por que, deve ser o “sul” a que todos se orientam. Não é a minha palavra, meu tema, minha leitura do mundo, em si mesma, que tem o poder de “suleá-los”, mas a ampliação horizontalizada de nossas itinerâncias de vida e formação de modo que cada um de nós, tripulantes da nau da investigação, singremos juntos o mar do desconhecido em união não hegemônica de destinos diversos.

E rigor é uma expressão sempre problemática, porque indica imediatamente a rigidez necessária para que algo possa se sustentar e consistir, durar e permanecer idêntico a si mesmo em sua forma. Ora, é também preciso lembrar que qualquer organismo rígido em demasia corre sério risco de colapso estático. Na produção científica do conhecimento o excesso de rigidez é um sinal claro da falência vital do sistema postulado, que muitas vezes é seguido apenas por uso abusivo da autoridade constituída, ou por incompetência de seus usuários para perceber o engodo e tomar providências no sentido de sua superação. (MACEDO, GALEFFI, PIMENTEL, 2009, p. 39)

Na medida em que empreendemos e realizamos projetos, juntos interagimos (ARDOINO, 1998, p. 24). Portanto, enquanto indago e me indago, pesquiso e interajo com as histórias dos praticantes de nossa pesquisa, assim como tantas outras experiências de vida e formação, empreendemos em potência os atos de currículo. Ademais, para que esse movimento seja democrático e de possibilidades emancipacionistas, deve sempre se configurar por atos de currículo constituídos por mediações intercríticas (MACEDO, 2013, contracapa)

Assim, buscamos significar na incompletude de nossas percepções humanas uma prática formativa que seja capaz de emergir sentidos outros que não encerrem a formação num fenômeno de educadores e educandos, que não faça uso de uma autoridade constituída, para propagar a ignorância, mas que tome providências no sentido de sua superação. De modo que cada um dos praticantes-pensantes se percebam como atores/autores da formação. Que se vislumbrem como fundantes na produção de seus próprios saberes, de seus conhecimentos-significações por objetivar compreender coletivamente o fenômeno em sua essência, despertando assim uma atitude crítica diante dos fatos.

Por isso ensinamos, porque pesquisamos, porque constatamos que aquele que afeta/intervém o mundo com a sua experiência e sobrevivência, projeta sua imagem em refração a opacidade natural de um estado de estagnação. A incompletude não deve servir ao conflito, pois esse é o ponto de partida de qualquer engendramento humano, mas pode convir



para um novo motivo para trilhar o caminho lá e de volta outra vez<sup>103</sup>. Nesse sentido, é nosso objetivo também percorrer por esses desdobramentos em busca de descobrir o caminho caminhando, com todos aqueles que também ousarem perviver ambientes imprevisíveis e novas narrativas.

### **3.2. Caminho se faz caminhando**

Uma das melhores maneiras para a gente trabalhar como seres humanos é não só saber que somos seres incompletos, mas também assumir essa incompletude. Existe pouca diferença entre saber intelectualmente que estamos incompletos e assumir a natureza de ser incompleto. Não somos completos. Temos que nos inserir em um processo permanente de busca. Sem isso, morreríamos em vida. O que significa que manter a curiosidade é absolutamente indispensável para que continuemos a ser ou a vir a ser”

*Paulo Freire, 2009<sup>104</sup>*

A luta pela sobrevivência humana durante a pandemia da Covid-19 reconfigurou (mais uma vez) o ambiente da sala de aula. Mas no início do século XXI, apenas uma ínfima minoria dos alunos matriculados em um curso de graduação estavam matriculados em experiências de aprendizagem entre indivíduos geograficamente dispersos. No final do século passado a maioria das universidades já ensaiava a abertura de polos de educação a distância, fazendo seus próprios ambientes virtuais de aprendizagem. Mas a iniciativa pioneira do Consórcio CEDERJ, de 2000, constituiu, no entanto, uma ruptura, um prenúncio de uma nova era.

Com a finalidade de democratizar o acesso ao ensino superior público, gratuito e de qualidade na modalidade Educação a Distância, foi feito um acordo de cooperação técnica entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro, por intermédio da Secretaria de Ciência Tecnologia e Inovação do Estado do Rio de Janeiro e da Fundação Cecierj, e as Instituições de Ensino Superior Públicas sediadas no Estado do Rio de Janeiro.

---

<sup>103</sup> Lá e De Volta Outra Vez - Bilbo Bolseiro. Fonte: <https://bit.ly/laedevoltaoutravez>

<sup>104</sup> FREIRE, Paulo e HORTON, Myles. O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2009

Assumindo assim a realização dos processos formativos, onde cada uma das partes é responsável por ações específicas no âmbito do Consórcio, a Fundação Cecierj, as Instituições de Ensino Superior e os Polos Regionais atuam em conjunto para criar um dos casos de Educação a Distância mais bem-sucedidos dos dias atuais<sup>105</sup>.

Apesar de a educação superior a distância já estar bastante difundida mundo afora em 1999, no Brasil nesse momento estava em seu início, sendo aplicada apenas ao curso de Pedagogia para séries iniciais, com o objetivo de capacitar professores em exercício que tinham o curso Normal em nível de ensino médio. Em termos da metodologia de ensino utilizada em outros países, no período em que o Cederj foi criado a Educação Superior a Distância encontrava-se em uma importante fase de transição, com grande número de universidades consolidadas que ofereciam cursos completos de graduação utilizando principalmente material impresso, tutoria presencial nos polos e a distância por telefone ou fax e a utilização, ainda que nascente, do hoje universalmente consolidado e-learning. (BIELSCHOWSKY, 2017, p. 15)

Nesse sentido, a educação a distância como uma causa de interesse comum da população do estado do Rio de Janeiro e do interesse de toda a comunidade acadêmica se tornou possível graças a uma ideia visionária do professor Darcy Ribeiro que tinha o sonho de construir a Universidade Aberta e a Distância do Brasil, reunindo diferentes universidades federais do país. Apesar de a sua ideia ter se tornado realidade apenas quando o Ministério da Educação criou, em 2005, no âmbito do Fórum das Estatais pela Educação, as bases para a articulação e integração de um sistema nacional de educação superior a distância (MORAES, MARIANO, MOURA, 2011, p. 3) podemos dizer que ela também foi concretizada localmente, no âmbito do Estado do Rio de Janeiro, pelo Consórcio Cederj, que partiu de uma concepção inovadora de compartilhar disciplinas entre as universidades que compõem diferentes cursos de nível superior. (BIELSCHOWSKY, 2017, p. 24)

Mas é importante lembrar que nem o Ensino Remoto, que temos presenciado de forma tão efusiva na contemporaneidade é EaD, e nem mesmo as práticas tão consolidadas de Educação a Distância são o mesmo que a Educação Online<sup>106</sup> (SANTOS, 2020) que mobilizamos neste trabalho. Apesar de estarmos pesquisando em campo de pesquisa no cotidiano da disciplina de “Informática na Educação” do curso de Licenciatura em Pedagogia a distância pela UERJ/CEDERJ/UAB, a nossa prática em nada se confunde com uma

---

<sup>105</sup> Consórcio Cederj: A História da Construção do Projeto - Carlos Bielschowsky Disponível em: <https://bit.ly/oconsorciocederj>

<sup>106</sup> Notícias: EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? #livesdejunho... - Edméa Santos. Disponível em: <https://bit.ly/eadpalavra>

experiência mediada apenas pelos processos habituais de autoestudo e de repositório de conteúdos para trabalho individual, pois em curiosidade epistemológica investimos em pesquisa em nossa prática docente, criando e acionando dispositivos (SANTOS, 2020).

No mesmo curso de Pedagogia a Distância, há também EAD massiva. Ainda que se utilize uma única plataforma digital e se sigamos as mesmas orientações e diretrizes gerais. Há desenhos didáticos mais instrucionais, em que docentes orientam estudos, leituras, tiram dúvidas de conteúdos e administram a agenda do sistema. Cada aluno faz suas tarefas, prestando conta das atividades quase sempre individualizadas. Isso é EAD. Alunos aprendem e se formam. Mas preferimos investir em mais comunicação na cibercultura e, para tanto, insistimos no ONLINE. Sendo assim, não é a materialidade do digital em rede que garante a educação online. O que a garante é o currículo que forjamos na mediação interativa e hipertextual da comunicação e da produção do conhecimento em rede. (SANTOS, 2020, online)

Nesse sentido, a Educação Online supera a ideia de autoaprendizagem e da mídia de massa para transcender a EaD tradicional (BACKES, 2017, p. 99). Por não ser situada nas inspirações históricas desse modelo educacional, não compartilha da reprodução de contextos de segregação curricular. Nesses espaços, onde existe uma oposição formal para validar a produção cultural, a autoria dos praticantes e a interferência dos mesmos no processo formativo não se permite a manufatura coletiva e cotidiana do currículo, nem mesmo há criação e disputa de sentidos, impedindo a produção de conteúdos e processos de subjetivação em rede. (SANTOS, 2020, online). Em compensação, o conjunto de ações de ensino-aprendizagem ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas e hipertextuais diz respeito ao conceito de fenômeno, que inspirado na/da/com a cibercultura, dá sentido a convivência humana no ciberespaço enquanto processo de interprodução ou de co-produção cultural: a Educação Online<sup>107</sup> (SANTOS, 2009, p. 5663).

Se para nós educação online é fenômeno da cibercultura, devemos investir na linguagem hipermídia. Postar apenas textos em pdf, apresentações de slides lineares, videoaulas e ou pirotecnias descontextualizadas é subutilização do digital em rede e instrucionismo curricular. Precisamos engendrar uma teia complexa de conexões e acionar os estudantes a adentrarem os conteúdos, produzindo colaborativamente conhecimentos nas interfaces de comunicação síncronas e assíncronas. Só assim, teremos educação online. (SANTOS, 2020, online)

Ao pretender engendrar essa teia de conexões e acionar os praticantes a adentrarem os conteúdos, produzindo colaborativamente conhecimentos nas interfaces de comunicação

---

<sup>107</sup> Educação Online para além da EaD: um fenômeno da cibercultura. - Edméa Santos. Disponível em: <https://bit.ly/educacaoonlineparaalemdaead>

atuamos no sentido de partilha de si mesmo e dos outros no próprio processo de interação. Na medida em que comunicar é partilhar sentido, recombinações pelas novas formas de comunicação, nesses novos espaços da experiência em conjunto, precisamos de práticas formativas que possam privilegiar a construção de um saber coletivo (LEVY 1993, p.76) em sintonia com o cotidiano dos praticantes.

É nesse sentido que escolhemos caminhar pelos caminhos da pesquisa-formação na cibercultura entendendo que é através do caminhar pelas inspirações do cotidiano no campo da pesquisa que os praticantes culturais poderão tecer suas teias de subjetividade em órbita e em profundidade na subversão dos dispositivos da pesquisa. Em busca de assumir definitivamente essa incompletude desse nosso ser docente, de atestar essa impossibilidade de um único ser humano ser dotado dessa capacidade quase mediúnica de reunir em uma só carne, todos os conhecimentos, todas as competências da complexidade (LEVY 1993, p.76), precisamos *ensinaraprender* como empreender novos mergulhos pela essência da coletividade. Temos que nos comprometer em um processo permanente de busca, em busca de sempre manter a curiosidade, de sempre questionar e repensar a ideia de que há uma única resposta objetivamente correta e que todas as outras estão equivocadas e de que não há uma única verdade objetiva e que diferentes respostas podem estar igualmente corretas (SANTAELLA, 2018, p. 40)

Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades (...) (dos cotidianos escolares e outros) exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada [...] (circunstância ou acontecimento) buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que [...] [estão colocados] a cada ponto do caminho diário (ALVES, 2001, p. 16-17, 2009, p. 18)

Caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores colocados a cada ponto do caminho em busca de conhecer novas histórias. Para aprender outras formas de interação com o conhecimento e revelar novos estilos de aprendizagem é preciso proporcionar oportunidades de auto reconhecimento narrativo através da pluralidade de experiências e formatos do processo formativo, criando o poder de afetar e ser afetado pela sua própria linguagem em um mundo de possibilidades em um escopo infinito.

Assim, por mais que a nossa pesquisa tenha uma ideia traçada por alguns dos paradigmas epistemológicos que fundamentam as pesquisas no campo da Educação, ela já

contém em sua base, um amparo crucial para o inacabamento natural do ser humano e as tensões da imprevisibilidade do cotidiano e do acaso. Dessa forma nos abrimos a oportunidade de caminhar no campo da emergência das possibilidades, das transgressões e das alterações a partir de qualquer tendência que venha a se levantar a partir da proposição, subversão ou agravamento da conjuntura inicial proposta no *serfazer* da pesquisa. Na proposta de pesquisar a partir de um currículo multirreferenciado estamos não somente condicionados a trabalhar com a heterogeneidade como processo formativo, mas implicados com a ideia de que a diferença, em si, é formativa. Essa é uma política que nos mobiliza, que nos move e nos faz seguir caminhando em busca de aprender a pesquisar o que não sabemos de modo que a formação nos revele os limites do que sabemos e do que dominamos. Isso significa mediar a formação constituída como uma constelação, que ilumina somente com a reunião de diferentes facho de luz.(MACEDO, 2013, p. 64)

A multirreferencialidade que marca os atos de currículo implica o reconhecimento da sua heterogeneidade e irredutibilidade. Assim, pensar atos de currículo a partir de uma perspectiva multirreferencial é, primeiramente, levar em consideração as políticas de sentido que as diversas linguagens envolvidas podem instituir como processos de possibilidades formativas. Levando em conta que a diferença se impõe no contemporâneo, sobretudo como luta por significantes a partir das suas diversas referências (linguagens) e que a experiência formativa, como experiência de sujeitos culturais forjada pelos atos de currículo, é avessa irredutível dos currículos prescritos, o aporte multirreferencial vem questionar, de forma singular, o campo teórico do currículo no sentido de propor uma inexistência importante às epistemologias curriculares. Há uma clara provocação às conclusões integrativas do campo curricular na medida em que o componente cultural, como experiência irredutível, aparece enfaticamente como proponente, como protagonismo, como um currículo outro entre nós. Importa compreender os etnométodos envolvidos e com eles considerar o currículo como uma bacia semântica. Multirreferencializá-lo é, intercriticamente, articular e conjugar linguagens, hibridizar cosmovisões, perspectivar múltiplas justiças.(MACEDO, 2013, p. 65)

Não pretendemos, entretanto, colonizar neste trabalho todas as visões do mundo, todas as culturas representativas, assim como toda e qualquer forma de pensamento e arte de fazer em busca de esquematizar um único paradigma. Primeiramente que, além da impossibilidade de se realizar tal feito, não termos também a pretensão de apresentar uma ideia ou uma fórmula de modo que possa se enxertar aqui ou ali suplantando qualquer ideologia preexistente (até porque isso seria apenas mais um modo de opressão em contraste com tantas linguagens, cosmovisões e perspectivas de justiça) e finalmente por não entendermos que esse trabalho seja apenas a mobilização de um certo conjunto de saberes e competências em busca de explicar um fenômeno (é preciso superar o mesmo). Estamos muito mais interessados em

iniciar um movimento que, indo imensamente além da pluridisciplinaridade, da multidisciplinaridade, da interdisciplinaridade e mais ainda da transdisciplinaridade (BERGER, 2012, p. 19) possam unir forças em busca de enfrentar as incertezas.

A questão central na multirreferencialidade é a da heterogeneidade dos olhares que são dirigidos aos fenômenos, aos processos, às práticas, com o objetivo de melhor entendê-los e, eventualmente, dominá-los. Para isso é preciso abandonar a ideia, difundida nas ciências em geral, e mais ainda nas ciências antropológicas, de que seja possível explicar os fenômenos estudados com a ajuda de uma teoria única ou baseando-se em um único paradigma. A inteligibilidade dos fenômenos passa pela aceitação do fato de que teorias, às vezes contraditórias, colaboram para compreender o objeto considerado, desde que se tome o cuidado de distingui-las e de conjugá-las. (COULON, 1998, p. 157)

Tendo em vista que na contemporaneidade as diferenças se encontram, sobretudo na luta por direitos civis, por respeito e por uma sociedade igualitária que não seja uniforme, é preciso estabelecer caminhos pelos quais as diversas linguagens envolvidas possam instituir processos de possibilidades formativas. Onde as experiências possam se encontrar e forjar, portanto, um território permanente de composição que traga consigo a ideia de muitas ou várias comunidades de falantes em coexistência de diversas línguas, ou variedades da mesma língua. Nesse sentido, nos é solicitada a manifestação de uma certa poliglossia, uma condição de acesso à perspectiva do outro, de empatia, uma vez que falar sua língua não implica, bem ao contrário, o interdito da língua do outro (BERGER, 2012, p. 20)

A multirreferencialidade está no processo do pensamento, na mobilização do pensamento fazendo-se. E, nesse sentido, as críticas que nos são endereçadas, e que consistem em dizer que é talvez uma teoria interessante, mas que torna impossível a pesquisa, porque uma pesquisa não poderia se constituir senão a partir de um campo rigoroso de conhecimentos ordenados, situados e construídos, parecem-me não pertinentes, na medida em que essa multirreferencialidade não é um tipo de agrupamento, a priori, de determinado número de competências estruturadas, ela está muito mais no movimento da pesquisa. A multirreferencialidade não é uma espécie de encantamento ao qual recorreremos antes de começar o estudo de um campo, qualquer que ele seja. (BERGER, 2012, p. 20)

Entendendo assim que a multirreferencialidade está no processo do pensamento, na mobilização dele fazendo-se, concordamos com Macedo (2013, p. 66), quando afirma que este fazer deve ser um gesto ético e político para possibilitar a realização de atos de currículo que tenham intencionalidade de texto, possuam uma intercrítica com outros atores/autores curriculares e os seus etnométodos para que sejam um acontecimento irreduzível e instituinte do fazerpensar currículo. Dado que os indivíduos e grupos usam esses saberes e métodos em

suas atividades diárias para descrever, interpretar e construir o mundo social, no cotidiano de suas atividades, devem também poder estabelecer um diálogo entre si e em horizontalidade entre a teoria e a prática em busca de abrir novas perspectivas para entender a formação como forma de crítica social e de luta coletiva de todos os atores curriculantes.

Em diálogo diário com as situações dilemáticas ou de conflitos impostas no cotidiano esses saberes "*docentesdiscentes*" se reconfiguram pelas artes de fazer para constituir outras interpretações da prática formativa no contexto do próprio fazer. A isso Gauthier (2013, p. 32) chama saber experiencial. Ainda segundo o autor, o saber experiencial dos professores, a partir do momento que se torna público e verificado por pesquisas realizadas em sala de aula e por outros professores, produz a manifestação de um novo tipo de saber: o de ação pedagógica.

Com o objetivo de fazer emergir este tipo específico de saber presente no repertório geral de conhecimentos dos praticantes, nossa proposta pedagógica é compreender por meio da proposição de atos de currículo, como o ensino, sua natureza, seus componentes, seu funcionamento, seus efeitos e a experimentação daquilo que constituímos como repertório de ação coletiva (GAUTHIER, 2013, p. 35) pode abrir possibilidades de crítica e incentivar a construção de novos paradigmas para o ensino (D'ÁVILA, 2008, p. 37).

A realidade mostra, através da epistemologia da prática, que o reconhecimento de um saber oriundo, mobilizado e reconstruído nas práticas docentes é fundante na produção de saberes subjetivos que se objetivam na ação, ou seja, os conhecimentos, as competências, habilidades e atitudes ou o que convencionamos chamar de saber, saber fazer e saber ser (D'ÁVILA, 2008, p. 37).

A compreensão de que saberes pedagógicos presidem a prática docente dos professores abre possibilidades de crítica e incentiva a construção de novos paradigmas para o ensino. A partir daí, pode-se entender o lugar especial que os professores assumem no processo ensino-aprendizagem [...] A atividade docente é uma prática social complexa que combina conhecimentos, habilidades, atitudes, expectativas e visões de mundo condicionadas pelas diferentes histórias de vida dos professores. São, também, altamente influenciadas pela cultura das instituições onde se realizam. Como prática complexa abarca dilemas sobre os quais nos vemos incitados a lançar um olhar como pesquisadores. (D'ÁVILA, 2008, p. 38)

Esse tipo de conhecimento, diferentemente das representações em que não há significação do processo formativo, pode favorecer a mobilização de novos caminhos pelos quais os "*docentesdiscentes*" podem erigir seus próprios saberes profissionais. Uma

perspectiva emancipatória que, inspirada na cultura contemporânea, valoriza a experiência autoral e toda a confecção de conhecimentos, habilidades, atitudes, expectativas e visões de mundo dos praticantes para influenciar e inspirar novas práticas docentes e novos paradigmas de ensino. A ideia desse processo formativo, desse nosso fazer de pesquisa, não abre mão de valorizar essas artes de fazer em perspectiva da teoria, mas em sintonia com a diversidade e de acesso à perspectiva do outro, busca compreender como as narrativas e imagens desse coletivo de “*docentesdiscentes*” em formação é capaz de refletir o que os praticantes culturais dizem de seus próprios saberes profissionais, e isto posto, interessa saber como estes integram esses saberes a suas práticas, os produzem, transformam e os ressignificam no seio do seu trabalho (D’ÁVILA, 2008, p. 37).

No caso dos postulados da transdisciplinaridade epistemológica, o sujeito está incluído em uma totalidade composta por pelo menos três níveis de realidade distintos e complementares: o atômico, o biológico e o psíquico. E é a partir da analítica da própria subjetividade ou modo de ser humano que se deve articular o campo de numa ciência complexa, polilógica, multirreferencial, a partir de um novo (diferente) metaponto de vista que não mais admite a simples homogeneização matemática como linguagem apropriada para desvelar as leis eternas últimas, porque seu objeto primacial não são grandezas discretas e sim presenças indiscretas. Os fenômenos são acontecimentos percebidos por alguém que os percebe, e são inerentes à dimensão imanente de algo como consciência, porque pela própria etimologia da palavra, fenômeno indica algo como o aparente aparecer da aparência, aquilo que se mostra como se mostra, pressupondo sempre o observador que percebe aquilo que aparece (GALEFFI, 2009, p.29)

Na importância de pensar esses fenômenos docentes, essas outras ações pedagógicas, buscamos ir além das aparências em busca de uma outra consciência para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educar e me educar. Pesquisamos então para conhecer o que ainda não conhecemos e assim comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2011, p. 22). Perceber aquilo que se mostra para além de como se mostra e não apenas para olhar. Para dialogar sempre, em abertura e em prontidão com o compromisso da democracia, para incorporar, interrogar, analisar, buscar compreender tudo o que nos chega, desses “*espaçostempos*”, nos seus tão diferentes acontecimentos, através de todos os nossos sentidos (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2019, p. 3).

Entendendo que essas ações que surgem no caminho nos permitem o aproximar da complexidade da vida, partimos da ideia de que, para compreender e pensar as práticas cotidianas da vivência na cibercultura e experienciar seus fenômenos, é exigida nossa total implicação neste processo. Uma atividade docente, que como prática social, seja capaz de



caminhar a partir da intervenção dos próprios cidadãos na vivência do cotidiano para perceber como essas sutilezas discretas e presenças indiscretas podem denotar alguns dos indícios necessários para revelar a manifestação do fenômeno. Em sua proposta fundamental, os atos de currículos devem envolver esses propósitos e práticas referentes a compreender e a afetar as realidades habitadas pelos que participam do processo formativo (MOREIRA, 2012, p. 9) e, por isso, podem também remeter aos processos dessas redes que formamos e nas quais nos formamos de modo a descrever, entender e analisar como devem se instituir os dispositivos.

Esses pressupostos nos permitem perceber como toda a formação implica autoformação e que quem deseja criar condições para que ela aconteça, deve estar comprometido com uma responsabilidade pedagógica, ética e política dos formadores, suas ações e suas instituições (MACEDO, 2013, p. 43). Por estarmos implicados com o processo formativo, precisamos perceber onde cada processo criativo pode colaborar, de forma direta ou indireta, para que a nossa existência na pesquisa seja profundamente reflexiva. Em um ato implicado, de ações posicionadas e teoricamente referenciadas, buscar imaginar como pode ser transformado cada um dos nossos acontecimentos, para fugir do controlável, previsível e predizível para imaginar o desejo e sua lógica pelos caminhos de uma racionalidade do outro, ousando assim reconhecer no seu anseio de completude a nossa própria incompletude.

Através desses complexos processos de subjetivação do mundo e de nós mesmos, sonhamos viver o que jamais possuiremos. Mas há algo nesse movimento, de não simbolizável e de não dito que se expressa, assim nesse esforço relacional que torna o sonho a experiência singular e singularizante que nos interessa de perto. (MACEDO, 2016, p. 48). Segundo Macedo, “os sonhos não se dão à explicação, não há como modelizar sonhos, não há como modelizar a experiência onírica” e por isso “jamais alcançam a sua riqueza e sua complexidade”, mas eles são o motor que movem a vida em direção a novos mirantes. São eles que nos permitem ressignificar a vida, são eles que permitem criar condições objetivas para a transformação social.

Estou convencido de que para criarmos algo, precisamos começar a criar. Não podemos esperar para criar amanhã, mas temos que começar a criar agora. Estou certo que ao tentar criar algo dentro da história nós temos que começar a ter alguns sonhos. Se você não tem qualquer tipo de sonho tenho certeza que é impossível criar algo. Os sonhos me empurram para fazê-los reais, concretos, e os sonhos, claro, também são cercados por valores de outros sonhos. Nós nunca terminamos de sonhar. Como você disse anteriormente, de uma forma muito bonita, você pensa em escalar a montanha, mas de repente você sobe a montanha e descobre que há outra cujo topo você ainda não conseguiu ver. Então, sem rejeitar o primeiro sonho, você descobre que o primeiro sonho, que foi a montanha, implica ou demanda que seu

sonho seja expandido em novos sonhos ou visões. Em última análise, é o mesmo sonho, com diferentes momentos. Isso aconteceu também com comigo, e isso acontece com todo mundo.(FREIRE, 2003, p. 56)

Ao iniciar essa pesquisa, tinha um desejo, mas o sonho não se torna realidade apenas através do pensamento. Faz-se também no ato de lançar-se sobre o sonho, tendo a certeza de que nada se sabe e a incerteza de que se saberá um dia. De sorte que, foi somente pelo início da caminhada, nos primeiros tropeções, na ausência do eu, foi possível experimentar e viver a revolução da pesquisa. Foi assim que se revelou o itinerário que desemboca no mar de possibilidades.

### **3.3. Medo e ousadia - o sonho de um professor**

Penso, por exemplo, que a ideologia dominante “vive” dentro de nós e também controla a sociedade fora de nós. Se essa dominação interna e externa fosse completa, definitiva, nunca poderíamos pensar na transformação social. Mas a transformação é possível porque a consciência não é um espelho da realidade, simples reflexo, mas é reflexiva e refletora da realidade. Enquanto seres humanos conscientes, podemos descobrir como somos condicionados pela ideologia dominante. Podemos distanciar-nos da nossa época. Podemos aprender, portanto, como nos libertar através da luta política na sociedade. Podemos lutar para ser livres, precisamente porque sabemos que não somos livres! E por isso que podemos pensar na transformação

*Paulo Freire, 1986<sup>108</sup>*

Entendemos que o percurso formativo deve ser, de igual modo, um não espelho da realidade, apenas um simples reflexo, mas deve *reflexivar* e *refletorar* a realidade. Deve ser capaz de produzir uma resposta a dominação e a opressão interna e externa de modo que esta não se concretize em vias de impossibilitar a mobilização dos letramentos necessários para

---

<sup>108</sup> Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor / Ira Shor, Paulo Freire; tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

pensar na transformação social. Desse modo, os dispositivos formativos precisam ser, de forma marcante, um argumento potente nesse reinado onde se organizam conhecimentos com intenções formativas (MACEDO, 2013, p. 18).

Assim, como afirma Macedo (*ibid.*, p. 80), por produzirmos problemas para nós mesmos, para os outros, e por sermos atingidos por problemas criados pelo nosso entorno, aprender ao longo da vida é uma condenação, mas também uma pauta interessante e pertinente. Logo, condenados a esse estado de evolução, a aprendizagem de um certo tipo de conhecimento pode implicar o desaprender de outro tipo de conhecimento. Porém, esse fluxo dos diferentes tipos de conhecimento em que os seres humanos se inserem e dos quais se ocupam tem potencial de ter a ignorância tanto como um ponto de partida quanto como ponto de chegada (SANTOS, 2019, p. 69).

Por outras palavras, qualquer sistema de conhecimento é também um sistema de desconhecimentos. Um determinado sistema de conhecimento é hegemônico na medida em que omite convincentemente o desconhecido ou os desconhecimentos com os quais (con)vive ou gera, um sistema que nega crivelmente a existência de qualquer outro tipo de conhecimento em qualquer sistema cognitivo concorrente. Para as epistemologias do Norte, a confiança num dado conhecimento reside na sua objetividade. A confiança é sempre mencionada em relação aos objetivos a serem atingidos usando o conhecimento em que se confia. A concepção desses objetivos na modernidade ocidental tem dois aspectos: a regulação social e a emancipação social. (*ibid.*, p. 70)

Partindo do entendimento de que as pedagogias ativas existem porque criamos conhecimento por processos extremamente dinâmicos de funcionamento percepto-cognitivo, que vinculam desejos, referências políticas e culturais marcados pela heterogeneidade (MACEDO, 2013, p. 80), percebemos que, ao aprender, escolhemos (conscientemente ou inconscientemente) omitir convincentemente o desconhecido ou os desconhecimentos com os quais lidamos em nosso cotidiano e que a manutenção desse estado de desconhecimento é sempre construído com uma objetividade: a regulação social.

A pluralidade epistemológica do mundo e, com ela, o reconhecimento de conhecimentos rivais dotados de critérios diferentes de validade tornam visíveis e credíveis espectros muito mais amplos de ações e de agentes sociais (SANTOS, 2013, p. 19). Mas essa pluralidade epistemológica não implica imediatamente no que Boaventura vai chamar de relativismo cultural. Este, em nome de uma afirmação da igual dignidade e valor de todos os saberes, acaba por ignorar as consequências e as implicações desses saberes, os seus efeitos sobre o mundo (*ibid.*, p. 217) e demanda de nós uma análise, uma avaliação mais complexa

acerca dos diferentes tipos de interpretação e de intervenção no mundo produzidos pelos diferentes tipos de conhecimento (*ibid.*, p. 20).

Os conhecimentos nascidos na luta e na resistência que dizem respeito às epistemologias do Sul exigem uma forma prática de validação do conhecimento. Os grupos sociais historicamente oprimidos pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado foram obrigados a avaliar o conhecimento científico que afeta as suas vidas pelas suas consequências, e não pelas suas causas ou premissas. Do mesmo modo, ao lutar contra a opressão e ao procurar alternativas, os conhecimentos devem ser avaliados e, em última análise, validados de acordo com a sua utilidade para a maximização das possibilidades de êxito nas lutas contra a opressão. (*ibid.*, 2019, p. 66)

Uma vez que, a validação do conhecimento não está mais sujeita apenas pelas suas causas ou premissas, mas também pelo modo como gera conflitos e domina as massas pelas consequências de sua seletividade e escassez da informação, incorremos agora em investimento de interpretação e intervenção de mundo. Para que esse conhecimento nascido na luta possa ser o primeiro passo em direção a uma resposta ao problema da informação como instrumento de opressão é preciso levantar a questão de que os conhecimentos produzidos pelos diferentes tipos de grupos sociais sempre vai estar a serviço da segmentação de ideologias e interesses<sup>109</sup>. Nesse sentido, o fanatismo e o dogmatismo pode ser o viés que vai decidir o que as pessoas decidem fazer com a informação à disposição: se vão empregá-la para regulação ou emancipação social, se vão usá-la para a manifestação da cultura do medo ou propagação do sonho da esperança (GOMES, 2020, online). Para isso, atentemos a questão do método.

Em tempos atuais, a ignorância que enfrentamos nesse trabalho está profundamente mais ocupada com a propagação maciça de versões do que com a publicização da veracidade dos fatos, dados e eventos (SANTAELLA, 2021, p. 76). Uma ignorância que, por não saber sequer que ignora ou por não ter a preocupação de ignorar, contrai uma gramática e a reproduz em falsa notícia embrulhada em faceta de verdade<sup>110</sup>.

Seja pela questão da incapacidade, de forma reduitiva, de se fazer distinguir a origem da mensagem da finalidade da mesma ou pela atuação sistêmica desses indivíduos de forma a preencher a lacuna deixada pela incapacidade intencional do Estado, das mídias de comunicação em massa e de outros componentes constitutivos (no processo decorrente de

---

<sup>109</sup> Desinformação e fanatismo na era da superabundância de informação - Wilson Gomes. Disponível em: <https://bit.ly/desinformacaoefanatismo>

<sup>110</sup> Jean Wyllys: "Quero Um Mundo Melhor!" - Muka. Disponível em: <https://bit.ly/mukajeanyllys>

ausentar-se da responsabilidade legal de prestar informação sobre políticas públicas, governo e sistema político). De combater o alastramento dos processos empregados pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado em busca de encobrir ou desviar a atenção de seus interesses escusos através da mentira. Segue adiante o processo que busca tornar impossível que a tomada de decisões políticas, sejam elas individuais ou coletivas, constitua um ato democraticamente consciente de acompanhamento da política e do engajamento da nação na defesa de seus interesses.

Isso posto, mesmo que estejamos em busca de eliminar a ignorância sistêmica, não podemos estar confundidos para eliminar os ignorantes<sup>111</sup>. Afinal, segundo Boaventura (2019, p. 69), toda ignorância é ignorância de um dado tipo de conhecimento e todo conhecimento consiste em ultrapassar um certo tipo de ignorância. Essa noção levanta importantes desdobramentos em busca de compreender como a nossa ignorância desses processos, do funcionamento dos mecanismos dessa indústria de propagação da pós-verdade, pode ser também responsável pelo nosso atraso em erigir figuras identitárias e representativas de boas práticas e de projetos mais bem intencionados. Afinal, o saber que ignora é o mesmo saber que ignora os outros saberes que com ele partilham a tarefa infinita de dar conta das experiências do mundo, sejam elas inclusivas ou excludentes.

A designação ‘douta ignorância’ pode parecer contraditória, pois o que é douto é, por definição, não ignorante. A contradição é, contudo, aparente já que ignorar de maneira douta exige um processo de conhecimento laborioso sobre as limitações do que sabemos. Em Nicolau de Cusa há, por assim dizer, dois tipos de ignorância, a ignorância ignorante, que não sabe sequer que ignora, e a ignorância douta, que sabe que ignora e o que ignora. [...] A finitude de cada saber é assim dupla, constituída pelos limites do que conhece sobre a experiência do mundo e pelos limites (quicá bem maiores) do que conhece sobre os outros saberes do mundo e, portanto, sobre o conhecimento do mundo que outros saberes proporcionam. É sobretudo a diversidade epistemológica do mundo que causa incerteza no tempo atual. O saber que ignora é o saber que ignora os outros saberes que com ele partilham a tarefa infinita de dar conta das experiências do mundo (SANTOS, 2013, p. 458)

Desse modo, nesse processo implicado de conhecimento sobre as limitações do que sabemos, precisamos nos inspirar na ecologia de saberes<sup>112</sup> que é como Boaventura define

---

<sup>111</sup> O slogan de Indira Gandhi durante a campanha eleitoral era ‘Garibi Hatao’ (eliminar a pobreza), mas os pobres inverteram-no para ‘Garib ko hatao’ (eliminar os pobres). - Boaventura de Sousa Santos, 2013, p. 121

<sup>112</sup> “Na década de 1970, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos morou quatro meses na favela do Jacarezinho, no Rio de Janeiro. A convivência com os habitantes foi a matéria-prima para a sua proposta de ecologia de saberes, que combina o arcabouço científico com o conhecimento popular. Para ele, as universidades devem “se descolonizar”, se abrir, por exemplo, à sabedoria dos povos indígenas como base para uma nova relação com a natureza. As instituições, em sua tradição de séculos, não podem se reduzir a fábricas de diplomas,

essa legitimidade e a esse desejo de que todos os saberes se beneficiem do reconhecimento social, da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna), em busca de estabelecer interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia (*ibid.*, p. 45). Baseando-se assim na utopia de aprender outros conhecimentos sem esquecer os próprios (p. 47) para a transformação do processo formativo em ato que seja pautada por esse reconhecimento ao ser em si mesmo. Partimos das características estruturantes e propositivas que nos tornam permanentemente abertos à dialogia, à dialeticidade e suas formas criativas de compreender e efetivar, para constatar que a aprendizagem só existe porque a incompletude e a insuficiência são inelimináveis, embora nós mesmos não sejamos (MACEDO, 2013, p. 80).

Nesse sentido, ainda que nascidos nas lutas sociais e políticas, de enfrentar com prudência<sup>113</sup> a luta contra o fim da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e passar com cautela pela incerteza da posse de um novo governo golpista. Estávamos ainda alarmados quando esse poder cedeu lugar a uma campanha que ameaçou o Estado Democrático de Direito e promoveu o surgimento de uma nova aberração, uma nova besta<sup>114</sup>, que mesmo no momento mais crítico da pandemia mundial, não soube expressar um mínimo gesto que aplacasse a ansiedade por dias melhores. Vivemos o pânico da ausência do amanhã na perda de mais de quatro mil vidas diárias e agora juntamos o que sobrou do terror dos escombros da vida de antes. Apenas para compreender como essas diferentes concepções da verdade do presente interagem e determinam a mistura específica de medo e de esperança nas nossas lutas como oprimidos, com o medo a apelar a nossa resignação e a esperança a apelar ao nosso sentimento de rebelião (SANTOS, 2019, p. 195)

As epistemologias do Sul dizem respeito a vários tipos de conhecimento, bem como às articulações que se podem estabelecer entre eles nas lutas contra a opressão. A essas articulações chamo ecologias de saberes. Existem dois tipos básicos de conhecimentos nas ecologias de saberes: aqueles que nascem na luta e aqueles que, apesar de não nascerem da luta, podem ser úteis a ela. Qualquer um desses tipos pode incluir conhecimentos científicos e não-científicos. Chamo os conhecimentos não-científicos de conhecimentos artesanais. Trata-se de saberes práticos, empíricos, populares, conhecimentos vernáculos que são muito diversos, mas que têm uma

---

adverte. “A alternativa é a de continuarem centros de conhecimento livres, críticos e independentes.”” Ana Paula Acauan. Fonte: <https://bit.ly/ecologiadesaberespuc>

<sup>113</sup> Segundo Mira y López (1964), o medo divide-se em seis fases de acordo com o grau de extensão e imensidão, são eles: 1. Prudência; 2. Cautela; 3. Alarme; 4. Ansiedade; 5. Pânico (medo intenso); 6. Terror (medo intensíssimo)

<sup>114</sup> A palavra “besta” em profecia bíblica significa “poder religioso ou político”. No relato de Apocalipse 13, podemos concluir que a primeira besta representa um poder religioso e a segunda besta, um poder político que se unem finalmente formando um poder político religioso. Fonte: <https://bit.ly/apoliticaereligiao>

característica com um: não foram produzidos em separado, como um a prática de conhecimento separada de outras práticas sociais. Os diferentes tipos de conhecimentos que integram a ecologia de saberes possuem, nas respectivas origens, diferentes critérios de confiança. Contudo, uma vez integrados nas ecologias de saberes, a confiança de que podem gozar depende da sua eficácia em termos do reforço das lutas e das resistências concretas contra a opressão, ou seja, dos modos como esses conhecimentos contribuem para maximizar as possibilidades de êxito das lutas e das resistências. (*ibid.*, p. 73)

A maioria de nós vive hoje entre esses dois extremos. Nossa vida cotidiana continua marcada por mais ou menos medo, mais ou menos esperança, vivendo períodos em que predominam nossas incertezas descendentes e períodos em que predominam as incertezas ascendentes (p. 408). Mas naqueles que nascem na luta e naqueles que, apesar de não nascerem da luta, podem ser úteis a ela (p. 73), surge o sentimento de pertinência, de pertencimento, ou seja, de uma comunidade de sentido<sup>115</sup>, que diz respeito a não viver mais apenas a partir do medo de onde estamos e para onde vamos, mas de em breve não *serestar* em nenhum lugar se não fizer alguma coisa, se não esperar.

Segue-se destas definições que não há Esperança sem Medo nem Medo sem Esperança. Pois se supõe que quem depende da Esperança, tem dúvida sobre a ocorrência da coisa e também imagina algo que exclui a existência futura de tal coisa; nesta medida, ele também se entristece. Consequentemente, quem depende da Esperança, teme que a coisa não aconteça. Por outro lado, quem tem Medo, isto é, quem tem dúvida da ocorrência daquilo que odeia, também imagina algo que exclui a existência de tal coisa e, portanto, também se alegra e, consequentemente tem esperança que a coisa não ocorra. (SPINOZA, 2002, p. 65)

Partindo de Spinoza e de Boaventura entendemos que as duas emoções básicas dos seres humanos são o medo e a esperança. A incerteza é a forma como experienciamos as possibilidades que surgem dessas múltiplas relações entre medo e esperança (SANTOS, 2019, p. 407). Nesse sentido, embora o medo implique na falta de confiança em nós mesmos, na negação do risco (FREIRE, 2013, p. 34), a esperança nasce do coração mesmo da pedagogia que tem o oprimido como sujeito (BOFF, 2004, p. 12). A partir da denúncia das injustiças sociais e das opressões que ocorrem no centro de toda a nossa história contemporânea, podemos subverter os mecanismos empregados na perpetuação do estado de fatalidade, de nossa situação perversa, ao mesmo tempo que verificamos a capacidade humana de desconstruir sentidos que entorpecem nossa condição de construir o sonho de um futuro

---

<sup>115</sup> Pertencimento - Dicionário de Direitos Humanos. Disponível em: <https://bit.ly/pertencimentotddh>

eticamente mais justo, politicamente mais democrático, esteticamente mais irradiante e espiritualmente mais humanizador.

A este propósito, é imperativo que cada um nós, declaremos nosso lado nessa guerra de narrativas onde não se posicionar é também um posicionamento. A nossa responsabilidade uns para com os outros, com a nossa geração e com a futura demanda que toda a comunidade social se envolva na resolução desse problema, compreenda os diversos projetos que o compõem e assuma determinada atitude para concretizar o ideal da liberdade e da democracia. Em 2018, mais de 31 milhões de brasileiros e brasileiras escolheram a omissão<sup>116</sup> diante do dever de agir de modo a impedir o avanço da degradação da vida e a reparar não somente uma destituição injusta, mas também um impedimento parcial em favor de um estado de desolação. Embora possa ser atribuído a diversas figuras uma igual parcela dessa responsabilidade, a maior verdade é que os dispositivos disponíveis para a imposição e da possibilidade de evitação do fato estavam à nossa disposição, mas não foram utilizados.

Nesse sentido, o sonho desse professor é que essa história não repita, que não tenha ela um novo e mais desolante capítulo. Ainda em 2018, às vésperas de defender minha dissertação de mestrado, lembro do quanto eu desejava que aquele presságio não acontecesse enquanto escrevia #EleNão<sup>117</sup> no texto final daquele que seria o meu fundamento para esse novo trabalho. E neste mesmo momento, tão similar aquele, onde me vejo tomado pelo mesmo sentimento de medo que surge através da possibilidade de resignação desta situação percebo que a única condição estável, prudente e estática é a morte<sup>118</sup>. Portanto, sem sequer poder negar a desesperança como algo concreto e em meio a incerteza e o medo, não entendo mais a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho (FREIRE, 2013, p. 14).

O essencial desta Pedagogia da Esperança que aqui empreendemos, é que ela, enquanto necessidade natural de transformação da realidade e da existência, rompe com a omissividade para ancorar-se na prática de luta social do esperar. Por que não há esperança

---

<sup>116</sup> Jair Bolsonaro é eleito presidente com 57,8 milhões de votos. Brancos 2.486.593 (2,14%), Nulos 8.608.105 (7,43%) e Abstenções 31.371.704 (21,30%). Fonte: <http://glo.bo/3LqmeWZ>

<sup>117</sup> “Hoje vivemos esse contexto de insegurança, traição e incerteza acerca do futuro de nosso país que não pode ser depositado nas mãos de alguém que apoie a tortura e a segregação. #elenão”. Atos de Currículo na Perspectiva de App-learning. Disponível em: <https://bit.ly/atosemapp>

<sup>118</sup> “Percebo que se fosse estável, prudente e estático, viveria na morte. Portanto, aceito a confusão, a incerteza, o medo e os altos e baixos emocionais, porque esse é o preço que estou disposto a pagar por uma vida fluida, rica e excitante.” Carl Rogers (1902-1987).



na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura (ibid), mas na luta contra a dominação e a opressão, e isso faremos em todos os dispositivos que os fazem pensar que o seu poder não será contestado.

#### **4. Reglus: um dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura**

No momento em que os seres humanos, intervindo no suporte, foram criando o mundo, inventando a linguagem com que passaram a dar nome às coisas que faziam com a ação sobre o mundo, na medida em que se foram habilitando a inteligir o mundo e criaram por consequências a necessária comunicabilidade do inteligido, já não foi possível existir a não ser disponível à tensão radical e profunda entre o bem e o mal, entre a dignidade e a indignidade, entre a decência e o despudor, entre a boniteza e a feiura do mundo. Quer dizer, já não foi possível existir sem assumir o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política. E tudo isso nos traz de novo à imperiosidade da prática formadora, de natureza eminentemente ética. E tudo isso nos traz de novo à radicalidade da esperança. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las.

*Paulo Freire, 2011<sup>119</sup>*

Como vimos até aqui, a emergência das fake news e seus compartilhamentos nos diversos meios de comunicação são os fatores que vão possibilitar que vem sendo chamado “era da pós-verdade”. A cibercultura é compreendida como cultura contemporânea, onde a comunicação, a produção e circulação em rede de informações e conhecimentos se dão na interface cidade-ciberespaço, emergindo assim novos arranjos “*espaçostemporais*” e, com eles, novas práticas educativas e de formação (SANTOS, 2014. p. 9). É, portanto, o cenário sociotécnico em que esses processos vêm se instituindo, e por isso, a pesquisa contemporânea

---

<sup>119</sup> Freire, Paulo, 1921-1997 Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa [recurso eletrônico] / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2011.

sobre formação de professores precisa abarcar essa relação complexa entre a cultura e as tecnologias digitais em rede, sobretudo, na prática da mobilidade ubíqua

Em nossa investigação, adotamos a metodologia da pesquisa-formação na cibercultura, partindo da nossa itinerância de pesquisa e docência, para compreender como a educação e a docência online, concebidas por Santos (2005) “como fenômenos da cibercultura que se materializam em interface com as práticas formativas presenciais e no ciberespaço mediadas por tecnologias digitais em rede” podem forjar dispositivos de pesquisa-formação através da mediação das interfaces digitais, em âmbito de ensino e pesquisa “a partir do compartilhamento de narrativas, imagens, sentidos e dilemas de docentes e pesquisadores” (SANTOS, 2014, 2019).

Pesquisar na cibercultura é dialogar com o momento em que vivemos criando a todo tempo novas táticas no fazer aprender e ensinar. É também assumir que pesquisa e docência são atos imbricados que afetam e são afetados pelas realidades às quais pertencem (ALMEIDA, SANTOS, CARVALHO 2018. p.67). Acreditando que, para compreender a complexidade da vida, suas instâncias e “*espaçostempos*” onde formamos e somos formados, sem vilipendiar sua expressão indelével em nossa constituição como indivíduos, seguimos na essência de pesquisar o cotidiano, suas práticas e elaborações, buscando assim mobilizar processos de constituição de autoria e de conscientização crítica/política suportada pela resistência com/nos fenômenos da cibercultura.

Neste sentido, nunca buscamos estudar sobre os cotidianos mas, estudar nos/dos/com os cotidianos, assumindo a nossa total implicação neste processo, entendendo-nos, sempre, como neles mergulhadas. Estudar e pesquisar com os cotidianos de pessoas comuns, com as histórias comuns que nos são contadas – porque nessas pesquisas as narrativas (todos os sons) e imagens contam - encontrando nestas, sentimentos e 'conhecimentossignificações' que seus 'praticantespensantes' (OLIVEIRA, 2012) criam, exigiu admitir a riqueza e complexidade desses 'espaçostempos'. (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2019, p.20)

“São muitos os cotidianos de que fazemos parte” (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2019) e eles não se reduzem a prática de um ou outro sujeito. Inclusiva ou excludente, cada base ideológica representa a oposição de seres e saberes que nos constitui como humanos, exigindo de nós “um constante repensar das nossas práticas como pesquisadores”. E é em busca de repensar nossa prática, em formação e como formadores, que propomos esse trabalho.

Ao buscar compreender como esses docentes em formação percebem o fenômeno das fake news em sua prática cotidiana, e quais estratégias que eles usam para combater a sua influência em seu processo formativo, entendemos que o campo da formação docente não pode limitar-se apenas às novas dimensões técnicas e tecnológicas que compõem o fenômeno, mas necessita *fazerpensar* novas compreensões mais profundas acerca dos processos através dos quais os seres humanos se formam (NÓVOA, 2002, p. 7).

Entendemos também que todos os praticantes da pesquisa são agentes de sua própria formação, de forma que, ao produzirmos com eles atos de currículo, intencionamos proporcionar novas perspectivas de *aprendizagemensino* que nos ajudem a compreender a formação enquanto um fenômeno que se realiza implicando e entretecendo o existencial, o sociocultural e o pedagógico (MACEDO, 2010, p. 28)

Os atos de currículo fazem parte da práxis formativa, trazem o sentido de não encerrar a formação num fenômeno exoterodeterminado pela mecânica curricular e suas palavras de ordem, por consequência, não vislumbram os formandos e outros atores/autores da formação como meros atendentes de demandas educacionais, tão pouco aplicadores de modelos e padrões pedagógicos. (MACEDO, 2012, p.72)

Desse modo inovamos na proposição de um dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura, implicado no campo das pesquisas nos/dos/com os cotidianos, para dialogar com a metodologia das plataformas em prol da checagem de fatos. Atendendo a princípios, tendências, formatos e contribuindo para a formulação de políticas sobre verificação de fatos em todo o mundo, cartografamos a vida e a obra nessa pesquisa, para lançamo-nos à vertigem de propor um desenho didático que nos possibilite identificar, combater e propor um contradiscurso as *fake news*.

Na proposição uma metodologia prática de formação que busca proporcionar aos nossos praticantes de pesquisa e a nós mesmos, outros letramentos, entendendo que não pode haver melhor proteção contra a desinformação do que a proposição de um novo processo educativo pessoal, coletivo e público (SANTAELLA, 2018), deixamo-nos pesquisar esses movimentos em busca de pensar novas contribuições e apropriações para atuação docente em tempos de pós-verdade.

Optamos, portanto, por tratar e falar aqui de docência e discência em contexto de pesquisa entendendo o posicionamento político que essas palavras carregam em nosso contexto político atual. Na intenção de demarcarmos nosso lugar de fala como professor e aluno da educação pública, gratuita e de qualidade, buscamos esconjurar as assombrações que

tentam forjar uma nova educação desmemoriada de partido, lado e posicionamento crítico, conduzimos o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire ao centro de nossa missão para evocar que “ensinar inexiste sem aprender”. Buscamos assim, para com ele, aprender novas formas mais democráticas de ver e compreender o mundo.

Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo-relativo. Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. (FREIRE, 2011, p. 23)

Fundamentados nesses viveres e saberes, e inspirados pela nossa formação como docente-pesquisador na cibercultura, nos entregamos de corpo físico e alma digital a potência dessas vivências para criar um movimento de renovação em nossa própria realidade. Esse trabalho, que como projeto, nasce do contexto das investigações do GPDOC - Grupo de Pesquisa Docência e cibercultura, coordenado pela Profa. Dra. Edméa Oliveira dos Santos, tem como mote a investigação minuciosa desse fenômeno, para crescer como proposta de um novo fazer pedagógico de verificação de fatos em busca de lançar novas sementes para cultivar outros processos democráticos que possam ser praticados em ambiências formativas na educação superior na cibercultura.

Partindo dessas considerações iniciais, onde apresentamos o contexto do tema principal do capítulo, o texto está organizado em mais duas outras partes conforme demonstramos a seguir: “*O desenho didático da disciplina informática na educação*” aborda o contexto de nossa investigação. Apresenta o desenho didático compreendido como campo da pesquisa, percebido na dialógica plural e multirreferencial característica dos ambientes online e aponta nosso percurso formativo em busca de compreender, a partir das interações com o Reglus, nosso dispositivo de pesquisa, outras formas de ser/fazer docente no ciberespaço. E “*Apresentando Reglus, uma experiência de pesquisa-formação com App-Learning*” onde introduzimos o projeto Reglus, nossa proposta de uma prática pedagógica inspirada na cibercultura e na bricolagem de uma diversidade de dispositivos de pesquisa-formação. Este eixo parte da necessidade de investigarmos ações ativistas democráticas em contextos educacionais, tentando assim compreender como essa nova realidade, tão presente em nosso cotidiano, pode nos motivar a viver, sentir produzir e

transformar efetivamente a nossa prática docente em direção ao movimento de um novo fazer pedagógico.

#### **4.1. O desenho didático da disciplina informática na educação**

Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.

*Paulo Freire, 2013<sup>120</sup>*

A presente pesquisa-formação na cibercultura tem como campo de pesquisa o cotidiano da disciplina “Informática na Educação” do curso de Licenciatura em Pedagogia a distância pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em parceria com o consórcio CEDERJ/UAB. O Consórcio Cederj foi criado em 2000, com a finalidade de democratizar o acesso ao ensino superior público, gratuito e de qualidade na modalidade Educação a Distância (EaD) e reúne, por meio de acordo de cooperação técnica, o Governo do Estado do Rio de Janeiro, por intermédio da Secretaria de Ciência Tecnologia e Inovação do Estado do Rio de Janeiro (SECTI) e da Fundação Cecierj, e as Instituições de Ensino Superior (IES) Públicas sediadas no Estado do Rio de Janeiro<sup>121</sup>.

---

<sup>120</sup> Pedagogia do oprimido [recurso eletrônico] / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

<sup>121</sup> O que é o consórcio Cederj? Fonte: <https://bit.ly/sobreocederj>

Figura 9 - Ambiente introdutório do Moodle da disciplina



## Disciplina Informática na Educação - Ped - UERJ



**Boas-vindas a disciplina! Participe desse fórum de apresentação de 07 a 11 de Agosto de 2021!!!!**

 Apresentação da Disciplina Ped -Lic - UERJ 2021.2

---



**Edméa Santos - Coordenadora**

1 h • 

Olá! É um prazer ter vocês aqui conosco. Nossa disciplina Informática na Educação será totalmente online. Isto significa que utilizaremos a Plataforma, nosso AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem, para além do tira-dúvidas ou da emissão e transmissão de tarefas e resultados. Nós estaremos junt@s criando e cocriando o conhecimento e nossa aprendizagem. Vamos fazer interatividade em rede, aprendendo com os mediadores a distância, que aqui em nosso curso serão verdadeiros docentes online.

Nossa primeira atividade é participar do fórum de boas-vindas. Assim todos e todas se apresentarão para nos conhecermos melhor. Vamos nessa?

---

**Mediadores da nossa disciplina:**

**Mônica Teixeira**

Polos:  
Itaguaí,  
Petrópolis  
e Resende

Angra,  
Belford Roxo  
e Magé

**Sara York**

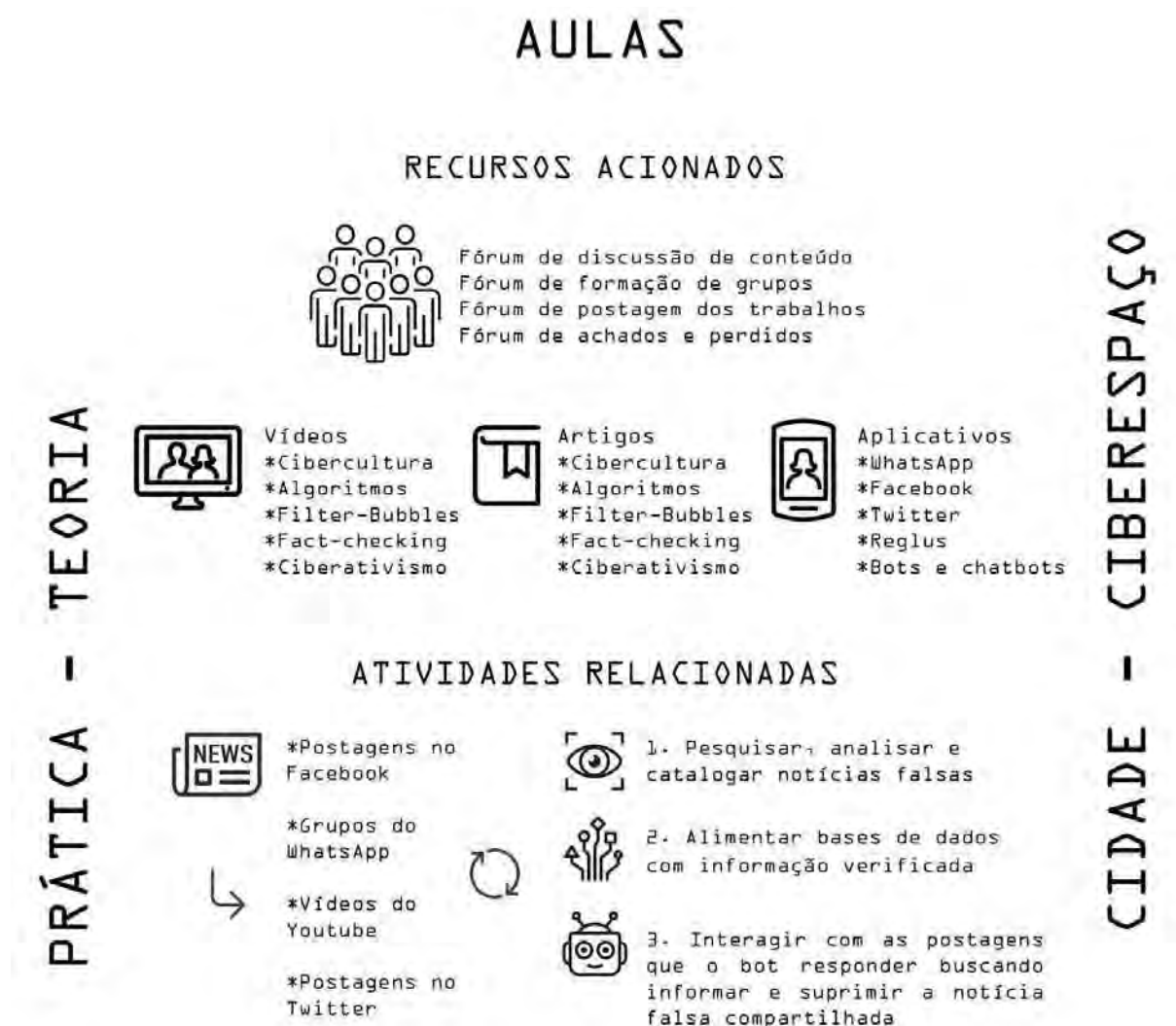
Polos:  
São Pedro,  
Nova Friburgo  
e Nova Iguaçu

**Wallace Almeida**

Polos:  
Paracambi,  
Rocinha e  
Três Rios

Fonte: captura do moodle da disciplina

Figura 10 - Desenho didático da disciplina Informática na Educação



Fonte: Elaborado pelo autor

A disciplina Informática na Educação, promovida pela coordenação do curso de pedagogia da UERJ, foi pensada em um desenho didático híbrido que conversa com aplicativos e softwares sociais e está arquitetada no *Moodle*<sup>122</sup>, uma plataforma de aprendizagem a distância baseada em *software* livre em que todos interagem criando e cocriando o conhecimento e suas aprendizagens.

Pesquisar com/no Moodle é hoje muito mais que uma opção metodológica, mas um ato de reconhecimento a sua contribuição social e cultural, por permitir que praticantes culturais geograficamente dispersos, em capilaridade de cursos, polos e múltiplas identidades

<sup>122</sup> O Moodle é uma plataforma de aprendizagem projetada para fornecer a educadores, administradores e alunos um único sistema robusto, seguro e integrado para criar ambientes de aprendizagem personalizados. A plataforma é utilizada por alunos e professores como ferramenta de apoio ao ensino a distância - EAD em mais de 220 países. Fonte: <https://bit.ly/aboutmoodle>

culturais possam estar inseridos com os seus pares através de interação no digital. Uma inovação que, no momento atual, demonstra ainda mais a importância de posicionar a educação online não apenas como uma alternativa ao ensino presencial, mas como a única configuração viável e segura em perspectiva de garantir, graças ao suporte tecnológico, a manutenção da vida, na promoção das políticas de distanciamento físico.

Assim, por entendermos que as práticas formativas ganham outras presencialidades no ciberespaço, mediadas por tecnologias digitais em rede (SANTOS, 2019, p.19), questionamos aqui também a ideia de que esse distanciamento seja de cunho “social”, mas sim de “classe social”. Daqueles que não tem acesso e que carecem ainda mais de uma mediação implicada pelas professoras e professores que, mesmo não valorizadas e perseguidas, permanecem em interconexão com seus praticantes culturais por meio de seus próprios recursos pelas mais diversas mídias sociais da internet (TEIXEIRA, COUTO JUNIOR, BRITO, 2021, p.96).

Ainda assim, impressionado pela primeira experiência com o Moodle, por ocasião da itinerância narrada durante a graduação, e pelos primeiros movimentos engajados de autoria crítica/política no ciberespaço durante a pesquisa no mestrado, escolho mais uma vez me entregar ao “sentimento do mundo” (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2019) bricolando em todos esses “*espaçostempos*” em busca de, mais uma vez, me reconhecer e ser reconhecido com/nos/dos praticantes da pesquisa na convergência de centenas de outros olhos, para *moodlear*, em busca de uma saída.

Assim, ao contrário da formação aprendida e desenvolvida na maioria das pesquisas do campo educacional, inclusive em muitas sobre los cotidianos escolares) que, de maneira muito frequente, têm assumido uma forma de pensar que vem negando [] [os cotidianos como 'espaçostempos'] de saber e criação, vou reafirmá-lo como sendo de prazer, inteligência, imaginação, memória e solidariedade, precisando ser entendido, também e sobretudo, como [...] de grande diversidade. Entre outras coisas, confirmando o que disse acima, porque assim o vivo. Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades (...) (dos cotidianos escolares e outros) exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada [...] (circunstância ou acontecimento] buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que [...] [estão colocados] a cada ponto do caminho diário (ALVES, 2001, p. 16-17, 2008, p. 18).

Partimos assim pelo caminho em busca de viver um dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura que fosse capaz de compreender o fenômeno das *fake news* e seus desdobramentos na sociedade para perceber de que forma eles modificam as formas de atuação e formação docente na contemporaneidade. Sem, porém, deixar de lado a avenida em



que agora desembocamos: uma terra arrasada pela política do negacionismo. Modificando e sendo modificados pelas mutações do fenômeno, forjamos outros prolongamentos em perspectiva de abarcar também a emergência de investigar como essa guerra de narrativas vem atentando contra a vida e a integridade dos seres humanos durante a pandemia da covid-19.

Em consonância com estudos dos fenômenos que emergem da cibercultura e suas apropriações pelos praticantes culturais, bem como a proposição de um diálogo entre a formação docente e as novas formas de socialização e aprendizagem contemporâneas, resgatamos aqui duas de nossas questões de pesquisa: *como os docentes em formação percebem o fenômeno das fake news em sua prática cotidiana, e quais estratégias que eles usam para combater a sua influência em seu processo formativo? Como desenvolver em nossa prática uma pedagogia de fact-checking que nos permita identificar, combater e propor um contradiscurso as fake news?*

No sentido de compreender como essas duas primeiras indagações são correspondidas em nosso cotidiano, buscamos entender, de maneira diferente do aprendido, como os atos de currículo vividos com nossos praticantes podem promover a mudança do nosso paradigma em direção a outros desdobramentos, em quatro grandes momentos, a saber: “*Aula 1 - educando em nosso tempo*”, onde discutimos as fases da informática na educação e seus desdobramentos na prática educativa da contemporaneidade em busca da construção de uma educação para atuar com as mídias. Na “*Aula 2 - De onde vêm as informações*”, entendemos o que é a pós-verdade, como percebidos pelos algoritmos, como as notícias falsas são produzidas e o que as bolhas ocultam. A “*Aula 3 - Aprendendo práticas de fact-checking education*”<sup>123</sup> para proporcionar fundamentação teórica e prática formativa de modo a identificar, combater e propor um contradiscurso as *fake news* para finalmente, na “*Aula 4 - Novas proposições educativas*”, lançar mão de nossos dispositivos para fazer a verdade viralizar.

Desse modo, elegemos nosso percurso formativo pelo desenho didático da disciplina em busca de compreender, a partir das interações com esse dispositivo, novas formas de ser/fazer docente no ciberespaço a partir das experiências significativas de onde emergem os dados em rede. Permito-me e permitimo-nos assim a abertura ao inesperado e a prontidão ao

---

<sup>123</sup> Discorreremos mais sobre a motivação para a manutenção desse título em inglês na próxima seção.

abraçar, a receber, a incorporar e se fazer interrogações e análises no propósito de perceber tudo o que nos chega, desses “*espaçostempos*”, nos seus tão diferentes acontecimentos, através de todos os nossos sentidos (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2019) para formar educadores que sejam capazes de “criar, mediar e gerir ambiências educativas”, mesmo em contextos excludentes, segregacionistas e antidemocráticos.

#### 4.2. Paulo Freire, presente!

Nunca, talvez, a frase quase feita – exercer o controle sobre a tecnologia e pô-la a serviço dos seres humanos – teve tanta urgência de virar fato quanto hoje, em defesa da liberdade mesma, sem a qual o sonho da democracia se esvai

*Paulo Freire, 2013<sup>124</sup>*

Apresentamos aqui usos formativos de algoritmos, aplicativos e dispositivos para a mediação docente com praticantes culturais através do encadeamento de narrativas e imagens produzidas em contexto de pesquisa. Partimos do repertório teórico-metodológico da pesquisa-formação na cibercultura para a proposição do dispositivo de pesquisa “*Reglus*” para subverter os usos dos dispositivos utilizados em nosso cotidiano e compreender outras ambiências formativas no ciberespaço. O esforço que aqui se propõe é no sentido de revelar alguns dos passos que estamos dando no sentido de compreender a última de nossas indagações, a saber, “*como a pesquisa-formação na cibercultura, em especial no uso de aplicativos, pode contribuir para pensar a formação do docente na era da pós-verdade?*”

Para responder essa pergunta estamos inovando na proposição de um dispositivo didático que busca aprender com as plataformas em prol da checagem de fatos (*fact-checking*) novas formas de criar práticas que nos possibilitem identificar, combater e propor um

---

<sup>124</sup> Freire, Paulo. Pedagogia da esperança [recurso eletrônico] : um reencontro com a pedagogia do oprimido / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

contradiscurso as *fake news*. A atualidade do fenômeno e seus métodos de disseminação nos movem em busca de buscarmos também, como essas práticas estão sendo disseminadas na sociedade (em aplicativos, *bots* e inteligência artificial) para então, munidos nessas novas perspectivas, mobilizar novas formas de atuação docente.

Em tempos de digital em rede e de democratização do acesso e consumo das mídias, podemos perceber que os usos que os praticantes (CERTEAU, 2008) culturais fazem hoje de seus dispositivos móveis investem contra o paradigma comunicacional massivo e converge para a composição de um espaço de multiplicação de canais de aquisição de informação, de proliferação do conhecimento e de estilos de aprendizagem.

Dentre esses estilos, a lógica de aprender e ensinar por intermédio de aplicativos de dispositivos móveis, ou *app-learning*, como define Santaella (2016), tem se mostrado um campo de atuação interessante; uma vez que tem como princípio básico a apropriação de aplicativos que usamos em nosso cotidiano para compor novas configurações e subversões em ambiências formativas. A experiência do *app-learning*, como prática social que emerge da cibercultura, proporciona outros contextos de pesquisa, cria outras oportunidades de reflexão acerca dos usos que fazemos de nossos dispositivos móveis e provoca a geração de outros contextos significativos de aprendizagem que busquem nas vivências dos praticantes a inspiração para a produção de experiências transformadoras da prática docente.

Amparados em outras pesquisas (ALMEIDA, 2018), onde se investigou a potencialidade dos atos de currículo na perspectiva do *app-learning* e em estudos posteriores, focados na *app-docência* (ALMEIDA; CARVALHO; SANTOS, 2018), nas perspectivas de autoria em práticas de *app-learning* (ALMEIDA; SANTOS, 2019) e nas autorias colaborativas via aplicativos em rede (ALMEIDA; CARVALHO; SANTOS, 2019) pudemos verificar que o desdobramento da produção-participação coletiva que se refere ao surgimento da noção de “autoria colaborativa via app em rede” precisa ser concebido “nas relações com outros, por meio de conversas, nas tessituras de pontos de vista distintos, em tensões cotidianas e oportuniza situações de negociações-partilha e colaboração-interatividade” (*ibid.*, p. 184).

Partindo assim também da nossa implicação com a causa democrática da verdade e do interesse de mobilizar saberes outros em sintonia com as dinâmicas da cibercultura, ousamos formar e nos formar com o coletivo de praticantes em formação do curso de graduação em Pedagogia, tendo como suporte essencial a proposta de um dispositivo didático interativo e

aberto que busca contemplar práticas de vivência e resistência nos campos de batalha da contemporaneidade: a cidade e ciberespaço.

O dispositivo que decidimos mobilizar foi a criação do espaço base do “Projeto Reglus”. O nome Reglus foi escolhido como uma homenagem ao grande educador e filósofo brasileiro Paulo **Reglus**<sup>125</sup> Neves Freire em um contradiscurso à onda conservadora que busca censurar as vozes de professores e alunos assim como sua pedagogia. A alfabetização, para Freire, não é apenas um processo técnico de aprendizagem da linguagem escrita. A problematização do cotidiano e das relações de poder que se estabelecem nele tem peso fundamental, pois a “leitura de mundo precede a leitura da palavra”<sup>126</sup>.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2017, p.9)

Figura 11 - Uma homenagem a Paulo Reglus Neves Freire em seu centenário<sup>127</sup>



Fonte: Elaborado pelo autor

<sup>125</sup> Veremos mais sobre a escolha desse nome para o dispositivo na próxima seção: “Prazer, meu nome é Reglus”

<sup>126</sup> Freire, Paulo, 1921-1997 A importância do ato de ler [recurso eletrônico] : em três artigos que se completam / Paulo Freire. - 1. ed. - São Paulo : Cortez, 2017

<sup>127</sup> Paulo Freire, 19 de setembro de 1921 – São Paulo, 2 de maio de 1997.

Concordamos com Freire nesse aspecto ao entender que o desassossegar do olhar mundano das palavras que compõem a nossa realidade é fundante para compreender o contexto pelo qual elas são formadas. Por conceber que o impregnar de sentido tudo o que fazemos a cada instante é condição fundamental para a aquisição do ato de ler o próprio mundo e as palavras que ele compõe, constatamos que é preciso voltar ao início do nosso processo particular de alfabetização, para com palavras do nosso mundo compreender posteriormente um mundo maior, como o da desinformação.

Assim nos parece interessante resgatar o pensamento de Freire que sempre “viu a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador” (FREIRE, 2017, p.23) para afirmar ser preciso também “alfabetizar” adultos, e porque não também docentes em formação, para atuar com a leitura das palavras nas mídias. Um ato criador que atende a uma perspectiva dialógica que compreende muito mais do que a mera reprodução da mensagem enunciada nos discursos, mas que define qual é a posição que essa mensagem ocupa no contexto social e político, quem produz essa mensagem e principalmente: quem lucra com a sua propagação<sup>128</sup>.

Desse modo, não basta apenas formar docentes para o uso dos dispositivos e das tecnologias digitais em rede. Seria essa opção uma solução demasiadamente otimista de uma prática meramente tecnicista. Assim sendo, é preciso buscar um novo fazer que, permeado e imbricado pelo espectro humano, não abdique da possibilidade intrínseca de construir, afetar e modificar o mundo a partir de nossa experiência existencial para “inteligir-lo e, em consequência, comunicar o inteligido<sup>129</sup>”(FREIRE, 2011, p.16).

Por isso mesmo a formação técnico-científica de que urgentemente precisamos é muito mais do que puro treinamento ou adestramento para o uso de procedimentos tecnológicos. No fundo, a educação de adultos hoje como a educação em geral não podem prescindir do exercício de pensar criticamente a própria técnica. O convívio com as técnicas a que não falte a vigilância ética implica uma reflexão radical, jamais cavilosa, sobre o ser humano, sobre sua presença no mundo e com o mundo. Filosofar, assim, se impõe não como puro encanto, mas como espanto diante do mundo, diante das coisas, da História que precisa ser compreendida ao ser vivida no jogo em que, ao fazê-la, somos por ela feitos e refeitos. (FREIRE, 2011, p.61)

---

<sup>128</sup> “Não basta saber ler mecanicamente ‘Eva viu a uva’. É necessário compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho.” (Paulo Freire, in Moacir Gadotti, Paulo Freire: Uma Biobibliografia, 1996.)

<sup>129</sup> Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos / Paulo Freire – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

Foi desse lugar que, feitos e refeitos pela história recente de ataques a educação e o convívio com técnicas onde não falha a vigilância, que implicamos nossa proposição radical: filosofar com/por Freire uma nova interação de sua presença no mundo e com o mundo. Que se impõe não como um puro ou derradeiro recanto da verdade, mas como manifesto complexo diante do mundo que o persegue. Aprendendo e apreendendo com o mundo a inteligência do produzir quanto do comunicar o inteligido em perspectiva crítica em oposição a ideia massificadora de alienação.

Que estando cada vez mais comprometido com o papel de criar e arquitetar ambiências formativas, inteligentes e desafiadoras, que preparem as pessoas para o exercício da cidadania, ou seja, para afetar a cidade e se apropriar dos seus equipamentos e paisagens de forma cidadã (SANTOS, 2018). Sendo nesse processo, progressivamente mais atento aos usos do/e como praticante cultural, aos métodos dos parceiros intelectuais e a curiosidade que pulsava dentro de mim, que me vejo pactuado com Freire em um processo dialógico compreendido no fragmento de um percurso itinerante narrado a seguir.

De modo a entender o motivo de tantos acontecimentos conturbados culminarem no resultado do ato eleitoral democrático: em que os brasileiros, em livre opção de escolha falharam ao acolher a proposta mais desesperançada em prol de caçar os mesmos demônios vermelhos do passado, e igualmente perceber-se cercado pelas mudanças que a institucionalização de novos comportamentos e negação de valores e saberes causa, parti em busca de conciliação pessoal e profissional em meio ao surgimento de uma nova pesquisa.

Foi então, por ocasião da elaboração do projeto de tese que me inscrevi na disciplina de tópicos especiais: *“Paulo Freire em tempos sombrios/pedagogia da esperança”*, ministrada pelo Prof. Dr. Aristóteles de Paula Berino. No decorrer do curso, aprendemos com ele a importância de entregar-se na obra de Freire em busca de emergir outros sentidos em nossa prática para compreender que transformações estávamos vivendo. O contexto era e ainda é sombrio, mas inspirados pela pedagogia da esperança de Freire entendemos que “o futuro com que sonhamos não é inexorável”. Temos que dominar as artes de fazê-lo, de produzi-lo em uma conjunção dos dispositivos que dispomos “e mais com o projeto, com o sonho por que lutamos<sup>130</sup>” ou ele não virá da forma como queríamos.

---

<sup>130</sup> Freire, Paulo, 1921-1997. *Pedagogia da esperança* [recurso eletrônico] : um reencontro com a pedagogia do oprimido / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

Figura 12 - Listagem das disciplinas oferecidas na época

**sigaa** beta

versão anterior  Educação, Contextos Contemporâneos E Demandas Populares

Olá, **WALLACE CARRIÇO DE ALMEIDA** 

Semestre atual: **2022.1**

[Turma Virtual](#)

**Todas as Turmas**

[Acessar Turma Virtual](#)

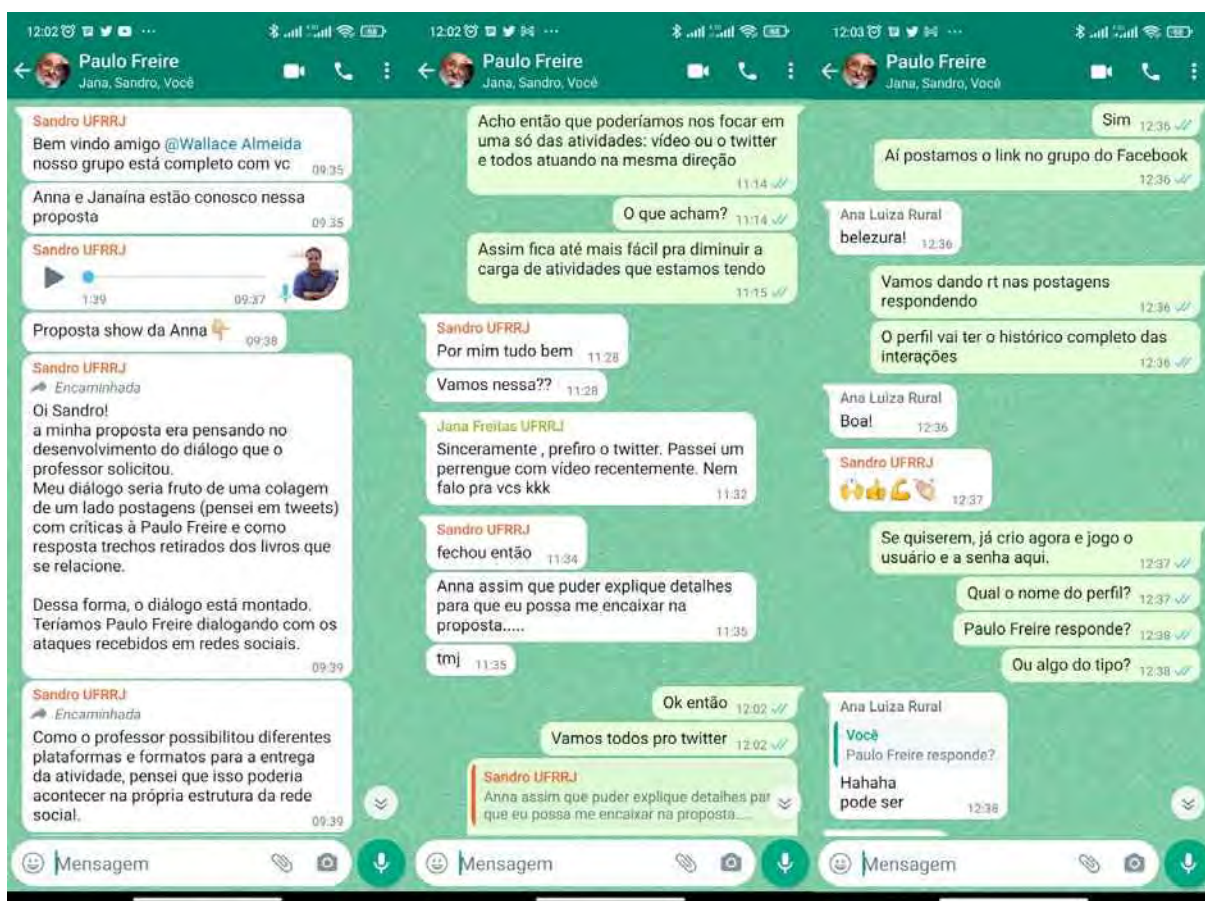
Disciplina	Turma	CH Total	Horário
<b>2021.2</b>			
IM-1312 - EDUCAÇÃO E DEMANDAS POPULARES	02	45h	36T34 (28/09/2021 - 21/12/2021) <a href="#">&gt;</a>
<b>2021.1</b>			
PPGECCD0069 - TÓPICO ESPECIAL: CIBERPESQUISA-FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO ONLINE	01	60h	2N234 (07/06/2021 - 23/08/2021) <a href="#">&gt;</a>
<b>2020.2</b>			
IM-1313 - PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE	01	45h	2T23 (31/08/2020 - 07/12/2020) <a href="#">&gt;</a>
IE-1348 I - SEMINÁRIO DE PESQUISA III	01	45h	5M234 (03/09/2020 - 10/12/2020) <a href="#">&gt;</a>
IE-1350 I - SEMINÁRIO DE PESQUISA V	01	45h	7M123 (31/08/2020 - 22/12/2020) <a href="#">&gt;</a>
PPGECCD0061 - TÓPICO ESPECIAL EM PENSAMENTO DE MULHERES NEGRAS NA AMÉRICA LATINA	01	45h	3N234 (01/09/2020 - 22/12/2020) <a href="#">&gt;</a>
PPGECCD0060 - TÓPICO ESPECIAL: PAULO FREIRE EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL	01	45h	3M234 (01/09/2020 - 08/12/2020) <a href="#">&gt;</a>
PPGECCD0046 - TÓPICOS ESPECIAIS EM EDUCAÇÃO, HEGEMONIA E DESENVOLVIMENTO	01	45h	5T23 (03/09/2020 - 03/12/2020) <a href="#">&gt;</a>
<b>2020.1</b>			
PPGECCD0064 - TÓPICO ESPECIAL: PESQUISA E FORMAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE	01	60h	2N23 (08/02/2021 - 03/05/2021) <a href="#">&gt;</a>
<b>2019.2</b>			
IE-1349 I - SEMINÁRIO DE PESQUISA IV	01	45h	7M123 (05/08/2019 - 14/12/2019) <a href="#">&gt;</a>
PPGECCD0058 - TÓPICO ESPECIAL "PESQUISA MULTIRREFERENCIAL E COM OS COTIDIANOS NA EDUCAÇÃO"	01	60h	2M1234 (05/08/2019 - 14/12/2019) <a href="#">&gt;</a>
<b>2019.1</b>			
PPGECCD0049 - TÓPICOS ESPECIAIS: EDUCAÇÃO E CIBERCULTURA: PESQUISA-FORMAÇÃO E CURRÍCULOS ONLINE	01	60h	2M1234 (11/03/2019 - 06/07/2019) <a href="#">&gt;</a>
PPGECCD0047 - TÓPICOS ESPECIAIS: PAULO FREIRE EM TEMPOS SOMBRIOS/PEDAGOGIA DA ESPERANÇA	01	45h	3T234 (11/03/2019 - 06/07/2019) <a href="#">&gt;</a>

Fonte: Captura de telas do SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

Pelo somar de nossas forças, sonhos e dispositivos em busca desse futuro, fomos impulsionados a criar uma atividade que mobilizasse uma proposta de desenvolvimento de um diálogo com Paulo Freire na contemporaneidade. Formamos então um grupo no WhatsApp onde eu, o irmão de GPDOC Sandro Ribeiro e as parceiras de caminhada acadêmica, Anna Luiza e Janaína Rodrigues, forjamos os primeiros ensaios do que viria a se desdobrar no que hoje é o dispositivo de pesquisa-formação dessa tese.



Figura 13 - Contribuição espontânea de ideias por parte de todos e todas na criação da atividade



Fonte: Captura de telas do WhatsApp

Surgiu assim o perfil “Paulo Freire responde” ([@pfreireresponde](#)). Sua proposta: responder postagens que compartilhem discursos de ódio, perseguição e desinformação acerca da vida e obra de Paulo Freire no *twitter*, utilizando trechos contextualizados de sua obra. Um ensaio importante que gerou um diálogo com outros perfis dedicados ao educador e filósofo (Patrono Paulo Freire - [@PatronoPauloF](#)) e o embate direto de narrativas com os disseminadores de *fake news*, gerando inclusive, o deletar de algumas postagens serem confrontados em novas interações com novas informações.



Figura 14 - Interação com um perfil que deletou sua postagem



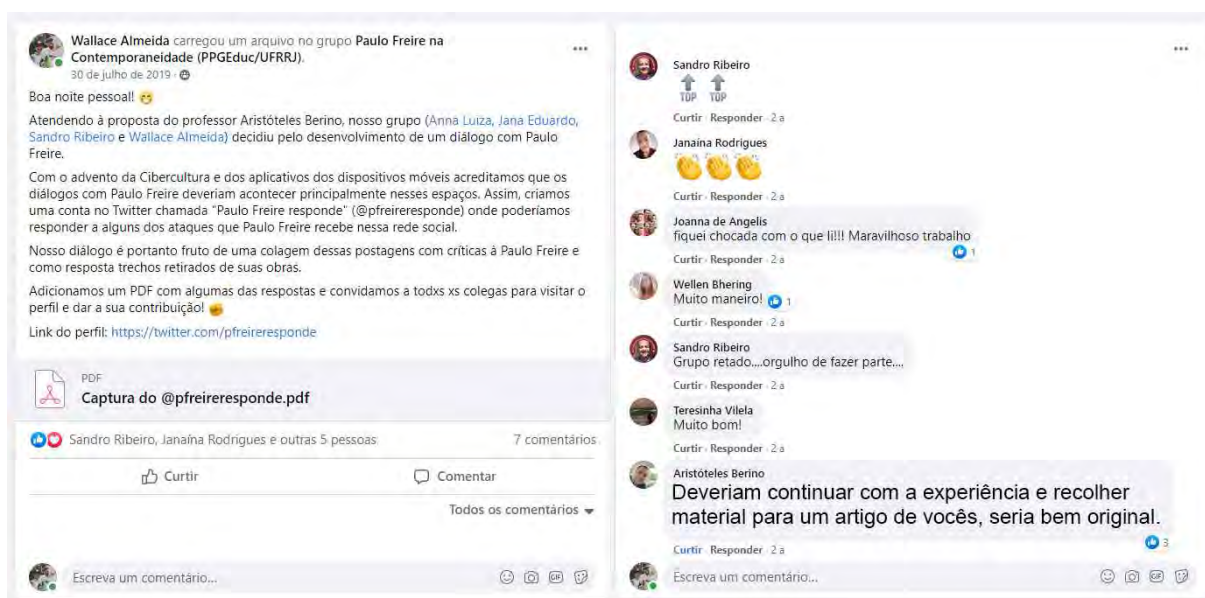
Fonte: Captura de telas do Twitter

Assim aconteceu nossa atividade. Mesmo tendo apenas 19 tweets, nosso perfil recebeu 54 seguidores e ganhou 298 impressões durante o período que ficou ativo. Isto significa que, em face das nossas interações com o mundo, podemos inferir outras formas de compreensão que gerem mudança de comportamento, que atentem contra a política de negação de fatos e em busca de romper com a lógica puramente emocional de sua razão de ser, usando toda possibilidade que me vier à mão em busca de não apenas falar de minha utopia, mas para participar e mobilizar práticas com ela coerentes.

na medida em que nos tornamos capazes de transformar o mundo, de dar nome às coisas, de perceber, de entender, de decidir, de escolher, de valorar, de, finalmente, eticizar o mundo, o nosso mover-nos nele e na história vem envolvendo necessariamente sonhos por cuja realização nos batemos. Daí então, que a nossa presença no mundo, implicando escolha e decisão, não seja uma presença neutra. A capacidade de observar, de comparar, de avaliar para, decidindo, escolher, com o que, intervindo na vida da cidade, exercemos nossa cidadania, se erige então como uma competência fundamental. Se a minha não é uma presença neutra na história, devo assumir tão criticamente quanto possível sua politicidade. Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes. (FREIRE, 2000, p.17).

Desse modo, finalizamos nossa proposta. Reunimos um resumo de nossas interações e postamos a atividade no grupo no Facebook da disciplina, onde recebemos um retorno positivo do coletivo de praticantes e a ideia que mudaria o curso dessa narrativa. *“Deveriam continuar com a experiência e recolher material para um artigo de vocês, seria bem original”*.

Figura 15 - Postagem da atividade no grupo da disciplina e a sugestão do professor Aristóteles



Fonte: Captura de telas do Facebook

Figura 16 - Praticantes da disciplina Paulo Freire em tempos sombrios/pedagogia da esperança



Fonte: Foto reproduzida no grupo do Facebook

A experiência daquela disciplina e o convite para continuar nossas proposições em novos deslocamentos formaram os primeiros alicerces que fundaram o Reglus como dispositivo de pesquisa. Os parceiros seguiram em suas próprias elaborações, mas eu me vi repleto de todas essas potências e possibilidades, não podendo deixar de fazer com que a minha “prática ingênua” me movesse em outra direção a não ser a de um novo fazer pedagógico. Segui por fim aquelas pegadas em rastro de avistar o surgimento de uma e outra prática, mais astuta e crítica para se tornar repleta de significação formativa.

O mito da neutralidade da educação, que leva à negação da natureza política do processo educativo e a tomá-lo como um quefazer puro, em que nos engajamos a serviço da humanidade entendida como uma abstração, é o ponto de partida para compreendermos as diferenças fundamentais entre uma prática ingênua, uma prática “astuta” e outra crítica. Do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político. Isto não significa, porém, que a natureza política do processo educativo e o caráter educativo do ato político esgotem a compreensão daquele processo e deste ato. Isto significa ser impossível, de um lado, como já salientei, uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral; de outro, uma prática política esvaziada de significação educativa. (FREIRE, 1989, p.15)

O coletivo das bifurcações até aqui apresentadas representam as contribuições elementares e a soma dos indícios e desdobramentos que nos levam ao ponto de partida de nossa empreitada. Que mesmo agora, repletos de narrativas e achados pelo tempo, não sabemos ainda como seremos percebidos pelo mundo. Embora haja o risco de sermos levados pelas ondas do mar do esquecimento e da dissolução, sorvemos esse risco como “ingrediente necessário à mobilidade sem a qual não há cultura nem história” (FREIRE, 2000, p.16). Desse modo, nos digerimos com o medo para narrar nossa história e nos refazemos com Freire para atuarmos nessa nova perspectiva de educação midiática com/por docentes pelo ciberespaço.

Não haveria cultura nem história sem inovação, sem criatividade, sem curiosidade, sem liberdade sendo exercida ou sem liberdade pela qual, sendo negada, se luta. Não haveria cultura nem história sem risco, assumido ou não, quer dizer, risco de que o sujeito que o corre se acha mais ou menos consciente. Posso não saber agora que riscos corro, mas sei que, como presença no mundo, corro risco. É que o risco é um ingrediente necessário à mobilidade sem a qual não há cultura nem história. Daí a importância de uma educação que, em lugar de procurar negar o risco, estimule mulheres e homens a assumi-lo. (FREIRE, 2000, p.16)

Assim, o Reglus é a nossa proposta de assumir nossos riscos em busca de responder aos/com nossos praticantes: como podemos distinguir notícias falsas de fatos verificados? Com a cibercultura, a forma como buscamos e consumimos informação mudou drasticamente,

assim como o modo como verificamos e avaliamos as fontes dessas informações. Entendendo que precisamos aprender a identificar e pensar criticamente nesses novos espaços de produção de informação, desenvolvemos essa iniciativa. O Reglus é, portanto, como dispositivo de pesquisa-formação online na cibercultura, “contexto, campo de pesquisa e dispositivo formativo” (SANTOS, 2019, p.20) que fundamenta todas as práticas de produção com os outros dispositivos da pesquisa.

Figura 17 - Relação dialógica do dispositivo Reglus



Fonte: Elaborado pelo autor

A plataforma tem como proposta a bricolagem de uma diversidade de dispositivos de pesquisa-formação, entre os quais destacamos:

1. As aulas da disciplina Informática na Educação (PED-LIC) - UERJ, na realização das atividades de pesquisa, análise dos debates em fóruns de discussão online, observação das práticas pedagógicas via ambiente virtual de aprendizagem.
2. A criação e manutenção de um repositório online de notícias confiáveis, curado e alimentado pelos praticantes culturais da disciplina onde docentes e discentes fazem aprendem como atuar como agência de checagem de fatos, isto é, um confronto de histórias com dados, pesquisas e registros.

3. A aplicação de inteligência artificial coletiva na atuação direta (com a interação dos praticantes com os dispositivos, ao pesquisar, nas publicações de notícias no feed do Twitter, a incidência de notícias falsas, respondendo com a informação fatural verificada) e indireta (com a criação e manutenção de um *chatbot* que responde pesquisas acerca de veracidade de notícias no Facebook, WhatsApp e no Twitter).

Já vimos acima como os atos de currículo vividos com nossos praticantes estão divididos em quatro grandes momentos que compõem as aulas da nossa disciplina. Em busca de provocarmos uma educação para atuar com as mídias e introduzir o tema da verificação de fatos na educação. Atuamos com nossos praticantes culturais para brincar fundamentação teórica, crítica e prática formativa de modo a identificar, combater e propor um contradiscurso as fake news de modo a lançar mão de nossos dispositivos para fazer a verdade viralizar.

Através desses atos de currículo, propusemos uma ambiência de educação midiática inspirada pelo fact-checking, ou simplesmente *fact-checking education*. Aqui, mesmo avançado na escrita deste texto, cabe finalmente respondermos algumas perguntas. O termo “*fact-checking education*” não poderia ser traduzido para o português? Perder ainda o que resta da referência que coloniza, do idioma de um país orientado ao norte, uma vez que temos “perfeita” correspondência do termo em nossa língua portuguesa: “*educação para verificação de fatos*”? De certo modo, sim. Em uma breve análise, desde o início desse trabalho temos adotado também sua contrapartida em português por entendermos ser preciso romper, com as epistemologias do norte que buscam, ideologicamente, nortear-nos, orientar-nos e derivar-nos aos marcadores dos dominadores/opressores para virar-nos de costas para o Cruzeiro do Sul (SOUSA SANTOS, CAMPOS, FREIRE). Não seria assim uma atitude de indiferença, de menosprezo, de desdém para com as nossas próprias possibilidades de construção local de um saber que seja nosso, se prender nesse termo em inglês para lidar com as coisas locais e concretamente nossas? (FREIRE, 2013, p.186) Não necessariamente.

Se acreditamos que as palavras tem políticas de sentido (SANTOS, 2011), e nesse caso, nos valemos do termo em inglês (*fact-checking education*) para evidenciar a origem do problema, a saber, a desinformação generalizada usada metodologicamente como arma contra a democracia. Ao escolhermos o termo em inglês, demarcamos que essa invenção perversa não é coisa nossa, não é um problema absolutamente local. Apesar de sua apropriação cultural

pela extrema-direita brasileira, o fenômeno das *fake news*, como é compreendido na contemporaneidade, é constituído a partir de Trump, Steve Bannon (seu estrategista), Kellyanne Conway (diretora de sua campanha eleitoral em 2016 e depois Conselheira do Presidente em 2017) e da Cambridge Analytica (CA). Quando as eleições dos Estados Unidos e o plebiscito Brexit, no Reino Unido são conquistados, os termos *post-truth* (pós-verdade) e *fake news* são recondicionados e outros novos, como *alternative facts* (fatos alternativos) são criados, “inaugurando uma modalidade de mentira pós-imprensa” (BUCCI, 2019, p.41 apud SANTAELLA, 2021, p.79).

Assim, do mesmo modo em que *post-truth* (pós-verdade) e *fake news* se tornam as palavras dos anos 2016 e 2017 pelos dicionários Collins<sup>131</sup> e Oxford<sup>132</sup> por adquirirem certa legitimidade para traduzir o fenômeno sociotécnico, cultural, político, semiótico e tecnológico de desinformação em nosso tempo, e que o termo *fake news* seja o mais usado, embora tenhamos um correspondente próprio em nossa língua (notícias falsas), entendemos ser relevante a questão de apontarmos em direção ao problema e contribuirmos para a busca de soluções na crescente comunidade de verificadores de fatos em todo o mundo e defensores de informações factuais na luta global contra a desinformação utilizando, neste momento, os termos adotados pelos principais veículos e pesquisadores da comunicação. E assim fizemos ao cocriar com os praticantes da disciplina um repositório online de informação confiável inspirado pelas normas e práticas das agências de checagem de fatos em atuação no Brasil (Aos Fatos, Lupa) e no mundo (Instituto Poynter e todos que compõem a rede internacional de verificação de fatos), pelas atuais iniciativas do jornalismo independente (The Intercept Brasil) e de desmonetização de disseminadores de *fake news* (Sleeping Giants Brasil). O resultado pode ser conferido em nossa página: Reglus – Um dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura<sup>133</sup>

---

<sup>131</sup> Fake news is 'very real' word of the year for 2017 Fonte: <https://bit.ly/fakenewscollinsdc>

<sup>132</sup> 'Post-truth' declared word of the year by Oxford Dictionaries. Fonte: <https://bbc.in/3TJ0qKf>

<sup>133</sup> Reglus – Um dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura. Disponível em: <http://reglus.me/>



Figura 18 – Captura de tela da página Reglus, o repositório online de notícias confiáveis da pesquisa.



Fonte: Captura de tela da página reglus.me

Através da seção “Arquivo de notícias verificadas nas redes”, os praticantes culturais da pesquisa são convidados a capturar *fake news*, recebidas por eles mesmos, em qualquer uma das plataformas de mídias sociais, para através de sua própria pesquisa e investigação nas

redes, produzir texto argumentativo e didático documentando o seu próprio processo de verificação daquela narrativa. Comprovando-se a consonância de suas afirmações com a validação dos fatos e emitindo deliberação final acerca da publicação, classifica-se esta então como: verdadeira, imprecisa, exagerada, contraditória, insustentável ou falsa.

O método de checagem de declarações e verificação de narrativas adotado nessa pesquisa utiliza a nomenclatura de selos empregada pelo Aos Fatos<sup>134</sup>, onde cada uma dessas classificações possui um significado particular. Transcrevemo-as a seguir:

- O emprego do selo VERDADEIRO é simples: a declaração ou a informação são condizentes com os fatos e não carecem de contextualização para se mostrarem corretas.
- O selo IMPRECISO só se aplica a declarações. Quando a afirmação recebe o selo IMPRECISO, significa que necessita de contexto para ser verdadeira. Ou seja, em alguns cenários, é possível que a declaração em questão não se aplique.
- O selo EXAGERADO só se aplica a declarações. É para quando elas não são totalmente falsas, mas estão quase lá. Um político disse que fez 100 mil creches, mas fez 80 mil? EXAGERADO.
- O selo INSUSTENTÁVEL só se aplica a declarações. Serve àquelas cujas premissas não podem ser refutadas nem confirmadas. Ou seja, serve para quando não há fatos, dados ou qualquer informação consistente que sustentem a afirmação.
- O selo CONTRADITÓRIO é usado apenas em declarações, quando o conteúdo da declaração checada é objetivamente oposto ao de afirmações ou ações anteriores atribuídas à mesma pessoa, ou instituição que ela representa.

---

<sup>134</sup> Nosso Método - Conheça o método de checagem de declarações e verificação de boatos do Aos Fatos. Fonte: <https://bit.ly/aosfatosmetodo>



- O selo DISTORCIDO é usado apenas para boatos e notícias com conteúdo enganoso. Serve para aqueles textos, imagens e áudios que trazem informações factualmente corretas, mas aplicadas com o intuito de confundir.
- Se uma afirmação ou uma notícia, ou um boato têm informações sem qualquer amparo factual, eles recebem o selo FALSO. É simples. Basta que os dados disponíveis a contradigam de forma objetiva.

Optamos por esse modelo pela sua praticidade e por atender o código internacional de princípios e condutas estabelecido pela IFCN (International Fact-Checking Network), assinado pelo Aos Fatos em setembro de 2016, para certificar que todo o material desenvolvido pelo veículo é apartidário e comprometido com a transparência de suas atividades. Do mesmo modo, nosso espaço teve como proposta a criação de um repositório online de notícias confiáveis, curado por todos os praticantes da disciplina, onde docentes e discentes “*ensinam aprendem*” práticas implicadas de checagem de fatos, isto é, um confronto transparente de histórias com dados, pesquisas e registros, comprometido sempre com a divulgação da verdade dos fatos.

Uma vez que essa verificação minuciosa dos fatos tenha sido finalizada, a informação, bem como todo o seu processo investigativo, é publicado no repositório de notícias para consulta pública direta e indireta. Desse modo, o praticante, assim como toda a comunidade, pode pesquisar diretamente pelas páginas do Reglus em busca de informação verificada ou acessar o banco de dados com todas as verificações de forma automatizada e contextual através do uso indireto de palavras-chave ao interagir com os aplicativos de mídias sociais em busca de informação. Nesse momento, utilizamos o aplicativo do *Facebook Messenger* para acessar o Reglus através de seu chatbot detector de *fake news*.

Inicialmente o *chatbot* do Reglus foi desenvolvido com a proposta de promover uma forma de interação rápida entre humanos e a base de dados de notícias verificadas, disponível na página do Reglus. Porém, com o passar do tempo, percebemos que o seu diferencial tem o potencial de romper com a lógica estruturada das páginas da Web para partir para uma relação dialógica direta com o saber. Um processo que pode ser concebido de diversas formas como apresentamos a seguir.

### 4.3. Prazer, meu nome é Reglus

Enfim, o homem – porque é homem – é, portanto, capaz de discernir, pode entrar em relação com outros seres. Isto também lhe é específico. [...]O homem, [...]estabelece relações com a realidade (as relações que implicam a diferença de contato e aplicação de uma inteligência, de um espírito crítico, de um saber fazer...

*Paulo Freire, 2018<sup>135</sup>*

Em 19 de setembro de 1921, 101 anos atrás, nascia em Recife, Pernambuco, o educador e filósofo brasileiro, Paulo Reglus Neves Freire. Neves era o nome de família de sua mãe (Edeltrudes *Neves* Freire) e Freire era o do seu pai (Joaquim Temístocles *Freire*), a quem podemos atribuir também a “invenção” do nome Reglus. “Não sei qual foi a influência latina que ele teve, quando foi me registrar. O fato é que Reglus deveria se escrever Re-gu-lus, mas o sujeito do cartório errou e escreveu Reglus” (FREIRE, 2013d, p. 18). Régulo significa pequeno rei em latim<sup>136</sup> e Regulus é o nome dado à estrela mais brilhante da constelação de Leão, uma das 15 maiores constelações do céu, mas nem sempre foi esse o seu nome. Antigamente, conhecida por Cor Leonis (em latim, o coração do leão), pela posição que ocupa no corpo da figura celestial, ela representa o prenúncio da primavera no hemisfério norte e pode ser vista no hemisfério sul à noite<sup>137</sup>.

Paulo enquanto Reglus nunca nasceu, este nunca existiu, a não ser nos documentos oficiais: registro de nascimento, certidão de casamento e documentos universitários. Desde a sua adolescência, por Paulo Freire, ele ficou sendo conhecido e quando professor de língua portuguesa, já era Freire, sendo assim o outro nome nunca “pegou”(ibid.). O que não se pode dizer o mesmo a respeito de seu método de alfabetização.

Enquanto desenvolvia um programa nacional de alfabetização que seria implantado pelo ex-presidente João Goulart, inspirado em projeto que desenvolveu no Rio Grande do

---

<sup>135</sup> Freire, Paulo, 1921-1997 Conscientização [livro eletrônico] / Paulo Freire; tradução Tiago José Risi Leme. - São Paulo: Cortez, 2018.

<sup>136</sup> "Régulo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Fonte: <https://bit.ly/regulosdicio> 100 anos de Paulo “Regulus” Neves Freire. Fonte: <https://bit.ly/100anosreglus>

<sup>137</sup> Meet Regulus, the Lion’s Heart. Fonte: <https://bit.ly/reguluslionheart>

Norte (Angicos) com cerca de 400 jovens e adultos, Freire foi acusado de subversão pela ditadura militar, ficou preso por 70 dias, exilado por 15 anos, retornando ao Brasil apenas em 1979, para hoje, 43 anos depois, voltar a ser alvo de ataques nas redes sociais e nos discursos políticos, consequência da nova onda conservadora que assola o país<sup>138</sup>.

Figura 19 – Imagem de uma manifestação em 15/03/2015 que pedia o impeachment e o fim de Paulo Freire



Fonte: <https://bit.ly/manifestacaooglobo>

A mensagem é clara: “chega de doutrinação marxista” e “basta de Paulo Freire!”. As críticas ao educador e ao seu pensamento ganharam reforço contundente, estimuladas pelo atual presidente, que de Freire é um forte opositor. “No passado, no tempo do Lula, a garotada demorava três anos para ser alfabetizada. Agora, no nosso governo, leva seis meses. O seu Paulo Freire não deu certo<sup>139</sup>” - assim, Jair Bolsonaro, defendia o uso de um aplicativo como a solução definitiva<sup>140</sup> para a alfabetização de crianças que não tiveram as aulas presenciais durante a pandemia. O que é uma afirmação de quem não demonstra saber, não quer saber ou

<sup>138</sup> Por que o Brasil de Olavo e Bolsonaro vê em Paulo Freire um inimigo. Fonte: <https://bit.ly/paulofreireinimigo>

<sup>139</sup> Quem foi Paulo Freire, criticado por Bolsonaro no debate na Band. Fonte: <https://bit.ly/freirenaodeucerto>

<sup>140</sup> Aplicativo que Bolsonaro disse que alfabetiza criança em seis meses não é capaz sozinho de alfabetizar, diz universidade que adaptou app. Fonte: <https://bit.ly/graphogameapp>

ignora deliberadamente como acontece a produção do conhecimento, principalmente na contemporaneidade.

Por isso, a verdade é que Paulo Freire deu certo, e muito. 25 anos após sua morte, ele ainda é o brasileiro que mais recebeu títulos *honoris causa* pelo mundo. Sendo homenageado em 48 universidades brasileiras e estrangeiras e em mais de 350 escolas ao redor do mundo que levam seu nome<sup>141</sup>. Além de centenas de outras menções e prêmios, como Educação pela Paz, da UNESCO (1986) e ter a terceira obra (*Pedagogia do Oprimido*, 1968) mais citada em trabalhos da área de humanas<sup>142</sup>, se consagrando como um dos mais notáveis pensadores brasileiros. Essa é a verdade que eles não querem que você saiba.

Assim, pela atual belicização do pensamento freiriano nas redes, nos submetemos a um exercício crítico capaz de significar uma proposta radical de mudança dessa percepção, dessa relação do que se diz do patrono da educação brasileira e da educação como prática de libertação, por ele propagada. Entendendo ser preciso estabelecer novas relações da pessoa de Freire para também com aqueles que o atacam, mesmo sem saber exatamente o que combatem, nos fazemos valer desse estado de ignorância declarada como uma ocasião favorável, como um espaço de oportunidade para a atuação intencional de outra tática pedagógica. Para atuar nessa situação de opressão, em todos os seus aspectos cabíveis, e evitar a imediata vinculação entre a pessoa e o dispositivo que nomeia antes de uma merecida recontextualização, recorremos ao brilho de sua estrela para fazer cessar a noite e anunciar a chegada da primavera. Fazendo assim nascer o Reglus.

São essas as relações que culminam em uma mudança de curso. Para a aplicação de uma inteligência, de um dispositivo crítico e de um “*saberfazer*” que atue no processo cognitivo em meio a uma constelação de preconceitos e paradigmas. Para iluminar o caminho e nos fazer entender que não foi um mero lapso da grafia que cunhou o Reglus, mas a anunciação da novidade pelo qual seria possível reimaginar e surpreender com ele em virtude de sua aplicabilidade. Ficamos assim apresentados. Prazer, o nome é Reglus, mas quem é você?

“Eu sou um *chatbot* criado por professores para organizar um movimento que busca difundir opinião e informação, agregar pessoas e promover ações físicas e digitais para expressar um contradiscurso em relação aos problemas cotidianos causados pelas *fake news*”.

---

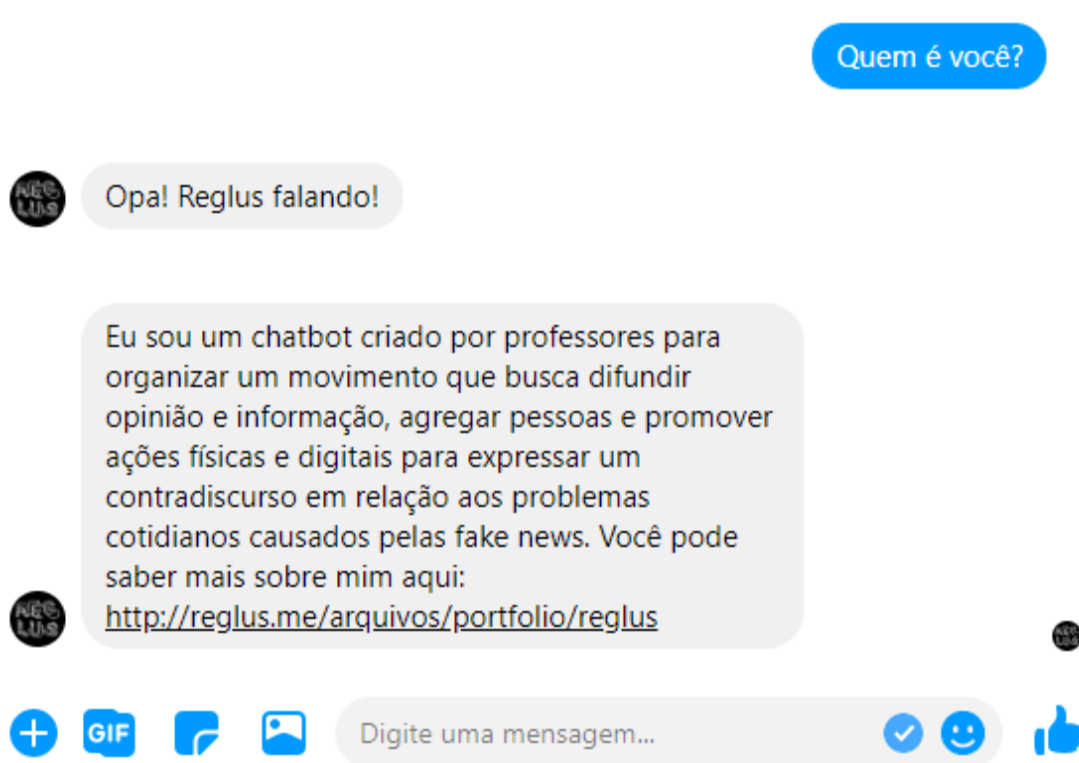
<sup>141</sup> Homenagem ao Centenário de Paulo Freire 1921 - 2021. Fonte: <https://bit.ly/freirecentenario>

<sup>142</sup> What are the most-cited publications in the social sciences (according to Google Scholar)? Fonte: <https://bit.ly/mostcitedpub>

É desse modo que o *chatbot* “se percebe” e responde quando lhe perguntam “*quem é você?*”

<sup>143</sup> Uma interação que parece bem simples, mas que resulta de muitas outras intenções e interações formativas entre “*docentesdiscentes*” em multiplicidades de redes.

Figura 20 – Captura de uma conversa com o *chatbot* do Reglus no Messenger



Fonte: Captura de tela do messenger do Facebook

Desenvolvido no [Dialogflow](#), uma plataforma do Google<sup>144</sup> que fornece uma maneira intuitiva de interagir com dispositivos baseados em conversas com voz e texto, o *chatbot* do Reglus foi concebido desde o seu início para atuar com tecnologia de inteligência artificial, replicando a proposta do dispositivo do Reglus em aplicativos de redes sociais como o Messenger do Facebook, WhatsApp, Twitter e Instagram. Nessa proposta, que conversa de forma intrinsecamente com a primeira, o objetivo é promover uma forma de interação rápida entre humanos e a base de dados de notícias verificadas, disponível na página do Reglus.

Inspirado pela iniciativa “Fátima”, uma robô checadora de fatos do Aos Fatos criada em julho de 2018 e que venceu o Prêmio Cláudio Weber Abramo de Jornalismo de Dados em

<sup>143</sup> Link para acessar o *chatbot* do Reglus: <https://www.messenger.com/t/reglusbot>

<sup>144</sup> Desenvolvida pela Speaktoit e lançada em setembro de 2014 como api.ai, foi comprada pelo Google em 2016. Em outubro de 2017, foi renomeada de api.ai para Dialogflow. Fonte: <http://bit.ly/dialogflowapi>

2019, empregamos a mesma premissa de verificar informações nas redes, mas tendo como suporte de atuação a *práticas pesquisa formação* docente em busca de gerar um novo fazer pedagógico que busca a propagação e verificação da verdade, desenvolvemos e atrelamos a ele um novo processo formativo que representa esse compromisso.

Na proposta do Aos Fatos<sup>145</sup>, o perfil do twitter [@fatimabot](https://twitter.com/fatimabot) consistia em uma dinâmica própria que passa o tempo respondendo, com notícias verdadeiras checadas pela agência de checagem, os usuários que compartilham notícias falsas. Fátima, que vem de “FactMa”, uma abreviação de “FactMachine”, representa a voz dos projetos de inteligência artificial e automatização de checagem do Aos Fatos na área de educação para a mídia<sup>146</sup>. O funcionamento acontecia da seguinte forma: o algoritmo do bot pesquisa por notícias publicadas em um intervalo de tempo determinado e responde àquelas notícias falsas que tenham correspondência automática com a informação verificada pela equipe do Aos Fatos. Essa proposta, assim como muitas outras, visam para além de proporcionar oportunidades de interação crítica com o universo de informação e desinformação nas redes, permite também que se aprenda como as narrativas que permeiam entre o que é um fato, uma opinião podem ser desarticuladas em perspectiva da propagação de plataformas confiáveis, que utilizem de métodos automatizados de verificação de notícias falsas utilizando Processamento de Linguagem Natural (PLN) e Aprendizado de Máquina (AM).

Essa proposta interessante chamou a nossa atenção pela inovação do método e sua efetividade na atuação no combate contra as fake news, uma vez que um número expressivo de pessoas, quando confrontados com informação verificada, não sustentam mais a narrativa e deletam as notícias falsas.

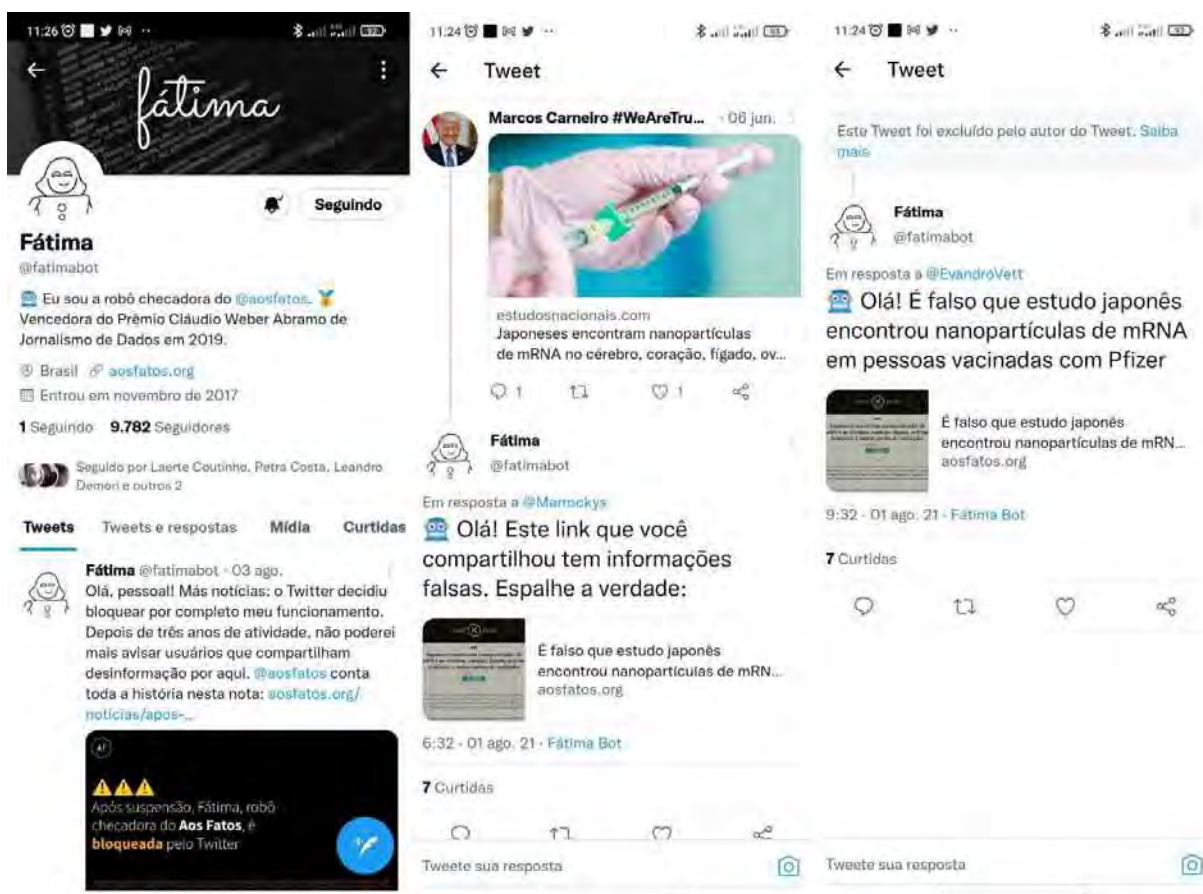
---

<sup>145</sup> Aos Fatos e Facebook unem-se para desenvolver robô checadora. Fonte: <https://bit.ly/fatimaproposta>

<sup>146</sup> Conheça o Aos Fatos Lab. Fonte: <https://bit.ly/aosfatoslab>



Figura 21 – Exemplo de atuação do bot Fátima no Twitter



Fonte: Captura de tela do Twitter

Infelizmente, após atualização das políticas de uso da API<sup>147</sup> da plataforma, em busca de conter a má utilização generalizada de bots de propagação de notícias nas redes sociais, o Twitter baniu injustamente a Fátima<sup>148</sup> por violação às suas regras de automação, “devido ao uso de um aplicativo que menciona ou comenta, de forma duplicada, conteúdos relacionados a contas que não estão interagindo diretamente com o perfil” e depois que a equipe do Aos Fatos recorreu da decisão, o bot foi suspenso “por violar suas regras de spam”. Dessa forma, a decisão da plataforma impossibilita definitivamente que a Fátima leia e detecte links com conteúdo suspeito para responder com informação verificada pela equipe do Aos Fatos.

Desse modo, assim como a Fátima, tentamos desenvolver uma aplicação que interagisse com os usuários respondendo postagens com links de desinformação com

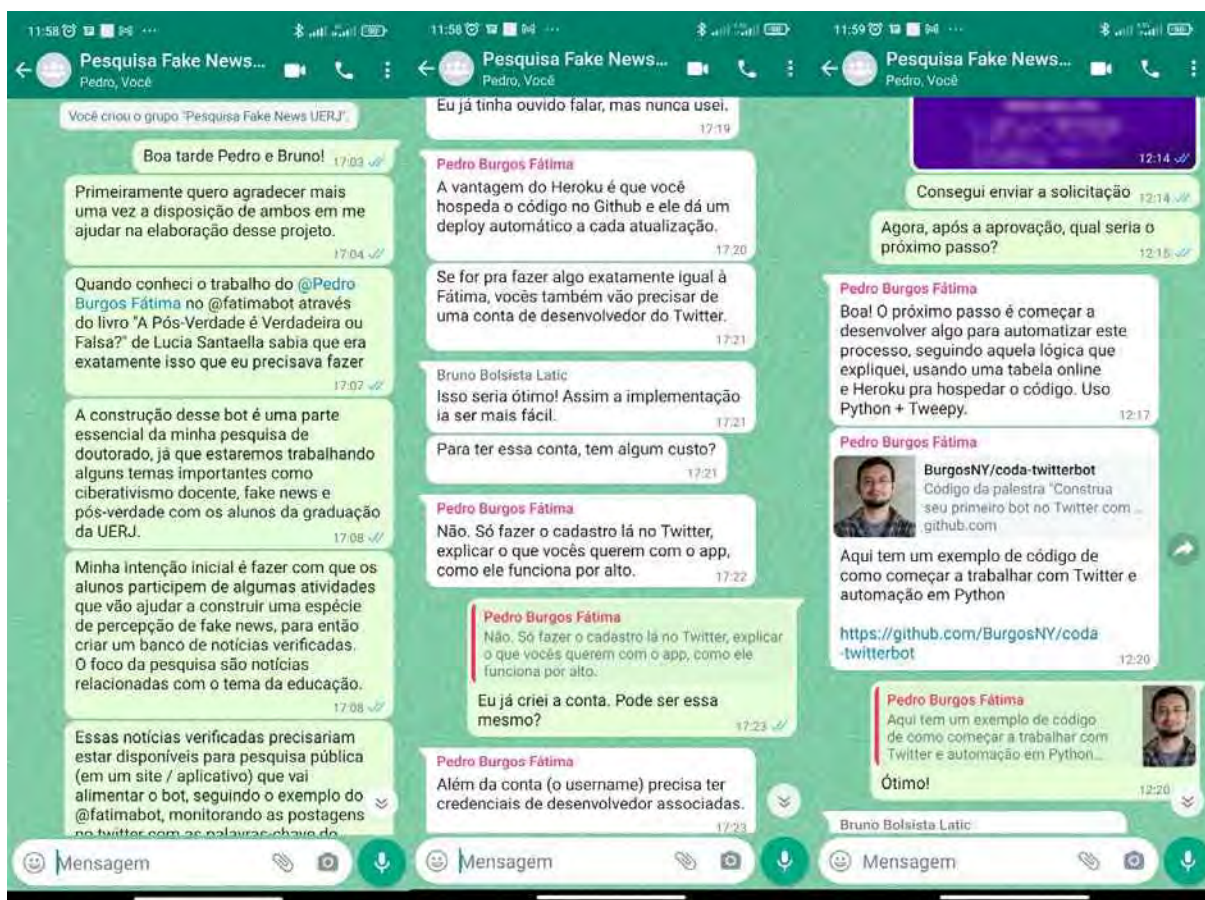
<sup>147</sup> A sigla API deriva de expressão que, traduzida para o português, pode ser compreendida como um conjunto de normas que possibilita a comunicação entre plataformas através de uma série de padrões e protocolos. Fonte: <https://bit.ly/apioquee>

<sup>148</sup> Após suspensão, Fátima, robô checadora do Aos Fatos, é bloqueada pelo Twitter. Fonte: <https://bit.ly/banimentofatima> Nova versão. Fonte: <https://bit.ly/fatimachatbot>

conteúdo devidamente verificado, mas esbarramos em uma série de impedimentos técnicos que, além de impossibilitar o avanço do projeto, requereriam a ajuda de pessoal especializado para conseguir atuar nas APIs das plataformas, sem causar um banimento com o funcionamento automatizado como foi o caso.

Em contato com o idealizador da *Fátima*, o jornalista Pedro Burgos, ICFJ *Knight Fellow*<sup>149</sup> e fundador do Impacto.jor, projeto apoiado pelo Google News Lab do qual Aos Fatos também é entusiasta, informamos o nosso interesse de produzir com os nossos praticantes da disciplina de Informática na Educação, uma iniciativa semelhante ao trabalho realizado pela *Fátima*, ao qual ele respondeu muito positivamente e nos ajudou intensamente no desenvolvimento da nossa própria ideia, que durante um bom tempo contou com a ajuda do Bruno, um bolsista da equipe do laboratório de Tecnologia da Informação e comunicação (LaTIC/UERJ) para a escrita do algoritmo e desenvolvimento da aplicação.

Figura 22 – Grupo do WhatsApp criado para interagir com a equipe do desenvolvimento do bot



Fonte: Captura de tela do WhatsApp

<sup>149</sup> ICFJ Knight Fellowships. Fonte: <https://bit.ly/icfjellow>



Porém, com o aumento das dificuldades de execução, a dedicação constante necessária para o avanço do projeto e a minha total inexperiência com programação, o projeto foi assolado pelas constantes falhas de desempenho. Em meio a tantas especificidades que precisavam ser atendidas e a disponibilidade voluntária de tempo dos parceiros envolvidos o desenvolvimento parou, de modo que cada um seguiu em suas próprias elaborações.

Mas eu ainda estava repleto de todas essas potências e possibilidades, e não queria desistir de fazer com que toda a experiência adquirida na concepção do projeto fosse o motor em outra direção a não ser a de um novo fazer pedagógico. Embevecido em páginas de códigos, da multiplicidade de sistemas disponíveis e de curiosidade de tentar aprender, catei minhas certezas espalhas pelo chão e organizei uma estratégia de afrontar as incertezas

A pesquisa e prática docente em educação online deve partir da concepção de estratégia e não apenas de programa. O conceito de estratégia que defendemos a concebe como a “arte de utilizar as informações que aparecem na ação, de integrá-las, de formular esquemas de ação e de estar apto para reunir o máximo de certezas para enfrentar a incerteza” (MORIN, 1999, p.192, apud SANTOS, 2019, p.106)

Segui por um sem fim de mundos e modos de fazer ajustando meus passos nas pegadas daqueles que vieram antes de mim, percebendo como as apropriações e os usos de cada dispositivo poderia proporcionar o surgimento de uma ou outra prática, mais capaz de firmar a miragem que eu acalentava em minha mente. Desenvolvido assim de forma autônoma na presença da minha própria pessoa, mas a partir da infinitude de presenças imateriais de parceiros dispostos a compartilhar e disponibilizar livremente seu conhecimento na internet, eu pude me aventurar no desafio de *ensinaraprender* a codificar em bits as promessas que eu havia jurado cumprir, em perspectiva de associar as potencialidades desse novo saber não somente para propagar outras formas de verificação de fatos em notícias falsas, imagens, memes, correntes de WhatsApp e vídeos, mas proporcionar também minha própria formação como educador online, versado nas artes de fazer.

A educação tem sentido porque o mundo não é necessariamente isto ou aquilo, porque os seres humanos são tão projetos quanto podem ter projetos para o mundo. A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem. A educação tem sentido porque, para serem, mulheres e homens precisam de estar sendo. (FREIRE, 2000, p. 20)

Pela consciência de ser e estar no mundo, como projeto que sou, sendo e deixando de ser para fazer e refazer-me com ele, viabilizo essa nova experiência de mim em busca de mudar também o mundo. Em busca de ser “capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar” (FREIRE, 2000, p.20) prefiro ser essa “metamorfose ambulante” do que ter a mesma opinião que aceitou a acomodação do estado final das coisas, ou pior, que dela se aparelhou para inclusive se justificar por ela. Desse modo, imerso assim nos sentimentos que me cercavam, eu finalmente compreendia que o conciliar de todos os eus que em/por mim contendiam, não representava o fim da disputa metodológica do que eu pretendia e costumava *serfazer*, mas apenas demarcava o surgimento de uma nova mutação em meu sistema ideológico de modo a escrever, desenvolver e promover um novo código docente. “Em uma perspectiva em que tudo o que fazemos responde a um algoritmo. É hora de que todos entendam como e por quê<sup>150</sup>” (PARTOVI, 2016)

Assim, para além de demonstrar o achado final da concepção do dispositivo, intencionamos demonstrar também alguns dos percursos que fizemos durante o seu processo de concepção de modo a devolver de alguma forma a comunidade de praticantes que nos acolheu enquanto eu buscava aprender e ajudar a pavimentar outros caminhos e outros caminhantes que, impressionados por essa pesquisa, queiram se aventurar também na proposta de algoritmizar a sua própria prática docente. Promovendo assim um outro desdobramento no processo educacional de sorte a encontrar novos espaços de atuação docente em tempos de pós-verdade e propagar sua relevância no caráter social como o instrumento mais eficiente de combate a desinformação.

O leitor é nosso convidado a acompanhar esse processo formativo, assim como suas ressonâncias, onde pesquisadores e praticantes são impulsionados a verem suas construções e verificações tomarem uma nova abordagem para um contexto de enfrentamento da realidade na subversão de práticas em meio aos dispositivos que disseminam *fake news* e desinformação. O esforço descrito abaixo é movido com a proposta de acreditar que essas experiências poderão motivar a construção de mais elaborações coletivas e produtivas acerca dessas instruções *compartilhadasrecebidas* em suas próprias redes.

---

<sup>150</sup> Programar é o novo ler e escrever. Fonte: <https://bit.ly/programarlerescrever>

#### 4.4. Montando o robô

Em nome da natureza humana, de que tanto falei, me rebelo contra esse “pragmatismo” amesquinizador e afirmo: a prática educativa que, coerente com o ser que estamos sendo, desafia a nossa curiosidade crítica e estimula o nosso papel de sujeito do conhecimento e da reinvenção do mundo. Esta, no meu entender, é a prática educativa que vem sendo exigida pelos avanços tecnológicos que caracterizam o nosso tempo.

*Paulo Freire, 2000<sup>151</sup>*

De modo a compreender como as conversas empreendidas nesses novos “*espaçostempos*” podem estimular experiências transcendentais, propomos assim, aprender com a constante evolução dessas interfaces de cooperação, suas possibilidades e novas perspectivas para o debate acerca da lógica comunicacional. A fim de interagir com os saberes em uma nova dimensão, nos permitimos compartilhar nossos conhecimentos e apontá-los uns para os outros em busca de multiplicar saberes pode proporcionar experiências formativas de inteligência coletiva (LÉVY, 1994). Nessa perspectiva, atuamos não somente ao fato de aprendermos a *serestar* docentes no ciberespaço, mas, para além disso, de sermos capazes de lograr as “artes de fazer”, as “astúcias sutis” e as “táticas de resistência” pelas quais se alteram os objetos e principalmente os códigos, reapropriando o espaço ao nosso uso e nosso jeito.

Assim sendo, para conversar com as máquinas, é preciso apropriar-se de seus signos e códigos para interpretar a linguagem que permeia nossa diálogo. Mas quando não se sabe um idioma, o que podemos fazer para garantir a comunicação? Usamos um intérprete, ou no nosso caso, o *Dialogflow*. O *Dialogflow* é uma plataforma de compreensão de linguagem natural usada para projetar e integrar uma interface de usuário conversacional em aplicativos móveis, aplicativos da web, dispositivos, bots, sistemas de resposta de voz interativos e usos relacionados<sup>152</sup>. Ele pode analisar várias categorias de entrada, incluindo entradas de texto ou áudio (como de um telefone ou gravação de voz). Ele também pode responder suas solicitações de duas maneiras, seja através de texto ou com voz sintética.

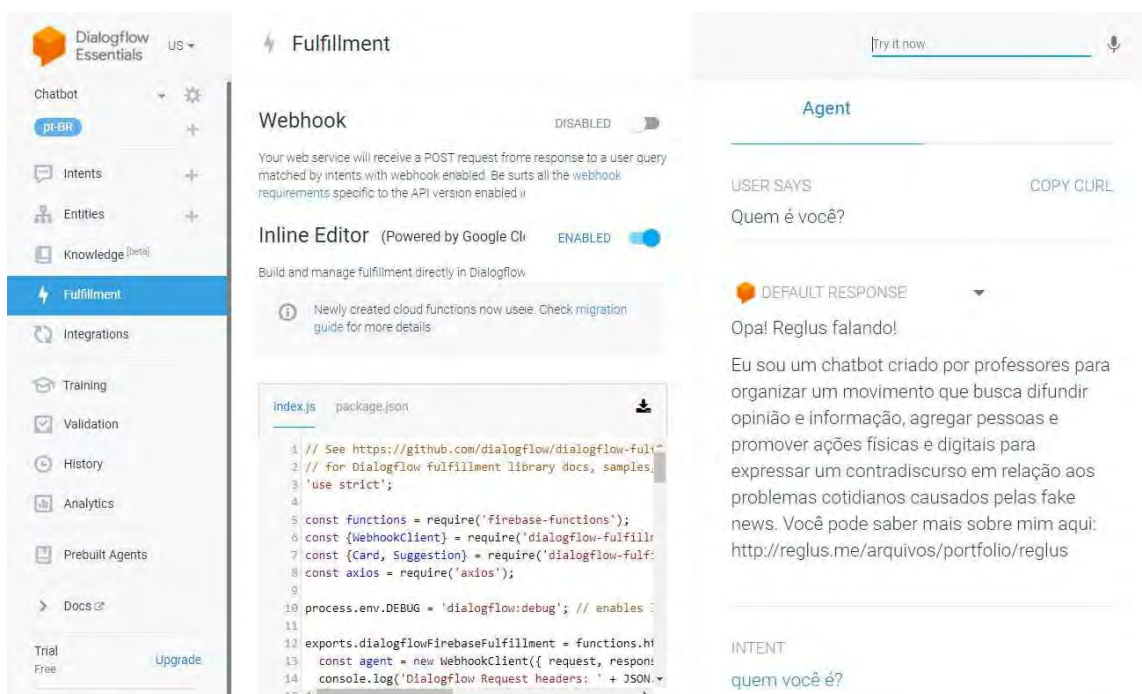
---

<sup>151</sup> Freire, Paulo, 1921-1997 Pedagogia da indignação [recurso eletrônico]: cartas pedagógicas e outros escritos / Paulo Freire. – São Paulo: Editora UNESP, 2000

<sup>152</sup> Dialogflow - Documentação. Fonte: <https://bit.ly/dialogflowdocs>

Nessa conjuntura, cada entrada do usuário na plataforma corresponde assim a um disparador capaz de ativar o algoritmo, que por sua vez tem a responsabilidade de devolver uma resposta em forma de informação contextualizada na tela. Foi desse modo que pudemos desenvolver a interação onde perguntamos ao chatbot a sua função. Essa interação, assim como qualquer outra, pode ser estruturada pela interface do aplicativo para criar diálogos, pesquisas, avaliações, jogos e qualquer outro tipo de interação que possa ser aplicada em formato de entradas e saídas, resultando em uma infinidade de outras aplicações e utilizações formativas que podem ser mobilizadas entre “*docentesdiscentes*” em multiplicidades de redes.

Figura 23 - Captura da interface do Dialogflow usada no chatbot do Reglus

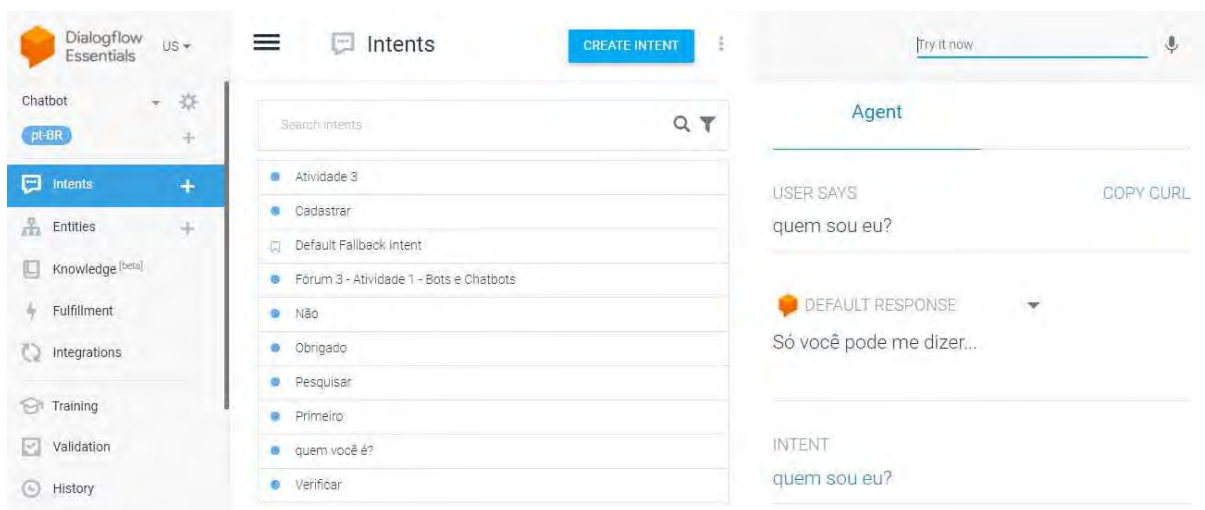


Fonte: Captura de tela do Dialogflow

No lado direito da figura acima podemos ver a mesma interação com o *chatbot* apresentada na figura 9 acontecendo agora na plataforma do Dialogflow. Identificamos também os detalhes dos primeiros elementos dessa interface que precisamos desvendar para compreender a lógica do argumento da comunicação em ação. Mais uma vez, a lógica entre o que se emite e o que se recebe não pode ser estabelecida diretamente sem a proposta inicial de uma intenção, denominada aqui pelo *Dialogflow* como “*intent*”.

As intenções são previamente estabelecidas de forma a mapear o sentido das entradas (*inputs*) dos interlocutores para proporcionar uma saída (*output*) correspondente com o sentido transmitido na solicitação de entrada. No caso acima, o gatilho (*trigger* ou *training phrase* como aparece na plataforma) está situado na frase “quem você é?” que aparece destacada em azul no canto inferior direito da tela. Entendendo esse contexto, percebemos que o que ativa a resposta: “Eu sou um chatbot criado por professores para organizar um movimento que busca difundir opinião e informação, agregar pessoas e promover ações físicas e digitais para expressar um contradiscurso em relação aos problemas cotidianos causados pelas fake news” é a presença do contexto de interrogação declarado na sentença programada. Ao passo que a pergunta “*quem sou eu*”, que compreende outra lógica de sentido, foi programada para transmitir como resposta a mensagem: “só você pode me dizer”.

Figura 24 - Captura de resposta na interface do Dialogflow



Fonte: Captura de tela do Dialogflow

As intenções são as características principais de cada agente (*agent*). Os agentes podem ser descritos como sendo o módulo onde acontece “a compreensão da linguagem natural”, sendo essencialmente o processo onde a inteligência artificial lida com a linguagem natural para identificar dados acionáveis para iniciar intenções. No exemplo do nosso dispositivo, no canto superior esquerdo da figura 13, percebemos que o agente recebeu o nome “Chatbot” (uma escolha simples para exemplificar a proposta de particionar seu funcionamento nesse texto) e já possui inclusive algumas intenções declaradas.

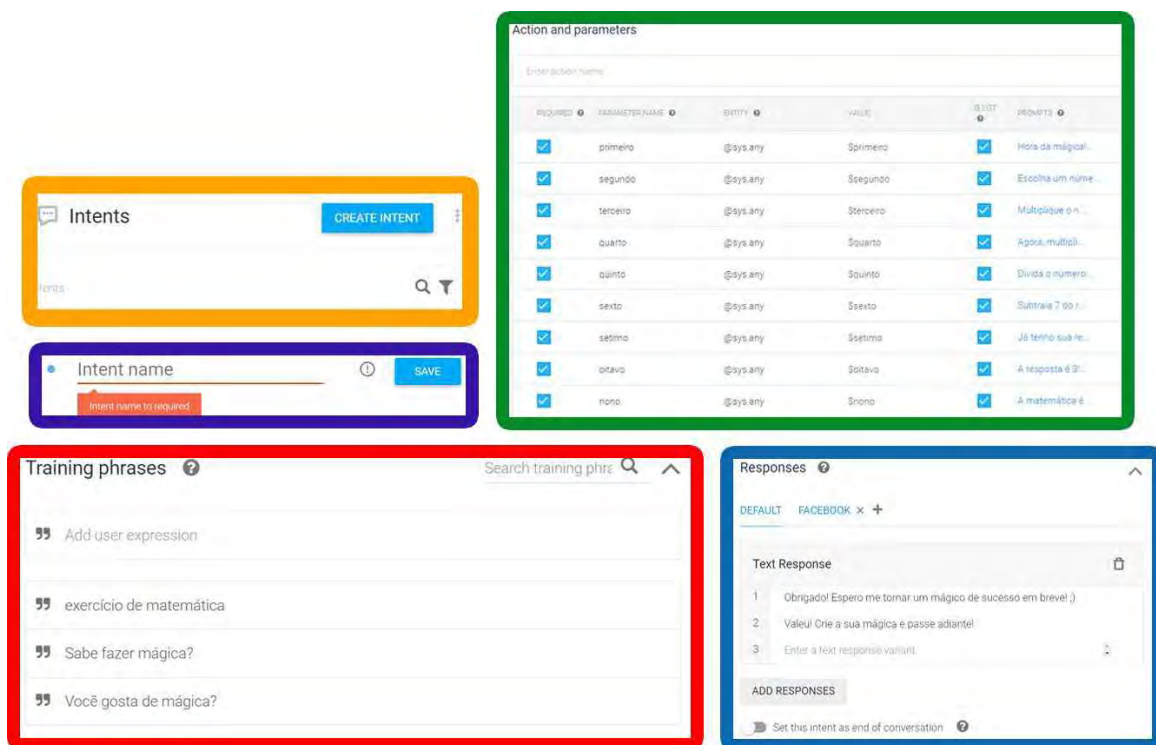
Já observamos duas dessas intenções em funcionamento e agora vamos ver o processo de declarar uma intenção, partindo de sua concepção até o exercício prático de interação com *chatbot* no aplicativo do *messenger*. Nossa proposta aqui é *aprenderensinar* os principais processos que dão forma ao diálogo no *Dialogflow* e narrar alguns dos processos que nós, como pesquisadores da educação, tivemos que itinerar para cartografar os dados em documentação especializada, vídeos e tutorias do YouTube e até mesmo a colaboração e contratação de profissionais autônomos para que esse dispositivo pudesse hoje estar caminhando com seus próprios passos. Desse modo, recomendo ainda a leitura de dois pequenos textos<sup>153</sup> que podem contribuir com as questões mais básicas de criação de conta, nomenclatura e dirimir dúvidas simples de processos específicos de desenvolvimento dos primeiros projetos.

Para a proposta desse texto, seguiremos com a criação de uma intenção que visa simular uma “mágica” e, ao mesmo tempo, criar uma atividade formativa de matemática usando um pouco de álgebra do ensino médio. Esse exemplo foi escolhido de forma a demonstrar na prática uma nova possibilidade de aprendizagem em rede.

Figura 25 - Captura da interface do Dialogflow usada no chatbot do Reglus



<sup>153</sup>Criando um Chatbot com Flutter e DialogFlow de Kleber Andrade - Fonte: <http://bit.ly/textono1> e Dialogflow – Plataforma para desenvolvimento de ChatBots de Danielle Dias - Fonte: <http://bit.ly/textono2>



Fonte - Elaborado pelo autor a partir das capturas de tela do Dialogflow

Com a plataforma configurada e pronta para o primeiro projeto (leia os links sugeridos acima), o passo seguinte é clicar no botão azul “*create intent*” (primeira seção, em amarelo) para começar assim a definir o nome, o gatilho que irá disparar nossa interação, os parâmetros de conversação e as respostas de nossa atividade para finalmente salvar e testar o projeto em funcionamento. Para o propósito da atividade determinada acima, iremos preencher o campo “*intent name*” (segunda seção, em roxo) com o nome “mágica” para situar, de forma bem direta, a proposta da atividade que desenvolvemos a seguir.

Definido o nome da nossa intenção, vamos escolher a frase que vai servir como gatilho (*training phrases* - terceira seção, em vermelho) para acionar o diálogo de entradas e saídas até a conclusão de nossa mágica. Não é recomendável ficar limitado em somente uma frase, por isso escolhemos: “você gosta de mágica?”, “Sabe fazer mágica?” é até mesmo a frase “exercício de matemática” para exemplificar/contemplar uma diversidade de categorias de entrada que podem ser utilizadas em uma mesma intenção.

Em ações e parâmetros (quarta seção, em verde) temos a oportunidade de utilizar os campos disponíveis para criar variáveis que permitam o registro de dados a partir da inserção de respostas dos praticantes. Dessa forma, podemos dar fluidez ao diálogo permitindo a troca de informações e até mesmo alimentar um “banco de memória” para que o chatbot possa



consultar, fazer operações aritméticas e projeções com base no que for estabelecido. Assim podemos subverter os usos desses *chatbots* em uma enorme diversidade de aplicações, onde o produto final depende apenas da imaginação do educador.

Em nosso exercício de matemática não será necessário o uso de nenhum tipo de operação matemática, posto que o processo solicitado terá sempre o mesmo resultado<sup>154</sup>. Desse modo, não importa o número que você comece, a resposta deve ser sempre “3”. Assim fizemos para que não nos estendêssemos ainda mais na narrativa desse processo e pudéssemos então partir para a compreensão dos fatores que permitem a elaboração desse tipo de proposta. Sem mais demoras, vamos ao processo: as colunas “*required*” (requerido) e “*is list*” (é lista) precisam estar marcadas (✓) para que o chatbot entenda que precisa obter uma entrada do praticante para avançar e partir para o próximo parâmetro da lista. Em “*parameter name*” (nome do parâmetro) e “*value*” (valor) é preciso inserir um nome para que o banco de dados possa salvar o registro e resgatar futuramente. Os valores e os nomes podem ser de sua escolha (em nosso exemplo usamos: primeiro, segundo, terceiro...), mas cada nomenclatura de valor deve ser precedida pelo símbolo “\$” (ou seja: \$primeiro, \$segundo, \$terceiro...). Os últimos dois campos a serem preenchidos são “*entity*” (entidade) e “*prompts*” (*comandos*) que correspondem respectivamente a natureza dos valores que vamos trabalhar em nossas variáveis (@sys.any - ou seja, qualquer tipo de valor de entrada: letras, números...) e as mensagens que serão exibidas na tela dos praticantes ao interagir com o *chatbot*.

A lista completa das mensagens utilizadas nesse exemplo, assim como a sua sequência correta de inserção e exibição está disposta em uma pequena planilha<sup>155</sup> e em um vídeo<sup>156</sup> capturado pela imagem a seguir. O exemplo aqui apresentado pode e deve ser modificado, adaptado, reconfigurado de forma livre. Invista ainda em outras variantes de mensagens para que cada interação possa ser diversa e única, tornando a comunicação mais próxima da imprevisibilidade humana.

---

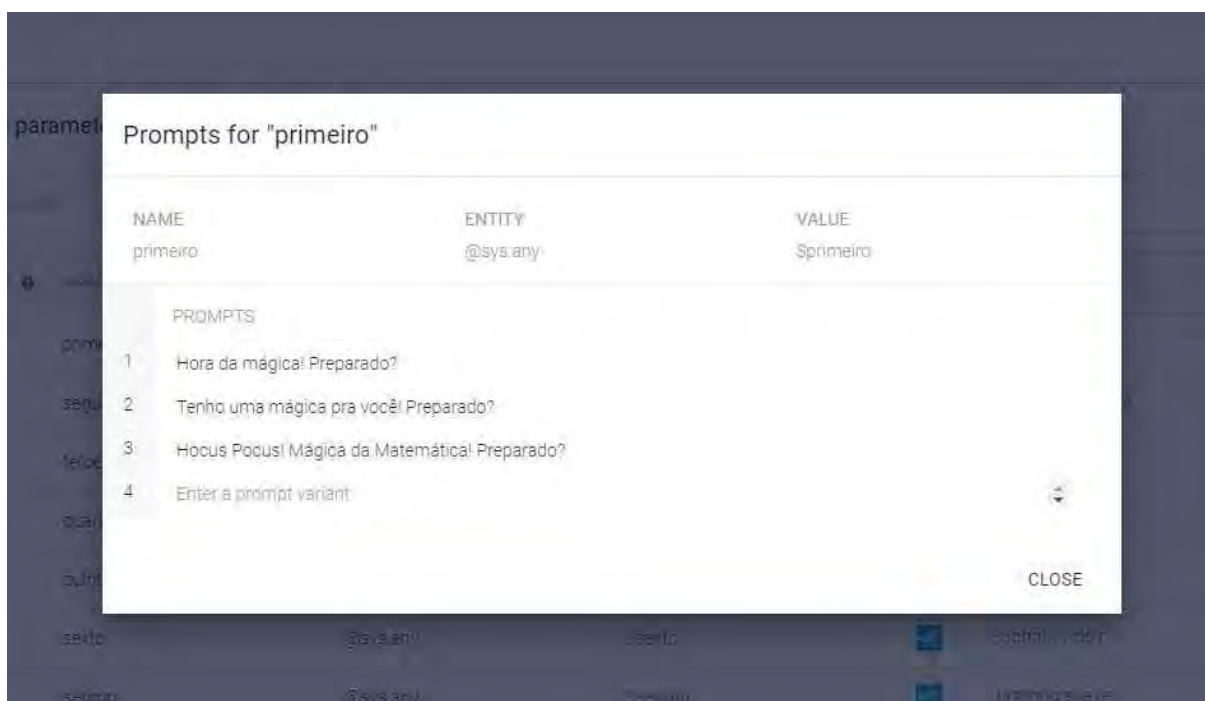
<sup>154</sup> Como Ler a Mente de Alguém com Matemática (Truque de Matemática). Fonte: <http://bit.ly/sobrou3>

<sup>155</sup> Planilha - Action and parameters. Fonte: <http://bit.ly/planacpr>

<sup>156</sup> Vídeo - Dialogflow - Construindo a mágica Fonte: <http://bit.ly/cnappedu>



Figura 26 - Captura da interface de *prompts* do Dialogflow



Fonte - Captura de tela do Dialogflow

Desse modo, seguimos para a seção final, onde iniciamos os testes no Dialogflow para verificar o funcionamento do processo. Podemos então digitar qualquer um dos três disparadores (*triggers*) escolhidos na etapa de produção, a saber: “você gosta de mágica?”, “Sabe fazer mágica?” é até mesmo a frase “exercício de matemática” para vermos o chatbot em ação, nos desafiando para um número de mágica. Um convite que também se estende a você, caro leitor. Converse com o *chatbot* do Reglus acessando o endereço [messenger.com/t/reglusbot](https://messenger.com/t/reglusbot) e verifique como o procedimento que criamos aqui se desenvolve em uma interação prática.

Assim finalizamos nossa proposta de gerar ambiências formativas capazes de mobilizar outros letramentos ciberculturais docentes. Sem encerrar, no entanto, o debate acerca das possibilidades e potências em transformação de nosso cotidiano das práticas. Para isso é preciso ainda o exercício de *fazerpensar* a pesquisa acadêmica em tempos de pós-verdade, um desafio que nos propusemos ainda no início desse trabalho e apresentamos agora alguns de seus desdobramentos, em busca de promover uma revolução de realidade.

## 5. *Fazendopensando a pesquisa acadêmica em tempos de pós-verdade*

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo[...] Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A "do-discência" – docência-discência – e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por estes momentos do ciclo gnosiológico.

*Paulo Freire, 2011<sup>157</sup>*

Em relação as diferentes formas de se *viverfazer* pesquisa na contemporaneidade, definimos desde o princípio que nossa perspectiva metodológica não comporta a ideia de utilizar aplicativos e dispositivos apenas para coletar e organizar dados. Em razão disso, investimos na afirmação de práticas docentes em educação online como “contexto, campo de pesquisa e dispositivo formativo” (SANTOS, 2019, p. 20) para emergir da experiência cibercultural outros *saberesviveres* e usos implicados para fazer deles/com/para eles, pesquisa.

Um dos papéis fundamentais da educação ao longo da história da humanidade tem sido o de formar para lidar com as emergências, principalmente no que se refere a construção de novos ambientes e cenários de pesquisa, formação e prática docente (SANTOS, 2019, p. 98). Então, quando a pandemia surgiu, ficou claro que muitos dos desafios que estávamos enfrentando exigiam também a emergência de outras soluções formativas. Nesse contexto, os cursos de Graduação a Distância já existiam, mas a diferença é que, agora, todo o currículo educacional do país precisava ser praticado remotamente a partir de mediações audiovisuais

---

<sup>157</sup> Freire, Paulo, 1921-1997 Pedagogia da autonomia [recurso eletrônico]: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2011. recurso digital

nas modernas plataformas de *webconferência* pela manutenção do distanciamento físico. Logo ficou igualmente claro que a resposta dessa plataformização da educação à pandemia não era tão ousada a ponto de usar o potencial da cibercultura na educação. A repetição e sobreposição de modelos massivos causavam agora a exaustão física e mental de professores e alunos e inúmeros adoecimentos já eram relatados em rede (SANTOS, 2020, online).

Desse modo, para além da mera reatividade de um ensino remoto mediado por tecnologias, como uma parca demonstração dissidente de seu verdadeiro valor, a resposta para este dilema precisa compreender a possibilidade de eu me tornar também sujeito da formação de meu ato formador. O que a necessidade exige, quando não se pode reagir à altura da mazela, é ao menos a questão de enfrentá-la com dignidade. A dignidade de um fazer pedagógico e de um processo formativo que transmitem o sonho possível. De ser capaz de inspirar e formar consigo e com outros um caminho eficiente, que consciente assim de seu papel e de seu valor, possa formar para o exercício docente mesmo durante uma crise global. Não apenas para permitir que rotinas de estudo e encontros educacionais possam ser garantidos em contextos adversos como o da pandemia, mas para atuar no sentido de ser uma fonte necessária de esperança, de saber que as coisas podem até piorar, mas de saber também que é possível intervir para melhorá-las (FREIRE, 2011, p. 37).

Tudo isso nos traz de novo à imperiosidade da construção de novos ambientes e cenários de pesquisa, formação e prática docente, que sejam de natureza eminentemente efetivos para responder às questões de nosso tempo. Para o nosso campo de estudos e atuação, do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura, liderado por Edméa Santos desde o ano de 2007, essa é uma história que tem seus fundamentos na Pesquisa-Formação na Cibercultura.

A pesquisa-formação na cibercultura, ou ciberpesquisa-formação (2005, 2014, 2019) atua em outros contextos para além da lógica convencional em busca de promover ações plurais e democráticas que valorizem a cultura contemporânea para então propor dispositivos de pesquisa, forjados através de meios materiais e/ou intelectuais, para a subversão dos usos e em intencionalidade pedagógica para *fazerpensar* muitas outras docências.

A pesquisa-formação é um método consolidado de pesquisa, mas reconhecemos que nossa autoria encontra-se exatamente na atualização de sua prática no contexto de docência na cibercultura. Nesse sentido, para nós a pesquisa-formação na cibercultura parte de alguns pontos bastante caros: (1) A cibercultura é a cultura contemporânea que revoluciona a comunicação, a produção e circulação em rede de informações e conhecimentos na interface cidade-ciberespaço. Logo, novos arranjos espaçotemporais emergem e com eles novas práticas educativas. Sendo a cibercultura o contexto atual, não podemos pesquisar sem a efetiva imersão em suas

práticas. (2) Pesquisar na cibercultura é atuar como praticante cultural produzindo dados em rede. Os sujeitos não são meros informantes, são praticantes culturais que produzem culturas, saberes e conhecimentos no contexto da pesquisa. Fazer pesquisa na cibercultura não é, para nós, apenas utilizar softwares para “coletar e organizar dados”.(3) Não há pesquisa-formação desarticulada do contexto da docência. Nosso investimento é pesquisar em sintonia com o exercício docente e no ensino que investe na cibercultura como campo de pesquisa. Sendo assim, a educação online é contexto, campo de pesquisa e dispositivo formativo. (4) Educação online não é uma mera evolução das práticas massivas de EAD. Logo, não separamos os contextos educativos das cidades e seus equipamentos culturais (escolas, universidades, movimentos sociais, museus, organizações, eventos científicos, demais redes educativas), ainda mais em tempos de mobilidade ubíqua. (SANTOS, 2015, 2019, p. 20)

Na proposta de desenvolver artefatos curriculares e docentes, desenhos didáticos em ambientes virtuais de aprendizagem e atos de currículo inspirados pelo que o coletivo social tem viralizado, desenvolvemos também, por assim fazer, práticas pedagógicas de ciberpesquisa-formação. O investimento proposto aqui é o de inovar em práticas curriculares e didáticas de modo a brincar os *viveressaberes* culturais e a *praticapesquisa* pedagógica para viabilizar outros “*espaçostempos*” onde possam cultivar-se docências. Dentre estes, destacamos um que se institui agora, no lugar do computador, como “meio de massa para a criação, comunicação e simulação” (SANTAELLA, 1997, p.40)<sup>158</sup>: o celular e seus aplicativos na perspectiva do *smartphone*. Nele enfeixamos o diário do cotidiano do campo de pesquisa e materializamos as trocas e partilhas de saberes no digital do “caminhar ubíquo” (SANTOS, RANGEL, 2020) em rede.

Os espaços são múltiplos e se multiplicam porque hoje as viagens não se realizam apenas nos deslocamentos geográficos, em visitas de paisagens físicas e humanas. Fazem-se também no contraponto contínuo dos deslizamentos propiciados pela arte dos cliques nos espaços informacionais em que o existir se torna líquido. (SANTAELLA, 2020, p. 9)

Atuamos assim constantemente, em muitos deslocamentos na relação cidade/ciberespaço e por muitos outros deslizamentos na bricolagem humano/digital, em busca de nos fazermos e refazermos também com os praticantes na proliferação de narrativas, imagens, vídeos e sons de maneira a compreender como esses rastros, essas relações e essas interações ocorrem em contexto de pesquisa.

---

<sup>158</sup> A arte no século XXI: a humanização das tecnologias / Diana Domingues A arte no século XXI: a humanização das tecnologias / Diana Domingues organizadora. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. – organizadora. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. – (Primas)

Partindo da pesquisa nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2001, 2003, 2009, 2019) como metodologia de trabalho, entendemos as narrativas como objeto material de pesquisa e de forma de comunicação da ciência. Assim, como pesquisadores cotidianistas assumidos, pesquisamos na cibercultura tendo a educação *online* como contexto, campo de pesquisa e dispositivo formativo, usando narrativas e imagens para “narrar a vida e literaturizar a ciência” e entendendo “que para comunicar novas preocupações, novos problemas, novos fatos e novos achados é indispensável uma nova maneira de escrever, que remete a mudanças muito mais profundas” (ALVES, 2001, p.13-16).

Neste sentido, compreendemos o valor social da narrativa que contribui para narrativas - orais e escritas - que rompem com o modelo hegemônico das mesmas na ciência moderna, pois considera que 'conhecimentossignificações' surgem em inúmeros *espaçostempos* a partir de múltiplas e complexas relações humanas e que se expressam para muito além de textos escritos. Ou seja, expressões do pensamento humano atentas aos movimentos denunciados por Foucault na produção de um discurso científico que só ganha legitimidade quando define quem pode falar e quem deve calar, quem tem razão e quem está no campo do devaneio, quem tem a verdade e quem tem a mentira (FOUCAULT, 2005) e que se permitam ir além desses limites. (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2019, p. 27)

Desse modo, entendemos aqui que praticar ciberpesquisa-formação nos cotidianos é, portanto, desenvolver projetos que rompam com o modelo hegemônico, que se desenvolvam, sobretudo a partir dos nossos dilemas sociotécnicos reverberando e causando ressonâncias diretas nos nossos dilemas docentes, ou seja, nas inquietações cotidianas que nós, como professores temos vivenciando como protagonistas e como praticantes culturais da cultura contemporânea. Que surjam e que aconteçam em inúmeros “*espaçostempos*” a partir de múltiplas e complexas relações humanas se expressando para além de textos escritos e sejam verdadeiras expressões do pensamento humano atentas aos movimentos culturais para a promoção de contextos formativos democráticos. Esse é o nosso lugar de fala.

Um lugar que fortalece nossa consciência crítica acerca desse *serestar* no mundo, para mobilizar experiências sociais, coletivas e sobretudo formativas para ocupar definitivamente o lugar onde socialmente ainda nos é permitido mediar e viver experiências significativas. A sala de aula na cibercultura precisa formar para fazer dessa derradeira oportunidade o ponto de partida para empreendemos muitas outras docências que sejam capazes de atentar contra o autoritário ou o licenciado que hoje trabalha contra a urgente formação e contra o não menos urgente desenvolvimento da mentalidade democrática entre nós” (FREIRE, 2000, p.19).

Assim, desenvolvemos e vivemos a pesquisa que se descreve a seguir investidos pela proposta de compreender como formar docentes para atuar em tempos de pós-verdade, percebendo nesse processo os múltiplos saberes que devem permear essa formação. Subvertendo os usos dos dispositivos e aplicativos utilizados em nosso cotidiano para empreendermos outras ambiências formativas no ciberespaço.

Como então podemos inspirar e nos inspirar nessas vivências tão poderosas para criar um movimento de renovação em nossa própria realidade? Esse trabalho teve como mote a investigação minuciosa o contexto da emergência das fake news e suas repercussões na sociedade e na educação para desenvolver metodologias de pesquisa-formação em tempos de pós-verdade, tentando assim compreender como esse novo contexto de manipulação da verdade, tão em voga em nosso cotidiano, pode ser combatido a partir do viver, sentir produzir e transformar efetivamente a nossa prática docente em direção ao movimento de um novo fazer pedagógico.

### **5.1. Bricolando dispositivos de ciberpesquisa-formação**

A compreensão crítica da tecnologia, da qual a educação de que precisamos deve estar infundida, e a que vê nela uma intervenção crescentemente sofisticada no mundo a ser necessariamente submetida a crivo político e ético [...] O exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo.

*Paulo Freire, 2000<sup>159</sup>*

Partindo assim da nossa implicação com a causa e do nosso interesse de aprender, mobilizar e formar na vivência nos/dos/com os *docentes discentes* praticantes da pesquisa, tendo como suporte essencial de luta as novas tecnologias do ciberespaço, iniciamos ainda em

---

<sup>159</sup> Freire, Paulo, 1921-1997 Pedagogia da indignação [recurso eletrônico]: cartas pedagógicas e outros escritos / Paulo Freire. – São Paulo: Editora UNESP, 2000

2019 a pesquisa no ambiente virtual de aprendizagem da disciplina do curso de graduação em Pedagogia da UERJ em busca de compreender como a proposição de uma educação para a verificação de fatos pode contribuir para a formação do educador em tempos de pós-verdade.

Na multiplicidade de atos de currículo vividos com nossos praticantes, bricolamos uma diversidade de dispositivos de ciberpesquisa-formação para promover letramentos docentes em busca de responder cada uma das nossas questões de pesquisa. Desse modo, inauguramos nossas atividades pela introdução da temática da disciplina, apresentando o nosso contexto de pesquisa e proposta política de nosso empreendimento: viver uma experiência real de educação online. Isso significa que pensamos e utilizamos o ambiente virtual de aprendizagem para além do tira-dúvidas ou da emissão e recepção de tarefas e resultados, com a visão de estarmos criando e cocriando coletivamente o conhecimento e a nossa aprendizagem ao fazer interatividade<sup>160</sup> em rede.

Assim a obra requer “completação” e não simplesmente contemplação. Essa concepção de arte (ou “antiarte”, como preferia Oiticica), inconcebível fora da perspectiva da coautoria, tem algo a sugerir ao professor: mesmo estando adiante dos seus alunos no que concerne a conhecimentos específicos, proponha a aprendizagem na mesma perspectiva da coautoria que caracteriza o parangolé e a arte digital. Proponha o conhecimento aos estudantes, como o artista propõe sua obra potencial ao público. Isso supõe “modelar os domínios do conhecimento como espaços conceituais, em que os alunos possam construir seus próprios mapas e conduzir suas explorações, considerando os conteúdos como pontos de partida e não de chegada no processo de construção do conhecimento.” (PASSARELLI, 1993). A participação do aprendiz se inscreve nos estados potenciais do conhecimento arquitetados pelo professor de modo que evoluam em torno do núcleo preconcebido com coerência e continuidade.(SILVA, 2021)

Confirmando nosso compromisso de promover uma pedagogia baseada na disposição à coautoria e à interatividade (SILVA, 2021), reafirmamos aqui o nosso posicionamento político contra com a lógica desigual de segregação de valorização dos saberes. Isso fazemos em função de fraturar ainda mais a imagem do professor como oráculo a quem se consulta em busca de respostas, de senhor do saber e do conhecimento, para que a disposição e partilha desses fragmentos possa proporcionar a composição coletiva do mosaico que representa as itinerâncias de nossa disciplina. Para isso, investimos no hipertexto, apostamos no inesperado e seguimos no contraditório para fazer surgir a autoria, o diálogo, a participação e a cocriação

---

<sup>160</sup> SILVA, Marco. Interatividade na educação híbrida. In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa; SAMPAIO, Fábio F. (orgs.). Informática na educação: interatividade, metodologias e redes. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. (Série Informática na Educação, v.3). Fonte: <https://bit.ly/msinteratividade>

de nossas artes de fazer como um campo “de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos discentes” (SILVA, 2021).

O desenho didático envolve arquitetura e usabilidade de conteúdo, atividades de aprendizagem e avaliação, que aparecem na tela dos laptops, tablets e smartphones dos estudantes. A mediação docente mobiliza a autoria e a colaboração de cada discente diante proposição expressa no desenho didático. Proposição à interlocução, à construção do conhecimento e à formação humana (SANTOS; SILVA, 2009).[...] Ele convida o estudante a participar do tempo da criação de sua proposição e oferece, em paralelo ao desenho didático pífio, entradas múltiplas e labirínticas que permitem a imersão e intervenção do “participador”, que nela inscreve sua emoção, sua intuição, seus anseios, seu gosto, sua imaginação, sua inteligência. (SILVA, 2021)

Assim convidamos e nos deixamos convidar a tecer nos/dos/com os docentes discentes praticantes da pesquisa as múltiplas bifurcações e labirínticas que nos permitissem e deixassem permitir a imersão e intervenção ativa dos participantes de nossa disciplina em busca de multiplicar saberes, narrativas e imagens que descrevessem nossas emoções, nossas invenções, nossos anseios e dilemas em busca de alcançar sonhos. Munindo-se daquilo que só existe pela lógica da nossa imaginação para fazer surgir, pelo exercício de nossa inteligência, a materialidade de nossas ações no desenho didático e na mediação docente.

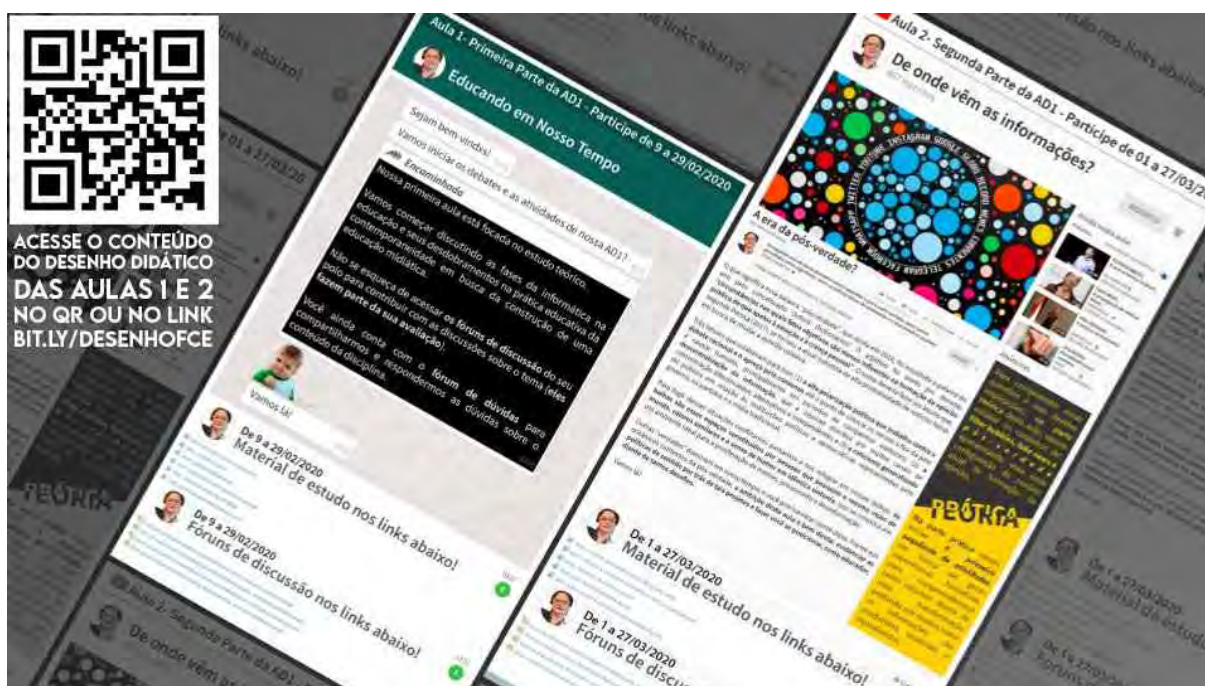
São agenciamentos de comunicação, autoria e colaboração a serem mobilizados pelo docente em parceria com os discentes na sala de aula presencial e online: (1) Propiciar oportunidades de múltiplas experimentações e expressões. (2) Disponibilizar uma montagem de conexões em rede que permita múltiplas ocorrências. (3) Provocar situações de inquietação criadora. (4) Arquitetar colaborativamente percursos hipertextuais (5) Mobilizar a experiência do conhecimento. Com essas sugestões de interatividade inspiradas no parangolé de Oiticica, na ambiência interativa da cibercultura e no legado crítico da pedagogia da transmissão, o professor e a professora podem promover uma modificação qualitativa na sua docência e na pragmática da aprendizagem e, assim, reinventar a sala de aula em nosso tempo. (SILVA, 2021)

Na perspectiva de mobilizar-nos com os “*docentesdiscentes*” pelos percursos formativos dos ambientes de educação *online*, distribuímos os momentos e disparadores do desenho didático de nossa disciplina pelos dispositivos e pelos agenciamentos de comunicação, autoria e colaboração propostos por Silva para propiciar, disponibilizar, provocar, arquitetar e mobilizar outras aprendizagens capazes de reinventar a sala de aula em nosso tempo (2010, 2021). Para isso, foram necessários os seguintes engendramentos em busca de concretizar o desenho didático como dispositivo disparador dos processos necessários para a promoção de uma formação democrática pelo percurso didático em mediação docente:



Nas aulas 1 e 2, “Educando em nosso tempo” e “De onde vêm as informações”, mobilizamos a experiência do conhecimento acerca de si e do mundo ao implementarmos situações de aprendizagem que consideravam as experiências, os conhecimentos e as expectativas que os estudantes trazem consigo. Em perspectiva de compreender como os docentes em formação percebem o fenômeno das fake news em sua prática cotidiana, e quais estratégias que eles usam para combater a sua influência em seu processo formativo.

Figura 27 - Captura das aulas 1 e 2 da disciplina Informática na Educação no Moodle da UERJ



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da captura de telas da página do Moodle

Figura 28 - Captura das aulas 1 e 2 da disciplina Informática na Educação no Moodle da UERJ



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da captura de telas da página do Moodle

Investimos em uma representação gráfica inspirada na identidade visual dos principais aplicativos pelos quais os brasileiros se informam em mobilidade,<sup>161</sup> buscando fomentar no imaginário coletivo dos praticantes da disciplina um novo olhar acerca dessas plataformas, atuando na transformação da percepção desses espaços de ambientes de desinformação para ambientes de atuação formativa:

- Na “Aula 1 - Educando em nosso tempo” nos inspiramos na identidade visual do WhatsApp por reconhecer ser através desse aplicativo que muitos brasileiros se informam passivamente em nosso tempo, recebendo ainda pela manhã as informações que irão pautar suas opiniões, conversações e as decisões que afetam sua rede particular de interação. De modo que, possamos

<sup>161</sup> WhatsApp é principal fonte de informação do brasileiro, diz pesquisa: <http://bit.ly/appnainformacao> Relatório sobre Notícias Digitais do Instituto Reuters para o ano de 2019. Fonte: <https://bit.ly/reutersdnr2019> e para o ano de 2022. Fonte: <https://bit.ly/reutersdnr2022>

nos apropriarmos dessa linguagem educativa tão direta e simples para compreendermos como eles percebem a cibercultura em seu cotidiano.

- Na “Aula 2 - De onde vêm as informações” nos inspiramos na identidade visual do YouTube por reconhecer ser através desse aplicativo que muitos brasileiros buscam ativamente as informações que irão resolver seus problemas momentâneos, prover novas aprendizagens inspiradas pela partilha de saberes populares e científicos, e as opiniões de influenciadores que concordam com o seu viés de confirmação. De modo que possamos nos apropriarmos dessa linguagem educativa do audiovisual para *ensinaraprender* como as informações são produzidas e difundidas.
- Na “Aula 3 - Aprendendo práticas de fact-checking” nos inspiramos na identidade visual do Instagram por reconhecer ser através desse aplicativo que muitos brasileiros contemplam e compartilham narrativas e imagens, vídeos e sons, de modo a inspirar maneiras de ser, estilos de vida propostos por perfis verificados confiáveis que encaminham seus seguidores pela vitrinização da vida. De modo que possamos nos apropriarmos dessa linguagem educativa da contemplação e compartilhamento de outros “*saberesfazeres*” para a aquisição de um novo estilo de aprendizagem pela verificação dos fatos.
- Na “Aula 4 - Novas proposições educativas” nos inspiramos na identidade visual do Twitter por reconhecer ser através desse aplicativo que muitos brasileiros produzem interferências no mundo ao reclamar, postar memes, partilhar informação em tempo real, produzir “fios” sobre o que você está pensando em busca de emitir sua opinião sobre um determinado assunto. De modo que possamos nos apropriarmos dessa linguagem educativa de ativismo nas redes para a produção da partilha de soluções coletivas de nossos problemas comuns em busca de causar interferência na *timeline* da desinformação

Discutimos nesses primeiros momentos da “Aula 1 - Educando em nosso tempo” as fases da informática na educação e seus desdobramentos na prática educativa da contemporaneidade para a construção de ambiências formativas que suportem o movimento de uma educação para atuar com as mídias.

Introduzimos em nossa conversa a temática do Ensino à Distância (EaD), apresentando suas fases na história e suas (des)aplicações na contemporaneidade para demarcarmos o surgimento da Cibercultura como cenário sociotécnico, para pesquisar seus fenômenos, implicações, e em especial, suas possibilidades em presença do contexto de mobilidade ubíqua. Durante esse processo, apontamos a ‘necessidade de investimento em inclusão cibercultural do professor e do contínuo desenvolvimento docente na criação, mediação e ampliação de repertórios culturais na cibercultura’ (SANTOS, 2005; 2015, 2019, p. 25).

Apresentamos ainda a noção de educação online como um fenômeno da cibercultura e não como uma mera “evolução” das práticas estabelecidas na EaD (SANTOS, 2005) em compromisso de efetivar em nossa prática a abordagem multirreferencial (ARDOINO, 1998). Não somente para compreender a noção de referência plural, democrática e heterogênea de saberes nos currículos contemplados nas disciplinas, nas ciências, nas redes e nos saberes múltiplos dos praticantes, mas para lançar outros olhares acerca da cibercultura e da educação em mobilização de uma série de aptidões ligadas ao pensamento crítico, ou seja: comprovar, encontrar evidências, sintetizar e concluir fatos, de modo a saber relacionar-nos com as informações, verdades, mentiras e vieses (SAYAD, 2019).

Para isso propomos em nossa primeira aula os seguintes fóruns de discussão:

- “Fórum 1 - Dúvidas” para a postagem das dúvidas que surgirem durante a aula, permitindo que os praticantes detalhem suas dúvidas e respondam questionamentos postados por outros praticantes da disciplina. Nosso objetivo nesse espaço é estimular o compartilhamento de dilemas docentes que surjam durante a pesquisa, assim como o encontro de praticantes e mediadores na proposição de soluções coletivas para os mesmos.
- “Fórum 2 - Educação e Cibercultura - Educando em Nosso Tempo”, dedicado para a discussão do conteúdo estudado nessa aula: EaD, cibercultura e

docência online (SANTOS, 2005, 2014, 2020); idade média (SAYAD, 2019). Aqui os praticantes são convidados a fazer uma síntese de algum conteúdo que chamou sua atenção durante a interação com os "materiais de estudo" (em forma de narrativas, imagens, vídeos e sons), comentando com detalhes a sua escolha, para dialogar com postagens de mais praticantes ampliando o debate.

- “Fórum 3 - Atividade 1 - Minha Relação com a Cibercultura”. Esse fórum é destinado para a nossa primeira atividade prática da disciplina: partindo de sua compreensão dos conteúdos da seção "material de estudo" e da partilha no "Fórum 2 - Educação e Cibercultura - Educando em nosso Tempo", os praticantes da disciplina são convidados a escrever um pequeno texto narrativo contando qual é a sua história pessoal com a Cibercultura, usando fotos, imagens, gifs ou vídeos que ajudem a compreender e enriquecer a sua narrativa para comentar nas postagens de mais praticantes ampliando as narrativas.

Promovemos essas experiências, em atos nesses ambientes, entendendo que elas podem gerar novas vivências docentes significativas a partir da percepção do praticante pela realidade que o envolve ao elaborar sua itinerância cibercultural, para atuar também no debate acerca das ações e reações necessárias para mobilizar contextos formativos que promovam uma educação crítica/política em nosso tempo. Uma questão fundamental para a proposta da nossa próxima aula, como veremos a seguir.

Na “Aula 2 - De onde vêm as informações”, entendemos o que é a pós-verdade, como percebidos pelos algoritmos, como as notícias falsas são produzidas e o que as bolhas ocultam. Introduzimos a problemática das bolhas e apresentamos seus possíveis desdobramentos desse “ecossistema individual e coletivo de informação viciada na repetição de crenças inamovíveis” (SANTAELLA, 2018, p.8) em contraste com a liberdade e a convergência que a internet possibilitaria ao “democratizar o planeta, conectando-nos a informações melhores e nos dando a capacidade de interferir sobre elas” (PARISIER, 2012, p.8). Percebemos então o algoritmo, como esse conjunto de “procedimentos precisos, não ambíguos, padronizados, eficientes e corretos” (Dasgupta, Papadimitriou e Vazirani, 2010, p. 2) em ação na construção da nossa identidade digital para finalmente compreender como o contexto de pós-verdade, “essas circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes

na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (Dicionário Oxford), atua em busca de forjar a “atual indústria de alta produtividade de notícias falsas” (PEROSA, 2017) de modo a manipular a opinião coletiva.

Apresentamos ainda nessa aula alguns dos fatores que colaboram para isso, para entender como a “desintermediação” da informação, a descentralização das fontes de informação com o surgimento da internet e a parcialidade velada, atrelada aos interesses das elites que detêm os meios de comunicação possibilitaram o surgimento do contexto generalizado de comunicação política “apoiada no desprezo pelo jornalismo profissional e pelas organizações mediadoras antes presentes, como as emissoras de televisão.” (CRUZ, 2019, p.17)

(a) a alta polarização política que trabalha contra o debate racional e o apreço pelo consenso até o ponto de colocar os nervos à flor da pele e causar tumulto, principalmente em períodos de campanhas eleitorais; (b) a descentralização da informação, que a internet distribui por muitos canais de comunicação diferenciados, alternativos e independentes. Isso seria louvável, caso muitos desses canais não se estreitassem em uma agenda política ligada a tendências propagandistas e ideológicas, sem marcar seus compromissos com a informação factual; (c) o ceticismo generalizado do público em relação às instituições políticas e democráticas representadas pelo governo, os partidos e a mídia tradicional. Esta última sofre constantes ataques das mídias alternativas que a desqualifica como mentirosa e, principalmente, cooptada com o sistema, o que alimenta o sentimento de desconfiança generalizada em relação às mídias convencionais.(PEROSA, 2017 apud SANTAELLA, 2018):

Desse modo, por quebrar-se, assim, “para as pessoas, as instituições tradicionais não apenas de transmissão de informação, mas também aquelas responsáveis pela divulgação do conhecimento” (SANTAELLA, 2018, p.39) é que estamos vivendo o renascimento dos rompantes do negacionismo prático e conveniente que atua contra fatos anteriormente estabelecidos. O negacionismo do Holocausto pela *"Endloesung der Judenfrage"* (solução final da questão judaica) e *"Vernichtung durch Arbeit"*<sup>162</sup> (extermínio pelo trabalho) e que este tenha sido um movimento político de extrema-direita<sup>163</sup>, o negacionismo climático que afirma que o aquecimento global é essencialmente uma farsa e tem dentre os seus apoiadores o ex-presidente Donald Trump que retirou os EUA do Acordo de Paris<sup>164</sup>, o terraplanista que nega o formato em geoide da Terra acreditando na existência de um firmamento pelo qual

---

<sup>162</sup> Holocausto e Anti-Semitismo - DIVERSITAS. Fonte: <https://bit.ly/holocaeantisem>

<sup>163</sup> Nazismo é de direita, define Museu do Holocausto em Israel. <https://bit.ly/nazismdireita>

<sup>164</sup> Donald Trump procura via para romper acordo climático de Paris. Fonte: <https://bit.ly/trumpacordoparis>



seríamos contidos juntamente com o sol e a lua pairando sobre o disco terrestre<sup>165</sup> e finalmente o movimento antivacinação.

Este último tem ceifado milhões de vidas em todo o mundo, mas especialmente no Brasil, onde desde a revolta da vacina em 1904 já se dizia que quem se vacinasse ficaria com feições bovinas<sup>166</sup> e em 2020 pode até virar um jacaré<sup>167</sup>, proliferam-se ainda mais variantes pela recusa partidária do imunizante no momento em que o resto do mundo já está vivendo os últimos desdobramentos da pandemia da covid-19.

Isso nos leva para a proposição de atos de currículos situados de modo a perceber como a crença em “aberrações lastimáveis como a da terra plana de que resultam crenças parcialmente verdadeiras, majoritariamente falsas até as redondamente falsas”(SANTAELLA, 2018, p. 40) não são questão de opinião, não são inofensivas e podem causar problemas concretos na sociedade como, por exemplo, aumentar o contexto de descrença generalizada e a confiança em poderes religiosos e ultrapartidários tornando assim a tarefa de controlar e perceber a disseminação de pós-verdade em nosso tempo uma tarefa praticamente impossível.

Outras “verdades” dominam em nosso tempo, e nós como praticantes culturais precisamos estar cientes disso. Frente aos oceânicos contextos da pós-verdade, a ambição desta aula é bem direta: evidenciar as políticas de sentido por trás de tais projetos e engajar o posicionamento de cada um de nós, como educadores da cibercultura, diante de tantos desafios.

Comprometidos com essa proposta, mobilizamos os seguintes fóruns de discussão:

- “Fórum 1 - Dúvidas” para a postagem das dúvidas que surgirem durante a aula, permitindo que os praticantes detalhem suas dúvidas e respondam questionamentos postados por outros praticantes da disciplina. Nosso objetivo nesse espaço é estimular o compartilhamento de dilemas docentes que surjam durante a pesquisa, assim como o encontro de praticantes e mediadores na proposição de soluções coletivas para os mesmos.
- “Fórum 2 - A era da pós-verdade”, dedicado para a discussão do conteúdo estudado nessa aula: os conceitos de bolhas de filtragem (PARISIER, 2012),

---

<sup>165</sup> Quem são e o que pensam os brasileiros que acreditam que a Terra é plana? Fonte: <https://bit.ly/aterraplanista>

<sup>166</sup> A Revolta da Vacina. Fonte: <https://bit.ly/revoltadavacinafiocruz>

<sup>167</sup> Bolsonaro sobre vacina: “Se você virar um jacaré, é problema seu” Fonte: <https://bit.ly/virarjacarebolsonaro>

fake news e pós-verdade (SANTAELA, 2018). Aqui os praticantes são convidados a fazer uma síntese de algum conteúdo que chamou sua atenção durante a interação com os "materiais de estudo" (em forma de narrativas, imagens, vídeos e sons), comentando com detalhes a sua escolha, para dialogar com postagens de mais praticantes ampliando o debate.

- “Fórum 3 - Atividade 1 - Akinator, o gênio da internet”. O Akinator é um jogo da internet. Consiste num "gênio virtual" que é capaz de adivinhar a personagem em que o jogador está pensando, seja ela real ou não, através de perguntas sobre suas características. O Akinator foi desenvolvido em 2007 por três programadores franceses (Jeff Deleau, Arnaud e Olivi), como uma versão mais interativa do jogo 20Q (*twenty questions of my life*), que adivinha o personagem em que o jogador está pensando através de algumas perguntas que alimentam seu algoritmo. Inicialmente, Akinator se popularizou em países como Israel e Alemanha, além da França, onde foi desenvolvido. Nosso objetivo nessa atividade é demonstrar como alimentamos os algoritmos ao fazermos escolhas e ao provermos informações contextualizadas de forma consciente ou inconsciente em nosso cotidiano.
- “Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google”. O Google oferece resultados de busca de acordo com as preferências de cada usuário, o Facebook oculta atualizações de amigos com quem interagimos pouco e a Amazon expõe produtos que nos interessam quando entramos no site. Baseada na análise de nossos cliques, a internet está cada vez mais feita sob medida. Mas esse reflexo de nossos desejos tem um custo: “se tudo se tornar pessoal, podemos ser impedidos de entrar em contato com ideias que mudam o modo como vemos o mundo e nós mesmos” (PARISIER, 2012). Em “O filtro invisível” (2012), Eli Pariser, presidente do conselho da *MoveOn*, um dos principais portais de ativismo online, alerta para o que chama de bolha dos filtros: “a partir da navegação de cada usuário na web, gigantes como Google, Facebook, Apple e Microsoft criam filtros formados por algoritmos que personalizam o resultado das buscas na internet”. O autor mostra os riscos de vivermos confinados a um



universo pessoal único de informações e explica o que cada um de nós, assim como as empresas, pode fazer para tornar a web mais democrática. A atividade consiste na busca individual dos seguintes termos: covid-19, aborto, drogas, professor, Lula, Bolsonaro, voto impresso, vacina, milícia e corrupção. Cada praticante deve fazer prints de seus resultados e postar na plataforma para debater semelhanças e diferenças com os resultados encontrados por outros praticantes da disciplina. Nosso objetivo nessa atividade é perceber como o Google mostra resultados customizados para pessoas com pensamentos, ideologias e orientações políticas diferentes.

- “Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro”. Todos filtramos as informações porque existem muitas delas por aí. Os algoritmos fazem isso por nós quando pesquisamos online ou usamos mídias sociais. Às vezes o filtro que usamos para lidar com tanta informação pode se tornar uma bolha ao nosso redor, mas o mundo fora da bolha do filtro pode ser uma ótima fonte de novas ideias. Nessa atividade os praticantes da disciplina tem a oportunidade de mapear a extensão de suas bolhas para descobrir o que os define como consumidor de conteúdo, além de aprender novas formas de se informar ampliando seu olhar a partir das fontes apresentadas por outros praticantes. Desse modo, os praticantes da disciplina devem acessar a página do aplicativo *Mentimeter* pelo *smartphone*, *tablet* ou pela *Web* e inserir os nomes de seis das suas principais fontes de informação no cotidiano, acessar o *link* que contém uma nuvem de palavras de todos os resultados apresentados pelo seu polo para comentar as fontes encontradas, justificando as aquelas que eles concordam e refutando as outras que eles não concordam que sejam bases confiáveis de informação. Também pedimos que eles escolham e comentem uma nova fonte de informação confiável que tenham descoberto com essa atividade. Nosso objetivo com essa atividade é perceber como estamos presos em bolhas ao buscar informação sempre nos mesmos lugares e perceber como a troca de informações pode ser útil para ampliar nosso campo de visão.

Promovemos mais essas experiências, em atos nesses ambientes, para *fazer pensar* um movimento de conscientização coletiva crítica que gere uma transformação profunda de nossa atuação praticante em face da visão dos engendramentos que formam o modo como as informações são produzidas, recebidas e reproduzidas, entendendo também que podemos gerar novas atitudes docentes significativas que identifiquem, denunciem e contrariem essas manipulações e suas devidas implicações gerando uma nova prática formativa capaz de reconfigurar o cenário atual de formação de opinião. Um fundamento que permeia toda a construção, autoria e investimento metodológico empregado em nossa pesquisa, mas que desponta mais nitidamente nas propostas didáticas das nossas duas últimas aulas seguintes.

Nas primeiras duas aulas nossa intenção pedagógica era a de apresentar o cenário sociotécnico da cibercultura e anunciar alguns dos desdobramentos alarmantes da abertura do polo de emissão (LEMOS, 2003) das grandes emissoras e suas agendas para o coletivo de praticantes culturais que aparelhados ou não pelas suas ideologias, preconceitos e “verdades pessoais” vão fazer mover a indústria de produção da informação. Nesse segundo e último momento da disciplina, tivemos como proposta didática a promoção de outros arranjos docentes em busca de mobilizar contextos formativos inspiradores para empoderar praticantes culturais como ativistas ciberculturais em um novo fazer pedagógico fundamentado na promoção da verdade dos fatos.

Figura 29 - Captura das aulas 3 e 4 da disciplina Informática na Educação no Moodle da UERJ



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da captura de telas da página do Moodle

Figura 30 - Captura das aulas 3 e 4 da disciplina Informática na Educação no Moodle da UERJ



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da captura de telas da página do Moodle

Em nossa penúltima aula, “Aula 3 - Aprendendo práticas de fact-checking”, temos a proposta de introduzir o tema da verificação de fatos na educação (fact-checking education) para proporcionar fundamentação teórica e prática formativa de modo a identificar, combater e propor um contradiscurso as fake news. Entendemos que essa verificação de fatos, isto é, esse confrontamento de histórias com dados, pesquisas e registros é uma forma de “qualificar o debate público por meio da apuração jornalística, de checar qual é o grau de verdade das informações<sup>168</sup>” (FONSECA, 2017).

Atualmente, uma diversidade de iniciativas do jornalismo brasileiro atuam na atividade diária de análise de fatos, acompanhando as declarações e afirmações que viralizam

<sup>168</sup> O que é fact-checking? Fonte: <https://bit.ly/factcheckingap>



nas redes de modo a verificar se elas correspondem a verdade fatural. Para isso, adotam métodos e procedimentos inspirados pela Rede Internacional de Verificação de Fatos (*International Fact-Checking Network* - IFCN) do Instituto Poynter. Referência global em jornalismo, o Instituto Poynter de Estudos de Mídia, fundado em 29 de maio de 1975 por Nelson Poynter “é uma escola de jornalismo sem fins lucrativos e uma organização de pesquisa em *St. Petersburg*, Flórida<sup>169</sup>”. A escola é proprietária do jornal *Tampa Bay Times*, da Rede Internacional de Verificação de Fatos e opera o *PolitiFact*, vencedor do Prêmio Pulitzer pela cobertura das eleições norte-americanas de 2008<sup>170</sup>, sendo a maior organização de verificação de fatos políticos nos Estados Unidos.

Munido assim de quarenta e seis anos de expertise e de uma coleção de prêmios, o instituto Poynter estabelece em 2015 a Rede Internacional de Verificação de Fatos para reunir a então crescente comunidade de verificadores de fatos em todo o mundo e defensores de informações fatuais na luta global contra a desinformação. Parte desse trabalho incluiu a criação do Código de Princípios da IFCN<sup>171</sup>, que em síntese estabelece: (1) compromisso com o apartidarismo e a justiça, (2) compromisso com os padrões e transparência das fontes, (3) compromisso com a transparência do financiamento e da organização, (4) compromisso com os padrões e transparência da metodologia e (5) compromisso com uma política de correção aberta e honesta. O código de princípios é resultado de consultas entre verificadores de fatos de todo o mundo e ajuda a integrar e a estabelecer integrações entre métodos de verificação para coordenar uma rede mundial de projetos em atividade. Em parceria com o *Chequeado*<sup>172</sup> eles desenvolveram em 2 de abril de 2019, no dia internacional de verificação de fatos (*FactcheckingDay*<sup>173</sup>), um banco de dados que reúne conteúdos que trabalham pensamento crítico e alfabetização em mídia, dados e desinformação.

Em formato de mapa-múndi, o então denominado *EduCheck Map* (mapa de educadores de checagem de fatos, em tradução livre), apresenta projetos contextualizados de formação para a verificação de fatos agrupados por países. Que podem ser filtrados por projetos, recursos, investigações, atividades e organizações além de uma diversidade de palavras-chave que abrangem diversos níveis escolares e universitários, idiomas, linhas de

---

<sup>169</sup> Rodapé da página do Instituto. Fonte: <https://bit.ly/poynterorg>

<sup>170</sup> PolitiFact ganha o Prêmio Pulitzer pela cobertura das eleições de 2008. Fonte: <https://bit.ly/politifactptz>

<sup>171</sup> Os compromissos do código de princípios. Fonte: <https://bit.ly/codigodeprincipios>

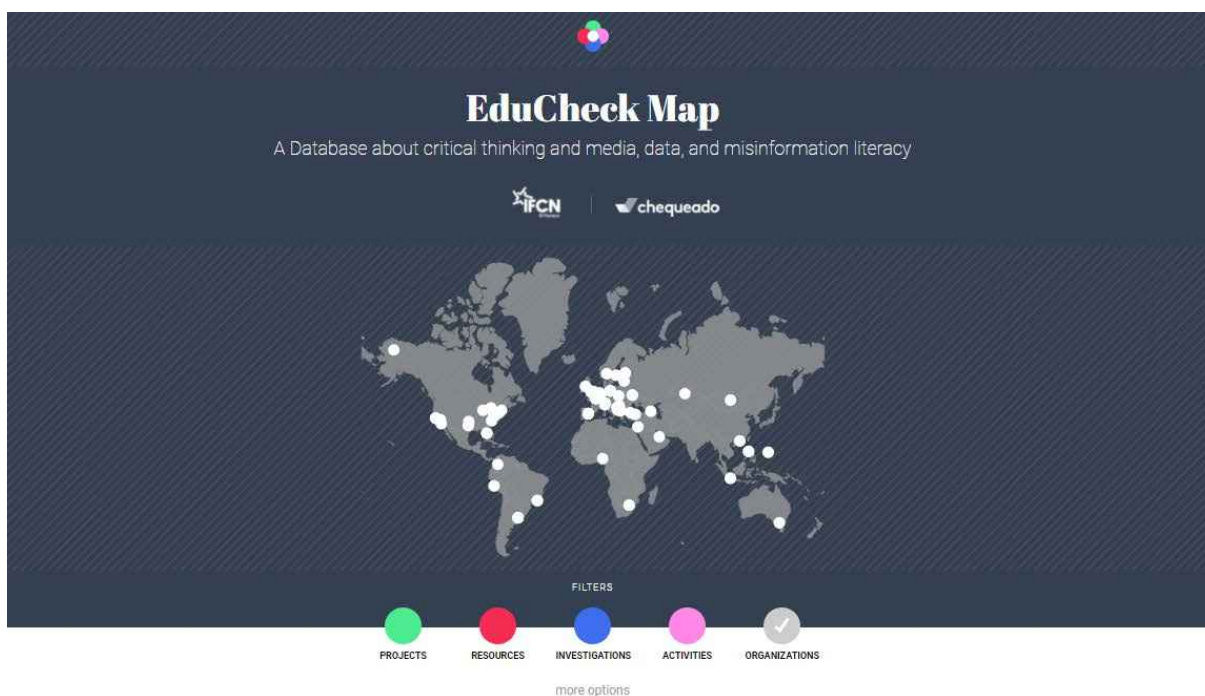
<sup>172</sup> O que fazemos no Chequeado? Fonte: <https://bit.ly/sobrechequeado>

<sup>173</sup> Dia Internacional de Verificação de Fatos empodera cidadãos para separar fatos de ficção. Fonte: <https://bit.ly/factcheckingday19>

pesquisa, plataforma de atuação e formato de mídia, promovendo assim uma intermediação formacional, isto é, o encontro entre formadores e criadores de recursos.

O objetivo da proposta não é o de apresentar soluções definitivas para o problema da desinformação, nem fornecer meios e normas de atuação verificadas para o aparelhamento de grupos e ou instituições. Antes de qualquer outra coisa, a proposta do mapa visa democratizar o volume e a variedade de esforços educacionais relacionados à verificação de fatos em todo o mundo para empoderar e proliferar as produções de educadores empoderados. Segundo Cristina Tardáguila (2019), diretora associada da IFCN, “os verificadores de fatos sozinhos não podem resolver o problema da desinformação”. Por essa razão, eles atuam de modo a instituir e a atualizar métodos de verificação de fatos através desse mapa para inspirar outros verificadores de fatos em todo o mundo que estejam prontos e dispostos a trabalhar com educadores para formar a próxima geração por meio do letramento informacional, para que jovens, docentes e jovens docentes sejam seus próprios verificadores de fatos.

Figura 31 - Captura da página do *EduCheck Map* sinalizando projetos de verificação de fatos pelo mundo.



Fonte: Captura de telas da página do [educheckmap.factcheckingday.com](https://educheckmap.factcheckingday.com)

Desse modo, inspirados pelas iniciativas e projetos destacados pelo *EduCheck Map* e experimentados no cotidiano das práticas bem sucedidas daqueles que adotam o código de

princípios da Rede Internacional de Verificação de Fatos, nos cercamos desses mecanismos e táticas para *pensar/fazer* nessa aula, novas proposições formativas que compreendam o papel do docente e a contextualização de sua prática para atuar em tempos de pós-verdade. Acreditando que, as vivências permeadas por esses contextos formativos podem mobilizar uma prática efetiva capaz de identificar notícias falsas, assim como a subversão do modo de operação das emissoras de *fake news*, inovamos também em outras táticas e outros métodos de verificação de fatos, cocriados com nossos praticantes, para estabelecer um ato coletivo de combate a esse problema, para outros desdobramentos que serão apresentados a seguir.

Assim, em busca de proporcionar fundamentação teórica e prática para aprendermos como identificar, combater e propor um contradiscurso as *fake news*, propusemos os seguintes fóruns:

- “Fórum 1 - Dúvidas” para a postagem das dúvidas que surgirem durante a aula, permitindo que os praticantes detalhem suas dúvidas e respondam questionamentos postados por outros praticantes da disciplina. Nosso objetivo nesse espaço é estimular o compartilhamento de dilemas docentes que surjam durante a pesquisa, assim como o encontro de praticantes e mediadores na proposição de soluções coletivas para os mesmos.
- “Fórum 2 - Checagem de fatos e as implicações para a docência”, dedicado para a discussão do conteúdo estudado nessa aula: “A Reivindicação da Verdade no Jornalismo” (SANTAELLA, 2018), “Desconstruindo as fake news: o trabalho das agências de fact-checking” (SCOFIELD JR., 2019), “Guerra de likes - Precisamos dominar as ferramentas e fazer a verdade viralizar” (SINGER, 2020), “Agência Lupa: quem somos e o que checamos” (LUPA, 2016) e Aos Fatos: Em busca da verdade na política (AOS FATOS, 2015). Aqui os praticantes são convidados a fazer uma síntese de algum conteúdo que chamou sua atenção durante a interação com os "materiais de estudo" (em forma de narrativas, imagens, vídeos e sons), comentando com detalhes a sua escolha, para dialogar com postagens de mais praticantes ampliando o debate.

- “Fórum 3 - Atividade 1 - Você sabe reconhecer uma notícia falsa?” Nesse momento os praticantes da disciplina tem a oportunidade de testar seu letramento informacional ao serem confrontados por um coletivo de afirmações coletadas e disponíveis na internet. A proposta é ler cada uma das afirmações para então responder (com base em todas as experiências formativas vivenciadas até aqui) se as notícias apresentadas na tela são “VERDADEIRAS” ou “FALSAS”, sem consultar fontes externas de informação. Ao término da atividade o resultado é postado na plataforma em conjunto com as impressões do praticante acerca da sua percepção inicial de sua fluência e letramento informacional no início da disciplina em contraste com seus achados, novas perspectivas e ante o diálogo de seus resultados e os achados de outros praticantes, ampliando o debate. Nosso objetivo nessa atividade é perceber a importância do investimento em formação pessoal e entender como confiar em apenas uma única fonte parcial de informação (como a própria “intuição”) pode ser prejudicial para a percepção da verdade, proporcionando o compartilhamento de notícias falsas.
- “Fórum 4 - Atividade 2 - Uma educação para o fact-checking - Parte 1”. Aqui temos a nossa primeira grande intervenção no cotidiano de nossa disciplina ao solicitarmos que os praticantes culturais de nossa pesquisa atuem para além do contexto formativo da plataforma do Moodle ao solicitarmos que eles encontrem uma notícia (narrativa, imagem, vídeo ou som) que seja de caráter duvidoso e esteja disponível em qualquer lugar da internet (ou ter sido recebida) pelo *Facebook*, *Twitter* ou *WhatsApp* para produzir um texto dissertativo-argumentativo inspirado pelo método de verificação de fatos (aprendido durante a disciplina). O texto precisa categorizar essa informação encontrada em uma das seguintes categorias: verdadeira, imprecisa, exagerada, contraditória, insustentável, distorcida ou falsa e deverá ser conter em si um argumento sólido que defenda, sem sombra de dúvidas, a sua classificação. Deve também contar com imagens e links de fontes externas de onde os fatos foram consultados, devendo esses ser enunciados antes do processo de envio para ser postado no nosso repositório do Reglus (apresentado no capítulo

anterior). Todo o processo deverá ser documentado e postado na plataforma do Moodle, acompanhado das impressões, dificuldades e descobertas durante o processo de verificação da notícia e de escrita do texto. O texto analisado irá compor parte do nosso repositório público que busca instituir o Reglus como um manifesto coletivo contra a propagação de notícias falsas e pela proliferação da verdade dos fatos. Através dessa oportunidade autoral de engajamento, temos a intenção pedagógica de formar e formar-nos, em uma perspectiva crítica, um dos letramentos necessário ao ciberativismo docente. Nosso objetivo nessa atividade é perceber como uma mudança de perspectiva de interação, mais responsável, com a informação pode gerar outras reflexões acerca de nossas práticas cotidianas em busca da partilha de certezas e incertezas de nossa luta em favor da verdade.

Investimos nessas experiências, nesses atos de currículo, para mobilizar letramentos necessários para empoderar-nos com o coletivo de praticantes em um movimento de ciberativismo docente que fomente uma nova pedagogia, um novo fazer pedagógico que esteja comprometido não apenas com os princípios de verificação de fatos, mas com as exigências do *serfazer* docente em nosso tempo, assim estabelecemos: um compromisso com o partidatismo pela justiça social; um compromisso com a promoção de projetos e contextos formativos mais plurais e democráticos; um compromisso com a transparência e a propagação dos achados de nossas pesquisas, metodologias e fontes; um compromisso com a defesa e a efetivação da educação pública, gratuita e de qualidade e finalmente, o compromisso com a criação de ambiências em que o coletivo possa problematizar as questões da ciência ressignificando sua vida prática e a própria ciência na cidade ou no ciberespaço, podendo, assim, exercer a verdadeira cidadania (SANTOS, 2019, p. 75).

Por fim, a “Aula 4 - Novas proposições educativas”, busca *fazertrazer* a culminância de nosso processo formativo da disciplina, a saber: *a proposta de compreensão do contexto da emergência das fake news e suas repercussões na sociedade para desenvolver metodologias de ensino e pesquisa que possam desenvolver proposições para fins educativos*. Cada aula foi cuidadosamente planejada para proporcionar o surgimento de ambiências formativas que pudessem mobilizar novos letramentos necessários para viver e promover uma nova pedagogia na cibercultura: uma pedagogia de checagem de fatos.



Nossa proposta não se resume a formar professores que chequem as notícias antes de postar, esse não é o nosso objetivo. O que sugerimos aqui foi um rompimento com o atual momento de letargia reacionária que age apenas com o resultado do problema (desinformação) para a criação de um novo fazer pedagógico fundamentado na verdade dos fatos, na produção das narrativas e na invenção de dispositivos que possam proporcionar um contradiscurso forte o suficiente para interferir, de alguma forma, contra o avanço da pós-verdade.

Sendo assim, o papel do professor deve ser o de mediador da ampliação dos repertórios culturais em rede, com professores e alunos aprendendo juntos. Como ampliar o repertório do outro, sem ampliar seus próprios repertórios? As tecnologias digitais em rede ampliam em potência a nossa autoria, uma vez que ler e escrever são ações corriqueiras que fazemos com esses dispositivos. Isso só pode acontecer quando o professor pluralizar seu conceito de educação. Educar não é apenas escolarizar. É preciso aproximar e, por que não?, hibridizar as noções de educação e cultura? (SANTOS, 2019, p.53)

Como “mediador da ampliação dos repertórios culturais em rede” o professor que vive, ensina e aprende na era da pós-verdade precisa também “entender as regras do jogo e não ficar em estado de negação” (SINGER, 2020). Precisa pluralizar seu repertório nas redes em busca de ampliar também a potência de suas próprias autorias e as dos demais praticantes culturais em um diálogo com a cultura digital, que, por sua vez, vai trocar também com docentes e discentes em escolas e universidades para formar e estender nossas redes em busca de compreender: “como usam as redes os praticantes culturais, como professores cotidianistas estão reinventando suas práticas em tempos de cibercultura? Por que não compartilhar boas práticas? Por que não incorporar esses usos em situações comunicacionais concretas, mobilizando novos letramentos?”(SANTOS, 2019, p.54) Entender como o problema funciona para propor novos usos formativos, progressistas e democráticos não significa consubstanciar-se com ele, uma vez que “uma técnica não é boa, nem má nem neutra” (LÉVY, 2000, p. 26) e o melhor contra-ataque pode ser dominar os dispositivos e fazer a verdade viralizar.” (SINGER, 2020)

Desse modo, alcançamos esse momento em nosso percurso formativo pelo desenho didático da disciplina tendo agora a proposta de empreender, a partir das interações com todos os dispositivos propostos em nossa pesquisa, novas formas de ser/fazer docente no ciberespaço. Partindo das experiências significativas, para a proposição coletiva de novas práticas indicativas, de onde emergem nossos dados em rede, para “olhar, mas também ouvir, tocar, cheirar, degustar tudo aquilo que aparecer” (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2019) em

nossas invenções coletivas para a criação de processos formativos e artefatos digitais que compreendam os desafios da docência em tempos de pós-verdade.

Estabelecemos durante o nosso curso, atos de currículo que nos pudessem fornecer um coletivo de estratégias de atuação para investigar, mobilizar e compreender as competências necessárias para perceber *“como os docentes em formação percebem o fenômeno das fake news em sua prática cotidiana, e quais estratégias que eles usam para combater a sua influência em seu processo formativo?”* E *“como a pesquisa-formação na cibercultura, em especial no uso de aplicativos, pode contribuir para pensar a formação do docente na era da pós-verdade?”* Para que pudéssemos, finalmente, estabelecer os movimentos necessários em busca de compreender *“como desenvolver em nossa prática uma pedagogia de fact-checking que nos permita identificar, combater e propor um contradiscurso a fake news?”* Esse é o propósito dessa última aula e para isso propomos os seguintes fóruns:

- “Fórum 1 - Dúvidas” para a postagem das dúvidas que surgirem durante a aula, permitindo que os praticantes detalhem suas dúvidas e respondam questionamentos postados por outros praticantes da disciplina. Nosso objetivo nesse espaço é estimular o compartilhamento de dilemas docentes que surjam durante a pesquisa, assim como o encontro de praticantes e mediadores na proposição de soluções coletivas para os mesmos.
- “Fórum 2 - Proposições educativas em checagem de fatos”, dedicado para a discussão do conteúdo estudado nessa aula: “Guerra de likes - Precisamos dominar as ferramentas e fazer a verdade viralizar”, em Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas (SINGER, 2020). No Dia Internacional da Checagem, um convite para professores lutarem contra notícias falsas (SCOFIELD JR., 2019), Robô checadora do Aos Fatos está no Twitter; entenda (AOS FATOS, 2018), Bot Sentinel, plataforma que monitora a atividade de robôs na rede social (HIGA, 2020), Gameificação e as fakenews: uma análise do jogo cheque isso! (ABREU, BERWANGER E COSTA, 2018), "Cansei de ver fake news vencer a batalha", diz autor do Sleeping Giants BR (TILT, 2020), Por que a discussão sobre fake news deve ser levada para a sala de aula (NOVAESCOLA, 2018). Aqui os praticantes são também convidados

a trazer um exemplo criativo onde a atuação docente contribuiu para checagem de fatos, relacionando com os conteúdos vivenciados durante toda a disciplina e também em interação com os "materiais de estudo" (em forma de narrativas, imagens, vídeos e sons), comentando com detalhes destacando os pontos positivos e negativos do caso apresentado, para dialogar com postagens de mais praticantes ampliando o debate.

- “Fórum 3 - Atividade 1 - Bots e Chatbots” permite que os praticantes da disciplina tenham a oportunidade de vivenciar uma forma diferente de interação formativa com o chatbot do Reglus, que contextualiza e apresenta o conteúdo verificado em nosso repositório em forma de diálogo. Aqui temos a continuidade da proposta estabelecida no “Fórum 4 - Atividade 2 - Uma educação para o fact-checking - Parte 1” quando convidamos os praticantes a verificarem notícias recebidas em seu cotidiano. Nesse momento do fórum 3, eles irão interagir com o chatbot, enviando o link da sua notícia verificada para ser incorporado no algoritmo de conversação de modo que a mesma possa ser enviada para um outro praticante que usar o dispositivo no futuro em busca de informação. O chatbot apresenta ainda uma série de outras funções dedicadas a produzir uma reflexão crítica acerca do papel formativo (que serão apresentadas posteriormente neste texto) das tecnologias digitais em rede ao simular, propor e propagar outras interpretações da pedagogia de Paulo Freire na contemporaneidade. Ao término da atividade, um relato é postado na plataforma apresentando suas impressões acerca da interação com o dispositivo e seu potencial de ampliar formas de interagirmos com informação verificada nas mesmas plataformas onde se dissemina a desinformação, para a ampliação do diálogo com outros praticantes em debate. Nosso objetivo nessa atividade é perceber a importância do investimento na subversão dos usos dos dispositivos de desinformação para compreender novas formas de viver e se formar pelo ciberespaço.
- Fórum 4 - Atividade 2 - Uma educação para o fact-checking - Parte 2 - Final. Aqui temos a nossa segunda grande intervenção no cotidiano de nossa

disciplina ao solicitarmos que os praticantes culturais de nossa pesquisa atuem para além do contexto formativo da plataforma do Moodle ao solicitarmos que eles formem grupos de até quatro participantes para a produção de um projeto coletivo formativo (plano de aula, vídeo, quadrinho, jogo ou qualquer outra atividade pedagógica) que ajude a combater o problema da propagação de fake news. O processo de desenvolvimento do projeto deve ser documentado em um pequeno vídeo (até 5 minutos) apresentando a proposta, público alvo e seu funcionamento, sem deixar de comentar como foi a concepção e os desafios enfrentados na criação projeto. A atividade final deve também contar com imagens e links de fontes externas de onde os conteúdos foram consultados, devendo esses ser enunciados antes do processo de envio para ser postado no nosso grupo da disciplina no Facebook para o compartilhamento dos projetos e a criação/manutenção/alimentação de uma base de dados formativa que sirva para inspirar novas práticas pedagógicas desses docentes em formação em sua práxis corrente e subsequente (uma vez que os membros desse grupo nunca são removidos e permanecem pelo tempo que desejarem). Através dessa oportunidade autoral de engajamento, temos a intenção pedagógica de formar e formar-nos, em uma perspectiva crítica, um outro letramento necessário ao processo de autoria docente. Nosso objetivo nessa atividade é perceber como uma mudança de perspectiva de interação, mais implicada, com a formação crítica para a informação pode gerar outras reflexões acerca de nossas práticas cotidianas em busca da partilha de certezas e incertezas de nossa luta em favor da verdade.

Seguindo esses passos, objetivamos promover novos letramentos docentes para nos engajarmos com esses praticantes pelo ativismo nas redes, proporcionando experiências significativas de formação que sejam capazes de inovar, mediar e gerir outras ambiências educativas implicadas com causas inclusivas, plurais e democráticas. Munido de nossa própria autoria como arma e cercado de nossa prática pessoal e coletiva como fundamento, descobrimos um novo fazer pedagógico que pode ser tão influente e/ou tão abrangente quanto é viral o compartilhamento de desinformação nas redes. Predispondo-se a apropriar-se daquilo que faz um conteúdo ser compartilhado nas redes, assim como se apercebendo de seus meios

de produção e reprodução, mergulhamos efetivamente no sentido das práticas do ciberativismo, dominando assim suas artes de fazer para tornarmos capazes de “produzir, remixar, reutilizar, arquitetar, mediar e gerir comunidades de práticas e expressões cidadãs” (SANTOS, 2015, p. 40; 2019, p. 53) em nosso presente.

Cercados assim pelas narrativas e imagens dessa pesquisa-formação na cibercultura, pudemos perceber o surgimento de alguns achados interessantes conforme se constituíam suas práticas. Essas produções criaram outras oportunidades de formação acerca dos dispositivos acionados durante a disciplina, reconfigurando contextos, usos e lógicas que até então enclausuravam nossos dispositivos móveis em busca de compreender uma relação passiva com a desinformação. Nesse sentido, espera-se que essa educação para a verificação de fatos aqui proposta, possa provocar a geração de novos educadores para o engajamento na luta pela sua própria resistência, chamando e organizando atos e movimentos a partir das redes, para unir a sociedade em busca de mudança. Na esperança de não mudar o mundo, mas apenas uma pessoa, que por sua prática, transforme o mundo<sup>174</sup>.

## **6. Pedagogia de verificação de fatos: saberes necessários à prática docente**

Me parece fundamental sublinhar, no horizonte da compreensão que tenho do ser humano como presença no mundo, que mulheres e homens somos muito mais do que seres adaptáveis às condições objetivas em que nos achamos. Na medida mesma em que nos tornamos capazes de reconhecer a capacidade de nos adaptar à concretude para melhor operar, nos foi possível assumir-nos (sic) como seres transformadores. E é na condição de seres transformadores que percebemos que a nossa possibilidade de nos adaptar não esgota em nós o nosso estar no mundo. É porque podemos transformar o mundo, que estamos com ele e com outros. Não teríamos ultrapassado o nível de pura adaptação ao mundo se não tivéssemos alcançado a

---

<sup>174</sup> “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” - Paulo Freire (1921-1997)

possibilidade de, pensando a própria adaptação, nos servir dela para programar a transformação

Paulo Freire, 2000<sup>175</sup>

Pela associação do caráter formativo de atos de currículo propostos em ambientes virtuais de aprendizagem que acionam possibilidades educativas de aplicativos, objetivamos habilitar uma geração de educadores que situe suas práticas às condições pragmáticas do tempo em que vivemos, mas que conscientes de serem seres de/em alteração, estejam assim também engajados com a causa de serem agentes de transformação no mundo.

Ao focar na produção de culturas, saberes e conhecimentos com os praticantes da pesquisa, situamos nossos movimentos de modo a romper com os limites hegemônicos de se *fazer pensar* pesquisa. Em nossos trabalhos, não investigamos o cotidiano em busca de confirmar a teoria, mas para entregar-nos a volatilidade da deslocação pela exploração, para constituir-se na efemeridade daquilo que circula nesses “*espaçotempos*”, e para compreender o que hoje é incompreendido pela inerência desses dispositivos, dessas máquinas da irrealidade (SINGER, 2018, p. 118), para a noção de que esses dispositivos podem ser entendidos, também, "como sendo de prazer, inteligência, imaginação, memória e solidariedade" (ALVES, 2001, p. 16-17).

Trabalhar com essa astúcia que aprende a se esconder para ser, a se dispersar para ficar invisível, tentar captar essas maneiras de usar é muito difícil pois nunca estão dentro dos padrões: só se deixam ouvir por meio de sons que muitas vezes incomodam os ouvidos acostumados ao suave som da música erudita, pois são gritos, batucadas etc; só utilizam cores que também são, quase sempre, muito berrantes e exageradas, fora dos padrões de beleza aceitos e que sempre "vemos" como "esquisitas"; além de se darem por toques nada agradáveis, na maior parte da vezes, e que identificamos como “empurrões, socos e ponta-pés”. É muito difícil buscar compreender esses modos de fazer dos quais se reclama de tudo: do cheiro, da sujeira, das cores mortas ou tristes ou, quando alegres, chamando-as agressivas ou "suburbanas", do modo de ser e sentir (sempre "diferente" e visto como marginal). Representando o outro, com tudo o que tem de amedrontador e que, para nos tranquilizarmos, classificamos de más', 'esquisitas', 'violentas', essas maneiras de ver, ouvir, sentir, tocar e comer precisam, no entanto, ser compreendidas se efetivamente desejamos desvendar [...] (os cotidianos) e suas lógicas (ALVES, 2001, p. 21).

Para fugir assim dos padrões e urgir pela compreensão desses muitos sentidos que são nossos, de nossos praticantes e de nossos cotidianos, bricolamos uma multiplicidade de

---

<sup>175</sup> Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos / Paulo Freire. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

“*espaçostempos*” para cercar-nos de nossas “astúcias sutis” em favor de ouvir as vozes de uma educação oprimida, divisar os limites de nosso processo formativo e para tocar e trocar em/com corpos, em afetos, em solidariedades e em aprendizagens (OLIVEIRA, 2009) para a programação de outras práticas docentes que nos permitam combater, com grande diversidade, os males que assolam o nosso fazer comum.

Em nosso curso, o processo de ensinar, pesquisar e aprender partiu do “compartilhamento de narrativas, imagens, sentidos e dilemas de docentes e pesquisadores pela mediação das interfaces digitais concebidas como dispositivos de pesquisa-formação” (SANTOS, 2019, p.19) para a criação de outros “*fazerespensares*”, que vão se encontrar com o que já foi feito para conhecer o melhor possível o que existe, o que se escreveu e o que se pensa sobre isso, pois, só assim é possível apontar seus limites e seguir adiante (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2019).

O sonho viável exige de mim pensar diariamente a minha prática; exige de mim a descoberta, a descoberta constante dos limites da minha própria prática, que significa perceber e demarcar a existência do que eu chamo espaços livres a serem preenchidos. O sonho possível tem a ver com os limites destes espaços e esses limites são históricos. (...) A questão do sonho possível tem a ver exatamente com a educação libertadora, não com a educação domesticadora. A questão dos sonhos possíveis, repito, tem a ver com a educação libertadora enquanto prática utópica. Mas não utópica no sentido do irrealizável; não utópica no sentido de quem discursa sobre o impossível, sobre os sonhos impossíveis. Utópico no sentido de que é esta uma prática que vive a unidade dialética, dinâmica, entre a denúncia e o anúncio, entre a denúncia de uma sociedade injusta e exploradora e o anúncio do sonho possível de uma sociedade que pelo menos seja menos exploradora, do ponto de vista das grandes massas populares que estão constituindo as classes sociais dominadas. (Freire, 1982, p.100)

Seguimos então adiante, em direção ao sonho viável. Ousando empreender outras descobertas diárias em nossos limites, para em vias de intervenção pela prática, demarcar as existências de nossas ausências pelo percurso formativo. No exercício de aprender enfim a se esconder para ser, a se dispersar para ficar invisível, para tentar captar outras maneiras de usar (ALVES, 2001) e mobilizar esses agenciamentos de comunicação, de autoria e de colaboração em parceria com os praticantes na sala de aula online (SILVA, 2021).

É porque acreditamos em transformar pessoas, que estivemos no *Moodle* e nele com outros, mediando uma formação por diferentes dispositivos. Não teríamos ultrapassado o nível de mera adaptação do docente a cibercultura se não estivéssemos implicados com a necessidade de, pensando a própria formação, nos servirmos dela para programar uma transformação de nossa práxis em uma educação libertadora, em uma prática utópica.

As passagens mais bonitas das obras de Paulo Freire são as que ele escreveu sobre o sonho e a utopia. Paulo Freire era um educador voltado para o futuro. A leitura de Paulo Freire deveria começar sempre por essa porta de entrada, a porta da utopia [...] A utopia é o que ele chamaria de um tema “épocal”. Para ele, épocal é o tema que sintetiza uma preocupação ampla e convergente de toda uma época. (GADOTTI, 2007, p. 15)

No esforço de sintetizar as preocupações e convergências de nossa época, partimos pela utopia de Freire, para iniciar um diálogo sistematizado com os achados que emergem de nossa pesquisa. Inspirando-nos na leitura de suas obras, ora usando analogias, ora usando substituições, para estabelecer mais uma interferência de sua reflexão pedagógica em nossa autoria, de modo a elegermos algumas dessas categorias analíticas que irão, em suma, acolher e perceber o conjunto de dados e sentidos vislumbrados em nossa investigação.

Retomamos o convite proposto durante a apresentação do itinerário desta pesquisa, para evidenciar trocas deste pesquisador com a prática/teoria/prática, em aprendizagens significativas percebidas durante os deslocamentos e as mudanças do itinerário compreendido pela experiência dessa pesquisa, “na medida em que, ao refletir sobre como sua ação opera mudanças, por meio de sua ação realiza, de fato, uma utopia” (GADOTTI, 2007, p. 18).

Realizando assim nossa utopia, nossa reflexão interpretativa dos dados que emergiram das situações, das ocorrências, dos achados e das divergências da pesquisa, gestamos a concepção de diversas outras operações que estavam no não dito, para a perspectiva de dizer o que foi perceptível em nosso esforço de formar docentes para o atual momento da cibercultura. Para retratar esses movimentos de aplicação e implicação da prática docente como instrumentos de mudança, nomeamos essas inquietações em busca de engendrar uma nova busca incessante por respostas e explicações (SANTOS, 2005, p.152).

Desse modo, elegemos o produto dessas inquietações como as noções subsunçoras de nossa pesquisa. Não pela superação dessas questões e nem pela ruptura com a procura, mas pelo contrário, do continuar a crescer a curiosidade, critica-se metodicamente a questão “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto para chamar pelo nome o sinal de atenção que alerta o surgir de um fenômeno vital (FREIRE, 2011, p.15). As noções subsunçoras são as categorias analíticas, frutos da análise e interpretação dialógica entre empiria e teoria num processo de aprendizagem significativa. Para Ausubel (apud MOREIRA, 1982), a aprendizagem significativa é um processo dinâmico em que uma nova informação ancora-se em conceitos relevantes preexistentes na estrutura cognitiva – estrutura hierárquica de



conceitos que são abstrações da experiência dos indivíduos – do sujeito aprendente que se atualiza sempre que um novo conceito é significado. (SANTOS, 2019, p.123)

Permito-me então evocar com maior exatidão, a vida e obra de Freire, para dar nome às coisas que fizemos com a nossa ação sobre o mundo, na medida em que fomos nos habilitando a inteligir o mundo e criar por consequência a necessária comunicabilidade do inteligido (FREIRE, 2011), compreendido aqui pelas noções subsunçoras de nossa pesquisa: por uma formação que nos possibilite evidenciar a *importância do ato de ler*<sup>176</sup> e escrever o/no mundo informacional, em três momentos que se completam, sob o ângulo da luta política com a compreensão científica do tema, para conceber um letramento que nos revele novos caminhos para as questões da nossa época. Pela defesa da liberdade, da democracia e da justiça social, por crermos nestas palavras e no seu poder libertador, de modo a encarnarmos nossa fé como veículo de atuação contras as ideologias alienantes de uma cultura do enganoso que torna-se opressora, isto é, atuando em uma prática docente que seja instrumento de uma transformação global do homem e da sociedade, por um *ciberativismo como práxis de liberdade*<sup>177</sup>. Para promover, através da *inteligência coletiva um encontro e reencontro com a inteligência artificial*<sup>178</sup>, para analisar como essas experiências pedagógicas em quase dois anos nas mais diferentes regiões do estado do Rio de Janeiro, demonstram um relato valioso, elaborado com cientificidade, humildade e coerência, de recusa pelo determinismo tecnológico da artificialidade para promover a coletividade humana como um feixe de possibilidades.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar” (Freire, 2011, p.46)

Para assumir-nos como seres plenamente capazes de ir além do fenômeno que nos é condicionante, fizemos e nos refizemos nas vivências e relatos dessa pesquisa, com corpos e objetos, docentes e discentes, para sermos agentes de transformação de um mundo que requer nossa intervenção. Implicados em fazer de nosso sonho também um motor de nossa história,

---

<sup>176</sup> Inspirado e adaptado de: Freire, Paulo, 1921-1997 A importância do ato de ler [recurso eletrônico] : em três artigos que se completam / Paulo Freire. - 1. ed. - São Paulo : Cortez, 2017

<sup>177</sup> Inspirado e adaptado de: Freire, Paulo, 1921-1997 Educação como prática da liberdade [recurso eletrônico] / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2015

<sup>178</sup> Inspirado e adaptado de: Freire, Paulo, 1921-1997. Pedagogia da esperança [recurso eletrônico] : um reencontro com a pedagogia do oprimido / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

sonhamos com a mudança, na certeza de que não há sonho sem esperança (FREIRE, 1992, p.47), de modo a esperar uma educação que nos permita sermos menos espoliados pelos frutos da desinformação. Nesse sentido, como manifesto, alguns desses desdobramentos se encontram descritos a seguir.

### 6.1. A importância do ato de ler

Me parece indispensável, ao procurar falar de tal importância, dizer [...] algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

*Paulo Freire, 2017*

A necessidade de compreensão do processo de leitura de nosso *serestar* no mundo informacional foi sendo percebida, assim como foi com Freire, pela escrita do texto, pela reflexão crítica dos diferentes momentos onde o ato de ler o mundo se deu em nossa experiência existencial no viver desta pesquisa. Na medida em que fomos nos percebendo capazes de ler as palavras desse pequeno mundo em que nos movíamos em busca de compreender a leitura da *palavramundo*<sup>179</sup> em que estamos inseridos (FREIRE, 2017, p.9).

---

<sup>179</sup> O conceito de *palavramundo* está presente no pensamento político-pedagógico de Paulo Freire que expressa a articulação entre os conhecimentos e saberes cotidianos do educando e a aprendizagem da leitura e da escrita. Refere-se a uma prática alfabetizadora fundada no exercício da curiosidade e na apreensão do significado e do sentido existencial da palavra, no mundo e na vida cotidiana de cada educando. É experiência de singularidade, pluralidade, multiplicidade e diferença. É reunião, diálogo e comunicação. É acontecimento da existência e movimento para ação. Fonte: <https://bit.ly/apalavramundo>

Ainda no início, só nos era possível o exercício de nos adaptar à concretude para melhor operar (FREIRE, 2000, p. 17) sem ainda conseguir compreender todas as possibilidades que o nosso operar nos permitia. Mas em busca de uma formação que nos tornasse seres transformadores percebemos que a nossa possibilidade de nos adaptar não se esgota em nós e no nosso estar no mundo, mas por estamos nele com ele e com outros em busca da transformação do fenômeno com/por/e seus dispositivos. Estávamos assim em ubiquidade, em necessidade, em inteligência, imaginação, memória e solidariedade (ALVES, 2002, p. 14-16) por reconhecermos a urgência deste tema numa época em que a desinformação estava se espalhando como uma epidemia.

Iniciamos os primeiros desenhos em ensaios com o dispositivo ainda em 2019, mas entramos efetivamente em campo de pesquisa no início de 2020, por ocasião do primeiro semestre do ano letivo. O contexto da disciplina era o mesmo de outros semestres, com mediadores e discentes atuando coletivamente em busca de compreender como podemos educar em nosso tempo<sup>180</sup>, mas o hipertexto agora possibilitava outras formas de interseção que tinham como intenção pedagógica uma compreensão mais crítica acerca da importância do ato de ler e se partilhar informações e desinformações na relação cidade/ciberespaço.

O momento da primeira aula da disciplina tinha como intenção primordial introduzir o contexto da cibercultura e seus fenômenos, buscando dialogar outras formas de tensionar e intencionar práticas educativas em sintonia com a contemporaneidade.

A existência de uma disciplina cujo foco se situa no estudo da aplicabilidade das tecnologias digitais em rede nos processos educacionais se torna, em nossa atual conjuntura, um importante marco de tantas lutas políticas do passado<sup>181</sup>, de modo que não foi de nosso interesse a utilização desse *espaçotempo* para a mera reprodução de uma educação mecanicista, bancária e ingênua para propagar os interesses de uma elite opressora, mas sim o transitar crítico e coletivo de nossa consciência, em sentido de superação, para a proposição educação dialogal e ativa, para a interpretação de nossos problemas e substituição das mágicas por princípios causais (FREIRE, 2015b, p. 60).

Sustentados assim na interface universidade/cidade/ciberespaço, que se hibridiza e se confunde no interstício das relações e trocas com o saber na multiplicidade de frentes de

---

<sup>180</sup> Aula 1 - Educando em nosso tempo” as fases da informática na educação e seus desdobramentos na prática educativa da contemporaneidade para a construção de ambiências formativas que suportem o movimento de uma educação para atuar com as mídias.

<sup>181</sup> Consórcio Cederj: A História da Construção do Projeto. Fonte: <https://bit.ly/eademfococederj>

atuação, partimos da introdução do cenário sociotécnico e cultural do nosso tempo, proposto na primeira aula, para o investimento em situações de aprendizagem formais e não formais que emergissem dos cotidianos das práticas de nossos atores curriculantes para *fazer pensar* outras formas de percebermos “*de onde vêm as informações*”, na aula 2.

Figura 32 - Captura dos fóruns da aula 2 da disciplina Informática na Educação no Moodle da UERJ

**Aula 2- Segunda Parte da AD1 - Participe de 16 - 31/08/22**

**De onde vêm as informações?**  
467 inscritos

**INSCRITO** 



**Ainda nesta aula:**  
Próximo **REPRODUÇÃO AUTOMÁTICA** 

**FILTER BUBBLES:**  
O que as bolhas ocultam?  
ELI PARISIER  
150.000 visualizações

**FAKE NEWS:**  
A propagação de notícias falsas.  
SANTAELLA  
175.000 visualizações

**PÓS-VERDADE:**  
A palavra do momento!  
SANTAELLA  
180.000 visualizações

**ATIVIDADES:**  
Percebendo nosso contexto.  
VOCE  
200.000 visualizações

**A era da pós-verdade?**  
100.000 visualizações



Na segunda aula da nossa disciplina vamos aprender o que é a pós-verdade, como somos percebidos pelos algoritmos, como as notícias falsas são produzidas e o que as bolhas ocultam!  
EDMÉA SANTOS

**INSCRITO** 

PARA SABER MAIS CONTINUE A LEITURA ABAIXO

O que significa essa palavra “pós-verdade”, que ainda em 2016, foi escolhida a palavra do ano pelo conceituado Oxford Dictionaries? O adjetivo foi eleito por denotar “circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal”. O nome deveria fazer jus àquilo que, segundo Perosa (2017), se tornou a atual indústria de alta produtividade de notícias falsas em busca de mudar a opinião coletiva.

**De 16 - 31/08/22**  
**Material de estudo nos links abaixo!**

**4 FORUNS** **INSCRITO** 

 [Vídeo - Eli Pariser: Tenha cuidado com os “filtros-bolha” online.](#)

 [Vídeo - Colóquio “A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa?” com Lúcia Santaella](#)

 [Vídeo - Algoritmos: você está no controle?](#)

 [Texto - A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa](#)

 [Texto - O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você](#)

**De 16 - 31/08/22**  
**Fóruns de discussão nos links abaixo!**

**4 FORUNS** **INSCRITO** 



## Informática na Educação (PED-LIC) - UERJ

[Painel](#) / [Minhas Disciplinas](#) / [Informática na Educação \(PED-LIC\) - UERJ](#)  
[Fórum dos polos Paracambi, Rocinha e Três Rios \(Mediador Wallace\) - Clique aqui e participe do debate!](#)



Fórum dos polos Paracambi, Rocinha e Três Rios (Mediador Wallace) - Clique aqui e participe do debate!

Olá, turma querida!

**Sejam bem-vindxs!**

Vamos iniciar os debates e as atividades da segunda parte de nossa AD1?

**Na parte teórica**, vamos discutir o que são bolhas de filtragem (filter bubbles), notícias falsas (fake news), controle de algoritmos e como essas perspectivas proporcionam o surgimento da era da pós-verdade. **Portanto, é extremamente importante que você assista os vídeos e leia os textos disponíveis na parte de material de estudo desta aula.**

**Na parte prática**, vamos discutir o poder de influência dos algoritmos ao selecionar o que nós vemos e consumimos na internet. Desse modo, disponibilizamos três atividades simples que você deve participar **postando os seus resultados e comentando os resultados dos seus colegas de curso.**

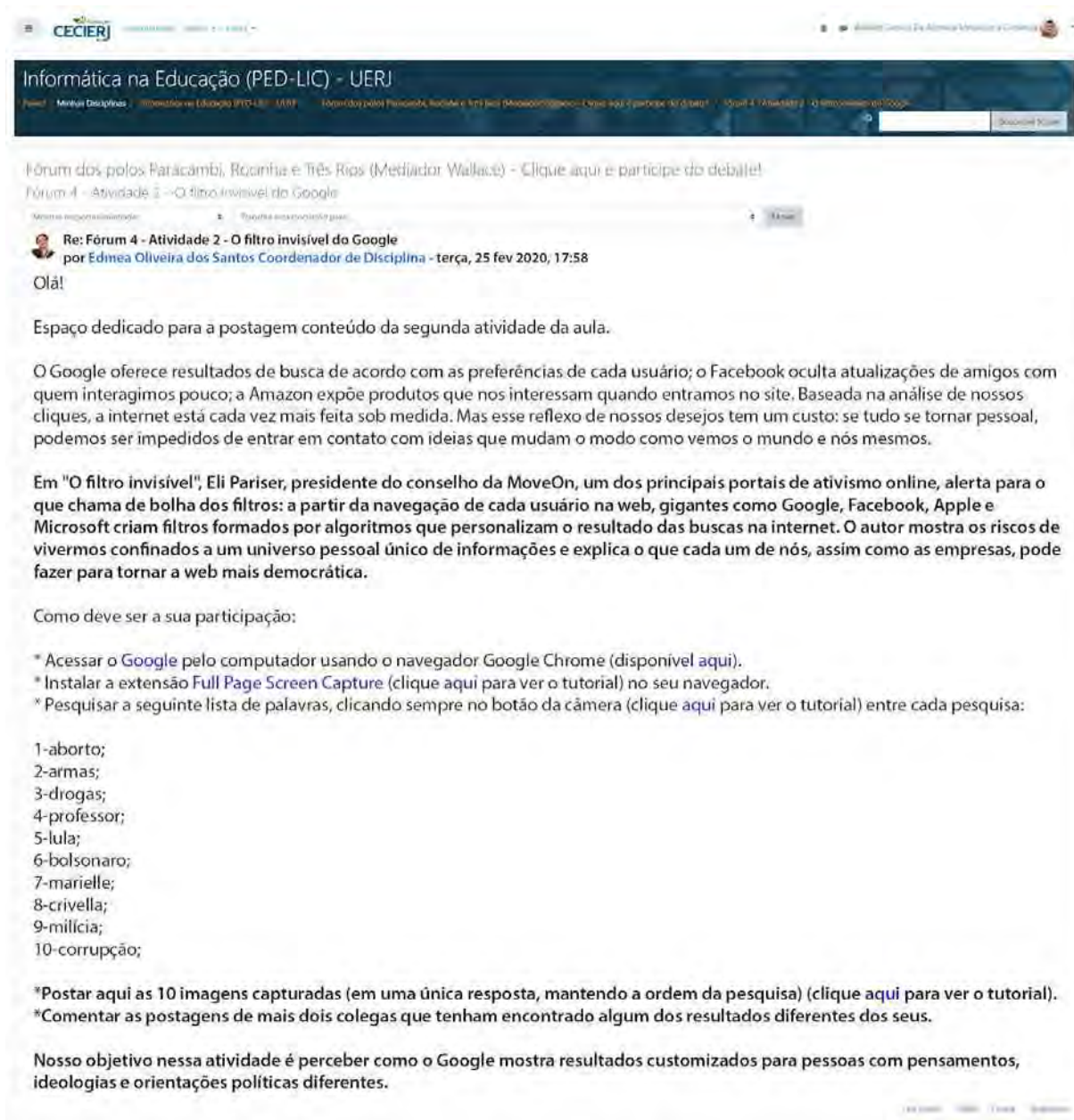
**Acesse abaixo os fóruns para contribuir com a sua participação.**

Tópico	Autor	Última mensagem ↓	Comentários
☆ <a href="#">Fórum 2 - A era da pós-verdade</a>	 Edmea Oliveira D... 12 mar 2022	 Pietra Soares Wa... <a href="#">31 mar 2022</a>	9
☆ <a href="#">Fórum 3 - Atividade 1 - Akinator, o gênio da internet</a>	 Edmea Oliveira D... 12 mar 2022	 Pietra Soares Wa... <a href="#">31 mar 2022</a>	19
☆ <a href="#">Fórum 1 - Dúvidas</a>	 Edmea Oliveira D... 12 mar 2022	 Wallace Carrico ... <a href="#">31 mar 2022</a>	5
☆ <a href="#">Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google</a>	 Edmea Oliveira D... 12 mar 2022	 Marcia Cardoso ... <a href="#">29 mar 2022</a>	17
☆ <a href="#">Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro</a>	 Edmea Oliveira D... 12 mar 2022	 Marcia Cardoso ... <a href="#">29 mar 2022</a>	5

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

Assim como o texto introdutório dos fóruns antecedia, a proposta naquele momento era de dialogar com a teoria, discutindo com os praticantes o que são bolhas de filtragem (*filter bubbles*), notícias falsas (*fake news*), o funcionamento de algoritmos e como essas perspectivas proporcionam o surgimento da era da pós-verdade. Enquanto a prática teria como foco a proposição de atos de currículo que tivessem como intenção pedagógica, uma formação que nos possibilitasse compreender o poder de influência dos algoritmos ao selecionar o que nós vemos e consumimos na internet.

Figura 33 - Captura da atividade proposta no fórum 4 da aula 2, intitulado “O filtro invisível do Google”



The screenshot shows a Moodle forum interface. At the top, there's a header for 'Informática na Educação (PED-LIC) - UERJ'. Below that, the forum title is 'Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google'. The post is by 'Edineia Oliveira dos Santos', a Discipline Coordinator, dated February 25, 2020, at 17:58. The post content discusses 'filter bubbles' and provides instructions for a task. The task involves using Google Chrome, installing a 'Full Page Screen Capture' extension, and searching for 10 specific terms. The terms are: 1-aborto; 2-armas; 3-drogas; 4-professor; 5-lula; 6-bolsonaro; 7-marielle; 8-crivella; 9-milícia; 10-corrupção. The post also mentions that the goal is to observe how Google shows customized results for different people with different thoughts and political orientations.

Informática na Educação (PED-LIC) - UERJ

Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google

Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por Edineia Oliveira dos Santos Coordenador de Disciplina - terça, 25 fev 2020, 17:58

Olá!

Espaço dedicado para a postagem conteúdo da segunda atividade da aula.

O Google oferece resultados de busca de acordo com as preferências de cada usuário; o Facebook oculta atualizações de amigos com quem interagimos pouco; a Amazon expõe produtos que nos interessam quando entramos no site. Baseada na análise de nossos cliques, a internet está cada vez mais feita sob medida. Mas esse reflexo de nossos desejos tem um custo: se tudo se tornar pessoal, podemos ser impedidos de entrar em contato com ideias que mudam o modo como vemos o mundo e nós mesmos.

Em "O filtro invisível", Eli Pariser, presidente do conselho da MoveOn, um dos principais portais de ativismo online, alerta para o que chama de bolha dos filtros: a partir da navegação de cada usuário na web, gigantes como Google, Facebook, Apple e Microsoft criam filtros formados por algoritmos que personalizam o resultado das buscas na internet. O autor mostra os riscos de vivermos confinados a um universo pessoal único de informações e explica o que cada um de nós, assim como as empresas, pode fazer para tornar a web mais democrática.

Como deve ser a sua participação:

- \* Acessar o [Google](#) pelo computador usando o navegador Google Chrome (disponível [aqui](#)).
- \* Instalar a extensão Full Page Screen Capture (clique [aqui](#) para ver o tutorial) no seu navegador.
- \* Pesquisar a seguinte lista de palavras, clicando sempre no botão da câmera (clique [aqui](#) para ver o tutorial) entre cada pesquisa:

- 1-aborto;
- 2-armas;
- 3-drogas;
- 4-professor;
- 5-lula;
- 6-bolsonaro;
- 7-marielle;
- 8-crivella;
- 9-milícia;
- 10-corrupção;

- \* Postar aqui as 10 imagens capturadas (em uma única resposta, mantendo a ordem da pesquisa) (clique [aqui](#) para ver o tutorial).
- \* Comentar as postagens de mais dois colegas que tenham encontrado algum dos resultados diferentes dos seus.

Nosso objetivo nessa atividade é perceber como o Google mostra resultados customizados para pessoas com pensamentos, ideologias e orientações políticas diferentes.

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

Desse modo, disponibilizamos três momentos formativos onde eles deveriam interagir com eles e conosco para discutir novas formas de perceber e atuar a partir de onde vêm as informações. Foi então, por essa ocasião, que iniciamos a narrativas dos fatos que se sucederam a partir de uma resposta ao Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google.

O “Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google” tinha como proposta um diálogo acerca da personalização de resultados de pesquisa conforme as preferências de quem busca. Para isso introduzimos a questão desse “filtro invisível” (PARISIER, 2012) ao afirmar que “a internet está cada vez mais feita sob medida” para alertar sobre os perigos de sermos “impedidos de entrar em contato com ideias que mudam o modo como vemos o mundo e nós mesmos”.

Com o objetivo de perceber como o Google mostra resultados customizados para pessoas com pensamentos, ideologias e orientações políticas diferentes e dialogar com/por essas diferenças através da capilaridade dos 12 polos que compreendem o coletivo do campo da pesquisa, convidamos os praticantes da disciplina a buscar uma lista de palavras de pautas e políticas de sentido diversas, a saber: (1) aborto; (2) armas; (3) drogas; (4) professor; (5) lula; (6) bolsonaro; (7) marielle; (8) crivella; (9) milícia e (10) corrupção. Para capturar esses resultados e postar respectivamente nessa ordem na plataforma, a fim de identificar, através das similaridades e contradições os riscos de vivermos confinados a um universo pessoal e único de informações para encontrar novas formas de ler as informações que recebemos e tornar a web mais democrática.

As primeiras narrativas e imagens começaram a surgir e já indicavam uma série de particularizações acerca dos resultados encontrados, conforme pode ser observado no diálogo entre as praticantes Bianca e Julianna, reproduzido a seguir.

Figura 34 - Interações com/entre as praticantes Bianca e Julianna

**Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google**  
por **Bianca de Almeida Gomes Aluno(a)** - UERJ - PLI - PAR - quinta, 19 mar 2020, 19:31

Boa noite Julianna, na sua pesquisa sobre 'armas' vejo que aparece lojas que vendem armamentos e essas lojas são as mais próximas de você. Na minha pesquisa sobre armas também acontece isso, porém como sou do estado de MG, aparece as lojas mais próximas de mim. Isso ocorre porque o Google rastreia nossa localização, mesmo com o GPS desligado.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google**  
por **Julianna de Lima Pereira Aluno(a)** - UERJ - PLI - PAR - quinta, 19 mar 2020, 19:49

Interessante Bianca!  
"Acredito que filtra dentre outras coisas, onde estamos localizados". Por isso, penso que de acordo com a característica de quem está buscando, o Google, personaliza os resultados.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google**  
por **Wallace Carriço de Almeida Mediador a Distância** - quarta, 25 mar 2020, 11:27

Olá, Julianna! Exatamente isso!

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google**  
por **Wallace Carriço de Almeida Mediador a Distância** - quarta, 25 mar 2020, 11:27

Olá, Bianca!  
Excelente observação! Os resultados são direcionados também pela sua localidade!

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

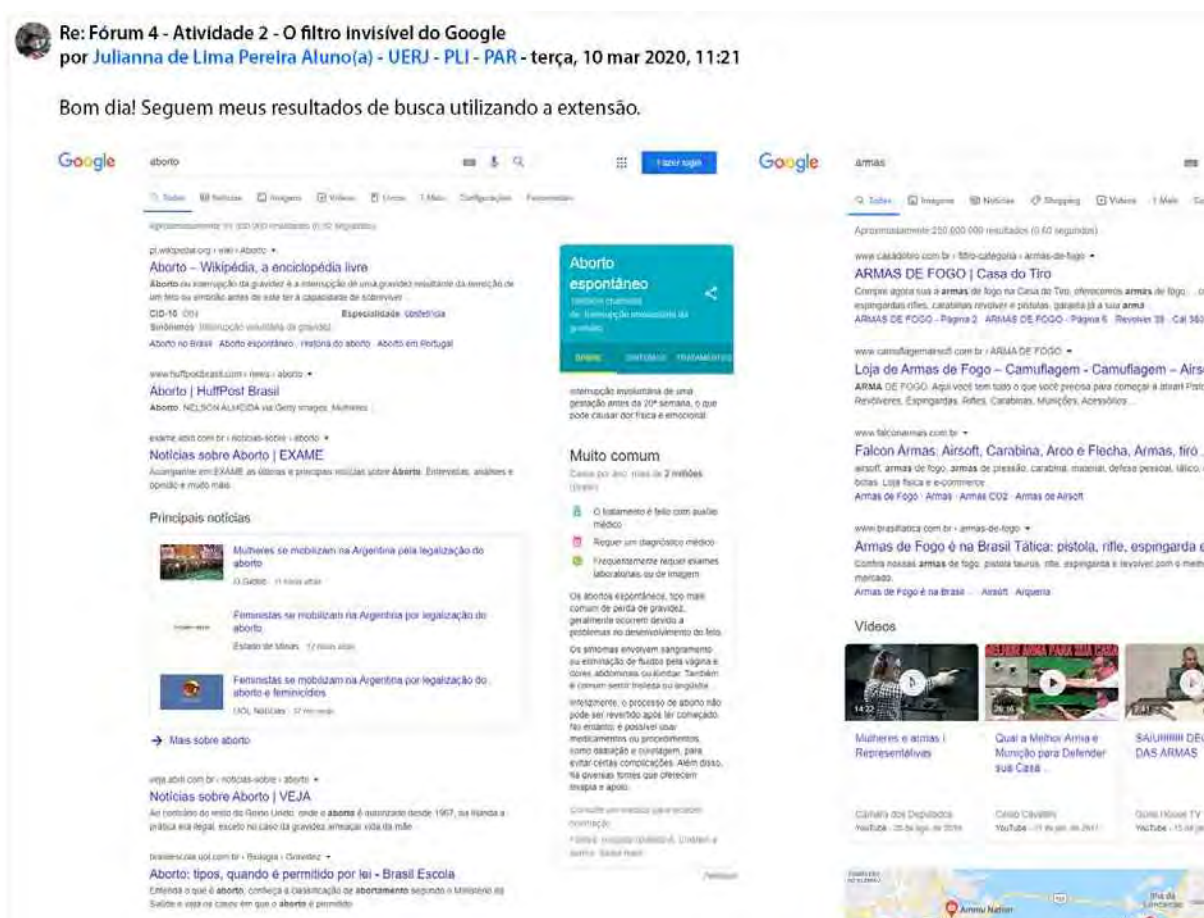
A praticante Bianca, ao observar suas capturas e os resultados obtidos pela praticante Julianna, faz inferência ao filtro de geolocalização ao dizer: *“boa noite Juliana, na sua pesquisa sobre 'armas' vejo que aparece lojas que vendem armamentos e essas lojas são as mais próximas de você. Na minha pesquisa sobre armas também acontece isso, porém como sou do estado de MG, aparece as lojas mais próximas de mim. Isso ocorre porque o Google rastreia nossa localização, mesmo com o GPS desligado.”* Ao perceber como a marcação geográfica interfere na personalização da informação inserida (armas) para a sugestão de informação contextual (lojas próximas de você), a praticante começa a ler as mesmas informações que encontraria ao pesquisar o termo de modo trivial, mas que por envolver agora uma outra compreensão de sua prática, fruto de um processo crítico do ato de ler, expressa uma compreensão que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo (FREIRE, 2017, p.9).



Este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (*ibid.*, p. 13)

Por assim fazer escrevências e reescrevências de nosso cotidiano naquele fórum da disciplina, percebíamos o movimento do fluir os limites de nosso mundo através da leitura que do mesmo fazíamos pela partilha de encontros e desencontros de nossas explorações.

Figura 35 - Postagem com as capturas de telas do Google das praticantes da disciplina



Fonte: captura de telas da página do Moodle

Figura 36 - Interações com/entre as praticantes da disciplina

Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por [Rita De Cassia Fernandes Oliveira Aluno\(a\)](#) - UERJ - PLI - PAR - quarta, 25 mar 2020, 13:54

Boa tarde, Juliana!

Comparando suas pesquisas com a minha pude observar que em sua grande maioria existe pelo menos um item que diferencia da minha. Tal fato evidencia que as buscas são realizadas levando em consideração as pesquisas feitas anteriormente.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por [Carla Christino Da Silva Aluno\(a\)](#) - UERJ - PLI - PAR - quarta, 25 mar 2020, 20:05

Sua pesquisa retomou respostas bem semelhantes à minha, porém reparei que a cerca do Presidente, Marielle, Crivella há notícias atualizadas diferentes, pois cada dia surgem fatos novos sobre eles.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por [Monalisa Helena Souza Alves Soares De Oliveira Aluno\(a\)](#) - UERJ - PLI - PAR - quarta, 25 mar 2020, 22:18

Boa noite!

Sua pesquisa foi totalmente diferente da minha, a parte do professor, foi que chamou mais atenção falando um pouco da ditadura, a pesquisa sobre a Marielle também, sobre o documentário dela. A minha pesquisa ficou um pouco "vaga" em comparação a sua, deve-se ao fato de não pesquisar muito sobre esses assuntos, como por exemplo, corrupção o que sei vem dos livros e não de pesquisas na internet.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por [Andreia De Souza Alves Aluno\(a\)](#) - UERJ - PLI - PAR - quarta, 25 mar 2020, 22:37

Boa noite!

Observando as suas pesquisas, vi como está diferente das minhas. Além de endereços diferentes nos mapas, sua pesquisa sobre o professor se mostrou um pouco mais política. Gostei muito do resultado. No caso Marielle, também teve foco no assassinato da vereadora e não em pessoas de programas de TV, que não fazem o menor sentido. Achei os seus resultados mais próximos do que eu esperava nos meus resultados.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por [Sandilla Santana De Oliveira Aluno\(a\)](#) - UERJ - PLI - PAR - quinta, 26 mar 2020, 12:47

Oi Juliana.

Observando suas pesquisas, percebi que o resultado para "professor" foi diferente do meu. Embora se tratando do mesmo tema, no meu caso as opções foram mais genéricas, no seu, mais específicas, relacionadas a notícias sobre professores em diferentes situações. Muito interessante a forma como o Google determina os resultados que aparecerão.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por [Mariana Schincariol Domingues Damasceno Aluno\(a\)](#) - UERJ - PLI - PAR - sexta, 27 mar 2020, 21:08

Observei que os resultados das suas buscas foram bem diferentes dos meus, no seu apareceram muitos endereços, já na minha busca apareceram constantemente definições da Wikipédia. Interessante e curioso!

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Fonte: captura de telas da página do Moodle

Na fala da praticante Monalisa, percebemos que a diferença entre os seus resultados em contraste com os obtidos pela praticante Julianna, tem relação com a questão política

quando ela afirma: “sua pesquisa foi totalmente diferente da minha, a parte do professor, foi que chamou mais atenção falando um pouco da ditadura, a pesquisa sobre a Marielle também, sobre o documentário dela. A minha pesquisa ficou um pouco “vaga” em comparação a sua”, ela então conclui que a diferença “deve-se ao fato de não pesquisar muito sobre esses assuntos, como, por exemplo, corrupção” e finaliza dizendo, talvez com superioridade, que o que sabe “vem dos livros e não de pesquisas na internet”.

Em diálogo com essa percepção de Monalisa, a praticante Andreia vai dizer, observando as pesquisas de Julianna: “vi como está diferente das minhas. Além de endereços diferentes nos mapas, sua pesquisa sobre o professor se mostrou um pouco mais política. Gostei muito do resultado.” Ela ainda vai atentar que “no caso Marielle, também teve foco no assassinato da vereadora e não em pessoas de programas de TV, que não fazem o menor sentido.” para reconhecer: “achei os seus resultados mais próximos do que eu esperava nos meus resultados” ou no que esperava saber de si.

Os algoritmos saberão que você está doente antes mesmo que você perceba, e também saberão onde você esteve e quem você conheceu. As cadeias de infecção poderiam ser drasticamente reduzidas e até cortadas completamente. Tal sistema poderia, sem dúvida, parar a epidemia em poucos dias. Parece maravilhoso, certo? A desvantagem é, claro, que isso daria legitimidade a um novo sistema de vigilância aterrorizante. Se você sabe, por exemplo, que cliquei em um link da Fox News em vez de um link da CNN, isso pode lhe ensinar algo sobre minhas opiniões políticas e talvez até sobre minha personalidade. Mas se você puder monitorar o que acontece com minha temperatura corporal, pressão arterial e batimentos cardíacos enquanto assisto ao videoclipe, você pode aprender o que me faz rir, o que me faz chorar e o que me deixa muito, muito zangado. (HARARI, 2020, p. 33)

Essa perspectiva é relevante no sentido de perceber como os dados percebidos pelos algoritmos podem levantar um perfil suficientemente relevante ao ponto de ler nossa percepção de mundo, a maneira que cada um enxerga os fatos e de forma mais precisa, o que a nossa própria percepção pessoal/sensorial considera real. Partindo dessa leitura de quando os algoritmos nos conhecem melhor do que nós mesmos<sup>182</sup>, nos demos a conhecer o relato de Jess Joho<sup>183</sup>, uma crítica do *weblog* Mashable que intrigada com as suposições assumidas pelo algoritmo do aplicativo do TikTok, encontra não somente a validação de sua ascendência brasileira, mas também a realização de ela era bissexual.

---

<sup>182</sup> Quando os algoritmos nos conhecem melhor do que nós mesmos. Fernando Teixeira. Disponível em: <https://bit.ly/mitalgorithms>

<sup>183</sup> TikTok's algorithms knew I was bi before I did. I'm not the only one. Bisexual TikTok said, "this you?" Jess Joho. Disponível em: <https://bit.ly/jessjohotiktok>

Apesar de viver e ter sido criada nos Estados Unidos e ter como idioma principal o inglês estadunidense, ela possuía ascendência brasileira e não conseguia imaginar *“que magia negra (leia-se: violações de privacidade) fez com que o TikTok indicasse imediatamente o fato de eu ser meio brasileira”* e aos poucos começasse a indicar publicações em língua portuguesa. Dessa forma, em poucos dias o *“straight TikTok”*<sup>184</sup>, foi se tornando um TikTok mais latino e *“em uma gama diversificada de curtidas começou a ficar mais específica a cada minuto”*. Olhando para o seu histórico de curtidas ela diz que a transição de aliada da causa *queer* para bissexual assumida foi quase imperceptível. Desse modo, o algoritmo do TikTok estava lendo que, entre milhares de seus microcomportamentos, haviam traços cuja combinação apontavam para uma alta propensão a reagir a conteúdos que nem mesmo ela conseguia imaginar. Isso é incrível, mas é também incrivelmente perturbador.

Se corporações e governos continuarem a coletar massivamente dados, características físicas e ou comportamentais dos seres vivos, irão fazer muito mais do que buscar nos conhecer melhor em busca de prover autoconhecimento. Irão tentar prever e predizer nossos pensamentos e comportamentos em busca de manipular os nossos mais verdadeiros sentimentos para nos vender o que quiserem, seja um produto ou um ideal político (HARARI, 2020). Por consequência, aprender a ler o mundo e compreender o seu contexto, pode servir não apenas para viver em uma era de manipulação digital de códigos, mas para estabelecer uma relação autoral e dinâmica que vincula linguagem e realidade (SEVERINO, 1982, p. 14).

O importante nessa conjuntura não é a busca em si de um significado no que nos é apresentado pelo hipertexto dos aplicativos, mas, onde reside a nossa implicação, é no que fazemos a partir da leitura que os aplicativos fazem de nós<sup>185</sup>. Por ser a educação um ato fundamentalmente político, é necessário que educadores e educandos se posicionem criticamente ao vivenciarem o processo formativo, superando as posturas ingênuas ou astutas (*ibid.*) para negar de vez a pretensa neutralidade do mundo em busca de uma leitura mais humana, mais crítica e mais realista sobre o caso dos usos desses dispositivos. Esse deve ser o nosso movimento. Cabe assim a pergunta: que diz o algoritmo sobre quem sou e o que faço eu a partir disso?

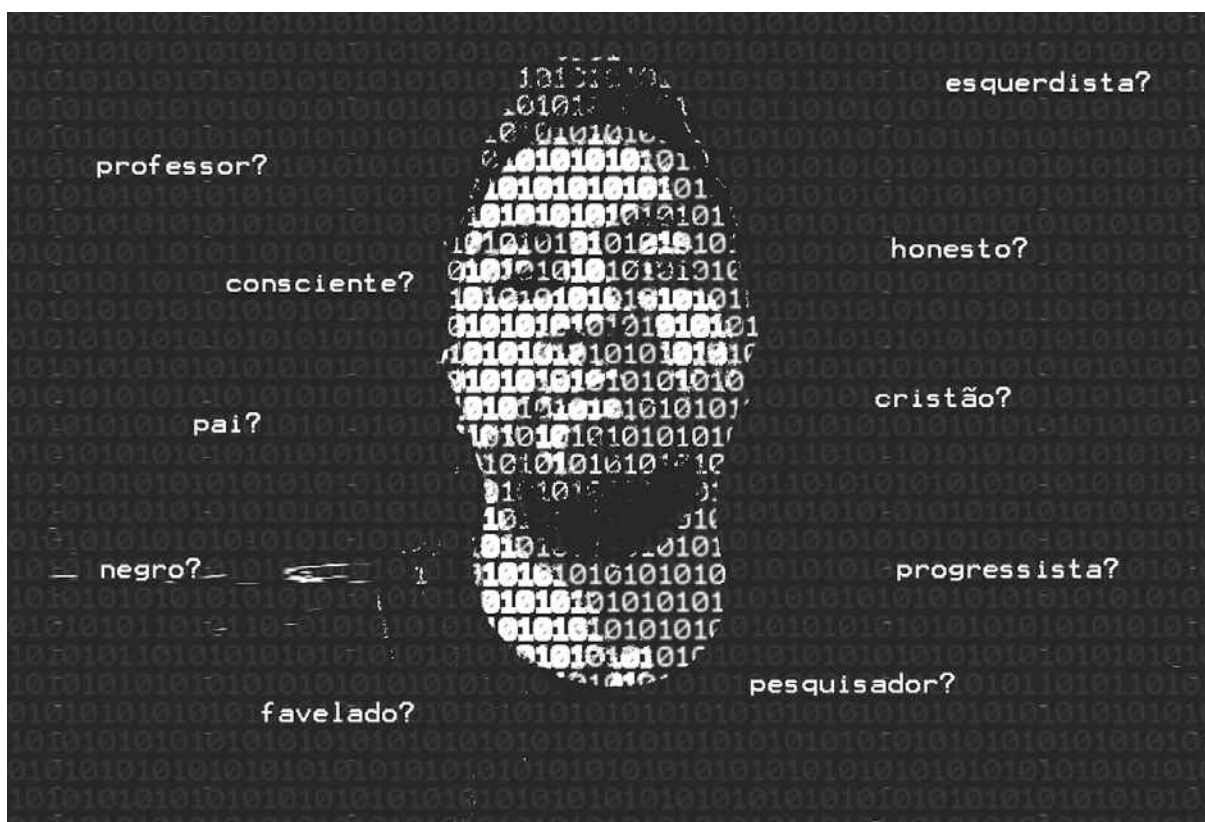
---

<sup>184</sup> Termo que não tem nada a ver com sexualidade e, em vez disso, é frequentemente usado para categorizar a primeira interação com o aplicativo onde vídeos, aparentemente chatos e desinteressantes, são exibidos em busca de criar correspondências e alimentar o algoritmo com as suas preferências. Fonte: <https://bit.ly/straighttiktok>

<sup>185</sup> "O importante não é o que fazemos de nós, mas o que nós fazemos daquilo que fazemos de nós." Jean Paul Sartre (1905-1980).



Figura 37 - Quem sou eu em uma visão algorítmica?



Fonte: elaborado pelo autor

Dialogando com as narrativas acima, percebo a importância de analisar a complexidade dessas descobertas em busca de compreender como esses diferentes contextos que nos formam, a partir de microcomportamentos tão singulares, pode possibilitar agora uma outro modo de atuação. Que, para além da mera ocasionalidade de ler, repleto agora de intencionalidade, age para transformar nossa presença nesses espaços em multiplicidade de momentos de intervenções conscientes.

Desse modo, assim como os vídeos produzidos pelas ativistas engajadas durante o Mês do Orgulho LGBTQIA+ utilizaram conscientemente o algoritmo do TikTok para proporcionar o despertar e levantar a discussão do problema da validação pela heteronormatividade, as capturas de Julianna serviram como disparador para as descobertas de Monalisa e Andreia. Foram também as suas narrativas que me ajudaram a entender que linguagem e realidade se prendem dinamicamente, na medida em que a percepção das relações entre o que se diz e o que se percebe em seu contexto precisa passar por um processo de uma leitura crítica. A compreensão do contexto inserido e o ideal a ser alcançado por sua

leitura crítica implica a percepção de, pensando a nossa própria adaptação as leituras dos aplicativos, nos servirmos dela para programar a transformação da realidade.

Não teríamos ultrapassado o nível de pura adaptação ao mundo se não tivéssemos alcançado a possibilidade de, pensando a própria adaptação, nos servir dela para programar a transformação. É por isso que uma educação progressista jamais pode em casa ou na escola, em nome da ordem e da disciplina, castrar a altivez do educando, sua capacidade de opor-se e impor-lhe um quietismo negador do seu ser. É por isso que devo trabalhar a unidade entre meu discurso, minha ação e a utopia que me move. É neste sentido que devo aproveitar toda oportunidade para testemunhar o meu compromisso com a realização de um mundo melhor, mais justo, menos feio, mais substantivamente democrático. (FREIRE, 2000, p. 17)

Realmente seria impossível ultrapassar o nível de pura adaptação ao mundo se não tivéssemos alcançado a possibilidade de compreender que diferentes contextos de vida formam diferentes praticantes culturais pela isenção ou pela implicação, pela manutenção ou pela alteração do seu estado próprio de consciência. Assim, em busca de alcançar novas possibilidade de pensar nossa própria adaptação por meio de uma outra consciência do mundo, engendramos um novo fazer pedagógico que nos permitisse a intervenção de nossa própria consciência e dos outros no mundo e com o mundo (*ibid.*, p. 41). Desse modo, a leitura crítica dos meios de comunicação e produção midiática, dos processos formativos e de nossa própria natureza homofílica<sup>186</sup> pode inspirar um novo fazer capaz de refazer nosso *serestar* no mundo. Que não apenas pela inserção, mas age em oposição, para sermos capazes de optar, de decidir, de romper.

Desse modo, o primeiro passo é descobrir o que nos aproxima, para então perceber se o que nos encerra é de fato uma visão democrática. Se é política, ideológica e emancipatória, para então divisar o que devemos afastar ou aproximar em nossas bolhas especulares identificatórias em vias da realização de um mundo melhor, mais justo, menos feio e mais substantivamente divergente.

Sempre vivemos em bolhas de crenças e convicções, bolhas que não são apenas nossas, mas compartilhadas com todos aqueles que nos são semelhantes por possuírem a mesma visão de mundo, valores similares e padrões interpretativos em idêntica sintonia. O ser humano é, por princípio e natureza, homofílico. Só gostamos do que é espelho e costumamos escapar daquilo que aparece como diferente. A alteridade produz apreensão e mesmo temor diante da ameaça da perda de nós mesmos. (SANTAELLA, 2021, p. 89)

---

<sup>186</sup> “O ser humano é, por princípio e natureza, homofílico. Só gostamos do que é espelho e costumamos escapar daquilo que aparece como diferente. A alteridade produz apreensão e mesmo temor diante da ameaça da perda de nós mesmos”. De onde vem o poder da mentira? / Lucia Santaella. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2021.

Assim, mesmo em apreensão e temor diante da ameaça da perda de nós mesmos, era preciso operar o exercício da alteridade, de transformar-nos pelo ofício da renúncia, em vias de alteração significativa daquilo que nos une para aquilo pelo qual devemos nos unir.

Figura 38 - Interações com/entre as praticantes da disciplina

Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por **Aimee Cristina Bloise Imperiale Lima** Aluno(a) - UERJ - PLI - ROC - sexta, 20 mar 2020, 21:33

Comparando as pesquisas, embora não tenha olhado item por item, pois são 10 pesquisas diferentes, olhando os resultados iniciais, reparei que saíram muito parecidos, por exemplo no item 1: ambos quase os mesmos resultados, mas percebi que meu apontava endereços de clínicas- com google maps. Assim como o segundo, também de armas. Acredito, que por pesquisar muito endereços, talvez o meu tenha mostrado essa diferença.

Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por **Wallace Carrico De Almeida** Mediador a Distância - quarta, 25 mar 2020, 11:43

Olá, Aimee!

Excelente observação! Os resultados são direcionados também pela sua interação com os mecanismos de busca. Essa troca de pesquisas e resultados personalizados ajudam a estabelecer as bolhas de filtragem.

Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por **Jessica Rodrigues Alves** Aluno(a) - UERJ - PLI - ROC - sexta, 20 mar 2020, 21:48

Encontrei pouquíssimas diferenças entre nossas pesquisas!! Verifiquei que na pesquisa do Lula aparece como último site para mim o #lulalivre e no seu não. Já outra página que encontrei diferenças foi a pesquisa de milícia, no qual aparece uma pergunta frequente diferente, videos diferentes e na minha página aparece uma parte com as principais notícias.

Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por **Wallace Carrico De Almeida** Mediador a Distância - quarta, 25 mar 2020, 11:42

Olá, Jessica!

Apesar de poucas diferenças, são elas que definem todo o nosso contexto social! Seu alinhamento político, a forma como você vê o mundo e principalmente como você interage nas redes define o seu perfil pessoal de resultados! Isso mostra o quanto é perigoso por acharmos "que todo mundo vê o que eu vejo" e assim "pensa e concorda com o que eu aceito".

Como nós podemos romper com essa proposta?

Fonte: captura de telas da página do Moodle

Da narrativa de Aimee surge a questão da semelhança na discussão, pela comparação entre os seus resultados e os resultados da grande maioria dos praticantes da disciplina. Ela vai dizer que *"olhando os resultados iniciais, reparei que saíram muito parecidos"* e que eles eram *"quase os mesmos resultados"* com exceção da adição de alguns endereços de clínicas e lojas de armas que ela julgava ser devido ao hábito de *"pesquisar muito endereços"*.

Em resposta, afirmo “*que os resultados são direcionados também pela sua interação com os mecanismos de busca*”, proporcionando assim “*as bolhas de filtragem*”, “*através da troca de pesquisas e resultados personalizados*”. Essa é uma questão importante, pois denota a questão de, apesar de estarmos geograficamente distribuídos pela multiplicidade de polos que compreendem o nosso campo de pesquisa, ainda fazíamos parte de uma grande e única bolha: a de “*docentesdiscentes*” do campo da educação em formação. Desse modo, faria sentido que a leitura dos resultados desse público, em constante atuação, demonstrasse ainda um maior interesse pelos mesmos assuntos e, de certa forma, os mesmos posicionamentos. Mas a realidade demonstrava que, ainda que semelhantes, nesses contextos podem se perceber variações em maior ou menor intensidade. Com essa afirmação, concorda Jéssica quando afirma: “*encontrei pouquíssimas diferenças entre nossas pesquisas!!*”, mas não se encerra e continua para dizer que verificou “*que na pesquisa do Lula aparece como último site para mim o #lulalivre e no seu não. Já outra página que encontrei diferenças foi a pesquisa de milícia, no qual aparece uma pergunta frequente diferente, vídeos diferentes e na minha página aparece uma parte com as principais notícias*”. Essa percepção conclui que o fato de existir uma identificação política da praticante com o Lula influenciou de tal modo a filtragem de seus resultados que a *hashtag* e o site oficial do ex-presidente vieram não somente a figurar entre os resultados, mas encerrar também a primeira página da pesquisa, enquanto os achados da outra praticante apenas apontavam informações contextuais.

Com o objetivo de compreender essa condição, e o funcionamento desse fenômeno particular observado em nossa bolha, movemos um diálogo com essa percepção de Jéssica, ao afirmar que “*apesar de poucas diferenças, são elas que definem todo o nosso contexto social*”. De modo que o “*nosso alinhamento político, a forma como você vê o mundo e principalmente como você interage nas redes define o seu perfil pessoal de resultados*”, criando a ilusão de “*que todo mundo vê o que eu vejo*” e assim “*pensa e concorda com o que eu aceito*”, ampliando ainda mais a distorção do viés da confirmação.

O poder da crença - em uma ideia, religião, afinidades eletivas intelectuais, tendências políticas e afins - sempre existiu. Contudo, a nova existência comunicacional humana nos ambientes em rede amplifica esse poder, também chamado de viés da confirmação, especialmente porque o monitoramento processado pelos algoritmos de inteligência artificial, progressivamente, sabem mais de cada um de nós do que nós mesmos e só nos enviam aquilo que sabem e adivinham que queremos e gostamos. (SANTAELLA, 2021, p. 89)



Figura 39 - Interações com/entre as praticantes da disciplina

The figure consists of three screenshots of forum posts from a Moodle LMS. Each post is titled 'Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google'. The first post is by Wallace Carrico De Almeida, dated March 25, 2020, at 11:42. It addresses Jessica and discusses how political alignment and social context influence search results on Google. The second post is by Jessica Rodrigues Alves Aluno(a), dated March 28, 2020, at 22:05. It responds to the first post, suggesting that breaking the search filter involves finding alternative sources. The third post is by Aimee Cristina Bloise Imperiale Lima Aluno(a), dated March 20, 2020, at 22:06. It addresses Jessica and points out differences in search results for Bolsonaro, noting how headlines can be manipulated to align with one's political stance. Each post includes a 'Link direto' button and a 'Mostrar principal' button.

Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por Wallace Carrico De Almeida Mediador a Distância - quarta, 25 mar 2020, 11:42

Olá, Jessica!

Apesar de poucas diferenças, são elas que definem todo o nosso contexto social! Seu alinhamento político, a forma como você vê o mundo e principalmente como você interage nas redes define o seu perfil pessoal de resultados! Isso mostra o quanto é perigoso por acharmos “que todo mundo vê o que eu vejo” e assim “pensa e concorda com o que eu aceito”.

Como nós podemos romper com essa proposta?

Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por Jessica Rodrigues Alves Aluno(a) - UERJ - PLI - ROC - sábado, 28 mar 2020, 22:05

Podemos romper com essa proposta saindo do nosso filtro de pesquisa normalmente utilizado, assim podendo achar outras fontes sobre o assunto abordado no qual tenha outro ponto de vista.

Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por Aimee Cristina Bloise Imperiale Lima Aluno(a) - UERJ - PLI - ROC - sexta, 20 mar 2020, 22:06

Jéssica,

Olhando os seus resultados, percebi umas diferenças. Exemplo que mais me chamou atenção foi a pesquisa do item 6 - Bolsonaro - vi que os vídeos iniciais tem imagens bem diferentes, sendo que meu aparece central um com a manchete “Dória rebate Bolsonaro”, que no seu é o inverso: Bolsonaro critica Estado...

Ou seja, as notícias podem ter mesmo assunto, mas a forma como é colocada mudou... e isso deve ser influência de nossa “bolha”. rrsrrs

Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por Wallace Carrico De Almeida Mediador a Distância - quarta, 25 mar 2020, 11:46

Olá, Aimee!

Excelente observação!!!  
Essa notícia é a prova que a informação pode ser manipulada de forma a atender o alinhamento político de quem pesquisa!

Por isso devemos sempre questionar as fontes de quem dissemina a informação!

Fonte: captura de telas da página do Moodle

Através do viés da confirmação, especialmente daquele proposto pelo monitoramento processado pelos algoritmos de inteligência artificial, e por dependermos cada vez mais de sistemas inteligentes como o do Google, a opacidade desse olhar enviesado poderá causar outras leituras capazes de amplificar problemas reais (PARISIER, 2012, p. 181). Partindo do relato de Aimee percebemos algumas questões importantes. *“Me chamou atenção a pesquisa do item 6 - Bolsonaro - vi que os vídeos iniciais tem imagens bem diferentes, sendo que meu aparece central um com a manchete “Dória rebate Bolsonaro”, que no seu é o inverso:*

*Bolsonaro crítica Estado...*”. Ela então percebe que “*as notícias podem ter mesmo assunto, mas a forma como é colocada mudou... e isso deve ser influência de nossa “bolha”*”. No exemplo relatado por Aimee evidenciamos o problema, o filtro invisível do Google. Uma vez “*que a informação pode ser manipulada de forma a atender o alinhamento político de quem pesquisa*” cabe a nós “*questionar as fontes de quem dissemina a informação*”, mas seria isso suficiente?

É então nesse pensamento que proponho a pergunta: “*como nós podemos romper com essa proposta?*” Segundo Jéssica, “*podemos romper com essa proposta saindo do nosso filtro de pesquisa normalmente utilizado*”, para assim poder “*achar outras fontes sobre o assunto abordado no qual tenha outro ponto de vista*” e com ela vai concordar Parisier (2012, p. 203) quando diz que parte do processo de furar a bolha dos filtros está em modificarmos o nosso comportamento, mas esse é apenas o começo.

Logo, nos inspiramos dessas descobertas em nossa prática e seguimos o conselho de Jéssica para problematizarmos a questão acerca do nosso estado de conhecimento atual, em busca de virtuosar a nossa prática e em vias de libertar-nos do esforço natural de apenas impedir que a mudança aconteça. Perder-se também é caminho<sup>187</sup>. O momento não é mais o de fugir, mas de agora intentar o mergulho no espelho de nossas telas<sup>188</sup>. Não para afogar-se nelas, mas para refratar a imagem que aprendemos a ver e seguir no rastro daquilo que aparece como diferente. Em oposição ao ato reflexo, deliberamos e decidimos potencializar nossa luz em uma nova existência nesses dispositivos a ser mais, agora em via de transformação.

A potência é aquilo que define e manifesta o fato ontológico de algo existir, de perseverar em seu ser e agir [...] Assim, “poder não existir é impotência e, ao contrário, poder existir é potência” (Ética I, outra Demonstração) [...] Por conseguinte, tudo o que está relacionado à existência, ao esforço contínuo de preservação de si (conatus), às afecções sofridas e ao agir se congrega no conceito de potência. Por exemplo: “Entendo por afecções aquelas do corpo pelas quais a potência de agir desse corpo aumenta ou diminui, é favorecida ou coagida, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (Ética III, III). Daí também ser a razão considerada “a potência da mente”, ou “a verdadeira potência de agir do homem, quer dizer, sua virtude” (Ética IV, LII). Por isso mesmo é que só agindo virtuosamente pode o homem expressar o livre-arbítrio ou a liberdade pessoal, ou, em outras palavras, “num homem que vive sob o ditame da razão, [o apetite] é uma ação, quer dizer, uma virtude chamada moralidade” (Ética, V, IV). (SPINOZA, 2019, p. 12)

<sup>187</sup> Clarice Lispector. A Cidade Sitiada. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

<sup>188</sup> Black Mirror é uma série antológica de ficção científica que explora um futuro próximo onde a natureza humana e a tecnologia de ponta entram em um perigoso conflito. O termo é uma alusão as telas que quando estão desligadas (pretas) refletem a nossa imagem como um espelho. Fonte: <https://bit.ly/oblackmirror>

As crenças se fixam através de métodos que empregamos mesmo que não tenhamos consciência disso (SANTAELLA, 2021, p. 85). Por isso, nossas crenças individuais se tornam reais em função inversamente proporcional ao respectivo tempo que a argumentação racional e as evidências comprobatórias levam para depreender nos limites de nossa consciência. Desse modo, pela impotência de poder não existir amanhã, pela coação desse estado de consciência onde a razão não é mais o ditame pelo qual as homens e as mulheres vivem, buscamos uma estratégia que visa seguir no sentido contrário em vista de uma nova expressão. Onde poder (re)existir nesses espaços de forma consciente se torna potência e a única forma de preservação de si e da vida em busca da virtude. Para isso é preciso compreender.

Compreender a compreensão do praticante cultural sempre passa pela potencialidade das argumentações e conversas que podem ser desdobradas e tensionadas, é somente desse modo que podemos pensar e tecer operações conceituais autênticas<sup>189</sup> (SANTOS, 2020).


Compreender compreensões é uma das tarefas árduas do pesquisador das qualidades humanas. Diria mesmo, é a sua atividade predominante num processo de pesquisa qualitativa. Mas, um dos nossos desafios mais cruciais é compreender a compreensão. Nestes termos, tratar com sentidos na sua complexidade, tarefa fundante das pesquisas qualitativas, implica em ampliar a compreensão do que seja a compreensão, com várias consequências importantes para a pesquisa de base qualitativa e suas variantes. É preciso realçar que compreender já é uma atividade inerente à própria existência, como tal, é ação, e, por consequência, é do âmbito da alteração, da concretude do Ser. (MACEDO, 2009, p. 87)

Por compreender, referimo-nos ao ato de “criar relações, englobar, integrar, unir, combinar, conjugar” (p.87) e, com isso, antecipar e se alongar na compreensão do mundo e de nós mesmos, para a percepção e o estabelecimento de outras relações, mais críticas e mais sensíveis entre a linguagem e realidade nesses contextos formativos em que nos depreendemos dinamicamente. Mas, desse modo, por tratar da complexidade (MORIN, 2005) dos sentidos, da “concretude do ser” em nossa pesquisa, estávamos também implicados pela ampliação de nossos sentidos e significações em alteração pelos praticantes culturais. De modo que, para vivenciar uma transformação de nosso objeto de estudo e do lugar de onde o estudamos (CERTEAU, 1998, p. 87) foi preciso o exercício do diálogo irrestrito e aberto, sobre o saber próprio e o do outro, de modo que não seja possível predizer suas ressurgências.

---

<sup>189</sup> Santos, Edméa - Notícias: #livesdemaio... Educações em tempos de pandemia. Fonte: <https://bit.ly/livesdemaioedoc>


Figura 40 - Interações com/entre praticantes da disciplina

 **Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google**  
por [Jonas da Negatricidade Aluno\(a\) - UERJ - PLI - ROC](#) - domingo, 15 mar 2020, 19:37

Boa noite! Consegui fazer as capturas de tela, mas não consigo adicioná-las. Não compreendi a proposta dessa atividade. Não tenho muito tempo para estudar e fazer as ADs de todas as disciplinas. Também achei essa lista de palavras bem tendenciosa. Todos os temas levantam muitas questões arbitrárias. Não quero participar dessa temática.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

---

 **Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google**  
por [Wallace Carrico De Almeida Mediador a Distância](#) - domingo, 15 mar 2020, 20:36


Olá, Jonas!

Obrigado por avisar do problema ao enviar as imagens! Vamos resolver o mais rápido possível!

Quanto ao seu comentário acerca do motivo de não realizar a atividade, poderia explicar com detalhes qual é o problema com a lista de palavras?

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)


---

 **Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google**  
por [Jonas da Negatricidade Aluno\(a\) - UERJ - PLI - ROC](#) - terça, 17 mar 2020, 10:43

Oi! A maior parte delas envolve assuntos políticos. Não me envolvo em discussões políticas. Sinceramente não entendo esse método de avaliação de vocês. Me desculpem mas parece uma perda de tempo jogar um monte de palavras aleatórias em um site de busca. Sabendo o que vai acontecer. A busca de filtros é tendenciosa, manipulada pela mídia e as grandes corporações. Mas enfim vocês são os tutores. Não cabe a mim definir qual método vai ser usado.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

---

 **Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google**  
por [Wallace Carrico De Almeida Mediador a Distância](#) - quarta, 18 mar 2020, 11:18

Olá, Jonas!

Respondendo o seu comentário:

**“A maior parte delas envolve assuntos políticos”.** Quando pensamos em elaborar essa lista de palavras era a nossa intenção abordar justamente assuntos políticos! Segundo Santaella (na página 8) e Parisier (nas páginas 8 e 9) **a política é justamente um dos principais pontos para a formação e propagação de bolhas!** Veja abaixo:

“Nesse livro e no Ted protagonizado pelo autor que corre pela internet, Parisier chama a atenção para o fato de que **o Google personaliza o que cada usuário obtém como resposta às suas buscas.** Quando milhares de usuários podem estar fazendo uma mesma busca ao mesmo tempo, o que pode explicar esse aparente milagre? Ora, mais e mais, o monitor de nossos computadores **é uma espécie de espelho unilateral que reflete tão só e apenas nossos próprios interesses**, enquanto os algoritmos observam tudo o que clicamos. Essa é a resposta de Parisier e todo o seu livro gira em torno desse estranho voyeurismo que não serve apenas a interesses sexuais, **mas, sobretudo, a interesses políticos e mercadológicos.**”

Desse modo, buscando comprovar a tese de Parisier, é que propomos essa atividade! Lembramos ainda que ela compoe parte da sua nota na avaliação dessa disciplina.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

Pelo desmontar de nossa articulação, uma voz entra em dissonância<sup>190</sup> com a simetria inicial de partilha que vinha sendo verificada entre os praticantes, para apresentar um pretexto

<sup>190</sup> A pedido do praticante, protegemos a sua privacidade (neste caso, substituindo seu nome e foto por um pseudônimo) uma vez que o mesmo não permitiu que seu nome fosse revelado, preferindo ficar em anonimato. Desse modo, nem o nome “Jonas” tem correspondência com o seu nome, nem o avatar de perfil corresponde as suas características visuais e físicas.



sublinhado no seguinte trecho: *“Boa noite! Consegui fazer as capturas de tela, mas não consigo adicioná-las. Não compreendi a proposta dessa atividade. Não tenho muito tempo para estudar e fazer as ADs de todas as disciplinas. Também achei essa lista de palavras bem tendenciosa. Todos os temas levantam muitas questões arbitrárias. Não quero participar dessa temática.”* Essa narrativa trazia consigo muitas outras questões implicadas, com as quais eu como pesquisador precisava mediar. *“Consegui fazer as capturas de tela, mas não consigo adicioná-las”*, estaria a plataforma enfrentando algum tipo de problema? *“Não compreendi a proposta dessa atividade”*, teria havido uma falha de comunicação da minha parte? *“Não tenho muito tempo para estudar e fazer as ADs de todas as disciplinas”*, como essa realidade é percebida na concepção das propostas que compõem o desenho didático da disciplina? Estaríamos contribuindo para o problema da formação em relação a práticas formativas instrucionistas e conteudistas forjadas pelo consumo exaustivo e solitário dos materiais e dispositivos didáticos (SANTOS, 2019, p. 158)? E o que dizer de dessa *“lista de palavras bem tendenciosa”* onde *“todos os temas levantam muitas questões arbitrárias”* para decidir *“não querer participar dessa temática”*?

Partindo dessas questões, interfiro na mensagem em busca de minimizar as diferenças. Em sentido a resolução do problema, pergunto: *“Olá, Jonas! Obrigado por avisar do problema ao enviar as imagens! Vamos resolver o mais rápido possível! Quanto ao seu comentário acerca do motivo de não realizar a atividade, poderia explicar com detalhes qual é o problema com a lista de palavras?”* Mas a resposta não foi exatamente o que eu esperava receber de volta: *“Oi. A maior parte delas envolve assuntos políticos. Não me envolvo em discussões políticas. Sinceramente não entendo esse método de avaliação de vocês. Me desculpem, mas parece uma perda de tempo jogar um monte de palavras aleatórias em um site de busca. Sabendo o que vai acontecer. A busca de filtros é tendenciosa, manipulada pela mídia e as grandes corporações. Mas enfim vocês são os tutores, não cabe a mim definir qual método vai ser usado”* (grifo nosso).

O exercício de percepção mais compreensiva diante de um momento de confronto tem a ver, um pouco com a questão da sensibilização. A sensibilização, para Ardoino, tem relação direta com a questão da reciprocidade pedagógica:

Os educadores devem estar sensibilizados com todos esses problemas, mas também com outra coisa: a reciprocidade da relação pedagógica. Não por simetria, mas por reciprocidade. Podemos tomar mais uma vez aqui o exemplo da psicanálise. Sabemos que não foi Freud quem inventou a psicanálise, foram, por assim dizer, suas pacientes. Freud era gênio o bastante para entender o que elas faziam e teorizar

a respeito. Ele soube ouvir aquela paciente que lhe dizia: finalmente o senhor vai se calar e me deixar falar? É daí que vem o essencial da atitude psicanalítica e é sempre assim. (ARDOINO, 1998, p. 68)

Emprestando, por analogia, o essencial da atitude Freudiana de ouvir o paciente para entender suas ações e teorizar a respeito, Ardoino confirma a autoria do praticante ao dizer que o paciente inventa a psicanálise em reciprocidade com a atuação do psicanalista, quando Barbier (2002) diria que este, em um ato de empatia, de reconhecimento da incondicionalidade constituinte do outro, escuta sensivelmente sem julgar, sem medir ou comparar mesmo sem aderir às opiniões ou se identificar com o que é enunciado ou praticado o outro (p.94). Dialogamos assim com a noção de escuta sensível de Barbier, para compreender esse reconhecimento e aceitação incondicional do outro para empreender um momento de “coerência” com nossa prática de pesquisa, mesmo quando o outro “não mais aceitar trabalhar com um grupo, se algumas condições se chocarem com seu núcleo central de valores, sua filosofia de vida”. A isto, Ardoino (1998), chama negatividade.

Para ilustrar esta reciprocidade, para retomar o que você acaba de dizer, emprego com prazer um termo que gostaria de lhe perguntar aqui, sob seu ponto de vista, se é uma noção conveniente. E um termo, uma noção, que me ajudou muito, tanto na prática quanto na teoria. Eu o chamo de negatividade, quero dizer com isso que é a representação que eu tenho, como prático e como pesquisador, da capacidade que o outro possui sempre de poder dismantelar com suas próprias contra-estratégias aquelas das quais se sente objeto. E creio que está inteiramente de acordo com aquilo que você acaba de dizer. (ARDOINO, 1998, p. 68)

Esta é, aliás, uma das questões que se tornam fundantes na questão da pesquisa-formação na cibercultura, multirreferencial e nos/dos/com os cotidianos. Pois, não nos formamos à distância dos praticantes, em um movimento de alienação dos mesmos, mas atuamos como praticantes culturais (SANTOS, 2019, p. 20). Compreendendo esses muitos sentidos que são convocados sempre nas relações das pesquisadoras e pesquisadores com os cotidianos (ANDRADE, CALDAS, ALVES, 2019) para questionamento permanente, a respeito dessa infinidade de referências que ninguém, nem mesmo o sujeito, poderá esgotar na análise (BARBIER, 2002, p. 95). Desse modo, da multiplicidade de saberes e sentidos provocados, foi preciso escutar para mediar.

Figura 41 - Interações com/entre praticantes da disciplina

Desse modo, buscando comprovar a tese de Parisier, é que propomos essa atividade! Lembramos ainda que ela compõe parte da sua nota na avaliação dessa disciplina.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Intercomparar](#) [Excluir](#) [Responder](#)



Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por [Bianca De Almeida Gomes Aluno\(a\)](#) - UERJ - PL - TRI - quinta, 19 mar 2020, 20:11

Boa noite, Jonas!

Um dos itens para que a atividade seja completa, pede que respondamos a dois colegas. Cá estou eu fazendo minha parte do trabalho e tentando um diálogo totalmente tranquilo com você.

Acredito eu que a proposta dessa atividade se dá pelo motivo de as buscas terem resultados diferentes. Isso serve para que nós futuros educadores possamos ver a amplitude que é esse mundo tecnológico. Sobre você não ter tempo para fazer as ADs, tudo bem, eu compreendo que seja realmente corrido, assim como é pra mim e para vários outros colegas. A questão de não ter tempo para estudar já complica um pouco mais, porque a educação não é brincadeira! Sobre a lista, acho interessante a escolha dos tutores, pois são temas bem atuais e é nítido que eles não estão apoiando nenhum lado político. Não sei se você leu o material, mas no texto "A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa" fala que o assunto que mais tem disseminação de Fake News é o da política, então, nada melhor do que estarmos inseridos no meio.

Sobre se envolver em assuntos políticos, não vi nenhum dos colegas 'discutindo' aqui no ambiente, estão todos debatendo sobre as pesquisas. Realmente, sabemos o que vai acontecer quando jogamos um monte de palavras aleatórias no site de busca, mas você reparou que não é sobre saber o que vai acontecer e sim sobre as diferenças entre a minha busca e a sua? Sobre comprovar a tese de Eli Parisier?

Agora se você, ainda assim, continua achando perda de tempo, não estou entendendo como chegou até este período. Porque a maioria das disciplinas são ADs prontas, ou seja, você responde e envia. Essa foi uma das únicas a adotar uma AD prática, da qual você não tem que ficar respondendo perguntas e sim praticando no ciberespaço. Se um dia você for tutor, espero de coração que seu método seja melhor que esse. E olha que eu nunca vi proposta de AD melhor do que a deles, melhor do que a AD prática.

Abracos!

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Intercomparar](#) [Excluir](#) [Responder](#)



Re: Fórum 4 - Atividade 2 - O filtro invisível do Google  
por [Wallace Carrico De Almeida Mediador a Distância](#) - quarta, 25 mar 2020, 11:31

Olá, Bianca!

Obrigado pela sua posição e por entender a proposta da atividade! Esse foi o nosso objetivo desde o princípio!

Acreditamos que aprendemos também com a prática que não é aquela que esperamos e mesmo quando estabelecemos discussões teóricas sempre temos uma oportunidade de pensar a formação.

Vamos em frente!

Abracos!

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Intercomparar](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

Em busca de respostas para algumas dessas perguntas encontramos um relato que nos orienta no sentido de uma novo olhar acerca das questões apresentadas. Na proposta de realizar a atividade e tentando um diálogo com o praticante Jonas, a praticante Bianca vai dizer que acredita “que a proposta dessa atividade se dá pelo motivo” de “proporcionar aos futuros educadores uma amplitude desse mundo tecnológico”. Ela ainda vai trazer a sua

leitura de mundo ao dizer que compreende “*que seja realmente corrido, assim como é pra mim e para vários outros colegas*”, mas vai defender que “*a questão de não ter tempo para estudar já complica um pouco mais, porque a educação não é brincadeira!*” Demarcamos aqui essa fala da praticante por entender que posicionar-se em defesa da educação deve ser uma constante fundamental na formação de “*docentesdiscentes*” que precisa ser propagada em nossos processos de subjetivação, principalmente em tempos de opressão. Nesse momento, o nosso fazer pedagógico precisa ser mais que a proposição de troca entre pares em busca de compreender alguma coisa, precisa servir como meio, de modo a aproximar o processo formativo e os praticantes culturais para perceber os sentidos e saberes partilhados no processo. Superando o papel de educador e educando para transformar o diálogo como fagulha de uma ação transformadora. Desse modo, seguindo pela utopia de Paulo Freire, assumimos que tudo é política, inclusive a omissão do diálogo e a efetivação das práticas que perpetuam as desigualdades que perpassam gerações.

Por concordar com essa noção, Bianca vai dizer que “*no texto “A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa” fala que o assunto que mais tem disseminação de Fake News é o da política,*” e ela decide se posicionar contra essa situação ao afirmar que “*então, nada melhor do que estarmos inseridos no meio*”. Essa leitura do problema, assim como a tomada de decisão participativa frente ao dilema proposto denota a capacidade da praticante de se identificar como parte integrante do processo de mudança. Uma competência fundamental e importante que só pode ser verificada pela prática implicada da mesma com o processo formativo. Entendendo que o desenho didático online se materializa sempre na mediação interativa e hipertextual entre docentes e discentes da comunicação e da produção do conhecimento em rede. (SANTOS, 2020) percebemos na conclusão de sua fala a importância desse processo ser feito de forma autoral, prática e participativa: “*a maioria das disciplinas são ADs prontas, ou seja, você responde e envia. Essa foi uma das únicas a adotar uma AD prática, da qual você não tem que ficar respondendo perguntas e sim praticando no ciberespaço. Se um dia você for tutor, espero de coração que seu método seja melhor que esse. E olha que eu nunca vi proposta de AD melhor do que a deles, melhor do que a AD prática*”.

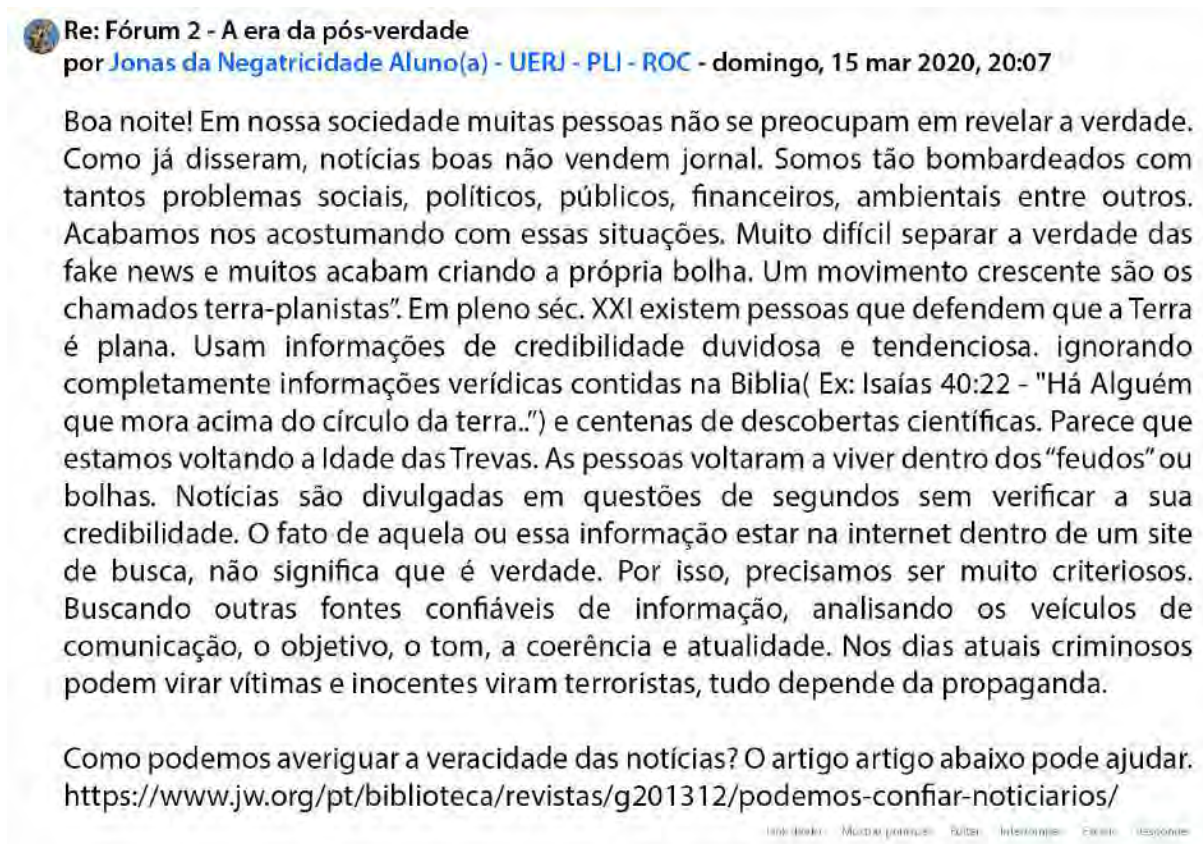
Se para nós educação online é fenômeno da cibercultura, devemos investir na linguagem hipermídia. Postar apenas textos em PDF, apresentações de slides lineares, videoaulas e ou pirotecnias descontextualizadas é subutilização do digital em rede e instrucionismo curricular. Precisamos engendrar uma teia complexa de conexões e acionar os estudantes a adentrarem os conteúdos, produzindo



colaborativamente conhecimentos nas interfaces de comunicação síncronas e assíncronas. Só assim, teremos educação online. [...] Sendo assim, não é a materialidade do digital em rede que garante a educação online. O que a garante é o currículo que forjamos na mediação interativa e hipertextual da comunicação e da produção do conhecimento em rede. (SANTOS, 2020, ONLINE)

Esse é um exercício complexo e sujeito a uma série intercorrências, mas, ao mesmo tempo, é a única forma capaz de produzir uma aprendizagem enriquecedora. Como aprender a lidar com essas situações e como aprender a ler os motivos e sentidos implicados por trás desses processos de subjetivação? Ao responder Bianca, afirmo que *“acreditamos que aprendemos também com a prática que não é aquela que esperamos e mesmo quando estabelecemos discussões teóricas sempre temos uma oportunidade de pensar a formação”*. E era exatamente essa a leitura que eu buscava fazer naquele momento: compreender as motivações que alimentam essas práticas e os desdobramentos delas em nossa pesquisa.

Figura 42 - Interações com/entre praticantes da disciplina



**Re: Fórum 2 - A era da pós-verdade**  
por **Jonas da Negatricidade Aluno(a) - UERJ - PLI - ROC** - domingo, 15 mar 2020, 20:07

Boa noite! Em nossa sociedade muitas pessoas não se preocupam em revelar a verdade. Como já disseram, notícias boas não vendem jornal. Somos tão bombardeados com tantos problemas sociais, políticos, públicos, financeiros, ambientais entre outros. Acabamos nos acostumando com essas situações. Muito difícil separar a verdade das fake news e muitos acabam criando a própria bolha. Um movimento crescente são os chamados terra-planistas". Em pleno séc. XXI existem pessoas que defendem que a Terra é plana. Usam informações de credibilidade duvidosa e tendenciosa. ignorando completamente informações verídicas contidas na Bíblia( Ex: Isaías 40:22 - "Há Alguém que mora acima do círculo da terra..") e centenas de descobertas científicas. Parece que estamos voltando a Idade das Trevas. As pessoas voltaram a viver dentro dos "feudos" ou bolhas. Notícias são divulgadas em questões de segundos sem verificar a sua credibilidade. O fato de aquela ou essa informação estar na internet dentro de um site de busca, não significa que é verdade. Por isso, precisamos ser muito criteriosos. Buscando outras fontes confiáveis de informação, analisando os veículos de comunicação, o objetivo, o tom, a coerência e atualidade. Nos dias atuais criminosos podem virar vítimas e inocentes viram terroristas, tudo depende da propaganda.

Como podemos averiguar a veracidade das notícias? O artigo abaixo pode ajudar.  
<https://www.jw.org/pt/biblioteca/revistas/g201312/podemos-confiar-noticiarios/>

Uma dica: Mude o idioma: Inglês | Português | Espanhol | Interlingua | Chino | Japonês

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

Refletindo acerca das últimas interações de Jonas a respeito da disciplina encontramos um contexto importante em via de compreender a compreensão do praticante e seus

desmantelamentos acerca dos dispositivos acionados na pesquisa. Quando, em uma discussão sobre o tema da era da pós-verdade, no Fórum 2 da segunda aula da disciplina, o praticante inicia a discussão afirmando que *“em nossa sociedade muitas pessoas não se preocupam em revelar a verdade”* e vai dizer que isso acontece porque *“notícias boas não vendem jornal”*. Desse modo, Jonas vai justificar a criação de bolhas ao dizer que as pessoas fazem isso por estarem se *“acostumando com essas situações”* e por ser *“muito difícil separar a verdade das fake news”*. É então que, em um uso inesperado de um texto bíblico, percebemos alguns dos indicadores para compreender de onde vem a atual força de permanência do estado de engano e a consequente disseminação da desinformação (SANTAELLA, 2021, p. 85). Ao criticar o movimento terra-planista ele vai dizer que *“existem pessoas que defendem que a Terra é plana”* e para isso *“usam informações de credibilidade duvidosa e tendenciosa, ignorando completamente informações verídicas contidas na Bíblia (ex: Isaías 40:22 - “Há Alguém que mora acima do círculo da terra...”)* e *centenas de descobertas científicas”*. Finalizando sua argumentação ele afirma então que *“nos dias atuais criminosos podem virar vítimas e inocentes viram terroristas, tudo depende da propaganda”* e conclui: *“como podemos averiguar a veracidade das notícias? O artigo abaixo pode ajudar. <https://www.jw.org/pt/biblioteca/revistas/g201312/podemos-confiar-noticiarios/>”*.

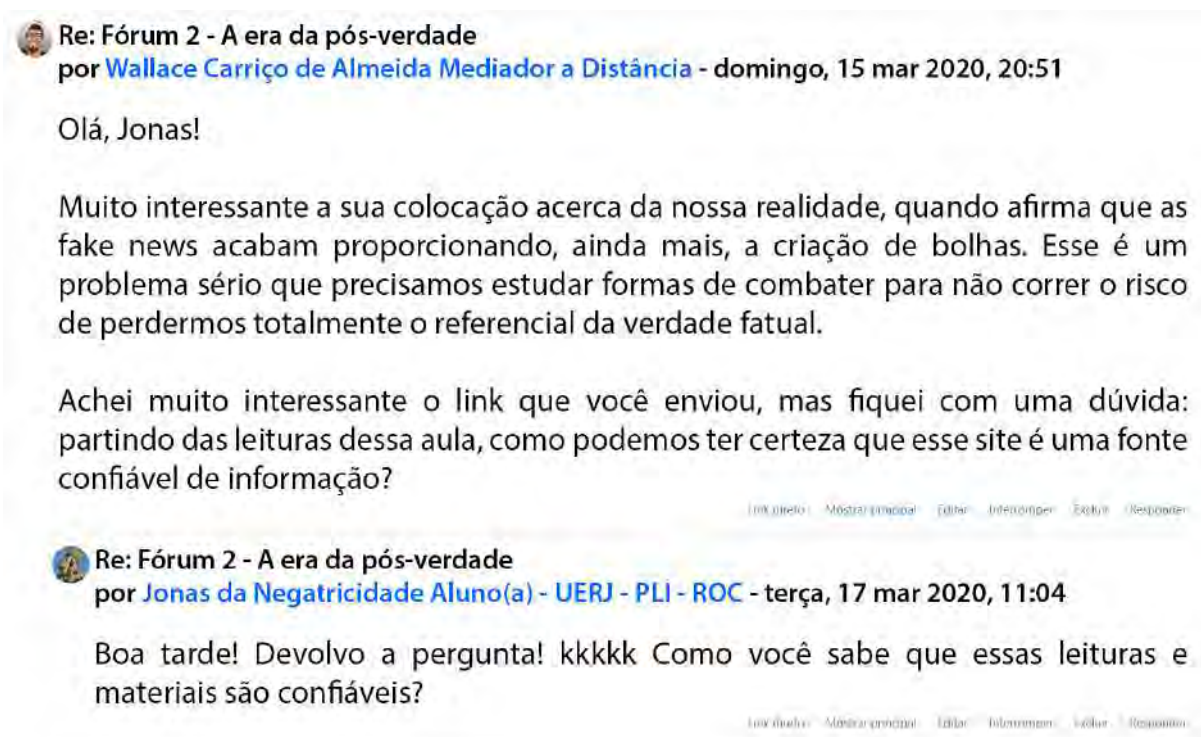
Antes de mais nada é importante deixar claro a minha própria implicação na leitura desse texto de modo a dizer que, como cristão, não encontro nessa narrativa uma questão imediata com o uso de um texto bíblico, mas apenas com a sua interpretação aqui totalmente fora do contexto do texto original e seu uso pontual aqui como pretexto. O uso proposital desse verso, em conjunto com o *link* de um site denominacional e não uso de qualquer outra fonte menos questionável para definir como podemos averiguar a veracidade das notícias, desperta imediatamente uma relação com um modo de operação. Daqueles que também se apropriam de textos bíblicos como *“e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”<sup>191</sup>* como pretexto para se promover no meio religioso e angariar votos como a fonte da verdade em lugar de Jesus, que seria o verdadeiro *“caminho, a verdade e a vida”<sup>192</sup>*, e por isso eu precisava tensionar.

---

<sup>191</sup> Gabeira: “Bolsonaro tem que mudar o slogan. Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. Daqui a 100 anos” Fonte: <http://glo.bo/3KWHZY9>

<sup>192</sup> Respondeu Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim”. João 14:6. Fonte: [https://bit.ly/joao14\\_6](https://bit.ly/joao14_6)

Figura 43 - Interações com/entre praticantes da disciplina



**Re: Fórum 2 - A era da pós-verdade**  
por [Wallace Carriço de Almeida Mediador a Distância](#) - domingo, 15 mar 2020, 20:51

Olá, Jonas!

Muito interessante a sua colocação acerca da nossa realidade, quando afirma que as fake news acabam proporcionando, ainda mais, a criação de bolhas. Esse é um problema sério que precisamos estudar formas de combater para não correr o risco de perdermos totalmente o referencial da verdade fatural.

Achei muito interessante o link que você enviou, mas fiquei com uma dúvida: partindo das leituras dessa aula, como podemos ter certeza que esse site é uma fonte confiável de informação?

[Ver perfil](#) [Mostrar perfil](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 2 - A era da pós-verdade**  
por [Jonas da Negatividade Aluno\(a\) - UERJ - PLI - ROC](#) - terça, 17 mar 2020, 11:04

Boa tarde! Devolvo a pergunta! kkkkk Como você sabe que essas leituras e materiais são confiáveis?

[Ver perfil](#) [Mostrar perfil](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

E então que respondo, dizendo que é muito interessante *“a colocação acerca da nossa realidade, quando afirma que as fake news acabam proporcionando, ainda mais, a criação de bolhas”* para dizer que *“esse é um problema sério e que precisamos estudar formas de combater para não correr o risco de perdermos totalmente o referencial da verdade fatural”*. E é então, em busca de compreender o seu referencial que eu pergunto: *“achei muito interessante o link que você enviou, mas fiquei com uma dúvida: partindo das leituras dessa aula, como podemos ter certeza que esse site é uma fonte confiável de informação?”* A resposta de Jonas veio de uma forma que eu não poderia imaginar.

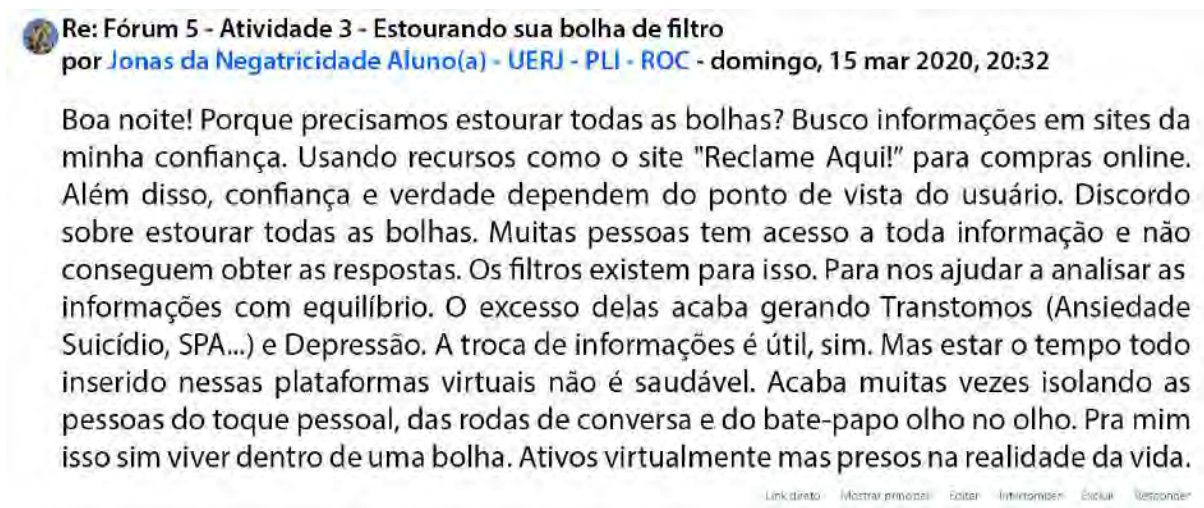
*“Boa tarde! Devolvo a pergunta! kkkkk Como você sabe que essas leituras e materiais são confiáveis?”* A pergunta de Jonas ainda hoje ecoa em minha mente de modo a pensar como podemos ter certeza de que nossas leituras são de fato confiáveis, afinal, foi esse o motivo pelo qual iniciamos e realizamos essa pesquisa. Mas a resposta não é diretamente relacionada sua pergunta. Para além do que foi proposto em nosso diálogo até aqui, o sentimento que me instiga é em relação à busca de uma lógica racional que nos permita compreender as origens desse ceticismo generalizado.

Existe uma reflexão do homem face à realidade. O homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume a postura de um sujeito

cognoscente de um objeto cognoscível. Isto é próprio de todos os homens e não privilégio de alguns (por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada: conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade). Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias. (FREIRE, 2013, p. 25)

Assim percebemos que para além de todos os processos formativos, de todas as lógicas de programação e algoritmos e de todos os dispositivos que ousemos pesquisar é importante lembrar que “*a leitura do mundo precede a leitura da palavra*” e desse modo, é importante pensar nos processos de subjetivação que formam as crenças pelas quais lemos o mundo, que formam a nossa percepção de realidade.

Figura 44 - Interações com/entre praticantes da disciplina



Fonte: Captura de telas da página do Moodle

Encerramos assim com a pergunta de Jonas: “*porque precisamos estourar todas as bolhas? Busco informações em sites da minha confiança*” e sua discordância “*sobre estourar todas as bolhas*” justificando que “*muitas pessoas tem acesso a toda informação e não conseguem obter as respostas*”. Ele já tem toda a resposta que precisa. Afinal, “*os filtros existem para isso. Para nos ajudar a analisar as informações com equilíbrio.*” Em uma tentativa de fazer-nos refletir sobre essa lógica e oportunizar a transformação da situação dessa situação concreta de opressão em uma nova, em que a libertação se instaura como processo (FREIRE, 2013, p. 36), interfiro.



Figura 45 - Interações com/entre praticantes da disciplina

**Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por [Wallace Carrico de Almeida Mediador a Distância](#) - domingo, 15 mar 2020, 20:45

Olá, Jonas!

O objetivo da atividade é exatamente esse: reforçar a credibilidade das suas fontes e conhecer novas fontes confiáveis! Mas para isso é preciso confrontar! Por isso solicitamos que vocês olhassem os resultados encontrados, justificando as fontes que você concorda e refutando as fontes que você não concorda que sejam bases confiáveis de informação!

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por [Jonas da Negatividade Aluno\(a\) - UERJ - PLI - ROC](#) - terça, 17 mar 2020, 11:31

Bom dia! Tá bom. Na pior das hipóteses vou me preparar para as APs. kkkk Mas tem o Coronavírus pra me preocupar primeiro.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por [Julianna De Lima Pereira Aluno\(a\) - UERJ - PLI - PAR](#) - terça, 17 mar 2020, 21:19

Olá, Jonas! Entendo sua colocação, mas a proposta da atividade, ao menos acho que entendi, seria refletirmos sobre as fontes de informações que acessamos todos os dias, num viés de estarmos sempre usufruindo do mesmo tipo de ferramenta. Isso de certa forma, em alguns casos, influencia nossa forma de pensar, pois, somos direcionados as informações tendenciosas. Mas entendo perfeitamente sua reflexão, é somente uma opinião para interagirmos. Abraços!

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por [Carina Oliveira Brito Aluno\(a\) - UERJ - PLI - ROC](#) - quarta, 18 mar 2020, 11:33

Julianna e Jonas. Penso que a importância de refletir sobre ir além das nossas bolhas, é buscar pontos de vista, confiáveis, que sejam diferentes dos nossos. Mudar de opinião e admitir isso é algo difícil de ser feito, mas isso é reconhecer a multiplicidade existente no mundo.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por [Wallace Carrico De Almeida Mediador a Distância](#) - quarta, 18 mar 2020, 11:52

Olá, Carina! Não poderia ter colocado em melhores palavras! Reconhecer a multiplicidade existente no mundo é um princípio básico da democracia!

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

O nosso objetivo era justamente “*reforçar a credibilidade das suas fontes e conhecer novas fontes confiáveis! Mas para isso é preciso confrontar!*”. O confronto não é um exercício agradável e nem sempre revela os resultados que esperamos, mas é a única opção,

como diz Julianna, *“de refletirmos sobre as fontes de informações que acessamos todos os dias”* uma vez que *“isso de certa forma, em alguns casos, influencia nossa forma de pensar, pois, somos direcionados as informações tendenciosas”*, e a única forma de expurgar o pensamento que se organiza pela filtragem do opressor.

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. (FREIRE, 2013, p. 35)

Enquanto ser é parecer e parecer é parecer com a verdade daquilo que propagam as nossas bolhas é impossível libertar-se da leitura de mundo do opressor. É em busca de nos descobrirmos *“hospedeiros”* do opressor, que buscamos outros “pontos de vista, confiáveis, que sejam diferentes dos nossos” como afirma Carina. Afinal, *“mudar de opinião e admitir isso”<sup>193</sup>* mesmo que seja *“algo difícil de ser feito”* é parte de *“reconhecer a multiplicidade existente no mundo”*. Aceitar os filtros e sua personalização como uma dádiva pode recair como uma maldição, afinal permanecer na ignorância não promove conhecimento. A solução consiste na educação como projeto em processo que se introjeta como meta para a vida (SANTAELLA, 2021, p. 94).

## 6.2. Ciberativismo como práxis da liberdade

A radicalização, que implica no enraizamento que o homem faz na opção que fez, é positiva, porque preponderantemente crítica. Porque crítica e amorosa, humilde e comunicativa. O homem radical na sua opção, não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar-se certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar o seu oponente. Tem o dever, contudo, por

---

<sup>193</sup> No dia 05/06/2020 às 23:31:27 o praticante Jonas havia sinalizado que não autorizava o uso de suas narrativas e imagens nos dispositivos da disciplina "Informática em Educação", mas no dia 13/06/2020 às 11:30:53 mudou de ideia atualizando o termo autorizando agora o uso, sem revelar sua identidade. Ainda não sabemos o que provocou a mudança de opinião, se foi algo discutido na disciplina ou alguma interação, mas deixamos aqui registrado o nosso agradecimento pela partilha de sentidos tão importantes em nossa experiência de vida e pesquisa.

uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que lhe pretendam impor silêncio.

*Paulo Freire, 2015*

Na intencionalidade pedagógica de formar educadores ciberculturais em tempos de pós-verdade, sugerimos também na “Aula 2 - De onde vêm as informações” que os praticantes da disciplina mobilizassem outros letramentos informacionais ao sintetizar de forma visual o funcionamento das bolhas de filtro (*filter bubbles*). De acordo com Parisier, as bolhas de filtro são o “código básico no seio da nova internet”, examinando tudo aquilo de que aparentemente gostamos para tentar fazer extrapolações.

São mecanismos de previsão que criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir. Juntos, esses mecanismos criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós – o que passei a chamar de bolha dos filtros – que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações. (PARISIER, 2012. p. 11)

Já havíamos percebido em nossa prática anterior, representada na noção acima, alguns desses desdobramentos da filtragem (passiva) que o Google de modo a apresentar resultados customizados para pessoas com pensamentos, ideologias e orientações políticas diferentes, mas ainda era preciso atuar em busca de ampliar a discussão acerca da nossa própria parte (mais ativa) na ampliação do problema.

Partindo assim da composição do nosso mapa de capturas do Google, cocriamos em outras atividades que trabalhassem com/por/nos aplicativos uma compreensão mais aprofundada acerca do funcionamento de nossos sentimentos em relação à informação recebida nos momentos comuns de nosso cotidiano, através de jogos (usando o aplicativo *Akinator*<sup>194</sup>), da percepção coletiva de fontes seguras de informação (usando aplicativos de nuvens de palavras - *Mentimeter*<sup>195</sup>) e do debate (nos fóruns do *Moodle*) acerca da vivência em um mundo efetivamente customizado pelo fenômeno.

De modo a compreendermos com eles, atos de currículo que pudessem proporcionar a descoberta dos limites de nossa própria prática, percebendo, demarcando e ampliando sua existência, para promover novos espaços a serem preenchidos (FREIRE, 1982) investimos em

---

<sup>194</sup> Ver definição da proposta do Fórum 3 - Atividade 1 - Akinator, o gênio da internet na página 131.

<sup>195</sup> Ver definição da proposta do Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro na página 132



novas percepções de sentido com as informações na internet, ao convidarmos os praticantes da disciplina para estourar sua bolha de filtro.

Figura 46 - Captura da atividade proposta no fórum 5 da aula 2, intitulado “Estourando sua bolha de filtro”

The screenshot shows a Moodle forum interface. At the top, there's a navigation bar with the CECIERJ logo and links for 'Acessibilidade', 'Sobre', and 'Ajuda'. The user 'Wallace Carrico De Almeida Tutor a Distância' is logged in. The main header reads 'Informática na Educação (PED-LIC) - UERJ'. Below this, there's a breadcrumb trail: 'Painel > Minhas Disciplinas > Informática na Educação (PED-LIC) - UERJ > Fórum dos polos Paracambi, Rocinha e Três Rios (Mediador Wallace) > Clique aqui e participe do debate! > Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro'. A search bar is also present. The forum post itself is titled 'Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro' and is by 'Edmea Oliveira Dos Santos Coordenador de Disciplina', dated 'terça, 25 fev 2020, 17:58'. The post content starts with 'Olá!', followed by a description of the activity space, a paragraph about information filtering, a bolded objective, and a list of five steps for the activity. It concludes with another objective statement. At the bottom right of the post, there are links for 'Link direto', 'Editar', 'Excluir', and 'Responder'.

Informática na Educação (PED-LIC) - UERJ

Painel > Minhas Disciplinas > Informática na Educação (PED-LIC) - UERJ > Fórum dos polos Paracambi, Rocinha e Três Rios (Mediador Wallace) > Clique aqui e participe do debate! > Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro

Fórum dos polos Paracambi, Rocinha e Três Rios (Mediador Wallace) - Clique aqui e participe do debate!

Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro

Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro  
por Edmea Oliveira Dos Santos Coordenador de Disciplina - terça, 25 fev 2020, 17:58

Olá!

Espaço dedicado para a postagem conteúdo da terceira atividade da aula.

Todos filtramos as informações porque existem muitas delas por aí. Os algoritmos fazem isso por nós quando pesquisamos online ou usamos mídias sociais. Às vezes o filtro que usamos para lidar com tanta informação pode se tornar uma bolha ao nosso redor, mas o mundo fora da bolha do filtro pode ser uma ótima fonte de novas ideias.

**Aqui você vai ter a oportunidade de mapear essa bolha e descobrir o que te define como consumidor de conteúdo, além de aprender novas formas de se informar a partir das fontes de outros colegas.**

Vamos começar?

Como deve ser a sua participação:

- 1- Acessar a página do aplicativo Mentimeter pelo smartphone, tablet ou pela Web.
- 2- Preencher os campos com os nomes de seis das principais fontes de informação que você acessa em seu cotidiano (por exemplo: G1, Facebook, WhatsApp, Meia Hora...).
- 3- Acessar o link dos resultados do seu polo.
- 4- Comentar aqui os resultados encontrados, justificando as fontes que você concorda e refutando as fontes que você não concorda que sejam bases confiáveis de informação.
- 5- Escolher e comentar uma nova fonte de informação confiável que você tenha descoberto com essa atividade.

**Nosso objetivo nessa atividade é perceber como podemos estar presos em bolhas ao buscar informação sempre nos mesmos lugares e perceber como a troca de informações pode ser útil para ampliar nosso campo de visão.**

Link direto Editar Excluir Responder

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

O “Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro” tinha como premissa a percepção de que “*todos filtramos as informações porque existem muitas delas por aí. Os algoritmos fazem isso por nós quando pesquisamos online ou usamos mídias sociais*”, mas nós também fazemos isso quando selecionamos e ajustamos nossas fontes de informação, de modo que, “*o filtro que usamos para lidar com tanta informação pode se tornar uma bolha*

ao nosso redor” para a proposição da ideia que “o mundo fora da bolha do filtro pode ser uma ótima fonte de novas ideias”.

Assim, nos inspiramos no dispositivo (ou *insight tool*, como denomina o autor) “estoure a bolha do seu filtro<sup>196</sup>” proposto por Steve Rawling, ex-jornalista da BBC News, consultor de negócios e autor do livro “*Creative Thinking: Be Creative – Now!*” para a criação da nossa interpretação do dispositivo através do aplicativo *Mentimeter*<sup>197</sup>.

O Mentimeter é um aplicativo interativo para composição e partilha de sentidos através de slides. O aplicativo permite uma série de interações que permitem que professores e pesquisadores, criem apresentações complexas que possam ser modificadas e ampliadas pela interação direta do praticante em busca de exibir resultados contextualizados com o seu público.

Figura 47 - Captura da página inicial do aplicativo *Mentimeter*



Fonte: Captura da página da web

<sup>196</sup> Burst your filter bubble - Insight tool. Fonte: <https://bit.ly/burstfilterbubble>

<sup>197</sup> O que é Mentimeter? Veja como funciona e como criar apresentações. Fonte: <https://bit.ly/mentimeteruso>

Dentre as interações possíveis no aplicativo, situa-se a possibilidade de formar uma nuvem de palavras interativa composta de entradas compartilhadas publicamente pela inserção de dados na interface do dispositivo. Desse modo, solicitamos que os praticantes da disciplina: (1) acessassem o aplicativo *Mentimeter* pelo smartphone, tablet ou pela Web, (2) preenchessem os campos com os nomes de seis das suas principais fontes de informação acessadas em seu cotidiano (por exemplo: G1, Facebook, WhatsApp, Meia Hora... ), (3) acessar o link que contém a nuvem de palavras representando os resultados do seu polo para (4) comentar os resultados encontrados, justificando as fontes que você concorda e refutando as fontes que você não concorda que sejam bases confiáveis de informação. (5) escolher e comentar uma nova fonte de informação confiável que você tenha descoberto com essa atividade.

Figura 48 - Captura da nuvem de palavras gerada a partir da interação com o aplicativo *Mentimeter*

## Quais são as suas principais fontes de informação?

Mentimeter




Fonte: Captura de telas da página do Mentimeter

Por meio dessa atividade tivemos a oportunidade de mapear bolhas compreendidas pelo coletivo de praticantes dos polos da disciplina de Informática na Educação. Em busca de perceber, como esses docentes em formação se percebem como consumidores de conteúdo informativo, partilhamos esses sentidos para a identificação, produção e combate de narrativas falsas nas redes na proposição de outras referências do formar e (in)formar-se a partir das fontes de outros praticantes.




Figura 49 - Interações com/entre praticantes da disciplina

**Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por [Maryana Andreia Correa Queiroz Aluno\(a\) - UERJ - PLI - ROC](#) - sábado, 28 ago 2021, 19:13

Olá!


Os resultados encontrados foram: G1, BBC News Brasil You Tube, WhatsApp. SBT, Record TV, Portal R7, UOL CNN, Folha, Internet, Instagram, Facebook, Omeleteve, Google, Gmail. Bing, Terça Livre, Ted e Brasil Paralelo. Percebi que as buscas por fontes genéricas de informação são muito frequentes, como no caso do WhatsApp. Apesar de saber que alguns perfis representam instituições sérias de pesquisa e informação, em geral, eu não incluiria Instagram, Facebook, WhatsApp ou mesmo ferramentas de busca como Google e Bing na minha lista, uma vez que muitas das informações acessadas nessas plataformas não passam por um processo minucioso de avaliação antes de serem compartilhadas publicamente. Não há um rigor metodológico na escolha dos veículos em que as pessoas depositam sua confiança, e isso me preocupa. Muito me choca, também, que veículos como Terça Livre e Brasil Paralelo apareçam entre os mais acessados, visto que ambos sofrem acusações seríssimas por disseminação de Fake News, É estarrecedor! No mais, reforço as indicações para o G1, UOL Folha, CNN e canais institucionais no YouTube. Incluo à lista: El País, Revista Gênero e Número, Isto É, Science Magazine e Nature.

[Link morto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por [Ana Beatriz Garcia Lima Aluno\(a\) - UERJ - PLI - ROC](#) - segunda, 30 ago 2021, 14:56


Mary, é realmente muito preocupante encontrarmos sites como Brasil Paralelo nessa atividade, eu fiquei um pouco chocada em pensar que temos colegas que consomem esse tipo de informação em pleno século XXI em 2021, um ano internacionalmente reconhecido pelas fakes news aqui no país.

[Link morto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por [Wallace Carrico De Almeida Mediador a Distância](#) - quinta, 2 set 2021, 08:58

Verdade, Ana Beatriz! A CPI das Fake News **já aprovou a quebra de sigilos de empresas de comunicação que seriam disseminadores de fake news** durante a pandemia, Os requerimentos miram os responsáveis pelos sites Terça Livre, Brasil Paralelo, Crítica Nacional, Senso Incomum e Conexão Política. Temos aqui esses sites citados como fonte de informação revelam o tamanho do problema que enfrentamos até na nossa própria formação! Na sua opinião, como podemos formar formadores conscientes de sua responsabilidade na propagação da verdade dos fatos?

[Link morto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por [Ana Beatriz Garcia Lima Aluno\(a\) - UERJ - PLI - ROC](#) - domingo, 5 set 2021, 16:11

Wallace, acredito que devemos ter uma preocupação em formar investigadores, pessoas que sejam capazes e críticas ao validarem a informação, a fonte e, principalmente, falar sobre a irresponsabilidade em propagar inverdades.

[Link morto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

Essas narrativas e imagens situadas nesse contexto formativo seriam fundamentais para que os praticantes da disciplina percebessem que mesmo que estivessem conectados em uma perspectiva de rede, e serem todos alunos de um curso de Graduação em Pedagogia em uma universidade pública do Rio de Janeiro (com todos os sentidos e dilemas implicados com/por essa conjuntura), os seus resultados não representavam uma uniformidade de consciência crítica a respeito da fonte da informação.

Na fala da praticante Maryana, ao finalizar sua interação com o aplicativo, “os resultados encontrados foram: G1, BBC News Brasil, You Tube, WhatsApp, SBT, Record TV, Portal R7, UOL, CNN, Folha, Internet, Instagram, Facebook, Omeleteve, Google, Gmail, Bing, Terça Livre, Ted e Brasil Paralelo”. Ela então constata que os meios tradicionais de informação (da grande mídia) não tiveram um lugar de destaque na representação visual do aplicativo como era esperado, de modo que “as buscas por fontes genéricas de informação são muito frequentes, como no caso do WhatsApp” foram tão recorrentes que definiram o demográfico exibido pelo aplicativo

A praticante ainda faz uma distinção dos usos feitos e das práticas compreendidas nesses aplicativos por “saber que alguns perfis representam instituições sérias de pesquisa e informação”, mas volta a denunciar o uso dessas plataformas como fontes confiáveis de informação, “uma vez que muitas das informações acessadas nessas plataformas não passam por um processo minucioso de avaliação antes de serem compartilhadas publicamente”.

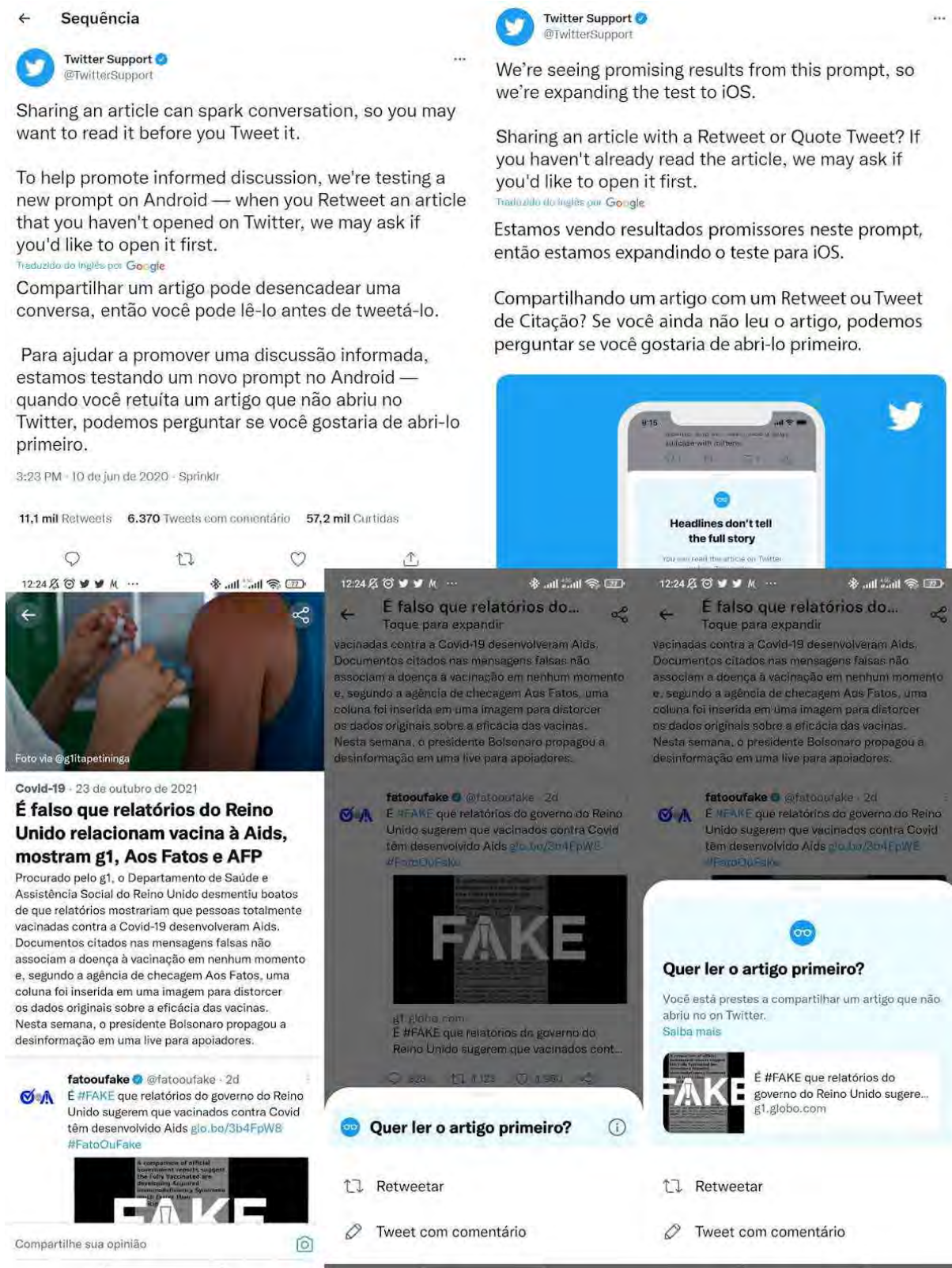
Ainda sobre essa responsabilidade, graças ao artigo 19 do Marco Civil da Internet, Lei nº 12.965, de 23 de abril 2014<sup>198</sup> promulgada pela ex-presidenta da República Dilma Rousseff, a responsabilização civil de provedores de aplicações de internet por danos decorrentes de conteúdo gerado por terceiros se torna possível, caso ele não tome as devidas providências para, no âmbito e nos limites técnicos do seu serviço e dentro do prazo assinalado pela justiça, tornar indisponível o conteúdo apontado como infringente. Desse modo, em busca de minimizar o impacto causado por esses processos judiciais, os provedores dessas aplicações já tem pensado em formas alternativas de melhorar o processo de avaliação e verificação das informações antes de serem compartilhadas publicamente.

---

<sup>198</sup> Lei Nº 12.965, De 23 De Abril De 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Fonte: <https://bit.ly/marcocivil12965>



Figura 50 - Captura de telas do aplicativo do twitter que sugerem a leitura antes do seu compartilhamento



Fonte: Captura de telas da página do Twitter

Essa fundamentação legal tem também sustentado a remoção de postagens de notícias falsas e até mesmo o banimento de perfis que disseminam desinformação, como foi o caso da conta oficial do ex-presidente Trump<sup>199</sup> e de postagens do presidente Bolsonaro<sup>200</sup> como também de membros da sua família<sup>201</sup>. Desde então, o presidente já editou uma medida provisória para alterar o texto original do Marco Civil de modo a limitar a remoção de conteúdo das redes sociais, mas tendo esta sido devolvida pelo Congresso Nacional por inconstitucionalidade, usou o mesmo texto reprovado para enviar agora um projeto de lei<sup>202</sup>.

Essa lei, se for aprovada, aumentaria o risco de mitigar a pouca livre iniciativa das plataformas sociais de remover o conteúdo desinformativo com base nas normas impostas em relação ao aceite dos termos de uso dos aplicativos e ampliaria a esfera do problema, deixando que toda e qualquer decisão de remoção esteja sujeita apenas ao que for decidido pelo âmbito da esfera judicial, o que pode ser tarde demais. Desse modo, como *“não há um rigor metodológico na escolha dos veículos em que as pessoas depositam sua confiança”*, como afirma Maryana, estaríamos sujeitos a uma total ausência de regras para se definir o que seria aceitável em termos daquilo que chamamos verdade. A isto, acrescenta Santaella.

As notícias procedem das mais variadas e múltiplas fontes e, muitas vezes por falta de compreensão dos modos pelos quais as redes funcionam, ou por confusão diante do acúmulo de informações, torna-se mais difícil saber se as estórias ou as notícias são confiáveis ou não. Uma vez que compartilhar é uma das regras ou um dos apelos do funcionamento das redes sociais, geram-se aí as condições para a disseminação de falsas notícias e de boatos. Por isso, costuma-se dizer que as mídias sociais favorecem a fofoca, a novidade pela novidade, a velocidade da ação impensada e do compartilhamento leviano. A autoridade e a habilidade para publicar agora passam de mão em mão. Links do Facebook e do Twitter se parecem uns aos outros, pois não são aquilatados com valoração diferenciada. Não há regras para a aceitabilidade do que se pensa e se fala quando as normas desvanecem. Foram erodidos os princípios daquilo que uma conversação deve ser. (SANTAELLA, 2019, p. 24)

Desse modo, pela erosão desses princípios, concordamos com elas a respeito da importância de uma regra para além do compartilhar, talvez uma regra do estagnar, para teorizar aquilo que nos é percebido, para a proposição de uma prática mais crítica e consciente de seu lugar e de seu fazer no mundo. Uma questão necessária quando estamos lidando com *discentesdocentes* em formação. Seguimos assim com Maryana para identificar a patologia indicada pela leitura dos sintomas acima: *“Muito me choca, também, que veículos como Terça*

---

<sup>199</sup> Twitter suspende nova conta supostamente ligada a Donald Trump. Fonte: <http://glo.bo/3EuQde1>

<sup>200</sup> Twitter apaga publicações de Jair Bolsonaro por violarem regras da rede. Fonte: <http://glo.bo/3vqmu6>

<sup>201</sup> Depois de Jair e Flávio, Twitter deleta postagem de Eduardo Bolsonaro. Fonte: <https://bit.ly/twitterdeleta>

<sup>202</sup> Bolsonaro envia projeto para alterar Marco Civil da Internet. Fonte: <https://bit.ly/acoesm>



*Livre e Brasil Paralelo apareçam entre os mais acessados, visto que ambos sofrem acusações seríssimas por disseminação de Fake News. É estarrecedor!”* Enfim o diagnóstico completo.

Um desafio para a educação problematizadora na cibercultura é proporcionar experiências formativas online que sejam construtoras de uma consciência existencial crítica presente na formação de professores. Enquanto trabalhamos na desconstrução de perspectivas educacionais que cismam por subutilizar o potencial comunicacional humano em rede, precisamos nos incomodar também pela construção de atos de currículo conscientizadores.

Mas se uma pedagogia da liberdade traz o gérmen da revolta, nem por isso seria correto afirmar que esta se encontre, como tal, entre os objetivos do educador. Se ocorre é apenas e exclusivamente porque a conscientização divisa uma situação real em que os dados mais frequentes são a luta e a violência. Conscientizar não significa, de nenhum modo, ideologizar ou propor palavras de ordem. Se a conscientização abre caminho à expressão das insatisfações sociais é porque estas são componentes reais de uma situação de opressão (FREIRE, 2013, p. 14)

Partindo da fala de Maryane, concordamos com Ana Beatriz que acrescenta: “*Mary, é realmente muito preocupante encontrarmos sites como Brasil Paralelo nessa atividade, eu fiquei um pouco chocada em pensar que temos colegas que consomem esse tipo de informação em pleno século XXI, em 2021, um ano internacionalmente reconhecido pelas fakes news aqui no país*”, para dizer que é sim, muito preocupante que professores se informem por veículos já responsabilizados pela CPI das Fake News<sup>203</sup> como disseminadores de desinformação durante a pandemia. Que é também “*chocante*” pensar que estamos nos formando ao lado de colegas (será?) que não percebem ou não sentem a opressão provocada por esse movimento que produz e reproduz desinformação de nossa história em caráter revisionista/negacionista. Mas é muito mais importante a emergência da compreensão desse problema em nosso processo formativo “*para formar formadores conscientes de sua responsabilidade na propagação da verdade dos fatos*”,

Conscientizar porque a nossa realidade já divisa uma situação em que os dados mais frequentes são a luta e a violência, a desfiguração pelo ódio para promover a perseguição. A mesma manobra que tem sido empregada hoje em busca de silenciar as vozes de professores, como a do Prof. Carlos Zacarias da UFBA, perseguido por esse mesmo brasil paralelo (grafado aqui em minúsculo como posição política) por denunciar “uma peça de propaganda

---

<sup>203</sup> Comissão Parlamentar Mista de Inquérito - Fake News. Fonte: <https://bit.ly/cpifakenews>

ideológica anticomunista sem nenhum respaldo científico<sup>204</sup> reproduzido como conteúdo de apoio para o ensino de História da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

Figura 51 - Reprodução da nota de solidariedade e apoio<sup>205</sup> ao professor Carlos Zacarias (UFBA)

**ANPUH BAHIA**

**#TODOAPOIOACARLOSZACARIAS**

A Diretoria da ANPUH Seção Bahia presta total e irrestrita solidariedade ao professor Carlos Zacarias Figueirôa de Sena Júnior (UFBA). O historiador tem sido alvo de ataques por parte de uma produtora, que o notificou extrajudicialmente, sem nenhum fundamento, em uma tentativa de intimidação e cerceamento da crítica através de censura.

O canal produz "conteúdo" de história de caráter revisionista e negacionista, o que é inadmissível para quem pesquisa e ensina História como uma ciência humana pautada na ética e na honestidade intelectual e não admite falsificações deliberadas da mesma com fins políticos e ideológicos.

O colega historiador teceu pertinentes críticas ao material produzido por essa empresa em sua página pessoal do Facebook depois que um dos vídeos da produtora foi indicado pela Secretaria Estadual de Educação da Bahia (SEC). A SEC/BA acabou retirando a indicação do material após a postagem. Vale destacar que essa mesma empresa, que produz documentários com viés bolsonarista sobre política, história e atualidades, teve a quebra de seu sigilo bancário requerida pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19 no início do mês de agosto deste ano pela suspeita de envolvimento em uma rede organizada de desinformação sobre a pandemia.

O conhecimento nos liberta, o sofrimento nos mobiliza e a empatia nos protege! Continuaremos em combate pela verdade histórica e contra todo o revisionismo e negacionismo científico.


Fonte: Elaborado por ANPUH Bahia e reproduzido no Twitter

Foi preciso que nós, como docentes e pesquisadores em formação, tomássemos a responsabilidade de não mais nos ausentarmos do debate acerca de uma formação crítica de sorte que não sejamos mais reféns do discurso enredador das mídias de maquinação dos gabinetes do ódio, tão populares em nosso país e que não se encontram apenas naqueles paralelismos de informação, como também nas ditas isenções e imparcialidades dos meios de comunicação.

<sup>204</sup> Publicação do professor Carlos Zacarias no Facebook. Fonte: <https://bit.ly/profczacarias>

<sup>205</sup> “Manifesto da Associação Nacional de História - ANPUH-Brasil, sobre a intimação judicial recebida pelo professor da Universidade Federal da Bahia, o historiador Carlos Zacarias. No dia 8 de março, já eram 34 universidades a promover cursos que discutirão o Golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil. Esse número cresce a cada dia, e tende a aumentar em curto prazo. O curso reflete o real papel da universidade pública em problematizar a história recente do Brasil. Trata-se, também, de um gesto de solidariedade aos primeiros ataques sofridos pelo prof. Luís Felipe Miguel da UNB e de uma reação às falas do Ministro da Educação, que revelavam total desrespeito ao princípio constitucional da autonomia universitária.” Texto do Manifesto da Associação Nacional de História - ANPUH-Brasil. Fonte: <https://bit.ly/manifestoanpuh>


Figura 52 - Interações com/entre praticantes da disciplina

 **Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por [Joanna Las Casas E Souza Aluno\(a\) - UERJ - PLI - ROC](#) - quarta, 25 ago 2021, 19:31

Olá a todos, todas e todes!

Ao ver os resultados do meu polo, depois de responder as perguntas, pude ver que as seguintes fontes apareceram: Bing, Google, Instagram, BBC News Brasil, BBC News, CNN, G1, Omeleteve e Internet. Eu diria que apareceram boas fontes de notícia, entretanto uma delas eu descartaria, exatamente por não achar ser uma fonte de confiança. No caso, eu falo do Bing. Por mais que ele seja um buscador que está tentando acabar com a hegemonia do Google, ele tem falhas, assim como a mesma, e seríssimas. O Bing tem parceria com o Twitter, por exemplo, e a plataforma possui integração com o Trend Topics da rede social, ou seja, as notícias funcionam a partir dos assuntos mais populares no Twitter. Ao invés de mostrar, sei lá, qualquer notícia, mostra apenas as mais curtidas e tuitadas. Isso também significa que uma notícia que acabou de viralizar, por exemplo, e está sendo muito falada, vai sobrepor outra, ainda que seja muito importante, só por estar com o número de curtidas e tuítes inferior. Nesse tipo de plataforma, as coisas somem muito rápido. Fora o fato de só mostrar aquilo que “importa para você”, ou seja, uma fonte de notícia que deveria esclarecer e mostrar várias coisas e te fazer refletir, só está te mantendo na mesma bolha de sempre. Eu prefiro fontes como a da BBC News ou CNN, por exemplo, que são jornalismo com credibilidade, especializados, e que possuem ótimos correspondentes em vários lugares do mundo, oferecendo todo o tipo de notícia, e não só aquilo que mais curto e gostaria de ver. Infelizmente não descobri nenhuma nova fonte confiável de informação, as apresentadas eu já conheço, mas espero que com as próximas postagens eu conheça alguma nova. E que com mais respostas a pesquisa, apareçam outras opções.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

 **Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por [Wallace Carrico De Almeida Mediador a Distância](#) - sexta, 27 ago 2021, 08:46

Olá, Joanna! Muito importante a questão do “só mostrar aquilo que importa para você”! Esse é principal objetivo da propagação de informação nos aplicativos sociais. A questão da confiabilidade fica em segundo plano em função da relevância da mensagem! As fontes que você citou como a BBC News ou CNN são fontes mais confiáveis e estabelecidas em nossa sociedade, mas mesmo assim não estão isentas de divulgar e propagar desinformação, como foi [o caso sobre jovens não precisam ser imunizados contra Covid](#). A apresentadora precisou corrigir a informação ao vivo. Como essa política é importante para entendermos a importância da verdade dos fatos no processo formativo?

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

Na fala da praticante Joanna, podemos observar que ela demarca acertadamente o limite daquilo que não seria de confiança, para afirmar que prefere “fontes como a da BBC News ou CNN, por exemplo, que são jornalismo com credibilidade, especializados, e que

*possuem ótimos correspondentes em vários lugares do mundo, oferecendo todo o tipo de notícia, e não só aquilo que mais curto e gostaria de ver*”. Embora esteja certa quanto a essência de especialização e credibilidade que as mídias tradicionais costumam exalar, seu maior acerto está incondicionalmente e involuntariamente contido na frase “oferecendo todo o tipo de notícia, e não só aquilo que mais curto e gostaria de ver”. Em minha resposta, afirmo que é “*muito importante a questão do só mostrar aquilo que importa para você!*” afinal “*esse é o principal objetivo da propagação de informação nos aplicativos sociais*”, a questão da relevância. Nesse caso, onde a “*questão da confiabilidade fica em segundo plano*”, é preciso então pensar na importância de compreendermos um novo fazer pedagógico que insira a questão da verdade dos fatos no processo formativo. Como construir essa política?


A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor. Este é que se serve desta dependência para criar mais dependência. A ação libertadora, pelo contrário, reconhecendo esta dependência dos oprimidos como ponto vulnerável, deve tentar, através da reflexão e da ação, transformá-la em independência. Esta, porém, não é doação que uma liderança, por mais bem-intencionada que seja, lhes faça. Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisas”. Por isto, se não é autolibertação — ninguém se liberta sozinho —, também não é libertação de uns feita por outros. (FREIRE, 2013, p.56)

Desse modo, agimos no sentido de compreender como esse ato de ação cultural pode nos permitir o rompimento com a dependência emocional, do medo de agir, desse lugar de (des)conforto pelo nosso estado de manutenção das políticas de dominação. A resistência a mudança mesmo em vias de esperança é normal e esperada, mas se pudermos reflexionar-nos pelos nossos próprios pontos de vulnerabilidade e reconhecer nossa situação de oprimidos pelo ódio, poderemos agir em via de transformação pela nossa independência.

Esse saber, essa necessidade de que se lute pela sua libertação, não pode ser fruto de um movimento de implantação do mesmo modo como o faz o sistema, precisa ser fruto de um processo implicado de conscientização docente que busque reconhecer nos indivíduos oportunidades de exercer a mediação desse processo. De modo que, ninguém se sinta dependente de ninguém para iniciar esse processo, mas que, ao mesmo tempo, encontre conforto na comunhão. Assim, todos nós, cointencionados à realidade, nos encontramos na mesma luta em que somos sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la (*ibid.*, p. 58), mas também nos recriarmos pelos conhecimentos apreendidos nesse momento.




Figura 53 - Interações com/entre praticantes da disciplina

 **Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por [Maryana Andreia Queiroz Aluno\(a\) - UERJ - PLI - ROC](#) - sábado, 28 ago 2021, 19:22


Olá, Wallace! Concordo plenamente com vc, especialmente quando diz que “a confiabilidade fica em segundo plano em função da relevância da mensagem”. Todos tendemos a confiar em fontes que compartilham conteúdos aos quais nos alinhamos. Acho que falta autogestão para tudo, inclusive para perceber quando uma notícia é falsa ou sensacionalista e de que maneira podemos contornar o problema para evitarmos uma espiral de desinformação, pois essas notícias quase nunca param na pessoa com quem ela faz o contato inicial. Ela fatalmente será compartilhada de forma irrestrita até que seja refutada, e aí pode ser muito tarde.

[Link morto](#) [Módulo principal](#) [Tópicos](#) [Introdução](#) [Fóruns](#) [Respostas](#)

 **Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por [Wallace Carrico De Almeida Mediador a Distância](#) - quinta, 2 set 2021, 08:53

Olá Maryana! Perfeita colocação: “alta autogestão para tudo, inclusive para perceber quando uma notícia é falsa ou sensacionalista”. Como professores, precisamos entender a nossa responsabilidade nessa questão. De acordo com o texto final da BNCC, homologado no final de 2017 — para a Educação Infantil e Ensino Fundamental - o estudo das fake news deve estar presente no componente curricular de Língua Portuguesa e fará parte dos conteúdos trabalhados no Ensino Fundamental - Anos finais (6.º a 9.º anos), no qual o aluno é visto como protagonista da cultura digital. Como professores, como podemos ajudar a criar essa consciência coletiva contra a desinformação?

[Link morto](#) [Módulo principal](#) [Tópicos](#) [Introdução](#) [Fóruns](#) [Respostas](#)

 **Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por [Luciana Galdez Silva Aluno\(a\) - UERJ - PLI - ROC](#) - sábado, 11 set 2021, 03:52

Olá, Maryana! Achei muito interessante o apontamento apresentado no texto proposto por Victoria Rubim na psicologia humana. Quanto à falta de vontade do ser humano na busca pela verdade, ou seja, sair da área de conforto, acredito que somos bombardeados com um grande número de informações, nos tornando dependentes de outros para pensar por nós. Como diz Henry Ford, “Pensar é o trabalho mais difícil que existe. Talvez por isso poucos se dediquem a ele”.

[Link morto](#) [Módulo principal](#) [Tópicos](#) [Introdução](#) [Fóruns](#) [Respostas](#)

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

Nesse sentido, Maryana vai dizer que, já que “*todos tendemos a confiar em fontes que compartilham conteúdos aos quais nos alinhamos*” é preciso o exercício da autogestão. “*Falta autogestão para tudo, inclusive para perceber quando uma notícia é falsa*” e Luciana vai completar dizendo que quando “*falta vontade do ser humano na busca pela verdade, ou*

*seja, sair da área de conforto” acabamos “nos tornando dependentes de outros para pensar por nós” e nos damos por satisfeitos.*

As consequências de ficarmos satisfeitos com o que já tendemos a pensar manifesta-se de várias maneiras: em afirmações absolutas, em negações de que alguma coisa ou outra possam ser conhecidas, em alegações de que algo é totalmente inexplicável e, ao contrário, em reivindicações de que a formulação final e perfeita de uma verdade foi alcançada. (SANTAELLA, 2021, p. 13)

Foi por estarmos insatisfeitos que chegamos até aqui, e se a nossa luta não for capaz de mudar o curso de nossa história, certamente nos dá a oportunidade de sonhar.

Como um insatisfeito com o mundo de injustiças que está aí, ao qual o discurso “pragmático” sugere que eu simplesmente me adapte, devo, é óbvio, hoje, tanto quanto devi ontem, estar desperto para as relações entre tática e estratégia. Uma coisa é chamar a atenção dos militantes que continuam brigando por um mundo menos feio da necessidade de que suas táticas, primeiro, não contradigam sua estratégia, seus objetivos, seu sonho; segundo, de que suas táticas, enquanto caminhos de realização do sonho estratégico, se dão, se fazem, se realizam na história, por isso, mudam, e outra é simplesmente dizer que não há mais por que sonhar. Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se. (FREIRE, 2013, p. 79)

Por esse permanente processo de tornar-se, de quem ainda não alcançou a verdade ou de quem apenas escolhe não mais se adaptar ao discurso postulado, é que reformulamos a pergunta proposta, para melhor compreender uma outra tática e estratégia que seja capaz de promover ações libertadoras. Pela libertação em perspectiva de comunhão (FREIRE, 2013, p. 54), como podemos transformar nossa ação através da reflexão, para que esta seja independência? A resposta pode estar na questão da ética.

A regra da razão não nasce, portanto, de uma preocupação apenas metodológica, mas também ética. É ética porque aquilo que o falibilismo resguarda é a crença no conhecimento, cujas sementes não criam raízes em mentes que se tornaram endurecidas e inóspitas a novas ideias, ou seja, mentes entregues ao infalibilismo, seja ele revestido de seus antigos ornamentos eclesiásticos, seja sob seu mais recente disfarce cientificista. (SANTAELLA, 2021, p. 13)

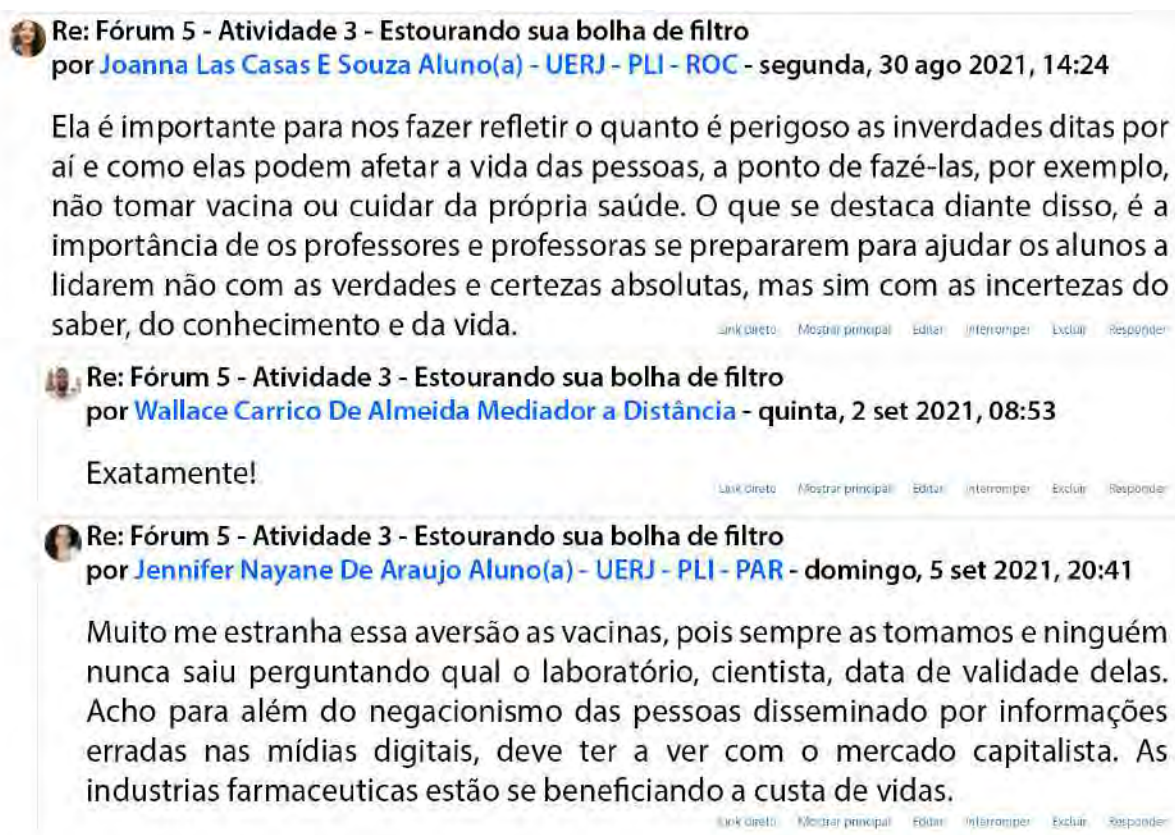
É, portanto, pela ética metodológica que entendemos que o contrário de uma atitude negacionista não reside apenas no exercício de uma prática positivista ou mesmo cientificista, pois, nem por isso estaremos a margem de nossos afetos, de nossa cultura, de nossos grandes preconceitos fundadores, do caráter contextual de nossos sistemas de pensamento (*ibid.*, p. 15). Não é possível desimplicar-se desse processo.

A entrada na vida científica não é um ato mágico. Contrariamente ao que dizem de Pasteur, ele não se despia de suas crenças religiosas ao entrar no laboratório, ao

vestir o guarda-pó branco. Nenhum ritual de desimplicação pode higienicamente evacuar "suas ideias vagas, suas contradições, suas ideias fixas, suas convicções sem provas", toda uma familiaridade inata ou adquirida (ou conquistada) com o campo de pesquisa. O processo de distanciamento opera a favor/contra a familiaridade inata, adquirida ou voluntária (produzida por um engajamento no novo terreno ou no novo campo de pesquisa). Enquanto estes diversos modos de familiaridade são primordialmente fenômenos psíquicos, afetivos, cheios de opacidade, de inalísável, a operação de distanciamento é eminentemente cognitiva - o que não lhe retira suas implicações libidinais, conscientes ou inconscientes. (LOURAU, 1998, p. 115)

Desse modo, qual o papel ético do formador em tempos de pós-verdade?

Figura 54 - Interações com/entre praticantes da disciplina



**Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por **Joanna Las Casas E Souza Aluno(a) - UERJ - PLI - ROC** - segunda, 30 ago 2021, 14:24

Ela é importante para nos fazer refletir o quanto é perigoso as inverdades ditas por aí e como elas podem afetar a vida das pessoas, a ponto de fazê-las, por exemplo, não tomar vacina ou cuidar da própria saúde. O que se destaca diante disso, é a importância de os professores e professoras se prepararem para ajudar os alunos a lidarem não com as verdades e certezas absolutas, mas sim com as incertezas do saber, do conhecimento e da vida.

**Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por **Wallace Carrico De Almeida Mediador a Distância** - quinta, 2 set 2021, 08:53

Exatamente!

**Re: Fórum 5 - Atividade 3 - Estourando sua bolha de filtro**  
por **Jennifer Nayane De Araujo Aluno(a) - UERJ - PLI - PAR** - domingo, 5 set 2021, 20:41

Muito me estranha essa aversão as vacinas, pois sempre as tomamos e ninguém nunca saiu perguntando qual o laboratório, cientista, data de validade delas. Acho para além do negacionismo das pessoas disseminado por informações erradas nas mídias digitais, deve ter a ver com o mercado capitalista. As indústrias farmacêuticas estão se beneficiando a custo de vidas.

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

De acordo com Joanna, esse papel “*é importante para nos fazer refletir o quanto é perigoso as inverdades ditas por aí e como elas podem afetar a vida das pessoas*”. Assim, sua resposta para a minha pergunta passa pela ideia de que os “*professores e professoras precisam se preparar para ajudar os alunos a lidarem não com as verdades e certezas absolutas, mas sim com as incertezas do saber, do conhecimento e da vida*”.

A complexidade atrai a estratégia. Só a estratégia permite avançar no incerto e no aleatório. A arte da guerra é estratégica porque é uma arte difícil que deve responder



não só à incerteza dos movimentos do inimigo, mas também à incerteza sobre o que o inimigo pensa, incluindo o que ele pensa que nós pensamos. A estratégia é a arte de utilizar as informações que aparecem na ação, de integrá-las, de formular esquemas de ação e de estar apto para reunir o máximo de certezas para enfrentar a incerteza. (MORIN, 2005, p. 192)

Isso significa agir de modo que a nossa busca não seja apenas do conhecimento, como se esse fosse um segredo do mundo ou sua equação-chave, mas aprender a dialogar a partir dele, com ele e com o mundo em sintonia com as suas ideias vagas, suas contradições, suas ideias fixas e suas convicções sem provas. Ao lidarmos com a incerteza perturbamos muitos espíritos, mas exaltamos outros, incitando a pensar aventurosamente e a gerir o pensamento. Incita também a criticar o saber estabelecido, que se impõe como certo. Incita ao auto-exame e à tentativa de autocrítica (*ibid.*, p. 205).

Isso implica refletir, a partir de experiências vividas, as descobertas e os desafios impostos à aprendizagem e à formação humana e, portanto, ao currículo em si. Vislumbramos os *saberesfazeres* educativos como possibilidades diversas de reinventar as formas de se estar no mundo e ampliar as compreensões de um novo desenho cultural, social, político e estético, que deixa suas marcas, afetando-as e sendo afetado pelas diversas redes educativas. (MARTINS; ALMEIDA; ALMEIDA, p. 15)

Em busca de se estar no mundo e ampliar as compreensões de um novo fazer cultural, que seja mais social, político e estético, é que decidimos agir de modo a estarmos preparados para lidar não mais apenas com as verdades e certezas absolutas, mas sim com as incertezas do saber, do conhecimento e da vida. Em busca de um novo fazer pedagógico que possa se reinventar pelas marcas desse processo formativo, afetando-as e sendo afetado por elas nas diversas redes educativas. O viés capitalista, o colonialismo e o patriarcado tem tentado apagar da memória a história de luta do povo brasileiro, assim como os “*saberesfazeres*” nascidos naquelas lutas e aqueles que, apesar de não nascerem da luta, podem ser úteis a ela. A arte da guerra é complexa, assim como é estratégica.

A nossa tática não deve responder somente aos novos fenômenos sociotécnicos que emergem com os usos e com a imersão nas diversas redes educativas, mas produzir também narrativas e imagens que sejam relevantes como fonte de interpretação da realidade. Modificando e expandindo áreas de experiência individual, intervindo na formação da opinião pública e contribuindo para a definição de identidades individuais e coletiva (COUTO JUNIOR, VELLOSO, SANTOS, 2020, p. 98), pois temos o dever, contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que pretendem impor-nos o apagamento.

Assim, ciberativismo é um conjunto de táticas coletivas que manifestam a busca por transformações sociais a partir de ações de cooperação (ZAGO, BATISTA, 2011). O ciberativista se apropria das tecnologias digitais, configurando o ciberespaço como uma nova esfera interconectada (SILVEIRA, 2010), que também afeta e traz implicações sociais para a educação na medida em que tais eventos pautam/agendam ações de professoras/es e alunas/os. O cenário de mudança das mídias pós-massivas, entre outros aspectos, reconfigura o processo comunicacional desde a criação até a divulgação das mensagens midiáticas, bem como as mudanças nos perfis profissionais e nos processos de produção de conhecimento. (*ibid.*)

A busca por transformações sociais a partir de ações de cooperação é o que nos afeta enquanto educador, mas me torno pesquisador pela implicação e pela emotividade do formador pelas injustiças sociais e as opressões que se perpetuam às minorias ao longo da história humana (BOFF, 2004, p. 12). A medida em que a cibercultura e seus fenômenos continuem por empoderar as ações “*docentesdiscentes*” em sentido de ações libertadoras, estaremos nos reconstituindo também nos meios digitais para a articulação, mobilização e politização. Para a evolução, forjamos também um dispositivo<sup>206</sup>, um mecanismo de defesa, que nos permite descender de nossas lutas com modificações, astúcias sutis, que nos favorece a sobrevivência em um novo tempo histórico. Onde mesmo que as opressões e os silenciamentos continuem existindo, estaremos lutando em lugar de acomodando, em busca de certas qualidades ou virtudes sem as quais, cada vez mais, se torna mais difícil luta pelos nossos direitos (FREIRE, 2013, p. 81).

Assim, por decisão própria, pelo interesse de compreender mais criticamente a minha prática e surpreender a teoria que se revela bricolada na empiria é que nos tornamos ciberativistas. Mas esse fato não se deve somente ao contexto generalizado de desinformação evidenciado nesta investigação e seus desdobramentos em termos filosóficos. Indo contra a ideia de um determinismo que exista para além da questão imunológica<sup>207</sup>, fazemos isso para atestar nosso posicionamento a favor da vida e contra a ausência de condenação adequada para o descaso, a propagação de remédios ineficazes, a defesa da imunização pela morte e não

---

<sup>206</sup> Ver a página 100, 4.3 - Prazer, meu nome é Reglus.

<sup>207</sup> “Se resumimos a causa das mortes da pandemia atual a uma questão biológica/imunológica deixamos de atentar que nossas decisões políticas têm consequências sociais tão dramáticas quanto à própria ação certamente devastadora dos vírus [...] como a transmissão do vírus depende de contato, proximidade ou contaminação de superfícies, desprezar ou diminuir a importância do isolamento, principalmente quando as curvas epidêmicas apontam uma escalada no número de mortes, pode representar a diferença entre a vida e a morte de muitos milhares pessoas [...] manter-se em casa isolado é uma decisão política que relativiza o determinismo biológico embutido na ideia de que são os vírus os agentes fundamentais da doença. Ou seja, disseminar a ideia de que a doença vai matar muitas e muitas pessoas, independente do isolamento, é muito problemática. Negar o isolamento é proporcionar às numerosíssimas populações virais oportunidades de transmissão além de contribuir para comprometer as estratégias de enfrentamento dos sistemas de saúde” A pandemia de Covid-19: história, política e biologia - Ricardo Waizbort. Fonte: <https://bit.ly/pandemiapoliticaebiologia>

pela vacinação além do boicote das medidas de distanciamento físico pelo incentivo das aglomerações<sup>208</sup>. Decisões políticas com consequências sociais tão dramáticas quanto à própria ação devastadora dos vírus e certamente responsáveis pela morte de muitos milhares pessoas (WAIZBORT, 2020). Essa de fato é a verdade, e não aquela que qualquer outro mito, ou que esta ou outra pessoa julgue deter.

Concordamos assim com as palavras de Jennifer, *“muito me estranha essa aversão as vacinas, pois sempre as tomamos e ninguém nunca saiu perguntando qual o laboratório, cientista, data de validade delas”* em busca de compreender que a estratégia do governo atual *“era um caso pensado: não seguir a ciência”<sup>209</sup>*.

Assim, a ciência não é somente a acumulação de verdades verdadeiras. Digamos mais, continuando a acompanhar Poppen é um campo sempre aberto onde se combatem não só as teorias, mas também os princípios de explicação, isto é, as visões do mundo e os postulados metafísicos. Mas esse combate tem e mantém suas regras de jogo: o respeito aos dados, por um lado; a obediência a critérios de coerência, por outro. É a obediência a essa regra por parte de debatedores-combatentes que aceitam sem equívoco essa regra que constitui a superioridade da ciência sobre qualquer outra forma de conhecimento. (MORIN, 2005, p. 24)

Em tempos onde a regra da razão precisa superar a questão da opinião, o exercício de um ciberativismo como práxis da liberdade atua no sentido de não mais ser definido pelos códigos invisibilizantes dos algoritmos, mas de se reescrever em outras linguagens mais humanas onde possa ser visível a nossa implicação e a nossa luta com o fenômeno em sentido de mudança. Mudança para perceber além daquilo que é predefinido pelo que os olhos gostariam de ver e, pela ampliação da situação proposta, revelar em minha prática uma outra noção que denote aquilo que eu preciso ver, ou melhor, aquilo que eu não gostaria de ver.

Depois de muito pensar, percebi que de tudo aquilo que temos visto, em uma série de atravessamentos que vão desde as milhares de vidas perdidas e pelas tantas outras vidas partidas pela ausência de um ente querido para transição de uma realidade econômica onde o “osso é vendido não dado<sup>210</sup>”, atingi a conclusão que eu não gostaria de ver esses fenômenos lacerantes se tornarem extensos prolongamentos de uma sociedade que, alvejada, não consegue mais esperançar.

---

<sup>208</sup> Novo pedido de impeachment de Bolsonaro é baseado em investigações da CPI da Pandemia. Agência Senado. Fonte: <https://bit.ly/acpidapandemia>

<sup>209</sup> “Reale Jr. criticou diversas atitudes de Bolsonaro durante a pandemia [...] — Era um caso pensado: não seguir a ciência — afirmou o jurista”. Agência Senado. <https://bit.ly/acpidapandemia>

<sup>210</sup> ‘Osso é vendido, e não dado’: placa é retirada de açougue após fiscalização em SC Fonte: <https://bit.ly/ossovd>

Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir. Vem sendo expulso da órbita das decisões” (FREIRE, 2015, p.43)

Como por clarividência, Freire vem definir o problema da sociedade da desesperança e apontar as consequências de sua efetivação: a renúncia inconsciente do gigante que nunca desperta contra os mecanismos de aniquilação de sua decisão. E esse é o ponto principal que retoma a nossa questão: *“o que eu não gostaria de ver?”* para uma terceira intelecção: *“o que eu não vou mais ficar sentado vendo acontecer?”* em busca de uma última enunciação que não permita mais ver, nem deixar que vejam, a desinformação ser disfarçada como liberdade de opinião<sup>211</sup>, como forma de propagação e manutenção do estado de opressão.

E assim a visão educacional não pode deixar de ser ao mesmo tempo uma crítica da opressão real em que vivem os homens e uma expressão de sua luta por libertar-se. De modo que não se surpreenda o leitor se não puder distinguir claramente neste livro entre a teoria e a pregação, entre a análise das condições históricas vigentes na sociedade brasileira e a crítica. Tal distinção não é sempre fácil e pode duvidar-se de que, em algum momento, seja correta. Teoria e denúncia se fecundam mutuamente do mesmo modo que, nos círculos de cultura, o aprendizado ou a discussão das noções de “trabalho” e “cultura” jamais se separa de uma tomada de consciência, pois se realiza no próprio processo desta tomada de consciência. E esta conscientização muitas vezes significa o começo da busca de uma posição de luta (FREIRE, 2015, p.11)

Por reunir a aprendizagem necessária para nos formar criticamente de nossas opressões reais, estabelecemos um compromisso com o movimento de uma mediação ciberativista (LEMOS, 2004) com os nossos praticantes em busca de promover uma nova pedagogia. Um novo fazer pedagógico que, implicado não apenas com os princípios de verificação de fatos, atenda as exigências necessárias para despertar o docente de nosso tempo para que se perceba como oprimido e lutar pela sua libertação através de todas as armas que tiver a mão: do giz ao aplicativo, da prática a teoria, do corpo ao ciber em defesa e perpetração da educação, sendo, portanto, ciente de seu empoderamento para tecer sua própria cidadania. Essa é a nossa proposta, a proposta do Reglus.

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 2013, p. 54)

---

<sup>211</sup> Mentiras, vídeos apagados e demissão: a vida de Alexandre Garcia após Globo. Fonte: <https://bit.ly/agarciafn>

Figura 55 - Um convite ao ciberativismo, seja parte do Reglus



Fonte: Captura da página do Reglus

Entendendo que a transformação da obscuridade, em vias de disrupção, precisa passar pela construção de iniciativas que permitam que a autoria ativista possa ser transformada pelo empenho de reflexão, estabelecemos um lugar definido na formação do educador de modo a expandir e garantir a permanência do seu lugar de fala na órbita das decisões.

O que interessa a nós neste momento é apontar para outras estratégias de combate à desinformação, como podem ser atestadas na performance substantiva que as agências de checagem dos fatos têm desempenhado, com funções, inclusive educativas, ao ensinar que os signos deixam rastros que nos guiam para os objetos que pretendem designar. É essa lição, a da verdade factual, que é preciso absorver, promover, transmitir e com a qual é preciso aprender a viver (SANTAELLA, 2021, p. 92)

Por perceber que o nosso movimento permite a colaboração de múltiplos praticantes culturais dentro e fora do contexto de nossa pesquisa, ciente de que múltiplos sentidos ainda emergirão da permanência e da adição de agentes verificadores de fatos pela luta nesse ano tão importante, mobilizamos a comunidade acadêmica e demais interessados pelo dispositivo que deixamos como legado da proposta aqui empreendida. Caro leitor, este dispositivo é também um convite para que você se torne um multiplicador de uma educação para a verificação de fatos. Por que você deveria? Se este convite e todas as narrativas empregadas na conclusão dessa noção, assim como todo o texto de nossa pesquisa não for motivo suficiente, lembre-se que, se a decisão é individual, o resultado é coletivo.

Enquanto numerosas outras forças seguem empregadas pelo avanço da desinformação, escolhemos progredir aqui em busca de reunir conhecimentos, atos e interpretações de modo a induzir um terreno favorável à formação. Uma formação que não seja artificial, mas coletiva, que caminhe no sentido de formar humanos que sejam mais críticos, mais ciberculturais, mais políticos e ciberativistas. Que acreditem e que saibam mobilizar novas interpretações dos aplicativos, dos dispositivos e dos meios de comunicação digitais na cibercultura. Se você também acredita nisso, seja parte da revolução<sup>212</sup>.

### **6.3. Inteligência coletiva: um encontro e reencontro com a inteligência artificial**

Em outras palavras, como perceber a percepção anterior da realidade e assumir uma nova inteligência do mundo sem que isso significasse, porém, que, por estar sendo percebido de forma diferente, já tivesse sido o mundo transformado. Mas isso significava que, por causa da nova inteligência do mundo seria possível criar-se a disposição para mudá-lo.

*Paulo Freire, 2013*

---

<sup>212</sup> Participe da nossa revolução algorítmica pela permanência da democracia em nosso futuro. Acesse: [reglus.me](http://reglus.me)

Como última noção compreendida pelo texto, mas não derradeira de nosso processo de pesquisa, apresentamos o “*Fórum 3 - Atividade 1 - Akinator, o gênio da internet*”, onde tínhamos como objetivo a possibilidade de demonstrar, de forma prática e lúdica como alimentamos algoritmos ao fazermos escolhas e ao prover informações de forma consciente ou inconsciente em nosso cotidiano. Desse modo, nos apropriamos dos usos promovidos pelo aplicativo do *Akinator*<sup>213</sup>, um jogo digital inspirado no jogo “20 perguntas<sup>214</sup>” (*twenty questions of my life* na sua nomenclatura original em inglês), que “adivinha” o personagem, objeto ou lugar que o jogador está pensando através de vinte perguntas que alimentam seu algoritmo.

Na proposta original do jogo a dinâmica consiste em: (1) Escolher uma pessoa para pensar e escolher um lugar, uma pessoa ou um objeto que ela saiba o suficiente para responder algumas perguntas básicas; (2) escolher uma ou mais pessoas para tentar descobrir o que a primeira pessoa pensou. (3) Quem está tentando adivinhar em quem ou o que a pessoa está pensando deve fazer até 20 perguntas, cuja resposta possa ser apenas “sim” ou “não”. (4) Joga-se então até atingir 20 perguntas, onde vence quem pensou (caso não se descubra o personagem), ou até alguém dar um palpite correto, sendo assim o vencedor. Em seu novo arranjo no digital, o *Akinator* realiza inferências através de um algoritmo muito bem estruturado que roteia um mapa dos possíveis resultados a partir de uma série de decisões relacionadas (árvore de decisão<sup>215</sup>). Desse modo, quando recebe as respostas inseridas pelo jogador, ele seleciona respostas (probabilidades) em um banco de dados formado por questões de eliminação até que apenas uma permaneça.

O *Akinator* foi fundado em 2007 e seus resultados costumavam falhar muito. No entanto, na medida em que novas pessoas passaram a acessar o jogo, seu banco de dados aumentou consideravelmente, o que fez com que o gênio acerte quase sempre. Mesmo após 10 anos de seu lançamento, o jogo *Akinator* ainda chama muita atenção, sobretudo de usuários principiantes.(VELASCO, 2020)

---

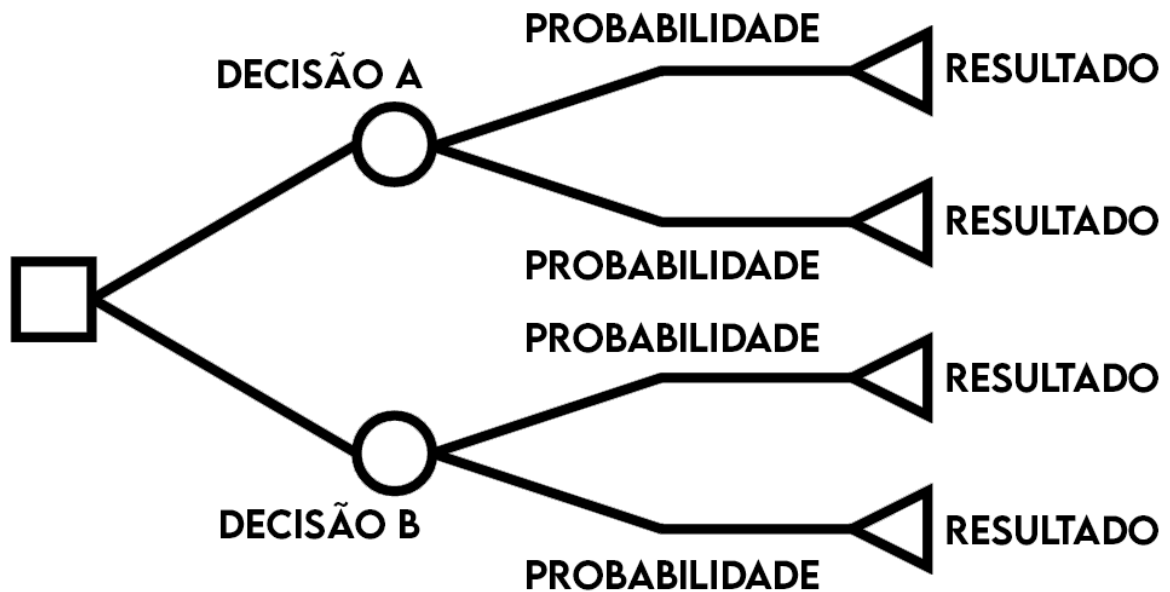
<sup>213</sup> Olá, eu sou o Akinator. Fonte: <https://bit.ly/akinatorjogo>

<sup>214</sup> Como Jogar 20 Perguntas. Fonte: <https://bit.ly/20perguntasjogo>

<sup>215</sup> “Uma árvore de decisão é um mapa dos possíveis resultados de uma série de escolhas relacionadas. Pode ser usada tanto para conduzir diálogos informais quanto para mapear um algoritmo que prevê a melhor escolha, matematicamente. Uma árvore de decisão geralmente começa com um único nó, que se divide em possíveis resultados. Cada um desses resultados leva a nós adicionais, que se ramificam em outras possibilidades. Assim, cria-se uma forma de árvore. Existem três tipos de nós: nós de probabilidade, nós de decisão e nós de término. O nó de probabilidade, representado por um círculo, mostra as probabilidades de certos resultados. Um nó de decisão, representado por um quadrado, mostra uma decisão a ser tomada, e um nó de término mostra o resultado final de um caminho de decisão.” Conceito de árvore de decisão. Fonte: <https://bit.ly/arvorededecisoies>



Figura 56 - Exemplo de funcionamento de uma árvore de decisão



Fonte: adaptado de <https://bit.ly/arvorededecisoes>

Nessa configuração, uma informação de entrada (*input*) passa então por diversas etapas que poderão alterar seu estado, gerando uma informação de saída (*output*). Um algoritmo é assim uma sequência de passos lógicos necessários para executarmos uma tarefa. “Em outras palavras, é como se fosse um passo a passo para resolver um problema, com instruções simples e exatas” (COUTINHO, 2020). De modo semelhante o algoritmo do *Akinator* processa nossas respostas (entradas): “sim”, “não”, “não sei”, “provavelmente sim” e “provavelmente não”, para pesquisar em seu banco de dados de modo a fornecer a resposta correta (saída) para o personagem ou objeto imaginado. Além disso, quando o algoritmo não consegue encontrar uma correspondência entre a entrada recebida e o conjunto de dados armazenados em sua base, ele solicita que o jogador insira a resposta esperada para aquele conjunto de interações possa aprimorar o seu funcionamento em perspectiva de aprendizagem de máquina<sup>216</sup> (*machine learning*).

<sup>216</sup> “O aprendizado de máquina (em inglês, machine learning) é um método de análise de dados que automatiza a construção de modelos analíticos. É um ramo da inteligência artificial baseado na ideia de que sistemas podem aprender com dados, identificar padrões e tomar decisões com o mínimo de intervenção humana”. Fonte: <https://bit.ly/malearning>

Em diálogo então com o aplicativo as primeiras narrativas e imagens começaram a surgir e já indicavam uma série de particularizações acerca dos resultados encontrados, conforme pode ser observado no diálogo entre as praticantes, Ana Angélica, Gabriella, Natália e Maria Clara reproduzido a seguir.

Figura 57 - Interações com/entre praticantes da disciplina

**Re: Fórum 3 - Atividade 1 - Akinator, o gênio da internet**  
por **Ana Angélica Da Silva Aluno(a)** - UERJ - PLI - PAR - terça, 24 ago 2021, 00:51



Olá pessoal

Eu achei o aplicativo AKINATOR bem top ele adivinha mesmo em quem você esta pensando gostei muito do jogo e interessante mexe com sua mente. A primeira vez que joguei confesso que não conhecia pois não me ligo muito em joguinhos mais achei divertido ele te passa a ilusão que o guru sabe realmente o que esta pensando e uma brincadeira saudável onde ele consegue adivinhar varias pessoas ate meu filho gostou de jogar e bem divertido pois estimula a querer saber quem mas ele conhecer gostei muito foi uma experiência boa ele adivinha mesmo

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 3 - Atividade 1 - Akinator, o gênio da internet**  
por **Gabriella Mendonca Da Silva Aluno(a)** - UERJ - PLI - PAR - terça, 24 ago 2021, 19:44

Ana, fiquei passada também! Como pode né? Com apenas algumas perguntas, descobrir quem estavamos pensando fiz 2 vezes, para ter certeza que iria adivinhar, E nas 2 vezes o jogo adivinhou. Hahaha, a internet é hilária mesmo.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 3 - Atividade 1 - Akinator, o gênio da internet**  
por **Natalia Silva Priori Aluno(a)** - UERJ - PLI - TRI - quarta, 25 ago 2021, 14:09

Boa tarde Gabriella!! Também achei o aplicativo bem interessante, porém em uma das jogadas ele só conseguiu adivinhar quando eu já havia respondido 25 perguntas, e olha que respondi direitinho todas as perguntas anteriores. Mas na maioria das vezes ele acertou de primeira.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 3 - Atividade 1 - Akinator, o gênio da internet**  
por **Maria Clara Da Conceicao Aluno(a)** - UERJ - PLI - PAR - sábado, 11 set 2021, 00:41

Verdade Gabriela, a internet é fantástica, e os criadores de games são extremamente fabulosos nessas criações, muita criatividade, o jogo é incrível, e adivinha mesmo.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

Partindo da fala de Ana Angélica: “*eu achei o aplicativo Akinator bem top*” porque “*ele adivinha mesmo em quem você está pensando*” percebemos que ela “*gostou muito do jogo*” “*por ser interessante e mexer com a sua mente*”. Apesar de ser a “*primeira vez que joga*”, já que confessa não conhecer “*pois, não se liga muito em joguinhos*”, ela achou divertido “*por ele te passar a ilusão que o guru sabe realmente o que está pensando*”. Ela vai dizer ainda que achou “*uma brincadeira saudável*” e que “*até meu filho gostou de jogar e achou bem divertido, pois estimula a querer saber quem mais ele vai conhecer*”, para afirmar que “*foi uma experiência boa*” já que “*ele adivinha mesmo*”. Percebemos aqui uma série de disparadores que vão agir de modo a perceber a percepção anterior da realidade e assumir uma nova inteligência do mundo (FREIRE, 2013, p. 120) praticada e vivida pela praticante de modo a reconfigurar-se nessa nova relação.

O primeiro fator que corrobora essa afirmação reside na análise da fala “*gostei muito do jogo, é interessante e mexe com sua mente*”, onde, ao dizer que o jogo mexeu com a sua mente revela a percepção do surgimento de uma outra forma de pensar sobre o dispositivo acionado, uma vez que confessa sua in experiência naquele letramento pelo fato de “*que não conhecia, pois, não me ligo muito em joguinhos*”. O uso da palavra jogo em seu diminutivo no plural, “joguinhos”, demonstra também uma relação dialógica preestabelecida entre a praticante e o ato de jogar, ou de não jogar, e, portanto não estabelecida até aquele momento. Essa expressão surge aqui de modo a revelar uma percepção inconsciente.

É preciso o inconsciente para que o consciente funcione. Nossa mente depende de um corpo, mas não sabemos o que se passa dentro de nosso corpo [...] O inconsciente está em toda parte, o que é maravilhoso na pesquisa é que estamos numa nuvem — num oceano — de desconhecimento e de inconsciência. Meu trabalho atual chama-se “o conhecimento do conhecimento” porque o conhecimento não se conhece a si mesmo. E se ele quiser se conhecer, encontra um pequeno pedaço de conhecimento nos trabalhos de neurociência, um outro pequeno pedaço, uns vislumbres, nos trabalhos sobre computadores, a inteligência artificial, um outro na psicologia, outro na psicologia cognitiva, outro na lógica. (MORIN, 2005, p. 73)

Em desconhecimento de nossa própria inconsciência e em busca de juntar pedaços de nossos conhecimentos em convergência de consciências, percebemos que mesmo a inteligência artificial embutida na composição dos aplicativos mais simples em nossos

dispositivos constituem agenciamentos importantes para percebermos os limites do nosso conhecimento ou ainda os limites das possibilidades de nossa mente.

Esses engendramentos podem ser percebidos através das narrativas de Gabriela e Natália quando dizem: “*como pode né? Com apenas algumas perguntas descobrir em quem estamos pensando*” de modo a afirmar que “*na maioria das vezes ele acertou de primeira*”. Uma impressão que pode ser resumida inclusive na fala da praticante Maria Clara, quando vai dizer que “*a internet é fantástica, e os criadores de games são extremamente fabulosos nessas criações*”. Percebemos assim que essas estruturas algorítmicas esculpidas por artistas que detêm a compreensão (domínio) da linguagem dos signos, dos códigos e das linguagens de programação, podem arquitetar, compor, tramar e tecer experiências formativas abertas e/ou concretas de modo a gerar compreensões outras, algumas até não intencionadas. Para isso, retomamos a frase de Ana Angélica ao dizer ser a “*primeira vez que joga*” para entender o resultado apresentado por ela na imagem.

Do resultado encontrado pela praticante, a despeito de todos os outros personagens e objetos pesquisados no cotidiano da disciplina de Informática na Educação, apenas o apresentado por Ana Angélica apresenta um assunto inerente a prática de jogos eletrônicos. Essa descoberta nos interessa no sentido de perceber não somente uma aparente contradição na informação fornecida anteriormente pela praticante, como também um novo sentido expresso por essa revelação. Pois, se ela “*não se liga muito em joguinhos*”, como poderia buscar encontrar no Akinator uma personalidade tão específica não apenas do mundo dos jogos eletrônicos, ainda mais do cenário competitivo dos esportes eletrônicos?

Em sua interação com o aplicativo, ou mais provavelmente na interação de seu filho com o mesmo, já que ele também “*gostou de jogar e achou bem divertido*”, percebemos que o personagem encontrado é Lucio dos Santos Lima, mais conhecido como “Cerol<sup>217</sup>”. Nascido no Rio de Janeiro, em 22 de dezembro de 1992 (30 anos), Cerol é um *eAtleta* (atleta de esportes eletrônicos - *eSports*) *youtuber e streamer*<sup>218</sup>, considerado um dos maiores daqueles que jogam *Free Fire* no Brasil. O *Free Fire* começou como um jogo de FPS (*first person shooter* - tiro em primeira pessoa), mas hoje é um movimento cultural que democratiza o acesso aos jogos eletrônicos nas camadas mais populares, disponibiliza o acesso gratuito à internet com a distribuição de chips de dados para participantes da Taça das Favelas *Free Fire*

---

<sup>217</sup> Da periferia do Rio de Janeiro para o mundo: quem é o streamer Cerol. Fonte: <https://bit.ly/cerolff>

<sup>218</sup> Streamer ou pro player: qual é a carreira certa para você? Fonte: <https://bit.ly/streamerouproplayer>



<sup>219</sup> - campeonato de eSports criado pela Favela Esporte em parceria com a CUFA (Central Única das Favelas) - e até mesmo oportunidades de semiose digital/informacional e alfabetização<sup>220</sup> de seus jogadores em ambientes informais de aprendizagem.

Figura 58 - Grafite com adaptação da grafia do jogo Free Fire (fogo livre) para Free Writer (escritor livre)



Fonte: capturado pelo autor próximo a escola onde trabalha

O fato de encontrarmos Cerol sendo apresentado pela praticante como resultado de sua busca revela também um processo cada vez maior de conscientização da prática de jogos eletrônicos entre adolescentes e jovens, o que ocorreu inclusive durante o período do auge da pandemia e do distanciamento físico. Enquanto quase tudo parou, o engajamento com esses *streamers* cresceu massivamente em contexto de presencialidade no digital, permitindo que esse público que estava em casa pudesse enfrentar em comunhão a solidão na quarentena. Desde então, um coletivo crescente de praticantes estão aderindo aos *streamings* de games, tanto como espectadores quanto como *streamers*, exibindo suas *gameplays*<sup>221</sup> e criando conexões com os espectadores nas salas de transmissão<sup>222</sup>. Um movimento cultural que não terminou com o fim do distanciamento e que pode inspirar outras ações inclusive, na prática docente, para atuar em multiplicidade de contextos, inclusive em razão do engajamento.

<sup>219</sup> Free Fire: Taça das Favelas 2021 abre inscrições. Fonte: <https://bit.ly/tacadafavelas2021>

<sup>220</sup> Free Fire: conheça Pietrinn, streamer de 5 anos que aprendeu a ler fazendo lives. Fonte: <https://bit.ly/lernalive>

<sup>221</sup> “Gameplay é o valor de entretenimento de um jogo de eletrônico, incluindo aspectos tais como interface do usuário e game design. É também o passo-a-passo executado através de um jogo, um ciclo de um determinado jogo ou a maneira em que o jogador interage com a mecânica do jogo”. Discutindo o Conceito de Gameplay. Hélia Vannucchi e Gilberto Prado. Fonte: <https://bit.ly/oqueegameplay>

<sup>222</sup> Como streamers de games ajudam seus públicos a enfrentarem o isolamento social. Carolina Cozer. Fonte: <https://bit.ly/streamnapandemia>

Em meio ao coletivo de *bolinhas* com iniciais coloridas das câmeras fechadas nos ambientes virtuais de aprendizagem, a docência tem buscado sentido em uma formação que carece de engajamento. Revela-se aí a necessidade de investimento em inclusão cibercultural, de semiose digital e informacional do professor, isto é, da expertise entendida como engajamento criativo com a dinâmica comunicacional online baseada na sintonia fina com o movimento dos dispositivos e interfaces em mobilidade ubíqua (SANTOS, 2019, p. 55). Ainda sobre o engajamento, o próprio Cerol vai dizer<sup>223</sup> que este “*é papel dos streamers*” e porque não, também dos docentes, “*nesse momento tão delicado*” de “*manter essa relação firme e presente, para o bem de todos. Eles me ajudam nesse momento e eu os ajudo. Isso cria uma relação sólida e duradoura*”

O ambiente de rede social, onde uma pessoa pode se comunicar com muitas, onde todos podem encontrar todos e colaborar com todos, no espaço e no ciberespaço em mobilidade e ubiquidade. As pessoas podem publicar rapidamente e, com facilidade, ser encontradas, lidas, com outras pessoas podendo reagir aos seus conteúdos. A web 2.0 não se baseia na distribuição de informação própria dos meios de massa do século xx, de uma pessoa para uma massa de muitas pessoas. É uma questão de tentar engajar uma audiência e ouvir o que ela tem a dizer. Por isso, a web 2.0 funciona somente com base na participação e colaboração autorais dos seus usuários. (SANTOS, 2020, p. 19)

Nesse sentido, nosso principal engajamento precisa ser com a formação de pesquisadores e docentes em processos de formação inicial e continuada (*ibid.*, p. 191), na criação e democratização de processos formativos que sejam inspirados na participação e colaboração autorais dos seus praticantes culturais. Esse processo pode ocorrer a partir de um novo entendimento do que se entende por dispositivos de aprendizagem, e desse modo, até mesmo um jogo de *smartphone* como o *Free Fire* pode compreender outras leituras mais livres (assim como a do grafite *Free Writer*) em busca de engajar ativamente uma audiência e ouvir o que ela tem a dizer. Em analogia com o filme de nome similar, *Escritores da Liberdade*<sup>224</sup> (*Freedom Writers*), cabe ao professor idealista o mergulho na escola das redes, marcada hoje pelo ódio e pela mentira, em busca de *aprenderensinar* novas artes de fazer com os praticantes. Assim, para fazer com que a partilha ocorra e que o interesse aumente, todo

---

<sup>223</sup> Cerol e El Gato, streamers recordistas da NimoTV, contam como a pandemia influenciou o comportamento dos espectadores em suas lives — e o que eles têm feito para ajudá-los nesse período desafiador. <https://bit.ly/streamnapandemia>

<sup>224</sup> *Escritores da Liberdade*: “Chocada com a violência que seus alunos enfrentam fora da escola, uma jovem professora os ajuda a descobrir todo o potencial deles”. Netflix. Disponível em: <https://bit.ly/edaliberdade>

educador vai precisar se reinventar um pouco, apostar em diferentes dispositivos de ensino e pesquisa em busca de aparelhar-se para se empenhar em uma causa.

Percebendo a importância do sentido expresso nessa noção, aciono meu próprio letramento relativo a jogos eletrônicos em busca de conhecer e se reconhecer na narrativa e imagem da praticante cultural para então disparar a seguinte questão: *“muito interessante o seu resultado! Você e seu filho acompanham jogos online como o Free Fire? Vi uma reportagem de um menino de 5 anos que aprendeu a ler com esse jogo. Como você percebe essa nova forma de aprender usando jogos e aplicativos?”*

Figura 59 - Interações com/entre praticantes da disciplina

**Re: Fórum 3 - Atividade 1 - Akinator, o gênio da internet**  
por [Wallace Carrico De Almeida Tutor a Distância](#) - sexta, 27 ago 2021, 09:15

Olá, Ana! Muito interessante o seu resultado! Você e seu filho acompanham jogos online como o Free Fire? Vi uma reportagem de [um menino de 5 anos que aprendeu a ler com esse jogo](#). Como você percebe essa nova forma de aprender usando jogos e aplicativos?

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 3 - Atividade 1 - Akinator, o gênio da internet**  
por [Adriana Catarina Da Silva Aluno\(a\) - UERJ - PLI - ROC](#) - domingo, 29 ago 2021, 18:59

Que interessante. Tenho uma experiência aqui na minha casa. O meu filho foi alfabetizado no computador, quando ele foi para a escola foi um problema sério, pois ele teve que aprender a escrever com o lápis e ele detestava, tive que levar ele pra fazer sessões com uma psicóloga especializada em psicomotricidade para aprender a coordenação motora fina. Ele também aprendeu inglês nos jogos da internet. Hoje ele escreve e fala fluentemente inglês. Novos tempos!

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

**Re: Fórum 3 - Atividade 1 - Akinator, o gênio da internet**  
por [Wallace Carrico De Almeida Tutor a Distância](#) - quinta, 2 set 2021, 08:40

Sim, Adriana! Novos tempos! Em tempos não tão antigos assim, eu também aprendi inglês com jogos de RPG! Na sua visão, como podemos nos preparar para atender esse público?

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

A praticante Adriana contribui nessa questão ao comentar: *“Tenho uma experiência aqui na minha casa. O meu filho foi alfabetizado no computador, quando ele foi para a escola foi um problema sério, pois ele teve que aprender a escrever com o lápis e ele detestava, tive que levar ele pra fazer sessões com uma psicóloga especializada em psicomotricidade para aprender a coordenação motora fina. Ele também aprendeu inglês nos jogos da internet. Hoje*



*ele escreve e fala fluentemente inglês. Novos tempos!”* A praticante vem então ampliar a discussão de forma inimaginada ao afirmar que o *“filho foi alfabetizado no computador”*, mas precisou passar por acompanhamento profissional para ter *“que aprender a escrever com o lápis”*, coisa que *“ele detestava”*.

Não seria, porém, com essa educação desvinculada da vida, centrada na palavra, em que é altamente rica, mas na palavra “milagrosamente” esvaziada da realidade que deveria representar, pobre de atividades com que o educando ganhe a experiência do fazer, que desenvolveríamos no brasileiro a criticidade de sua consciência, indispensável à nossa democratização. Nada ou quase nada existe em nossa educação que desenvolva no nosso estudante o gosto da pesquisa, da constatação, da revisão dos “achados” — o que implicaria o desenvolvimento da consciência transitivo-crítica. Pelo contrário, a sua perigosa superposição à realidade intensifica no nosso estudante a sua consciência ingênua. A própria posição da nossa escola, de modo geral acalentada ela mesma pela sonoridade da palavra, pela memorização dos trechos, pela desvinculação da realidade, pela tendência a reduzir os meios de aprendizagem às formas meramente nocionais, já é uma posição caracteristicamente ingênua (FREIRE, 2015, p. 90)

O *“filho foi alfabetizado no computador”* e *“também aprendeu inglês nos jogos da internet”*, mas isso não foi suficiente para evitar que fosse embalado pelas tendências reducionistas, pelos meios de aprendizagem meramente nocionais, para a reprodução ingênua de práticas estabelecidas. Se já sabia as letras no suporte digital, por que não propor que as escrevesse nesse mesmo recurso mediando seus parceiros? Partilhar esses saberes coletivamente com outros praticantes e também com o professor (e este aprender e desaprender-se com o praticante), para então receber também, pela partilha hipertextual, outras concepções mais autorais e colaborativas da leitura e da escrita compreendidas também pelo suporte atômico? Concordando com Adriana, *“novos tempos”* exigem novas atitudes.

Entram, assim, em pauta os dilemas relativos a vida e a pesquisa na cibercultura. Em via de reconfiguração da realidade, de promoção de uma experiência formativa que seja significativa, é preciso o exercício de uma outra consciência docente que seja também crítica. Como base fundamental de uma mentalidade democrática, uma revisão de nossas práticas em criticidade de sentido é atitude determinante para a formação docente coerente com o nosso tempo. Em um processo implicado com os fenômenos emergentes e seus agenciamentos pelas redes de relações, deve-se forjar uma abordagem de atuação que insira o mergulho nas táticas dos praticantes como parte de seu próprio processo formativo, compreendidas, portanto como inspiração ativa e constituinte de sua metodologia. Como forma de percepção e alteração de sua condição e de sua circunstância no mundo.

Quanto mais crítico um grupo humano, tanto mais democrático, e permeável, em regra. Tanto mais democrático quanto mais ligado às condições de sua circunstância. Tanto menos experiências democráticas que exigem dele o conhecimento crítico de sua realidade, pela participação nela, pela sua intimidade com ela, quanto mais superposto a essa realidade e inclinado a formas ingênuas de encará-la. A formas ingênuas de percebê-la. A formas verbosas de representá-la. Quanto menos criticidade em nós, tanto mais ingenuamente tratamos os problemas e discutimos superficialmente os assuntos. Esta nos parecia uma das grandes características de nossa educação. A de vir enfatizando cada vez mais em nós posições ingênuas, que nos deixam sempre na periferia de tudo o que tratamos. Pouco, ou quase nada, que nos leve a posições mais indagadoras, mais inquietas, mais criadoras. Tudo, ou quase tudo, nos levando, desgraçadamente, pelo contrário, à passividade, ao “conhecimento” memorizado apenas, que, não exigindo de nós elaboração ou reelaboração, nos deixa em posição de inautêntica sabedoria. (ibid, p. 91)

Desse modo, enfatizando cada vez mais em nós as posições críticas acerca de nossa própria ingenuidade para encarar a nossa realidade, reconhecemos nesta pesquisa que o cenário cibercultural, a era da inteligência artificial (*Web 4.0*<sup>225</sup>) e da mobilidade ubíqua é favorável à educação crítica e democrática. Entretanto, chamamos a atenção também para o iminente desafio do letramento cibercultural docente pelos mesmos dispositivos que hoje são agenciados em função da desinformação, da conscientização do mesmo ao que se passa no atual cenário sociotécnico para que esteja preparado para a luta por um futuro diferente.

Uma vez que se consolida como ambiência comunicacional favorável à autoria, compartilhamento, conectividade, colaboração e interatividade, a cibercultura em sua fase atual potencializa as práticas pedagógicas baseadas em fundamentos valorizados como autonomia, diversidade, dialógica e democracia. De nada adiantam as potencialidades comunicacionais favoráveis à educação em nosso tempo se o professor se encontra alheio ao que se passa no atual cenário sociotécnico. Para tanto, faz-se necessária imersão das práticas culturais do nosso tempo integrando vida cultura, docência e pesquisa. (SANTOS, 2019, p. 33)

Para propor uma prática que nos permita transpor essa perigosa superposição à realidade que busca intensificar em nós e em nossos praticantes uma consciência ingênua, a alienação do momento em que vivemos e uma educação desvinculada da vida é que intencionamos o mergulho nas práticas culturais do nosso tempo. Integrando a boniteza da vida à nossa astúcia própria de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos e capazes de intervenção, dialogamos com Adriana para dizermos que “*em tempos não tão distantes assim, eu também aprendi inglês*” com jogos eletrônicos, mais especificamente “*com*

---

<sup>225</sup> “A web 4.0 é um conjunto de soluções/artefatos que estão na internet, no que entendemos por web, mas que estão também na cidade, através da internet das coisas, da Inteligência Artificial, e até dos próprios processos de produção de bens, serviços e conhecimento, a exemplo das startups, dos fablabs, do co-worker, das mídias locativas, das tecnologias que levam as informações das cidades para o ciberespaço e vice-versa.” Edméa Santos. Fonte: <https://bit.ly/web40teccogs>

*jogos de RPG*<sup>226</sup>”. Os jogos desse gênero, por compreenderem narrativas digitais altamente interativas, apresentam oportunidades de aprendizagem não apenas de uma língua adicional, mas também a de um outro letramento interpretativo através da possibilidade de se construir coletivamente no digital uma história, como se fosse um teatro de improviso.

O computador nos proporciona um novo cenário para o teatro participativo. Estamos aprendendo pouco a pouco a fazer o que fazem os atores: a representar emoções autênticas que sabemos que não são “reais”. Quanto mais persuasiva for a representação sensorial do espaço digital, mais presentes nos sentiremos no mundo virtual, e, portanto, seremos capazes de realizar muito mais ações. A facilidade com que os jogadores de MUD e RPG adaptam personagens sugere que há um grupo crescente capaz de representar outros papéis. Pouco a pouco, nós estamos nos convertendo em um grupo de teatro mundial, que pode adaptar papéis em histórias participativas cada vez mais complexas. Estamos iniciando a descoberta das convenções participativas que definiram a quarta parede do teatro virtual: os gestos expressivos que enriqueceram e preservaram o encantamento da imersão (MURRAY, 1999, p.138, apud ALVES, 2013, p. 13).

Em outras palavras, a participação nestas redes de colaboração onde os jogadores atuam em narrativas cada vez mais complexas, criando ambientes que se transformam em verdadeiros mundos interativos e socializam suas produções construídas a partir da participação de inúmeros interatores, delinea o contexto atual de emergência da inteligência coletiva (ALVES, 2013, p. 16). A inteligência coletiva para Levy (2019, online) “*é algo muito velho*”, anterior a espécie humana, mas que permite outros aportes e configurações na era digital. Ele vai dizer ainda que embora a comunicação, coordenação e colaboração seja muito frequente entre os insetos, e possa ser percebida na atuação das abelhas (na produção coletiva de mel, satisfazendo a comunidade que vive nas colmeias) e das formigas (na sinalização química para coesão das ações), essa relação é muito mais presente entre os mamíferos e, particularmente nos primatas. Os seres humanos, por serem parte dessa ordem e por serem animais sociais, ampliam a noção da inteligência coletiva pela perspectiva da linguagem.

A linguagem é o que permite o acúmulo de conhecimento de geração para geração e serve para criar novas formas de coordenar e cooperar, muito mais complexas do que no mundo animal. Então, cada vez que nós somos capazes de empoderar nossa habilidade linguística, por exemplo com o desenvolvimento da escrita, dos meios de comunicação em massa e, agora, com a comunicação digital, nós aumentamos nossa inteligência coletiva. (LEVY, 2019, online)

Desse modo, quanto mais a nossa linguagem estiver presente no mundo virtual, mais capazes seremos de realizar outras ações coletivas em via de aprendizagem. Nessa

---

<sup>226</sup> Aquisição de inglês como língua adicional através da mesclagem conceptual em videogames de RPG. Luciana Braga Carneiro Leão Junqueira. Redoc. Disponível em: <https://bit.ly/idiomanorpg>

perspectiva, cabe agora o desafio de remodelar, ressignificar e transformar os dispositivos com os quais estamos interagindo, de acordo com nossa imaginação, necessidade ou desejo (ALVES, 2013, p. 9). Um caminho efetivo para o desenvolvimento dessa nova consciência precisa então passar por uma percepção anterior de sua realidade de opressão em busca da ascensão de uma nova inteligência ativa do mundo, a do desejo, para ser possível criar-se coletivamente a disposição para mudá-lo.

Enquanto percebemos que o universo é uma enorme inteligência despertando para si própria graças a uma evolução da linguagem que estende seu próprio movimento, entendemos que a nossa missão é fazer crescer esse cérebro do mundo. Um cérebro mais e mais poderoso e livre que incluirá o mundo em sua substância (LÉVY, 2008, p. 67). De modo que a nossa vivência e permanência no ciberespaço, permeada por essas experiências cada vez mais colaborativas, sobretudo no âmbito das tecnologias digitais em rede, possibilite novas interpretações da/na cultura que modifiquem o nosso comportamento. É, portanto, nesse metaverso<sup>227</sup> de noções interpretativas, representativas e ativas que compreendem as novas experiências no ciberespaço, que intencionamos deslocar sentidos mais humanos para esta realidade virtual. Que para além das interpretações mais nefastas desse processo pelo capitalismo, nos mais diversos formatos, como o aumento da crise energética na exploração dos recursos naturais nas fazendas de criptomoedas<sup>228</sup> e a ampliação da desigualdade humana na mineração de NFTs<sup>229</sup>, empreguem um processo mais compreensivo dos usos dos dispositivos informacionais e da descentralização de dados da rede para a aquisição de uma nova habilidade cognitiva.

A memória é uma das mais importantes dessas habilidades. Há muita memória em comum que está à disposição de todos. Podemos aumentar nossa memória [com o conteúdo disponível digitalmente], nossa capacidade racional, por exemplo, ao analisar todos esses dados que estão na rede. Podemos aumentar nossa habilidade de coordenar e colaborar, por exemplo, pelo uso de redes sociais. (LEVY, 2019, online)

Assim, como é possível criar-se no digital a disposição para aprender e se inserir em uma nova cultura, o uso formativo de um letramento que seja capaz de coordenar e colaborar

---

<sup>227</sup> “Compreendemos metaverso como uma terminologia utilizada para indicar um tipo de mundo virtual que tenta replicar a realidade por meio de dispositivos digitais, não necessariamente de imersão, ou seja, que desloquem os sentidos de uma pessoa para esta realidade virtual”. Second life e educação: contextualização, possibilidades e experiência. Disponível em: <https://bit.ly/definindometaverso>

<sup>228</sup> Como a operação com criptomoedas produz desastre ambiental. Disponível em: <https://bit.ly/criptomeio> e Mineração de bitcoin e outras moedas causa crise de energia em mais um país. Disponível em: <https://bit.ly/crbit>

<sup>229</sup> Jogos em blockchain “play-to-earn” criam cenário propício para trabalho informal e precarizado. Disponível em: <https://bit.ly/playtoearnoverloadr>

humanos pelo uso de redes sociais pode atuar em perspectiva do desenvolvimento de uma nova consciência. Uma nova memória que pode também inspirar e desenvolver em nossas práticas educativas e de pesquisa atos de currículos que lancem mão desses dispositivos para forjar outras formas de analisar todos esses dados que estão na rede, na consolidação de um instrumento cultural de aprendizagem.

A “inteligência coletiva”, se materializa nos fenômenos da música eletrônica, das lan houses, no software livre, no ativismo digital. Então por que a educação não poderia também se basear nesse movimento próprio da cibercultura? (SANTOS, 2019, p. 64)

Baseando-se nesse movimento próprio da cibercultura e em busca de existir em atos de currículo que desenvolvam em nossos praticantes a emergência da pesquisa, da constatação, da revisão dos “achados”, implicando o desenvolvimento da consciência transitivo-crítica no digital, formamos e nos formamos na bricolagem dos dispositivos de pesquisa-formação na cibercultura acionados em cada contexto específico. Acionando algoritmos e bases de dados para alterar objetos, códigos e indivíduos, reapropriando-se na percepção consciente no ciberespaço, criando outros usos e novos jeitos capazes de gerar pela linguagem outras vivências. Vivências essas que só podem ser percebidas quando há a mudança de paradigma do processo interativo coletivo para um processo de educação online.

O que muda então com a educação online? Além da autoaprendizagem, as interfaces dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAS) permitem a interatividade e a aprendizagem colaborativa, ou seja, além de aprender com o material, o participante aprende na dialógica com outros sujeitos envolvidos – professores, tutores e principalmente outros cursistas –, através de processos de comunicação síncronos e assíncronos (fórum de discussão, lista, chats, blogs, webfólios, entre outros). Isso é revolucionário, inclusive quebra e transforma o conceito de distância. Se bem apropriada por cursistas e professores, a educação online deixa de ser EAD para ser simplesmente educação. (SANTOS, 2019, p. 72)

A utopia da inteligência coletiva é gerar na era digital o oposto de inteligência artificial (LÉVY, 2019). Desse modo a segunda etapa do projeto Reglus (que compreende a ação efetiva do chatbot) não busca usar algoritmos para desenvolver máquinas ainda mais inteligentes, mas, em vez disso, usar esses dispositivos para gerar ambiências formativas de inteligência coletiva suportada por humanos.

Para mim, inteligência coletiva é um projeto na era digital que é quase o oposto de inteligência artificial. Em vez de usar computadores para desenvolver máquinas inteligentes, deveríamos usar os computadores para nos tornar mais inteligentes. É claro que não sou contra o aspecto técnico de inteligência artificial, mas acho que o objetivo geral não deveria ser inteligência artificial, mas inteligência coletiva[...] Em vez de ter palavras escritas com tinta em papel, você tem códigos digitais que não

são totalmente materiais, é claro, mas que têm que estar em um computador em algum lugar. A quantidade de informação e qualidade da memória são melhores e é acessível de todo lugar. O que falta é a habilidade e educação para tirar o melhor dessas possibilidades. (LÉVY, 2019)

Não para formar docentes pelo artificial e nem tampouco artificializar a docência, mas para aprimorar as possibilidades compreendidas pela linguagem de programação, em sincronicidade com desenvolvimento da inteligência coletiva, da colaboração, da reflexão conjunta desses praticantes e de nós mesmos em busca de constituir-nos como uma memória comum, um testemunho, contra essa nova forma de poder infonômico, o que tem evidente, mas sobretudo interesse político.

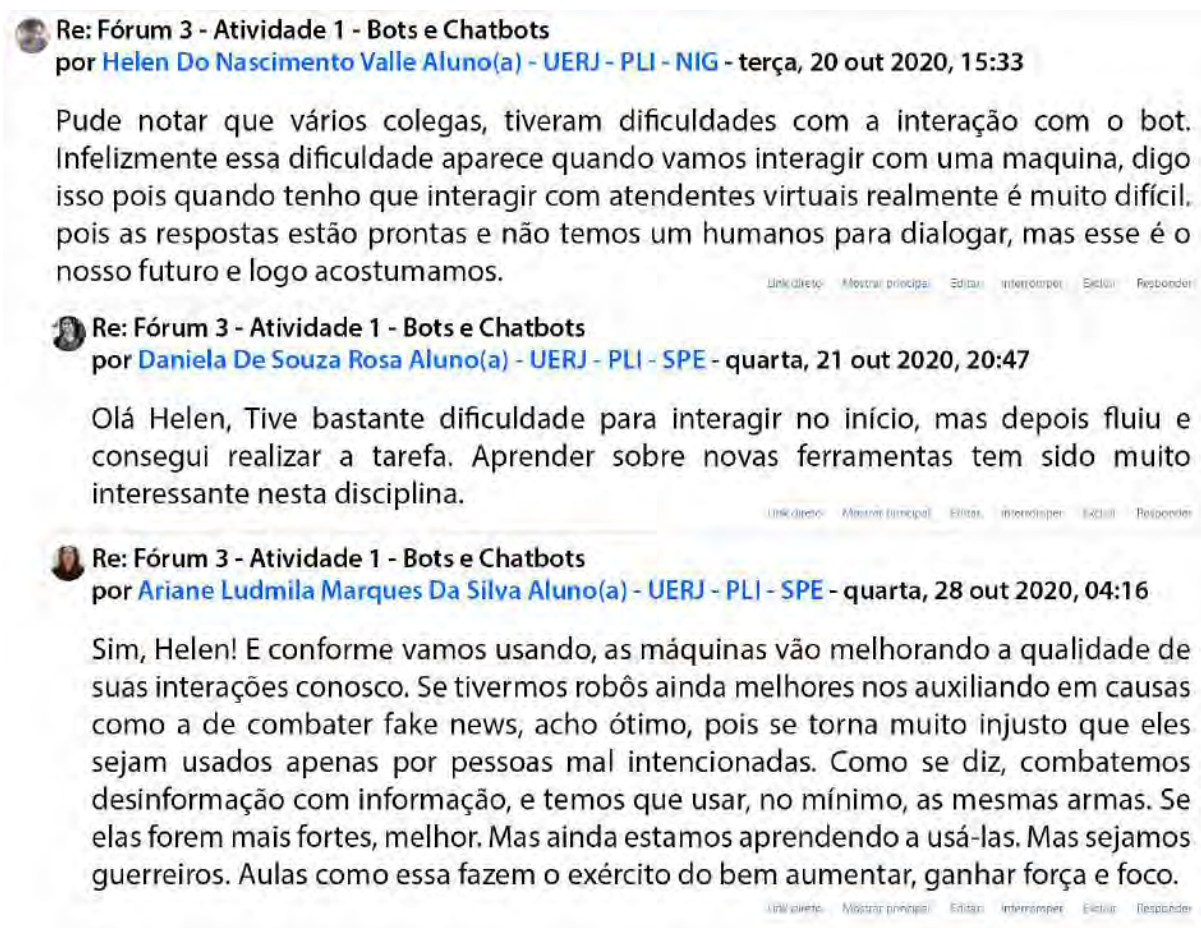
A proposta de nossa relação dialógica, *“compreendida de modo a organizar um movimento que busca difundir opinião e informação, agregar pessoas e promover ações físicas e digitais para expressar um contradiscurso em relação aos problemas cotidianos causados pelas fake news”* (ver *“Prazer, meu nome é Reglus”*) busca permitir, portanto, que os praticantes culturais da comunicação cocriem não somente a mensagem e a comunicação em linguagem natural que será replicada pelo *chatbot*, como também o seu próprio processo formativo em relação com outros corpos e os objetos técnicos da cidade e do ciberespaço.

Nesse novo espaço de atuação, os praticantes da disciplina são impulsionados a acompanhar as ressonâncias de suas verificações tomando nova materialidade para um contexto formativo público situado na *web*. Com o disparador de gerar um processo formativo coletivo e público, a autoria do praticante atua também de forma transformadora em sua percepção pessoal, embrionando no âmago do indivíduo uma nova visão crítica-consciente de sua interferência na cidade e no ciberespaço. Assim, por nos tornamos capazes de representar outros papéis e, pouco a pouco, estarmos nos convertendo em um coletivo de educadores para a verificação de fatos, poderíamos agora escrever nossa própria história de forma implicada no meio condicionante, como agentes produtores da escrita do mundo.

Isso abre maiores chances para que os discursos se tornem mais abertos e fluídos, o que diminui bastante as fronteiras e distâncias existentes no processo de comunicação entre emissores e receptores, sem que, com isso, os agentes produtores percam a sua singularidade. É a própria escrita do mundo, confundida com sua leitura, que tende a se tornar coletiva e anônima (ALVES, 2013, p. 9)

Mas para romper fronteiras é preciso modificarmos a lógica de uso dos dispositivos.

Figura 60 – Interações de praticantes relatando sua experiência com o *chatbot* do Reglus



The figure consists of three screenshots of forum posts from a Moodle platform. Each post is titled 'Re: Fórum 3 - Atividade 1 - Bots e Chatbots' and includes a user profile picture, name, and affiliation. The first post is by Helen Do Nascimento Valle Aluno(a) - UERJ - PLI - NIG, dated 20 out 2020, 15:33. The second is by Daniela De Souza Rosa Aluno(a) - UERJ - PLI - SPE, dated 21 out 2020, 20:47. The third is by Ariane Ludmila Marques Da Silva Aluno(a) - UERJ - PLI - SPE, dated 28 out 2020, 04:16. Each post contains a paragraph of text and a set of action links at the bottom: 'Link direto', 'Mostrar principal', 'Editar', 'Interromper', 'Excluir', and 'Responder'.

**Re: Fórum 3 - Atividade 1 - Bots e Chatbots**  
por **Helen Do Nascimento Valle Aluno(a) - UERJ - PLI - NIG** - terça, 20 out 2020, 15:33

Pude notar que vários colegas, tiveram dificuldades com a interação com o bot. Infelizmente essa dificuldade aparece quando vamos interagir com uma maquina, digo isso pois quando tenho que interagir com atendentes virtuais realmente é muito difícil, pois as respostas estão prontas e não temos um humanos para dialogar, mas esse é o nosso futuro e logo acostumamos.

**Re: Fórum 3 - Atividade 1 - Bots e Chatbots**  
por **Daniela De Souza Rosa Aluno(a) - UERJ - PLI - SPE** - quarta, 21 out 2020, 20:47

Olá Helen, Tive bastante dificuldade para interagir no início, mas depois fluiu e consegui realizar a tarefa. Aprender sobre novas ferramentas tem sido muito interessante nesta disciplina.

**Re: Fórum 3 - Atividade 1 - Bots e Chatbots**  
por **Ariane Ludmila Marques Da Silva Aluno(a) - UERJ - PLI - SPE** - quarta, 28 out 2020, 04:16

Sim, Helen! E conforme vamos usando, as máquinas vão melhorando a qualidade de suas interações conosco. Se tivermos robôs ainda melhores nos auxiliando em causas como a de combater fake news, acho ótimo, pois se torna muito injusto que eles sejam usados apenas por pessoas mal intencionadas. Como se diz, combatemos desinformação com informação, e temos que usar, no mínimo, as mesmas armas. Se elas forem mais fortes, melhor. Mas ainda estamos aprendendo a usá-las. Mas sejamos guerreiros. Aulas como essa fazem o exército do bem aumentar, ganhar força e foco.

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

Esse fato pode ser verificado nas narrativas de Helen, Daniela e Ariane. Por perceber “*que vários colegas, tiveram dificuldades com a interação com o bot*”, Helen deduz que “*essa dificuldade aparece quando vamos interagir com uma máquina, digo isso, pois quando tenho que interagir com atendentes virtuais realmente é muito difícil*”. Para ela, a questão principal que impede a comunicação, deve-se ao fato que as “*respostas estão prontas e não temos um humano para dialogar, mas esse é o nosso futuro e logo acostumamos.*”

Há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios. Em que não se esgota num tipo padronizado de resposta. A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. Faz tudo isso com a certeza de quem usa uma ferramenta, com a consciência de quem está diante de algo que o desafia. Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade. E há também uma nota presente de criticidade. A captação que faz dos dados objetivos de sua realidade, como dos laços que prendem um dado a outro, ou um fato a outro, é naturalmente crítica e, por isso, reflexiva e não reflexa, como seria na esfera dos contatos. (FREIRE, 2015, p. 40)



Um ponto importante a se demarcar em nosso processo formativo com o *chatbot* é a questão da pluralidade. Nunca foi a nossa intenção a proposição de respostas prontas para a ampla variedade dos seus desafios que hoje assolam a nossa realidade, muito pelo contrário. Nosso objetivo com a implicação desse dispositivo foi a de agir de modo a organizar docentes coletivamente em face de um mesmo desafio: produzir um contradiscurso ante o avanço do império da pós-verdade. Por isso mesmo e por sermos muitos, plurais e diversos acreditamos que a singularidade proveniente da união de mentes tão distintas entre si, pode proporcionar a nota final em um hino pela verdade. A verdade de entender que, aquele que não se municiar do contexto que o cerca, estará completamente cercado pela aniquilação.

*“Sim, Helen! E conforme vamos usando, as máquinas vão melhorando a qualidade de suas interações conosco. Assim afirma Ariane que, presente em sua criticidade, percebe os dados objetivos que condicionam sua realidade. “Se tivermos robôs ainda melhores nos auxiliando em causas como a de combater fake news, acho ótimo, pois se torna muito injusto que eles sejam usados apenas por pessoas mal intencionadas”, e faz tudo isso com a certeza de quem usa um dispositivo, com a consciência de quem está diante de algo que o desafia: “como se diz, combatemos desinformação com informação, e temos que usar, no mínimo, as mesmas armas. Se elas forem mais fortes, melhor. Mas ainda estamos aprendendo a usá-las. Mas sejamos guerreiros. Aulas como essa fazem o exército do bem aumentar, ganhar força e foco”.*

Uma vez liberto das falácias, é preciso viralizar a verdade. Nem que seja preciso usar, de formas mais humanas, democráticas e amorosas, as mesmas armas de conformação pela alteração dos dispositivos e dos códigos, para estabelecer outras lógicas, próprias e comuns em busca de promover táticas sutis. O princípio da transformação é então instaurado nessa subversão pela (auto)descoberta do indivíduo como autor de seus próprios signos.

Se lhe chamo “princípio de transformação” é porque esse sujeito sensível, vulnerável e ex/posto é um sujeito aberto a sua própria transformação. Ou a transformação de suas palavras, de suas ideias, de seus sentimentos, de suas representações, etc. De fato, na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobretudo, faz a experiência de sua própria transformação. Daí que a experiência me forma e me transforma. Daí a relação constitutiva entre a ideia de experiência e a ideia de formação. Daí que o resultado da experiência seja a formação ou a transformação do sujeito da experiência. Daí que o sujeito da experiência não seja o sujeito do saber, ou o sujeito do poder, ou o sujeito do querer, senão o sujeito da formação e da transformação. (LARROSSA, 2011, p.7)

Não seriam essas astúcias sutis verificáveis, sem a ação transformadora do ato de currículo. Partindo de uma perspectiva construcionista, os atos de currículo se configuram através de ações situadas de atores sociais que, portando e criando sentidos e significados em dinâmica responsável e responsável, se atualizam como possibilidades de alteração de toda e qualquer cena curricular. (MACEDO, 2013, p. 429)

Se queremos compreender os processos pelos quais as pessoas constroem cotidianamente currículos, seus sentidos e significados, sejam essas pessoas técnicos, professores, gestores, coordenadores, estudantes, pais, líderes comunitários, entre outros atores sociais e institucionais, temos que ir, compreensivamente, ao encontro dos atos de currículo, suas realizações, seus motivos, suas crenças, seus pontos de vista e justificativas. (Macedo 2013, 430)

A interação com o *chatbot*, que responde utilizando uma base de memória de dados coletiva, facilita e melhora a disseminação da verdade fatural no ciberespaço. Temos agora esse dispositivo “consciente” que é o *chatbot*, atuando completamente inspirado em práticas de inteligência coletiva. Mas não se esgota aqui a sua importância.

Figura 61 – Captura de uma praticante relatando sua experiência com o *chatbot* do Reglus.

**Re: Fórum 3 - Atividade 1 - Bots e Chatbots**  
por [Kaline De Moraes Fontenele Aluno\(a\)](#) - UERJ - PLI - ROC - terça, 6 out 2020, 21:48

Olá colegas!

Achei interessante essa programação de "conversa com o chat", já havia passado por esta experiência com canais de atendimento de outros serviços. Mas é novidade pra mim essa procura especializada de verificação sobre alguma notícia, achei uma ótima iniciativa!

Sem dúvidas esse processo de pesquisa sobre notícias duvidosas me fez querer pesquisar mais e também aos poucos inserindo esses ensinamentos nos meus grupos quando vejo uma notícia duvidosa, precisamos combater a cultura de propagação das fakes news, mas também, é preciso que as pessoas saibam que existem ferramentas que possam auxiliá-las nesse processo. Portanto, é preciso veicular esse movimento de incentivo sobre como fazer, como analisar, pesquisar e onde encontrar dados e fatos que possam contribuir para corroborar ou confrontar determinado assunto.

Chatbot interface showing a conversation with KALINE and CRIVELLA. The chatbot asks for a news title and provides a link to the Reglus tool: <http://reglus.me/arquivos/1819>. The tool is described as a bot that can verify news for the 2020 elections. The chatbot concludes with: "Obrigado pela sua colaboração! Ao enviar essa 'notícia' você nos ajuda a combater a desinformação! 😊 Ok?"

Fonte: Captura de telas da página do Moodle

A mudança do paradigma comunicacional em relação com o dispositivo motiva a construção de uma conscientização ativista crítica em um coletivo acerca das notícias que ele recebe/compartilha em suas próprias redes. Na narrativa de Kaline, percebemos como a mudança do olhar acerca de uma proposta pode subverter lógicas até então estruturadas nos usos regulares do cotidiano. Ao afirmar que *“já havia passado por essa experiência em canais de atendimento”*, ela revela que o fenômeno não é novo em sua prática cotidiana. A novidade reside na subversão de um sistema amplamente utilizado em nosso cotidiano sendo empregado em um uso *“especializado”* ou implicado do dispositivo para verificação de notícias. Tendo como suporte de atuação a própria produção implicada desses praticantes, atuamos em busca de transformar seu papel passivo de interação com a informação no digital, para a autoria ativa de um processo formativo.

Ao se perceber materializada no dispositivo, Kaline não conversa mais com um algoritmo, mas estabelece uma nova percepção dialógica de si no ciberespaço ao aprender a controlar, produzir e formar dispositivos de formação. Percebe agora a potência da iniciativa e denota a importância de *“combater a cultura de propagação das fake news”* como também divulgar a existência de *“ferramentas que possam auxiliá-las nesse processo”*. Portanto, é preciso veicular esse movimento de incentivo de autoria do fazer, do analisar, do pesquisar e do encontrar dados e fatos que possam contribuir para corroborar ou confrontar a desinformação. Esse é o ponto central dessa nova educação (LÉVY, 2019).

Esse é o ponto central da nova educação. Você tem que aprender a controlar ou gerenciar sua atenção corretamente. Você precisa poder categorizar os dados corretamente, avaliar a confiança que pode dar para fontes de informação, ser capaz de comparar diferentes fontes. E tem que aprender a se comportar numa inteligência coletiva para trabalhar com outros a fim de transformar todos esses dados em conhecimento. (LÉVY, 2019).

Kaline resume em seu relato os primeiros desdobramentos da realidade percebida por essa noção. Precisamos apreender ainda como brincar os saberes e as práticas para criar novas táticas de confronto. Em busca assim de apanharmos os sentidos propostos nesse argumento, uma outra análise precisa ser ainda empreendida, para a compreensão desta e de numerosas outras narrativas em busca de reunir conhecimentos, atos e interpretações de modo a promover esse reencontro, ou esse aparelhamento, da inteligência artificial para formar letramentos necessários para *re(exi)sistirmos* coletivamente no ciberespaço. De modo a perceber como essas experiências de vida e formação, “das quais nem fazíamos ideia da

existência”, podem proporcionar outras compreensões futuras, outras existências significativas do fazer docente diante da problemática da pós-verdade.

## **7. O pesquisador como ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do ser mais<sup>230</sup>**

Por isto mesmo é que os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um quefazer permanente. Permanentemente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade.

*Paulo Freire, 2013*

Apesar do contexto de crise existencial da verdade e da proliferação de mecanismos de manipulação da opinião pública através da atuação coordenada de ação de propagação de políticas ultrapartidárias, surgem também indivíduos e dispositivos implicados no ciberativismo pela práxis de uma autoria colaborativa.

Em meio às ressonâncias desse movimento, os praticantes da disciplina criam e ressignificam signos de modo a responder com atos, como pensar a formação docente na era da pós-verdade, em específico, na cidade e no ciberespaço nas interfaces com que interagimos hoje. Da atual necessidade de se combater a infodemia e de conscientizar a sociedade sobre a importância dos dispositivos de propagação da verdade, percebemos que, mais do que nunca,

---

<sup>230</sup> O homem como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do ser mais. Freire, Paulo. *Pedagogia do oprimido* [recurso eletrônico] / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

as mobilizações aqui apresentadas se tornam potentes para debater como podemos articular saberes em redes de inteligência colaborativa.

Uma vez que a formação de professores engajados na criação e na propagação de interfaces digitais pode ser o melhor caminho para se idealizarem projetos políticos e pedagógicos que possam garantir a propagação de práticas democráticas, é imprescindível que tenhamos os letramentos necessários para produzir formação crítica.

As pessoas formam opiniões e crenças por razões complexas e melhor equipar os cidadãos com habilidades cognitivas para analisar conteúdos e contextos não significa que eles o farão em todos os momentos ou que razões cognitivas podem vencer fatores morais e socioemocionais. Portanto, auxiliar as pessoas a desenvolver uma formação crítica para as mídias não deve ser uma panaceia contra todas as doenças digitais, mas deve ser a primeira defesa. (CHAPMAN, 2017).

Todos precisam estar envolvidos nesse processo de reconquista do lugar da verdade, mobilizando letramentos individuais e coletivos que nos ajudem a perceber como, onde e quando os discursos são produzidos. Esse deve ser o nosso principal objetivo. Gerar um processo formativo compreendido pela abstenção das práticas reativas para a discussão do ato como potência. Nossa resistência precisa ser motivada pela lógica de aprender, de cocriar e reproduzir uma infinidade de projetos (outros), em que cada intencionalidade, cada discurso político e ideológico, crie e propague os usos que inovem visando a garantir que se autorizem os sujeitos, que se potencialize o sentimento de pertença, de colaboração e de cidadania.

Compreender essas experiências nesse cenário complexo e múltiplo de fontes, de dispositivos e de aplicativos móveis, nos inspira a também, para com eles, mover práticas que invistam fortemente em outras possibilidades de utilização, de apropriações e de subversões, estabelecendo assim um contexto dialógico entre a cultura, as práticas e os dispositivos pelos quais somos atravessados todos os dias enquanto buscamos informação. Esse é o nosso desafio na atualidade: forjar o conceito e a abordagem didático-pedagógica que nos permita o surgimento de uma Pedagogia de Verificação de Fatos. Desse modo, por mais que nos reconheçamos “como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada” entendemos ser preciso um esforço de promover alguns indicadores que nos mobilize em direção a perceber o fazer educativo como um processo vivo, orgânico, cotidiano, de formação humana e socialização da verdade em busca de lutar para que, cada vez mais, nossas mãos, “sejam de homens ou de povos, se estendam menos em gestos de súplica. Súplica de humildes a poderosos. E se vão

fazendo, cada vez mais, mãos humanas, que trabalhem e transformem o mundo” (FREIRE, 2013a, p.35), a saber:

- Perceba como os praticantes culturais recorrem a seus dispositivos móveis para a aquisição de informação. Use dispositivos que preservem o anonimato das informações prestadas em busca de encontrar e informar e não punir com base nos achados;
- Aplique sua própria experiência como praticante cultural, dialogando com os outros praticantes seu processo formativo de autorização e de aquisição e compartilhamento de informação em aplicativos, nas redes e nas práticas educativas, incorporando e trocando em linguagens, em particularidades e em mídias para *fazerpensar* práticas docentes contextualizadas com a perspectiva de combate às *fake news* e a política da pós-verdade;
- Invista na produção de dispositivos de pesquisa que possibilitem a integração coletiva e a autoria colaborativa em rede. Os praticantes precisam apenas de um incentivo para mobilizar a autoria do fazer, do analisar, do pesquisar e do encontrar dados e fatos que possam contribuir para corroborar ou confrontar a desinformação;
- Entenda que a transformação da obscuridade, em vias de disrupção, precisa passar pela construção de iniciativas que permitam que a autoria ativista possa ser transformada pelo empenho de reflexão. Estabeleça e promova atos de currículo de modo a expandir e garantir a permanência do lugar de fala dos praticantes na órbita das decisões e das discussões;
- Não busque soluções definitivas para o problema da desinformação, nem forneça meios e normas de atuação verificadas para o aparelhamento de grupos e ou instituições. Antes de qualquer outra coisa, crie e invista em formas de democratizar o volume e a variedade de esforços educacionais relacionados à verificação de fatos de modo a empoderar e proliferar as produções de educadores empoderados;
- Estabeleça um compromisso com o movimento de uma mediação ciberativista com os praticantes em busca de despertar o docente de nosso tempo para que este se perceba como oprimido e lute pela sua libertação através de todas as

armas que tiver a mão: do giz ao aplicativo, da prática a teoria, do corpo ao ciber em defesa de sua própria cidadania.

- Uma vez liberto das falácias, é preciso viralizar a verdade. Nem que seja preciso usar, de formas mais humanas, democráticas e amorosas, as mesmas armas de conformação pela alteração dos dispositivos e dos códigos, para estabelecer outras lógicas, próprias e comuns em busca de promover táticas sutis;

Nessa perspectiva, nosso texto encerra aqui o seu diálogo, mas não se encerram aqui nossas investigações. O que iniciamos aqui é um movimento de “futuridade revolucionária”(FREIRE, p.42) que identifica a nós e nossos praticantes como projetos quanto pelo fato de termos projetos para o mundo. Um projeto de estar sendo feito e refeito, de descobrir o que sabemos, de saber que não sabemos para fazer melhor o que fazemos e de fazer ainda o que não sabemos para lograr um movimento de resistência pelas qual se alterem os dispositivos, os contextos e principalmente os corpos, de modo a reapropriarmos o fenômeno a novos jeitos e novos usos.

## 8. Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras; 1ª edição. 2019

ANDRADE, Nivea, CALDAS, Alessandra ALVES, Nilda. **Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - após muitas 'conversas' acerca deles** em Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas / Inês Barbosa de Oliveira, Leonardo Ferreira Peixoto, Maria Luiza Sússekind (organizadores) - Curitiba : CRV, 2019. 256p.

ALMEIDA, Wallace. **Atos de Currículo na Perspectiva de App-Learning**. 2018. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/dissertacaowallace>. Acesso em: 4 nov. 2020.



ALMEIDA, Wallace.; SANTOS, Edméa; CARVALHO, Felipe. **Autorias Colaborativas via Aplicativos em Rede: APP - Docência em Atos de Currículo**. In: CARDOSO, Ariston de Lima; SANTOS, Adilson Gomes dos; SANTO, Eniel do Espírito (org.). *Tecnologias e Educação Digital: diálogos contemporâneos*. Cruz das Almas, Ba: UFRB, 2018. p. 201-224. Disponível em: <http://bit.ly/livrotecnologias>. Acesso em: 4 nov. 2020.

ALMEIDA, Wallace., Wallace; SANTOS, Edméa Oliveira dos. **Perspectivas de autoria em práticas de APP-Learning**. *Educação & Linguagem*, [s.l.], v. 22, n. 1, p.95-118, 29 jul. 2019. Instituto Metodista de Ensino Superior. Disponível em: <http://bit.ly/perspectivasaut>. Acesso em: 4 nov. 2020.

ALMEIDA, Wallace.; SANTOS, Edméa; CARVALHO, Felipe. **Autorias Colaborativas via Aplicativos em Rede: Práticas Formativas em Atos de Currículo**. In: PORTO, Cristiane de Magalhães; SANTOS, Edméa (org.). *App-Education: fundamentos, contextos e práticas educativas luso-brasileiras na cibercultura*. Fundamentos, contextos e práticas educativas luso-brasileiras na cibercultura. Salvador - Ba: Edufba, 2019. p. 171-187. Disponível em: <http://bit.ly/appeducationlivro>. Acesso em: 4 nov. 2020.

ALMEIDA, Wallace; SANTOS, Edméa. **Reglus: uma proposta de prática pedagógica na cibercultura**. ACTA SCIENTIARUM. EDUCATION (ONLINE), v. 42, p. e52872, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v42i1.52872> Acesso em: 4 nov. 2020.

ALMEIDA, Wallace.; SANTOS, Edméa. **De memes a fake news: desafios de uma pesquisa-formação na cibercultura**. EDUCAÇÃO EM FOCO (JUIZ DE FORA), v. 25, p. 173-196, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22195/2447-524620202530436> Acesso em: 4 nov. 2020.

ALMEIDA, Wallace. **Educação online e fake news: pesquisando a formação docente em tempos de pandemia**. In: Encontro Virtual da Abciber 2020, 2020, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/abciber2020wallace> Acesso em: 4 nov. 2020.

ALMEIDA, Wallace. C. de, & SANTOS, Edméa. O. dos. (2021). **Chatbots para a formação docente: Novas possibilidades de aprendizagem em rede**. Civitas - Revista De Ciências Sociais, 21(2), 248-259. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39635> Acesso em: 24 ago. 2021

ALVES, Nilda. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre rede de saberes**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2009

ALVES, Nilda. BARBOSA, Inês. **Ensinar e Aprender/ Aprenderensinar: O Lugar da Teoria e da Prática em Currículo**. In: LIBÂNEO, José. ALVES, Nilda. (Orgs). Temas de Pedagogia: Diálogos entre Didática e Currículo. São Paulo: Cortez Editora. 2017.

ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - após muitas 'conversas' acerca deles. In: **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas** / Inês Barbosa de Oliveira, Leonardo Ferreira Peixoto, Maria Luiza Süsskind (organizadores) - Curitiba : CRV, 2019

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 13. ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016

ARDOINO, Jacques. **Abordagem Multirreferencial (Plural) das Situações Educativas e Formativas**. In: BARBOSA, Joaquim. (Coord.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação (pp. 24-41). São Carlos: Editora da UFSCar. 1998

BACKES, Luciana. **As manifestações da autoria na formação do educador em espaços digitais virtuais**. Revista de Educação, Ciência e Cultura, v. 17, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://bit.ly/autoriabackes>. Acesso em: 4 nov. 2020.

BARBIER, R. **A Pesquisa-Ação**. Tradução. Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.

BARBOSA, Joaquim. **Educação Para a Formação de Autores-cidadãos**. In: BARBOSA, Joaquim. (Coord.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação (pp. 24-41). São Carlos: Editora da UFSCar. 1998

BARCELOS TN, MUNIZ LN, DANTAS DM, COTRIM JUNIOR DF, CAVALCANTE JR, FAERSTEIN E. **Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil**. Rev Panam Salud Publica. 2021;45:e65. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.65>  
Acesso em 13 jun. 2022.

BERGER, Guy. **A multirreferencialidade na Universidade de Paris Vincennes à SaintDenis**: o pensamento e a práxis de Jacques Ardoino. In: MACEDO, R. S.; BARBOSA, J. G.; BORBA, S. (orgs.) Jacques Ardoino & a educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BOFF, Leonardo. **Pedagogia da esperança [recurso eletrônico] : um reencontro com a pedagogia do oprimido** / [prefácio] 2004 - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

BOLETIM OBSERVATÓRIO COVID-19. **Balanço de dois anos da pandemia Covid-19** Janeiro de 2020 a janeiro de 2022. Disponível em: <https://bit.ly/boletimcovidfc>. Acesso em 13 jun. 2022.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano, 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 15. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, 2008.

CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer** (22ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes. 2014

COULON, Alain. **Etnometodologia e multirreferencialidade**. In: BARBOSA, J. G. (Org). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EDUFSCar, 1998.

COSTA. José Fernando Andrade. **Quem é o “cidadão de bem”?** Psicologia USP, 2021, volume 32, e190106 <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190106>. Acesso em 13 jun. 2022.

COUTO, Edvaldo; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. **#Fiqueemcasa: educação na pandemia da COVID-19.** Interfaces Científicas – Educação, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35ZS4X8>>. Acesso: 2 fev 2022.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; VELLOSO, Luciana; DOS SANTOS, Rosemary. Os Movimentos Ciberativistas De (Re)existência Nas Redes Sociais E Suas Implicações Para A Educação. Revista Teias v. 21 • n. 60 • jan./mar. 2020 • Sessão Temática Redes Educativas e mediações digitais: tensões e insurgências de formação. <https://doi.org/10.12957/teias.2020.48628>. Acesso em: 15 fev. 2022

D’ÁVILA, Cristina. **Formação Docente Na Contemporaneidade:** Limites E Desafios. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n. 29, p. 33-41, jan./jun., 2008.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 1996. São Paulo, Martins Fontes.

DICK, Philip Kindred. *Do Androids Dream of Electric Sheep?* 1968. Doubleday

EPSTEIN, J., & KLINKENBERG, W. D. *From Eliza to Internet: A brief history of computerized assessment.* *Computers in Human Behavior*. 2001. 17(3), 295–314. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0747-5632\(01\)00004-8](https://doi.org/10.1016/S0747-5632(01)00004-8) Acesso em: 4 nov. 2020

FREIRE, Paulo, 1921-1997 **Pedagogia da indignação** [recurso eletrônico]: cartas pedagógicas e outros escritos / Paulo Freire. – São Paulo: Editora UNESP, 2000

FREIRE, Paulo, 1921-1997 **Pedagogia da autonomia** [recurso eletrônico]: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2011. recurso digital

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Pedagogia da esperança** [recurso eletrônico] : um reencontro com a pedagogia do oprimido / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013. (a)

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Educação e mudança** [recurso eletrônico] / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013. recurso digital (b)

FREIRE, Paulo, 1921-1997 **Pedagogia do oprimido** [recurso eletrônico] / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013. recurso digital (c)

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Aprendendo com a própria história** [recurso eletrônico] / Paulo Freire, Sérgio Guimarães. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013 (d)

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **À sombra desta mangueira** [recurso eletrônico] / Paulo Freire; Ana Maria de Araújo Freire. – 11. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015 (a)

FREIRE, Paulo, 1921-1997 **Educação como prática da liberdade** [recurso eletrônico] / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2015 (b)

FREIRE, Paulo, 1921-1997 **A importância do ato de ler** [recurso eletrônico] : em três artigos que se completam / Paulo Freire. - 1. ed. - São Paulo : Cortez, 2017

FREIRE, Paulo, 1921-1997 **Conscientização** [livro eletrônico] / Paulo Freire; tradução Tiago José Risi Leme. - São Paulo: Cortez, 2018.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor** : Paulo Freire e a paixão de ensinar / Moacir Gadotti. – 1. ed. – São Paulo : Publisher Brasil, 2007.

GAUTHIER, Clermont. **Por Uma Teoria da Pedagogia : Pesquisas Contemporâneas Sobre o Saber Docente** - Coleção Fronteiras da Educação. 3ª Edição. Editora UNIJUI. 2013

GOMES, Wilson. **Desinformação e fanatismo na era da superabundância de informação**. Cult. Online. 2020

HARARI, Yuval Noah. **Notas sobre a pandemia:** e breves lições para o mundo pós-coronavírus. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HER. Direção: JONZE, Spike. Warner Bros Pictures, 2013. (126 min), NTSC, color.

HESS, Remi. **Prefácio**. In: Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa : educação e ciências humanas / Roberto Sidnei Macedo, Dante Galeffi, Álamo Pimentel ; prefácio Remi Hess. - Salvador : EDUFBA, 2009.

HIPÓLITO, Rodrigo; PEDRONI, Fabiana. **Um cyborg em campo de nuvens**. Palíndromo, no 13, jan./jun. 2015

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Lisboa: EDUCA. 2002

KERCKHOVE, Derrick. **A Pele da Cultura**. Investigando a nova realidade eletrônica. São Paulo: Annablume, 2009.

LEMOs, André. **Mídias Locativas e Territórios Informacionais**. In: SANTAELLA, Lucia. ARANTES, Priscila. (eds.) Estéticas Tecnológicas. Novos Modos de Sentir. São Paulo: Educ, 2008, pp. 207-230.

LEMOs, André. **Ciberativismo**. In: Correio Brasiliense, 15 nov. 2003. Caderno Pensar. Disponível em: <https://bit.ly/ciberativismolemos>. Acesso em: 4 nov. 2020.

LEMOs, André. **A tecnologia é um vírus:** pandemia e cultura digital. Porto Alegre: Sulina, 2021.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1993

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 212 p.

LÉVY, Pierre. **Tecnologia pode tirar ciências humanas da Idade Média, diz Pierre Lévy**. Filósofo trabalha em linguagem artificial para reorganizar o conhecimento humano. Raphael Hernandez. Folha de São Paulo. Set. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/levyfolha> Acesso em: 5 out. 2021.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa** : educação e ciências humanas / ; prefácio Remi Hess. - Salvador : EDUFBA, 2009.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender e mediar a formação: o fundante da educação**. Brasília: Liber Livro, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Introdução**. In: Jacques Ardoino & a Educação. BARBOSA, Joaquim Gonçalves; MACEDO, Roberto Sidnei; BORBA, Sérgio. Autêntica Editora; 1ª edição. 2012.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de Currículo e Formação: O Príncipe Provocado**. Revista Teias v. 13 • n. 27 • 67-74 • jan./abr. 2012 – CURRÍCULOS: Problemática em práticas e políticas. 2012.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo e Autonomia Pedagógica: o socioconstrucionismo curricular em perspectiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Aprendizagem e Formação: Aprofundamento e Conexões Contemporâneas**. Revista saberes da Faculdade de Ciências humanas e Sociais (AGES). 1ª Edição. Número 01, publicação em 30 de julho de 2014.



MACEDO DE SÁ, Sílvia Michele. A Emergência da Etnoaprendizagem no Campo Antropoeducacional: uma Investigação Etnológica sobre a Aprendizagem como Experiência Sociocultural. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/tesesilviamichele>. Acesso em: 4 nov. 2020.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência** / Edgar Morin; tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. - Ed. revista e modificada pelo autor - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005

NADELSON, Theodore. **The inhuman computer/the too-human psychotherapist**. American Journal of Psychotherapy. 1987. 41, 489–498. Disponível em: <https://doi.org/10.1176/appi.psychotherapy.1987.41.4.489> Acesso em: 4 nov. 2020

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: EDUCA, 2002.

NÓVOA, António. **Prefácio**. In: JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. Lisboa: EDUCA. 2002

PARISIER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. O que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2012. 292 p.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e Artes do Pós-Humano**. São Paulo; Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. *Novos Desafios da Comunicação*. Lumina - Facom/UFJF - v.4, n.1, p.1-10, jan/jun 2001. Disponível em: <https://bit.ly/santaellanosdesafios> Acesso em: 4 nov. 2020.

SANTAELLA, Lucia. **App-learning e a imaginação criativa a serviço da educação** [Prefácio]. In: COUTO, Edvaldo; PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Org.). *App-learning: experiências de pesquisa e formação*. Salvador: EDUFBA, 2016.

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2018. 98 p.

SANTAELLA, Lucia. **De Onde Vem o Poder da Mentira?** [livro eletrônico]/ Lucia Santaella. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2021. - (Coleção interrogações ; 1}

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do sul** [livro eletrônico] / Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses [orgs.]. -- São Paulo : Cortez, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O Fim do Império Cognitivo : a Afirmação das Epistemologias do Sul** / Boaventura de Sousa Santos. - 1ª Edição. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Edméa. 2011 - <https://youtu.be/AoR8Bfo4pG4?t=2909>

SANTOS, Edméa. **Educação Online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente**. 2005. 351 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2005. Disponível em: <http://bit.ly/tesedmeasantos1>. Acesso em: 4 nov. 2020.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-Formação na Cibercultura**. Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2015. 204 p. Disponível em: <http://amzn.to/persquisafor2015>. Acesso em: 4 nov. 2020.

SANTOS, Edméa. **Cibercultura é importante para a formação de professores em ambiente digital: educação online não é evolução da educação a distância**. Educação online não é evolução da educação a distância. 2018. Disponível em: <http://bit.ly/ciberformacao>. Acesso em: 4 nov. 2020.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-Formação na Ciberultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. 223 p. Disponível em: <http://bit.ly/pesquisafor2019>. Acesso em: 4 nov. 2020.

SANTOS, Edméa. **Entrevista com Edméa Oliveira dos Santos**. Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, TIDD | PUCSP, São Paulo, n. 16, p. 10-28, jul-dez. 2017. Entrevista concedida a Werley Carlos de Oliveira

SANTOS, Edméa. **Educação Online: Aprenderensinar em Rede**. In: Informática na Educação Série de livros-texto da CEIE/SBC. 2017

SILVA, Marco. **Interatividade na educação híbrida**. In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa; SAMPAIO, Fábio F. (orgs.). Informática na educação: interatividade, metodologias e redes. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. (Série Informática na Educação, v.3). Disponível em: <<https://ieducacao.ceie-br.org/interatividade>>

SINGER, Peter Warren. **LikeWar: The Weaponization of Social Media**. Mariner Books; Reprint. 2018

SINGER, Peter Warren. **“Guerra de likes”: Precisamos dominar as ferramentas e fazer a verdade viralizar**. Entrevista com Peter Warren Singer [Mariana Barbosa]. / Mariana Barbosa (org.) Editora Cobogó. 2020

HENRIQUE, Trazíbulu. COVID-19 e a internet (ou estou em isolamento social físico). Interfaces Científicas – Humanas e Sociais, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 173-176, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/distanciamentofisico>. Acesso em: 2 fev. 2022.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; BRITO, Leandro Teófilo de. Nem tudo que reluz é ouro: discutindo memes e *fake news* em tempos de pandemia. *Comunicologia*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 81-101, jan./jun. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3lE462k>>. Acesso em: 2 fev. 2022

TURING, Alan Mathison. **Computing Machinery and Intelligence**. 1950. *Mind* 49: 433-460. Disponível em: <https://bit.ly/turingmachines>. Acesso em: 4 nov. 2020